ABEL BOTELHO

Pag 60 BA

PATHOLOGIA SOCIAL

I

O BARÃO DE LAVOS

2.ª EDIÇÃO, CORREGIDA e augmentada

21
15

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1898

Todos os direitos reservados.

PATHOLOGIA SOCIAL

I

O Barão de Lavos

DO MESMO AUCTOR

PUBLICADOS

Lyra insubmissa, livro de versos	1 volume
Germano, drama em 5 actos, verso	1 »
Jucunda, comedia em 3 actos, prosa	1 »
Pathologia social: II — O livro de Alda, romance . . .	1 »

NO PRÉLO

A Beira pittoresca, impressões e contos	1 volume
Esparsas, contos, criticas, annotações	1 »

EM PREPARAÇÃO

Pathologia social: III — Isosthenia, romance	1 volume

ABEL BOTELHO

L.
9823

PATHOLOGIA SOCIAL

I

O BARÃO DE LAVOS

2.ª EDIÇÃO, CORREGIDA





A.19.474

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1898

Todos os direitos reservados.

PROPRIEDADE DOS EDITORES

Porto — Imprensa Moderna

L.
9823

A MEU IRMÃO

Luiz Botelho

L.
9823

PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Por tres modos differentes se póde manifestar e exercitar a actividade humana, objectiva e psychica. Dentro de tres formulas fundamentaes se encerra todo o campo de acção da nossa individualidade, do nosso ipseismo, do nosso modo de ser social e intimo. De tres sortes de faculdades, apenas, depende a solução do problema da nossa vida:—faculdades de sentimento, de pensamento e de acção.

Quando o valor de todas tres é egual, ou polo menos equivalente, no modalismo organico de um individuo, este realiza o typo physiologico, banal, sem interesse para o meu ponto de vista. O predominio, porêm, de qualquer d'essas faculdades, no doseamento d'um character, origina desequilibrios, aberrações e anormalismos pathologicos, os quaes fazem

o objecto dos estudos d'esta minha série de romances.

O *Barão de Lavos* e o *Livro de Alda* pretendem ser a analyse de dois exemplares humanos tyrannisados pola diathese das faculdades affectivas,—o caso mais commum. Nos romances seguintes procurarei dar o traslado pittoresco de characteres em que, ainda essa, e as duas outras ordens de faculdades predominem.

Eis em duas palavras a genese, o pensamento inicial da série dos meus cinco romances sobre «Pathologia social.» Esta breve explicação-programma devia ter logo antecedido a primeira edição do *Barão de Lavos*. Não o fiz, para que m'o não lançassem á conta de prematuro pedantismo. Não quiz dar flanco aos meus amaveis confrades em lettras, para averbarem um proposito, que era meditado e honesto, á conta de intempestivo fogacho de vaidade.

Agora, porêm, o ruidoso exito alcançado por essa primeira edição impunha-me para com o publico o devêr de encimar com esta rapida annotação a segunda.

O auctor.

O BARÃO DE LAVOS

I

N'aquella noite de março, desabrida e humida, uma grande animação fervilhava alacremente ao fundo da rua do Salitre. Era em 1867. Frente a frente, as Variedades e o Circo Price alinhavam os seus bicos de gaz festeiros, a que as vergastadas do noroeste impunham um tremelilhar inquieto. Quinta-feira,—noite de cabriolas com sobrescripto á fina sociedade. Enchente certa no Circo. De cada lado do portal da entrada, um semicirculo compacto de gente se agitava, tendo por centro cada um seu postigo de bilheteiro, e ambos por egual collados, premidos sofregamente contra a parede verdoenga do barracão, e arredondando pela rua fóra, n'uma irregularidade gritada e confusa, a toda a largura do macadam. Tudo queria bilhete. Havia chapeus tombados, hombros que penetravam á cunha, braços arpoando vigorosamente os alizares castanhos dos postigos, mãos retirando triumphantes, muito erguidas, com um papelinho azul ao vento.

A cada minuto a agitação crescia. Pregoavam agua-fresca, pastelinhos, támaras. D'um primeiro andar, com taboinhas verdes, logo abaixo do Circo, meninas de batas brancas supplicavam: — Psiu! não sóbes, ó catitinha?—aos janotas que passavam. Rodopiava no ar, a cada estocada de vento, um cheiro pelintra a iscas e a refogado. A illuminação profusa dos dois theatros doirava, remoçava, erguia as caliças octogenarias das Variedades, accendia espelhamentos fulvos no basalto humido da calçada, e fazia entrevêr na penumbra, pela rua acima, o renque tortuoso dos predios que subiam. A espaços, um trem rodava; e no seu rapido passar entre os dois theatros, uma dupla fita de fogo lhe corria na fluidez do polimento.

Um homem vagueava ali comtudo, que não parecia dar-se grande pressa em entrar. Ia e vinha, parava, esculdrinhava a multidão, passava automaticamente de grupo a grupo, n'esta anciedade tortuosa de quem procura com aferro alguem. No olhar, dilatado e teimoso, d'uma seccura inflammada e vitrea, fulgurava ardente a obstinação d'um desejo; ao passo que na bocca a braza do charuto, n'um labyrintho febril de pequeninos movimentos bruscos, denotava que os labios e as maxillas eram sacudidos nervosamente por uma forte preoccupação animal.

Devia de ser rapaz quem elle procurava; porque os olhos d'este homem alto e sêcco poisavam de preferencia nas faces imberbes, levemente pennujosas, dos adolescentes. Fitava-os um instante, com uma fixidez gulosa e sombria, e desandava logo para outro lado. Percebia-se mesmo, ao cabo d'alguns minutos de observação, que elle não procurava determinadamente alguem. Ao contrario, parecia comparar, confrontar, escolher. Se

havia garotos per junto dos quaes passava rapido, após um olhar furtivo, havia tambem outros a cuja descoberta lhe arrepanhava as faces a mais pungente sensualidade. E então, com estes, não havia meio que não empregasse para lhes ferir a attenção. Roçava-os de leve com o braço; tocava-lhes a côxa com a bengala, como distrahido; postava-se-lhes ao lado, fitando-os com o olhar sêcco e vitreo, persistente; soprava-lhes na nuca uma baforada de fumo, ao passar. Todo este jogo, — é de saber,—feito sempre sonsamente, com cautelas de hypocrita, com astucias felinas, todo sabiamente intervallado com miradas perscrutadoras em tôrno... não fôsse per ahi apparecer e surprehendel-o alguem conhecido.

E, de cada vêz que o moço interpellado se affastava, aborrecido ou indifferente, o noctivago caçador de ephebos lá seguia machinalmente em cata de outro, cortando os grupos, atravessando a rua, n'uma incoherencia de vertigem, não se sabia bem se tyrannisado por um vicio secreto, se esmagado por uma feroz melancholia.

Um bom velho de ar marcial, vermelhinho e gordo, bigode e pêra negros, bateu-lhe no hombro:

— Bravo, barão!... Rente ás quintas-feiras... É como eu.

— O' coronel! — balbuciou o barão, levemente perturbado, comprimentando,—isso é que é zelo... polo culto das bellas.

— Ai! ai!... Com ellas é que eu me quero. Já agora hei-de morrer assim... A esposa, bôa?

— Bôa, obrigado... Não quiz vir.

— Já tem bilhete? São horas.

— Eu não entro por ora. Logo nos vemos, lá dentro.

Um impulso da onda que entrava separou-os.

O barão deu de frente então com um rapazito que vendia pasteis. Teria 15 annos. Pelle morena, olho avelludado, typo insinuante de marnoto, camisola de xadrez azul e preto, calça branca muito justa, á frente uma grande cesta vestida de oleado, em cujo interior destacavam d'uma alvura de toalha varias gulodices. Como viu o barão incaral-o com insistencia, o rapaz naturalmente aproximou-se:

—Quer pastelinhos, freguez?

E offerecia-lhe o cesto, d'onde vinha um cheiro mórno a canella e a manteiga.

O barão porêm respondeu-lhe:—Não, filho... não quero pasteis!—com um accento, uma expressão tão nuamente lubrica, que o rapaz retrucou, n'um tom de desprezo sacudido, dando-lhe as costas:

—Olha que *gajo!*... Vossê comigo engana-se!

O barão circumvagou rapido em torno com a vista, a vêr se alguem teria ouvido, e rodou viscoso, manso para longe, infiltrando-se, annullando-se na massa anonyma d'aquella multidão turbulenta.

Aproximára-se do theatro das Variedades, onde retinia o signal de começar o espectaculo. Tinha entrado quasi tudo; os retardatarios premiam-se ao fundo do corredor estreito que dava para a superior. Á porta, dois contractadores apenas, um policia, e, sentada no ultimo degrau sobre a rua, uma velhota, de taboleiro á frente, coalhado de quanto ha de mais pelintramente indigesto em materia de doçaria, com uma vela protegida por um cartucho de papel côr de rosa.

D'ali o barão, um pouco á vontade, mais fóra do alcance de incontros inopportunos, continuava

a perscrutar com um exclusivismo ardente as immediações do Circo fronteiro. Ao descortinar na sombra dos extremos da rua qualquer escorço vago de adolescente que viésse a crescer, aproximando-se, o seu olhar piscante de myope contrahia-se n'uma crispação suprema de espectativa angustiada, e seguia-lhe vorazmente os movimentos, até poder analysal-o, adivinhal-o bem na conformação, no typo, na plastica, no modo de vida provavel, nas predilecções sensuaes do temperamento, quando o rapaz entrava na zona duramente illuminada polo renque de bicos de gaz tremebrilhando sobre o portal do Circo.

No melhor d'um d'estes alheamentos fervidos de pederasta, o barão estremeceu. Mão amiga lhe pesára no hombro, emquanto uma voz familiar lhe perguntava em ar de adoravel reprimenda:

— Que faz vossê per aqui a esta hora?

Era o seu leal e velho amigo, Henrique Paradella, que, com a mulher pelo braço, descia tranquillamente á Baixa.

O barão ia-se trahindo. A subita apparição d'aquelle par bondoso, honesto, simples, caindo de chofre, com toda a galharda e lucida expansão d'uma vida exemplarmente calma no torvelinhante mysterio da allucinação do seu vicio, invergonhou-o, aclarou-lhe a razão, deu-lhe a medida do proprio aviltamento, e, como um raio de luz faiscando nas stalactites d'uma caverna, acordou-lhe na consciencia um repellão de remorso. Córou, atabalhoou, agitou-se, e após uns segundos de arreliante embaraço, mal conseguiu balbuciar:

— Estou á espera d'uns rapazes... Combinámos vir ao Circo hoje... Mas demoram-se.

— Não sei como ainda ha quem ature esta

massada, — commentou Henrique, apontando com a bengala o portal do Circo.

E o barão, um nadinha humilhado:

— Á falta de outra coisa... — E depois, para a esposa de Henrique: — Como está vosselencia, minha senhora?

— Eu bem. E a Elvira?

Quasi ao mesmo tempo, Henrique perguntava:

— Ha cá hoje algum trabalho novo?

— Não, — tornou o barão; — isto foi por não termos para onde ir.

— E então vens esperar os teus amigos para este lado?

— Sim, bem vês; aqui, longe do apertão, vejo melhor quando elles chegam.

— Pois nós vamos á Baixa. A Leonor anda ha dias para fazer umas compras... Aproveitamos hoje, que me apanhou mais desembaraçado.

— Imagine, barão, — acudiu, n'um abandono intimo, D. Leonor, — os pequenos estão sem ter que calçar; eu tambem preciso umas miudezas; e depois de ámanhã casa-se aquella minha creada, a Joaquina, que me pediu para ser madrinha do casamento, e eu tenho de lhe dar alguma coisa.

— Muito louvavel, minha senhora, muito louvavel... — apoiou o barão, já outra vêz empolgado polas degenerescencias do sangue, e fixando com avidêz um ephebo que vira despontar das bandas do Passeio.

O amigo convidou, todo affavel:

— Vem d'ahi comnosco!

— Ó menino, não posso, bem vês. Combinámos... Desculpem-me... E d'ahi, talvêz tenham chuva. A noite não está bôa.

— Toma-se um trem. Isto de hoje não póde passar.

— Adeus, — rematou D. Leonor, estendendo a mão ao barão. — Muitas recommendações á Elvira. E depois de amanhã não faltem!

— Por modo nenhum! — corroborou Henrique, apertando tambem a mão ao amigo. — Adeus... Olha que o espectaculo já começou.

Effectivamente, nas immediações do Circo rareava o publico e o pejamento da rua desapparecêra. Na frontaria farrapenta e mesquinha d'aquelle barracão verdenegro, os dois oculos de venda dos bilhetes, agora a descoberto, fulguravam como olhos de cyclopes, quentes e vermelhos. O noroeste frigido recalcava as lufadas de ar quente, no portal escancarado. Vinham perder-se dilatadamente na aspereza humida da noite as ultimas sonoridades metallicas d'um galope sediço. Um estalo de chicote vibrava branco, de quando em quando. O barão, attrahido pola sensualidade do espectaculo, foi comprar bilhete. Emquanto o bilheteiro lhe fazia o troco, o bom do velho Price, sentado ao fundo do cubiculo, gordachudo e flaccido na grande luz do recinto, os dedos entrecruzados beatificamente sôb o ventre, dormitava.

Lá dentro a funcção, a despeito do cartaz berrante, seguia com a monotonia do costume. Depois d'uma *voltigeuse* banal furando arcos de papel de sêda, um intermedio comico polo primeiro *clown*, prodigios de equilibrio d'uma creança sobre um arame, cães sabios, barras fixas, um salafrario n'um cavallo em pello. O barão, por um phenomeno aliás frequente na dynamica dos sentidos, arrefeceu, acalmou; e n'uma intercadencia de bom-senso, filha d'uma reacção salutar do or-

ganismo, sentiu que se aborrecia muito soffrivelmente. Pôz-se então a mirar pola centesima vêz os escudêtes das columnas que sustentavam a cupula central, e a contar as tiras de panninho, alternadamente azues e brancas, irradiantes do fecho do tecto, em cuja curvatura, sete annos antes, quando fôra da inauguração, tão ingommada e tão lisa, um ou outro rasgão indiscreto começava a pôr escarninhamente a certidão de edade.

O ultimo trabalho porêm da primeira parte reaccendeu os instinctos pederastas do barão. — Familia de acrobatas. Cinco: um hercules monolithico e façanhudo; um rapazola magro, de ossatura aggressiva; uma mulheraça toda expluente de adipos; uma creancita franzina, sem sexo, amedrontada, froixa; e um ephebo extraordinariamente elegante. — Fatos cerces de malha côr de carne, modelando escrupulosamente as formas, dando uma impressão do nu quasi flagrante, realçada nos mais leves detalhes anatomicos por bem calculados effeitos de luz Drummond.

Faziam trabalhos academicos; reproduziam as composições celebres da estatuaria classica. A rapida successão dos grupos, architectados em meio da arena, sobre um velho tapete, na crua incidencia da luz do magnesio, tinha uma viva arrogancia de animalidade, suggeria as demencias quentes do sensualismo pagão. A um tempo viril e dôce, impetuosa e languida, effeminada e rude, aquella mobilidade atormentada, vertiginosa, artistica, insopava os nervos n'uma alta voluptuosidade, seduzia como uma *hetaïra* e dominava como um heroe. O barão, todo nos olhos, seguia avidamente a pantomima. Hypnotisava-o principalmente o bello ephebo, com o seu rosto d'um talhe impeccavel, o seu collo alvo e redon-

do, os seus grandes olhos de velludo negro, o seu corpo solido mas enxuto, de carnes escorrentes, todo em curvas levissimamente cheias, todo n'um contorno de musculos suavissimo, n'uma linha plastica seductora, todo quebrando-se em não sei quê de feminilmente ondulado e gracil, que a gymnastica afinára e consolidára, irreprehensivelmente.

O barão sorvia-lhe, um a um, os movimentos, e em cada attitude, em cada pirueta nova lhe descobria um estimulo, uma seducção mais. O desejo mordia-lhe os nervos. A fascinação tornou-se completa, doida, quasi dolorosa. Socrates não ficou mais inteiramente subjugado, ao seu primeiro incontro com Alcibiades.

No intervallo, o barão saíu excitadissimo. Latejavam-lhe as fontes; via vermelho; na imaginação dançava-lhe a figura do joven acrobata com uma insistencia de allucinação, com uma nitidez material e implacavel.

Cá fóra recomeçára o alarido. Chovia. Abriam-se guarda-chuvas, e ouviam-se, disparadas contra o céu carrancudo, pragas de arrelia. N'uma mercearia ao lado, a gente da *geral* comia pão com queijo e decilitrava. Os garotos insinuavam-se pelos grupos, gritando: — Senhas mais baratas... Quem vende a senha? — O barão tomou para o meio da rua, instinctivamente. Sentia-se mal; tirou o chapéu; queria que lhe fustigasse o cerebro o ar fresco da noite. N'isto, chega-se-lhe um garoto:

— Vae-se embora, freguez? Quer vender a senha?

O barão olhou-o, distrahido, mas ficou logo fascinado, com o olhar preso ao do rapaz. Se elle era a viva estampa do ephebo que acabava de vêr

trabalhar! — Os mesmos olhos, a mesma estatura, o mesmo collo, a mesma elasticidade gracil, o mesmo rythmo adoravel de movimentos. — Disse-lhe, repondo o chapéu, com os labios a silvarem desejo:

— Dou-te a senha e dou-te dez tostões; mas has-de vir comigo.

— Aonde!?...

— Aqui ao largo do Passeio... Quero-te dizer uma coisa

— *Como paxaste?*... — commentou agre o garoto. E affastou-se a correr: — Quem vende a senha, quem vende?

O barão não tugiu; porém, d'ahi a minutos, estava novamente de volta com o rapaz:

— Então, queres ou não queres?... A senha e dez tostões.

E o rapaz, enfadado:

— O snr. deixe-me... já *le* disse.

O barão não insistiu; mas teve occasião de reparar que, no franzir cholerico dos olhos do garoto, uma nuvem se lhe esbatêra sobre as faces, longamente. Era a sombra dos grandes cilios, fartos e sedosos. Tanto bastou para que, passados poucos minutos, elle estivesse de novo ao lado do rapaz:

— Olha lá, pola ultima vez!... Dou-te quinze tostões!... Chega aqui ao Passeio. Se não vens, arrependes-te... Quinze tostões!

O rapaz incarou-o muito, entre compassivo e espantado; pareceu reflectir; e porfim resmuneou:

— Então, ande lá adeante.

D'ahi a pouco, o barão, incostado ao muro do Passeio, na quina oriental, frente á rua das Pretas, tratava com o rapaz das senhas um dialo-

go animado e extranho. Propunha-lhe o que quer que fôsse, — coisa pouco do agrado do moço; porque, á torrente de palavras do interlocutor, elle apenas oppunha de onde a onde um meneio negativo de cabeça, ou mastigava baixo: — Está doido!... eu não, senhor! —

Chovia ainda. Quando a agua apertava, logo o barão, muito solicito: — Chega-te para aqui. — E ficavam os dois resguardados polo mesmo guarda-chuva. E a arenga continuava, supplicativa, dôce, muito persuadente, armada toda n'uma rhetorica inflammada, corrosiva, ignobil. Tratava-se por certo d'algum projecto infame de seducção. A certas phrases, que o barão lhe coava mais baixo no ouvido, o rapaz tinha com o braço um gesto de repugnancia, o rosto vincava-se-lhe de desgosto, e affastava-se.

Mas a eloquencia do barão era inesgotavel; accendia-lhe effeitos, argumentos novos a vehemencia do desejo. Um Demosthenes do vicio. Gradualmente, a inconsciencia tímida do gaiato foi soffrendo o imperio da vontade dura e firme do alliciador. O rapaz agora escutava manso, com uma attenção resignada, passivamente; emquanto o seductor fallava, fallava sempre, com os olhos afogados em volupia, os pés irrequietos e o longo bigode cofiado tremulamente polos dedos emaciados.

A arenga prolongou-se por mais d'uma hora, interminavelmente. Já terminára a funcção no Circo. Rodavam os primeiros trens, e a multidão vinha escoando do Salitre para o largo, apressada, muda, apagada na monotonia dos abafos. Crescia um grande ruido de pés espatinando a lama. Raro, algum grupo de rapazes, lestos, cor-

pinho bem feito, fumando, soltava na quietação pardacenta da nevoa o trillo d'uma risada.

Então o barão, dando uma pequenina moeda de oiro ao rapaz, intimou: — Não faltes! — apertando-lhe com força o pulso. E separaram-se: o pederasta leve, orgulhoso, radiante, com a esperança a luzir-lhe nas feições; o ephebo cabisbaixo, vergando a um problema, pensativo, contando as pedras da calçada, grave, meditando.

II

Quando entrou em casa, na salêta habitual dos serões, o barão proferiu, no tom frio e breve de quem se desobriga d'um dever banal: — Bôa noite, *vivi*; — emquanto deixava caír machinalmente um beijo nos crespos arriçados sobre a testa pequenina da baroneza, que lia com interesse *Madame Bovary*. Depois, logo a seguir, afundou-se pesadamente na maciêsa d'um *fauteuil*.

— Bôa noite... Então que tal? — retorquiu a baroneza, erguendo indolente os olhos do livro e sorrindo para o marido com uma indifferença amavel.

— Uma semsaboria... Não volto lá tão cedo. Bem fizéste tu em preferir áquella palhaçada tão vista o conchego da tua casinha e a companhia leal dos teus livros.

— Ah! e então que livro, este!... — exclamou a baroneza n'um profundo accento admirativo, retomando com delicia a leitura interrompida.

— Gostas?

— Nunca li nada que me tocasse tanto! — E in-

novelou-se toda na cabeceira da *chaise-longue*, uma das pernas dobrada, colhida graciosamente sôb o tronco, n'um gesto friorento de avesita; as mãos sobre o regaço, preguiçosas, deixando os dedos jogar distrahidamente com os anneis; as pupillas traçando n'um vaivem rapido o parallelismo das linhas que iam devorando no livro, poisado sobre uma mesinha baixa de xarão.

—Sabes tu quem eu vi?...—tornou o barão, querendo armar conversa.—Os Paradellas.

Porêm a baroneza, cortando logo:

—Sim, sim, mas deixa-me lêr.

O gaz estava apagado. Apenas allumiava a salêta um alto candieiro de bomba, de bronze esmaltado, estylo byzantino, com o globo fôsco vestido por um pára-luz tenuissimo de papel japão. Estava sobre a mesinha, junto ao livro, vertendo em torno um cône muito restricto de luz. O maior do aposento,—aquarellas, chinezices, faianças ornando as paredes; photographias, revistas illustradas, albuns, quinquilharias galantes abarbando os consólos, as estantes polidas a negro, o contador embrechado; moveis esparsos n'uma desordem estudada, o piano, flôres, porcelanas caras,—mergulhava tudo discretamente na penumbra, tinha os contornos adormecidos n'um claro-escuro de pacificação e castidade. Só áquelle cantinho môrno e preferido, entre o biombo e a parede, na incidencia proxima do candieiro, realçavam, n'uma claridade repoisada e honesta de *interior* de Gerard Dov ou de Van Eyck, um trecho da alcatifa, curvo e afilado como um crescente, o espelhamento opalino d'um velho prato suspenso da parede, um ou outro avoejo exotico de lacca e oiro no verniz da mesinha axaroada, e a viva mancha adoravel da cabecita pequena e redonda da baroneza.

Era um d'esses typos de mulher delicados, miudinhos, frageis, picantes á força de subtilisação e de nervos, que appetece á gente ao mesmo tempo contrariar e amar servilmente, acariciar e destruir. Uma figurinha de Saxe, luminosa e frivola. Os olhos, grandes, entre o cinzento e o verde, um tudo-nada metallicos, tinham uma translucidez enxuta, saudavel, forte, que raro, n'um tremulo conchegar de palpebras, humedecia um spasmo breve de volupia; o nariz, imperceptivel, fino, erguia-se na base em arrebite, n'um leve geito provocante, entre malicioso e altivo; na testa, desanuviada, lisa, pequenina, não havia noticia da passagem d'um pensamento grave, d'um minuto reflexivo, d'uma justa noção do Dever; e pela curva da face, d'uma alvura crassa de leite, subia de cada lado, do mento ás fontes, a sinuosidade azul d'uma veia tenuissima.

Um conjuncto fascinante de mocidade e graça, de petulancia e mimo.

O barão, fatigado, arreliado, quente, o coração palpitando forte, e o cerebro e as mãos a arder, saboreava um allivio e uma doçura immensa na tranquillidade muda do recinto. Mal apaziguado ainda das tumultuarias emoções da noite, o remanso dormente da sua casinha embalava-lhe a carne estimulada n'uma acalmação voluptuosa e emolliente de banho a 33 graus. Mas não era bastante; se os sentidos se lhe normalisavam, a alma continuava estrebuxando n'uma exaltação dolorida. O silencio exasperava-o. Queria um derivativo psychico, uma mutuação qualquer de idéas, o balsamo d'um commercio espiritual, sincero, intimo, todo affabilidade e abandono.

Por isso aventurou para a baroneza, n'uma supplica impertinente:

—Então, não me dizes nada?... Deixa agora o livro.

Ao que ella, contrariada, sem desfitar da leitura:

—Ora, muito obrigada. Não andáste per lá sem mim, entretido até agora?... Pois deixa-me lêr.

E a bocca vincava-se-lhe aos cantos, muito acre, e as veiasitas da face córavam-se-lhe de roxo, ligeiramente ingrossadas.

Portanto, o silencio pesou novamente, esmagador, absoluto, na quietação implacavel da salêta. Ao seu cantinho predilecto, innovelada sobre a *chaise-longue*, a baroneza não despegava de lêr. Guardava-a do ar da porta proxima que, do lado da cabeceira, dava para o quarto de *toilette*, um alto biombo de preço, com os seus cinco pannos, de setim preto, sóbriamente bordados de aves pernaltas, gramineas capillares e florinhas tenues, em matizes d'um realce maravilhoso, em desenhos da mais solta e delicada phantasia. Do lado da cauda, a *chaise-longue* intestava com uma parede toda lisa, no sentido do comprimento da casa, tendo um grande espelho doirado ao centro; distribuidos em volta, na mais harmoniosa das desordens, quadros, suspensões, bugigangas, velhas porcelanas; incostadas, duas estantes com livros; e, em angulo contra o extremo opposto, um piano de cauda sobre um estrado. Era uma parede interior.

Seguia-se-lhe outra mais pequena, adornada tambem de quadros e com uma porta fronteira á do quarto de *toilette*, dando para o gabinete de trabalho do barão. Esta porta era flanqueada por duas grandes columnas torcidas de pau preto, farfalhudas de parras, de cachos, de anjos em re-

gueifas, com dois vasos de Perusia ao alto, desgastados, sem brilho, granulosos, d'um estylo purissimo e d'uma lendaria antiguidade; e ás duas porções lateraes da parede dois magnificos consolos incostavam, abarbados de coisinhas preciosas, — pagodes de marfim filigranado, retratos queridos em molduras de pellucia, miniaturas de esmalte, bronzes, conchas, laccas, cinzeiros de *malachite*.

Depois, parallela á parede lisa interior, havia a exterior correspondente, com duas amplas saccadas dando sobre o jardim. No intervallo d'estas, resaltava um contador *india* embrechado, de pernas obliquas, lineares, singelissimas, todo atropellado na severa amarellidão da sua téca por correrias de monstrosinhos de ébano, rasteiros, ventrudos, rabiosos, a cauda em ponta de dardo, a lingua a saír n'um jacto da guela a escancaras, o olho de marfim, branco e redondo. Para cima, vestia a parede um espelho esguio, de moldura de ébano, biselado.

Aos dois cantos, para lá das saccadas, a folhagem glabra e tenra de dois *philodendrons* naturaes espadanava em leques luxuriantes de grossos vasos de faiança do Rato, postos sobre velhos tamboretes persas, de cedro e madreperola. Nos reposteiros, feitos de *bourrette* espessa côr de madeira e oiro, sinuosava tambem um desenho persa complicado. Sobre os vãos das saccadas, a temperar a luz externa, desciam muito sobrepostas, orlando a *bourrette* interior, cortinas finissimas de *tulle* créme com applicações a branco. Junto da porta do *toilette*, um pouco á frente, um cavallête *vieux chêne* sustinha, meio afôfada nas prégas d'uma colcha secular da India, uma tela, assignada Lupi, com o retrato em busto da baroneza. E por baixo do

grande espelho doirado espreguiçava-se um largo sophá de pellucia de linho azul escuro, esquadrado em volta por uma tira de seda côr de oiro velho, e tendo a um lado, erguida nas mãos sobre a espalda cylindrica, uma figura minuscula de mandarim, escarolada e risonha, posta graciosamente a espreitar.

Meia duzia de moveis mais, arrastando ao acaso na alcatifa, cujo tom sanguineo dava um destaque vivo de petulancia á côr tranquilla do recinto. No papel cinzento-adamascado das paredes alizavam-se lampejos de aço, esbatidamente. Do tecto branco de estuque um lustre pendia, de bronze. Saboreava-se a quintessencia do conforto e do agasalho n'aquelle ninho mimado de elegancia. E todavia o barão estava mal, sentia frio. Era tão flagrante, tão profunda a discordancia entre a brutalidade animal dos seus instinctos e a dôce quietação, o familiar abandono, a feminina graça de tudo quanto o rodeiava, que, agora, dissipada a primeira grata impressão da entrada, aquella pacificação hostilisava-o, arreliava-o, dava-lhe toda branca, em cheio, nas turbulencias sinistras da sua alma doente, e fazia-o soffrer.

Ergueu-se de chofre e começou a passeiar. Então a baroneza, breve: — Tens ahi os jornaes para lêr.

O barão, machinalmente, veio sentar-se de novo, junto da luz, no mesmo *fauteuil*, e procurou lêr a *Gazeta de Portugal*, em que collaborava.

E assim, na mudez discreta da noite, na voluptuosa penumbra da salêta, aquelles dois esposos, na apparencia tão proximos, ambos novos, ambos amantados na caricia do mesmo ambiente perfumado e mórno, obstinavam-se longe, muito longe um do outro: elle galopando o destrambe-

lhamento do seu vicio; ella deliciando a imaginação e invenenando os sentidos na tragedia dissolvente de *Madame Bovary*.

Era logico. Derivava naturalmente da indole, da educação, das condições de ligação dos dois esta situação mortificante.

O barão garfava por enxertia duplamente bastarda em duas das mais antigas e illustres familias de Portugal. Assignava — D. Sebastião Pires de Castro e Noronha. O *dom* trazia-lhe origem dos Castros, carugento appellido castelhano, évo de oito seculos, que passára ao nosso paiz, ainda méro feudo leonense, por occasião do casamento de D. Fernando, filho do rei de Portugal e Galliza. D. Garcia, com D. Maria Alvares, senhora da villa de Castro Xeris, e descendente de Laim Calvo, o afamado jurisconsulto. E' de saber que este glorioso talo genealogico dos Castros, refolhou, em Hespanha, nos condes de Lemos; e, entre nós, nos condes de Basto, de Mesquitella, de Monsanto e de Rezende (primeiros almirantes móres do reino), e nos senhores do Cadaval. Deu ainda tão preclara cêpa da nossa horta heraldica esse lendario grêlo da isenção e da honra, que foi o grande D. João de Castro. Mas a casa de Monsanto não era vergontea legitima: apurou-se isto da larga contenda batida por D. Alvaro Pires de Castro, senhor das Alcaçovas, contra seu tio, tambem D. Alvaro Pires de Castro, senhor de Arrayollos. Contestava aquelle a este o uso das armas direitas dos Castros, por ser uma degenerescencia bastarda no bracejamento fidalgo da familia. E o caso é que, desde então, tanto os condes de Arrayollos, como os Castros de Fornellos e os de Melgaço, ambos seus descendentes, deixaram de usar o es-

cudo primeiro da casa, — treze arruellas de azul em campo de oiro, — passando a ter por divisa apenas seis arruellas, e em campo de prata.

Escarolavam n'esse tempo do segredo tépido das alcôvas para a bisbilhotice official dos symbolos brazonados as differenciações no estalão moral das grandes familias solarengas. Era o que podia haver de mais meticulosamente futil e de mais superfluamente ingenuo. Mas era claro, ao menos. Sabia a gente com quem tratava. Não se tinha inventado ainda a carta de conselho para galardoar alcoviteiros e nobilitar ladrões.

Em tempos de D. João III, 1541, preparava-se em Lisbôa, com destino á India, uma esquadrilha de cinco navios que devia commandar Martim Affonso de Souza, o heroe de quem a tradição refere que recebêra de Gonçalo de Cordova a espada, de que nunca mais abriu mão. Fôra elle nomeiado successor de Estevão da Gama no governo dos nossos dominios asiaticos, e preparava-se-lhe um luzidissimo cortejo de homens d'algo. Queria-se honrar dignamente o benemerito guerreiro, cujo nome já então doiravam sobejamente altos feitos commettidos no Brazil, no mar das Indias, na ilha de Repelim, em Ceylão, na costa do Malabar. Um dos Castros de Monsanto, então na côrte, homem de terras e de dinheiro, foi insinuado ao rei como devendo embarcar. O sombrio e fanatico monarcha não o via de feição. Surprehendêra-o uma vêz, á missa, rindo. Pouco depois, como tivessem chegado a Portugal os quatro primeiros padres da Companhia de Jesus, o desastrado Castro permittiu-se pôr em duvida, na frente do rei e da nobreza, a austeridade e a pureza de intenções dos padres jesuitas. O soberano agastou-se. Para mais, tres d'esses jesuitas, — e um d'elles era S. Fran-

cisco Xavier, — embarcavam já com róta ao Oriente na esquadrilha de Martim Affonso, para missionar. — Que fôsse o Castro! Era quasi certo que ao cabo d'essa longa viagem na salutar companhia de tão santos varões, elle estaria convertido. — E o rei achou bom, indeclinavel que o zombeteiro aulico saísse de Lisbôa; não inquinásse elle de heresía a catholica subserviencia da côrte de sua magestade fidelissima. Grande obra de piedade — fazel-o embarcar. — Que fôsse!

Mas o pobre fidalgo era molle, doente, lymphatico, poltrão. Tinha um pavor invencivel ao mar. Andâva, demais, perdidamente enamorado por D. Branca de Noronha, servilhêta, e, — dizia-se, — filha bastarda da casa dos Noronhas, — outra nobre familia antiquissima, prendendo nos reinos de Leão e de Castella, muito fundo, as raizes da sua estirpe. Correspondia-lhe por egual a formosa menina, — temperamento manso, resignado, sonhador, todo feito de passividade e modestia, reclamando a calentura constante d'uma forte protecção, affectuosa e discreta, que a involvesse n'uma calmaria tépida de estufa, para viver. Uma noite, ausentes os Noronhas em sarau do Paço, propôz-lhe o amante fugir. Acceitou. E, dias depois, a fronte de ordinario tôrva de D. João III caliginava-se furibunda, ao saber que o cortezão em desfavor, desprezando o mandado de embarque, se fôra alcandorar, com uma nobre virgem raptada, na penhascosa e abrupta solidão do seu castello de Monsanto.

Pensou em fazel-o render-se, mandando-o cercar. Difficil. Tinha o Castro leaes, valentes e numerosos servidores. Monsanto, — espessa corôa mural d'um alto mamelão lascado a pino, — era de natureza inexpugnavel. E depois, o rei na occasião pre-

occupava-se demasiado com a Reforma, contra a qual prorompêra, de collaboração com Carlos v, n'uma guerra implacavel, e com a deflagração sinistra dos autos de fé. Depressa esqueceu o rebelde, em cujos braços morria, após dois breves annos d'um fervoroso idyllio, a sua dedicada e dôce amante.

D'esta romanesca mancebia porejou um filho, que vinha a ser o sexto avô do nosso barão de Lavos.

O atavismo fez explodir n'este com rabida energia todos os vicios constitucionaes que bacillavam no sangue da sua raça, exaggerados n'uma confluencia de seis gerações, d'envolta com instinctos doidos de pederasta, inoculados e progressivamente aggravados na sociedade portugueza polo modalismo ethnologico da sua formação. A inversão sexual do amor, o culto dos ephebos, a preferencia dada sobre a mulher aos bellos adolescentes, veio-nos com a colonisação grega e romana. Nos gregos a pederastia era uma paixão commum e de nenhuma forma desprezivel. Cantavam-n'a e celebravam-n'a publicamente. A obscena invenção de Ganymedes, principe troyano d'uma belleza maravilhosa, arrebatado e transportado ao Olympo pola aguia de Jupiter para substituir Hébé, a *hetaïra* divina, no serviço particular dos deuses, dá o documento frisante de quanto era honrado o ephebismo na antiga Grecia. Este vicio era mesmo trivial em todo o Oriente. Na mythologia indiana ha um episodio analogo ao rapto d'aquelle favorito de Jupiter. Refere o *Vaschkala*, um dos *upanischads* do *Rig Veda*, que Indra em pessôa empolgou, com um gesto fulminante de ave de presa, o joven *Medhatithi*, transportando-o depois ás mais

apartadas e mais sagradas culminancias atravéz dos mundos e dos céus.

Os romanos imitaram, e excedêram por conseguinte, os povos mais velhos do Oriente no gosto da pederastia. Ao tempo de Augusto, o amor de homem para homem era a mais banal das paixões. Muitas vêzes, na risonha peninsula da Etruria e do Lacio, o véu da amizade incobria infamissimas torpêzas; pensava-se que a reciprocidade no goso sensual era o melhor laço para o coração de dois amigos. Julgava-se a amizade dependente d'um appetite lascivo, conjugada com a ligação carnal. Os grandes modelos de dedicação fraterna que nos offerece a historia,—Castor e Pollux, Pirithoüs e Theseo, Pylades e Orestes, Alexandre e Ephestion, Harmodius e Aristogiton, os dois filhos de Adiatorix, os nossos dois Ximenes, Alcinoüs e Adriano, Patroclo e Achilles,—não passam os mais d'elles de specimens aberrativos de mutuas complacencias libidinosas.

De Roma é claro que a paixão dentro do mesmo sexo alastrou para as colonias. A contaminação era fatal. Soffreu-lhe os effeitos a peninsula hispanica, mórmente no sul e no oeste, aonde mais demorada e mais poderosa foi a influencia ethologica dos romanos. Depois vieram os barbaros do Norte inocular sangue novo no derrancamento crapuloso do imperio. A transfusão foi crudelissima. Operaram, destruindo. Mas por traz da arrogancia bestial da sua arremettida vinha apontando a generosa uncção d'um mundo novo. Aquella tréva apparente mascarava uma alvorada. Elles traziam da penumbra druídica das suas florestas os elementos sociaes que faltavam ao occidente gasto e decrepito: a liberdade pessoal, a sinceridade da crença, a disciplina, o valor, a ordem, a consa-

gração da virtude, o respeito da familia, o amor pola mulher. A regeneração foi prodigiosa. Dos escombros da assolação ergueu-se, — pura, sadía, idealista, ingenua, — a sociedade medieval.

Comtudo, n'esta reparação salutar dos povos latinos o germen morbido resistira, latente. Mais tarde, a civilisação arabe pôl-o a claro; depois, o abuso do monachismo e das expedições nauticas longinquas favoreceram-lhe o desinvolvimento, agora peiorado do apeganho ruim da chronicidade.

Comprehende-se como centenas de homens validos, desviados da labuta habitual da vida e mantidos em contacto reciproco permanente; com a imaginação e a carne fallando alto, excitadamente, na eterna ociosidade da clausula ou na estreita e forçada permanencia a bordo; systematicamente affastados do commercio de qualquer ordem com a mulher, haviam de por força procurar illudir artificialmente, em ascoentas aproximações d'uns com os outros, as inilludiveis exigencias dos seus instinctos sexuaes. D'ahi a desvirtuação dos sexos; a obliteração das funcções genesicas; o amor saciado grotescamente, incompletamente; a luxuria olhada como um fim, como uma regalia sensorial da carne, em vêz de ser cultivada na compenetração do seu mistér sagrado, como um simples meio de provocar a gestação.

Na ultima integração da sua physionomia social os conventos não foram mais do que isto, — uma criminosa burla ao dynamismo prolifico da natureza, uma cravagem de centeio mystica, um *veto* espiritual á maternidade. Eram casas toleradas de prostituição, defendidas pelo lemma hypocrita do voto. O mundo antigo era mais franco. Na Grecia os effeminados varriam galhardamente

com as suas caudas de purpura as lageas das praças publicas, sôb a luz magnanima do sol; no mundo latino os tonsurados, do primeiro cardeal ao derradeiro famulo, erguiam furtivamente o burel ou a sêda na sombra cumplice dos claustros, e entregavam-se baixando os olhos contrictos ante as imagens de Deus.

Com a diuturnidade da causa, o mal prosperou, azedou, inraizou-se, alargou sobre a geração de hoje um imperio feroz e dissolvente.

No barão de Lavos confluiam poderosamente as qualidades todas do pederasta. Quando tinha 10 annos, entrou para o collegio de Campolide. Seu pae, velho cortezão cheio de tédio e de dividas, viuvo, refarto de alçapremar traições n'um sorriso, de farricôcar o odio em graciosas mesuras, de espremer a bolsa em proveito de parentes e caloteiros, resolvêra saír de Lisbôa, descançar, fugir aos prazêres, á intriga, ao mundo que conhecia de sobra. Foi-se para Lavos, onde possuia excellentes propriedades em salinas, campos e florestas, a refazer a fortuna e a endireitar a espinha. O filho, entregue á douta protecção dos jesuitas, no seu ponto de vista, ficava bem. Por occasião das férias, acolhia-o com alvoroço, retinha-o com amor, dava-se a estudar-lhe interessadamente os progressos na educação. O rapaz era intelligente, amigo do estudo, — mesmo talentoso, — arriscavam-lhe confidencialmente, em breves periodos lardeados de reticencias, os astutos preceptores. — E dava-lhes cuidado, — acrescentavam receiosos, — regurgitava de seiva, precisava ser dominado de principio, aliás corria o risco de se perder.

Mais d'uma vêz, per noite alta, os prefeitos ha-

viam surprehendido o menino fóra da cama, abancado á mêsa, a face collada a uma luz asphyxiante de petroleo, fumosa e lívida, todo n'uma febre de improviso, a fronte camarinhada, o olhar ardente, a mão trotando no papel, a fazer versos profanos.—Tinham-n'o castigado,—estivesse descançado.

A verdade é que D. Sebastião saíra uma organisação privilegiada de artista. A uma retina infallivel no apanhar o lado bello das coisas juntava uma larga capacidade imaginativa, uma acuidade dilacerante do sentimento plastico e um poder vehemente de expressão. Com o pennujar da adolescencia veio-lhe o impulso de verter nos companheiros as demasias da sua alma generosa e ávida. Amou alguns dos collegiaes que lhe orçavam pela edade. Foi excessivo. D'estas scenasinhas adoravelmente ridiculas, que são triviaes nos collegios,—trocas de soliloquios inflammados, cartas, exorações, amuos, rancores, ciumes, pugilatos, ensaios precipitados de copula no palmo quadrado das latrinas,—de tudo teve o futuro barão n'um grau exaggerado e quente, a que a sua compleição debil e requintada vestia o maximo colorido. Quando o seu desejo se concentrava, inconfessado, timido, ardente na pessoa d'um collega a quem por qualquer circumstancia elle não podia ou não resolvia declarar-se, então o desgraçado soffria insomnias horrorosas, durante horas e horas interminaveis, de costas na cama, a narina afflante, a palpebra leve, os olhos arregalados para o tecto na escuridão cava da noite, os dentes rangendo rapido e o corpo todo vibrante no arripio d'uma crise nervosa fatal, obsessiva.

Quasi sempre uma evacuação seminal, provocada por elle proprio, ou, as mais das vèzes in-

voluntaria, e determinada sem prazer, por uma irritação quasi dolorosa, punha termo, no quebramento cortado de sobresaltos da madrugada, a este estado cru de excitação. Depois, pelo dia adiante, era o mau humor, a mudêz, as olheiras lustradas de rôxo, um pouco de dyspnea, o refugio no isolamento, a repugnancia ao estudo, o adormecer nas aulas.

D'uma vêz, um collegial, que elle amava immenso, disse-lhe porfim que sim, que estava prompto a corresponder-lhe, mas por forma que ninguem soubesse, e então — que fosse de noite ter com elle á cella. Combinado. O Sebastião deitou-se e esperou, todo a tremer, sem poder conciliar o somno, que o seu relogio marcasse as duas da manhã. Então levantou-se, abriu a porta da cella, aventurou um olhar de lynce a todo o comprimento do longo corredor deserto, e saíu, cosido á parede, surrateiro, os pés tartameleando pêrros no tijolo... Quando, passada uma hora, regressava ao quarto, pilhou-o a lanterna do prefeito de ronda. Foi castigado rudemente. Nem por isso deixou de continuar.

Aos 16 annos, saía do collegio para a vida exterior com as propensões viciosas peioradas. Alto, esgalgado, sêcco, — ardia-lhe na scintillação febril dos grandes olhos negros o furor perpetuo, mordente, insaciavel do Desconhecido; e a cada um d'estes incendios ferozes da pupilla correspondia instinctivamente um abrir das mãos descarnadas e um trémulo agitar dos dedos, nervoso, inflammado, adunco, uma como ancia de apalpar a Vida. Conformação feminina: — cabeça pequena, hombros estreitos e descaídos, bacia ampla, rins muito elasticos, pés mettendo para dentro. O rosto, d'um alvo rosado lanugentó e macio, tinha

uma expressão menineira e ingenua, um ar tocante de fragilidade e doçura. Mas não inspirava sympathia; trahia-lhe a inconsistencia do character a linha apagada, miuda das feições. O olhar era de ordinario baixo; não cruzava com firmeza; e sempre que sentia um outro olhar a interrogal-o fito, as palpebras desciam logo, a garantir-lhe a inviolabilidade do abysmo.

Quiz estudar mais. Continuou em Lisbôa, cursando a Polytechnica. No intervallo das aulas, ia pelas bibliothecas ou amarfanhava-se em casa, lendo tudo quanto podia apanhar. A' medida que se lhe desdobrava o espirito, definia-se, affirmava-se-lhe a characteristica, roboravam-se-lhe as predilecções plasticas, a qualidade sensorial dominante. No modalismo da natureza interessava-o principalmente o sensivel, o tangivel, a face pagã, material das coisas. Por isso, a despeito do seu fundo etiologico de pederasta, cultivava com frequencia as mulheres. Mesmo entre uma mulher bonita e um ephebo attrahente, não hesitava: preferia geralmente a mulher. Procurava sempre e acima de tudo a linha, a forma, a belleza emocional apparente, quer fôsse n'um seio virgem, quer n'um musculo bem fibrinado, quer n'um crystal perfeito, quer n'uma florinha delicada, n'um treche vivo de paysagem, n'um incastellamento de nuvens fugidio.

Quando contou 20 annos, rogou o pae que lhe permittisse fazer uma viagem ao extrangeiro. Concedido. E o rapaz partiu, trepido de enthusiasmo. De Madrid seguiu a Paris; depois visitou a Italia. N'esse afortunado passeio pelas civilisações irmãs da nossa, tudo quanto respeitava á Arte constituiu a melhor porção do seu estudo. O maior do tempo gastou-o no interior dos velhos monumentos, nos

museus, nas collecções particulares, nos bazares exoticos, nas lojas de *bric-à-brac*. E ahi, na religiosa paz d'esses salões consagrados, que horas de sublimado goso, de contemplação ineffavel! Estatuas e quadros que figurassem a nu bellos corpos de adolescentes, estonteavam-n'o. Trouxe-o doente da mais cega paixão, dias seguidos, o celebre *Antinoüs* descoberto em Roma no seculo XVI, no bairro *Esquilinio*, que occupa hoje no *belvedere* do Vaticano um gabinete especial, e é das melhores obras da antiguidade que o tempo nos poupou. Maior que o natural, deslumbrante na lisa alvura do marmore, elle inclina a cabeça levemente e dealba no sorriso uma expressão graciosa e fina, que faz um contraste adoravel com a vigorosa envergadura do arcaboiço. Mixto inexprimivel de *morbidezza* e força, de energia e doçura, esta figura preciosissima realizava para Sebastião em extasi uma tão perfeita harmonia de conjuncto, que elle ficou-a tomando sempre por modelo das bôas proporções da figura humana.

Mas muitas outras estatuas do bello favorito de Adriano impressionaram fortemente o futuro barão de Lavos. Mesmo no Vaticano, mais duas ainda: uma figurando-o de deus egypcio, o olhar hirto e parado, a curva do *lotus* no sobrolho, o cabello todo em anneis collados ás fontes, parallelos; outra singelamente corôada de gramas e nas mãos as insignias agrarias de Vertumnio, fresca e robusta. Uma outra em Roma, no Capitolio, trazida da antiga *villa* de Adriano em Tivoli, representando o formoso escravo, que as aguas do Nilo sepultaram, com o rosto repassado de melancolia, os olhos grandes e magistralmente desenhados, a cabeça tambem inclinada ligeiramente, e em torno da bocca e da face esvoaçando uma per-

feição de contorno ideal. No Louvre, uma com os attributos de Hercules, da mais altiva elegancia; outra com os olhos de pedras finas e sobre as espaduas um manto de bronze, largamente pannejado; e uma terceira, seductora, com o largo chapeu, redondo e baixo, de Mercurio, meia tunica deixando descoberto um braço soberbamente modelado, a perna cingida por botinas de coiro, a côxa inteiramente nua, opulenta e suave.

Varias figurações de Ganymedes tocaram-n'o egualmente, a saber: a incantadora estatua em marmore de Carrara, do Vaticano, achada em Ostia em 1800; o famoso *Rapto de Ganymedes*, de Rubens, no museu real de Madrid; o *fresco* de Carrache, em Roma; em Florença, a tela de Gabbiani. O mesmo com o celebre *Achilles*, em marmore, do museu do Louvre, soberbo estudo do nu pertencente á epocha chamada do estylo *sublime*, e que passa por copia d'um trabalho de Alcamenes, o discipulo predilecto de Phidias. O mesmo com os Narcisos, os Bathylos, os Hermes, os Adonis, os Evangelistas, as Magdalenas, as Fornarinas,— com os *motivos* mais humanamente plasticos de todas as religiões e de todos os tempos.

De tudo isto comprou quanta reproducção lhe appareceu. Voltou com o gosto educado, apurado, sabio, e com a sêde dos largos prazêres ignorados a chammejar-lhe cada vêz mais mordente nos grandes olhos negros. A estupidez pacata do nosso meio exacerbava-o, estimulava-lhe a phantasia. O que a contingencia externa lhe não dava, D. Sebastião arrancava-o incarniçadamente a um trabalho desfibrinante de evocação interior. Creava, sonhava, concebia caprichos inverosimeis, que ora conseguia realizar a muito custo, ora se limitava a sa-

borear, mercê d'um longo dispendio imaginativo... na solidão da sua alcôva.

Em 1860 morreu-lhe o pae. Elle era filho unico e unico representante d'aquelle ramo da familia. Tomou conta da casa, — uns quatro contos de renda, se tanto, — e continuou desperdiçando loucamente a mocidade em aventuras galantes, em pandegas, em devassidões imprevistas. Para mais, um desvio physiologico, — uma diathese urica que lhe espessava e abastardava o sangue, — dava-lhe uma facilidade sympathica de adaptação a todas as vis aberrações da carne.

Um dia começou com elle a saciedade, o tédio. Acalmou, viu claro. Conheceu que, a continuar assim, ia intranhar-se, dissolver-se irremissivelmente na tréva das infimas degradações, como um caminhante que deixa a estrada rutila de sol, lisa e direita, para entrar n'um emmaranhamento negro de floresta. Teve medo. Lembrou-lhe então casar... Sorriu á idea. Seria uma emoção nova; seria principalmente, com a sua imposição de devêres sacrosantos, um freio, uma norma séria e digna de viver. O casamento pois fascinou-o, como variante e como correctivo.

Ora, entre as familias das suas relações, frequentava particularmente o barão a casa do snr. Ignacio Migueis, antigo negociante de pannos, vivendo anchamente do passivo d'uma fallencia fraudulenta. Elle, a mulher e duas filhas casadoiras. D'estas a mais velha, Elvira, não deixava de agradar ao barão. Irrequieta, nervosa, branca, pequenina, reçumava de todo o seu ser miudinho e fragil uma complexidade picante de mysterio. Era o Desconhecido; era um problema vivo, — e delicioso problema! — a decifrar. Fêz-lhe o barão a côrte.

A rapariga no fundo não passava d'uma burguezita immensamente leviana e soffrivelmente ignorante, extremosa mas futil, não tendo da moral a comprehensão mais estricta, e cultivando assiduamente por egual na janella do seu quarto os namoros e os *amores-perfeitos*. O natural era excellente, liso na intenção, apontando ao bem, simples, claro. Formado n'uma educação menos absurda, que a lisboêta, podia ter dado uma mulher exemplar. Nem sensual, nem desequilibrada. Alma grande e intelligencia estreita. O que queria era que a amassem, era ter que amar; porêm na acanhada circuição do seu espirito este desejo não violava os limites postos ao amor legitimo pola religião e a lei. Assim, ella não namorava por vicio, mas por calculo, na ancia de realizar perante Deus e os homens a sua inclinação natural. E no namorado não via nunca o macho, não appetecia o homem; delineava, futurava o marido. Casar era o seu sonho doirado; casar com um fidalgo, — a sua primeira aspiração de burgueza. — Se este barão me quizésse!... Isso sim! Lembrava-se lá!... — Bem lhe tinha ella já feito a diligencia. — Mas qual!

Por isso tambem, quando percebeu que o barão a requestava, ia estalando de alegria, coitadita. Foi n'aquella casa uma alegria doida... Breve, casaram, em S. Christovão, perto do palacête do barão.

Julgaram-se felizes nos primeiros tempos; mas, a pouco trecho, o incanto da novidade tinha quebrado, a etiologia moral do barão seguia fatal na sua escala deprimente. Veio-lhe a fome irresistivel dos habitos antigos. Recaiu n'elles, agora com todas as precauções tortuosas que o novo estado exigia. A mulher, á força de a vêr sempre, ia-a

esquecendo. O problema esperava a solução, — que lhe importava a elle! — Assim, o affastamento, a indifferença, o desgosto iam cavando entre os dois, cada vêz mais largo e mais fundo... Não tinham filhos: — uma orchite dupla annullára no barão, quando solteiro, a faculdade de procrear. E agora, ao cabo apenas de tres annos de vida em commum, elle, sentado ali junto da sua pequenina e appetitosa esposa, tinha frio, torcia-se, mirava confrangidamente, n'um mixto de humilhação e de respeito, aquella cabecita luminosa e redonda, emquanto lhe dançava na imaginação o ephebo que deixára ha pouco no Passeio.

Deu uma hora no gabinete ao lado.

Elle então, erguendo-se:

— Vou-me deitar.

E a baroneza, toda de alma na leitura:

— Vae indo, que eu já vou.

O barão saiu pela porta do *toilette*, n'um bocejo arrastado, emquanto ella, depois d'uma leve expiração de allivio, continuava interessadamente a lêr.

III

No dia seguinte, ao almoço, um constrangimento acre molestava os dois esposos, instinctivamente. O que quer que era de vagamente arreliador pairava. Uma turbação rebarbativa de desgosto, de mal-estar, de disputa suspensa insombrava aquella atmosphera conjugal, na apparencia tão calma. Cada um dos dois tinha o pensamento posto n'um desejo antipoda do do seu commensal; e por isso tambem cada um dos dois sentia, n'um absoluto indiscutivel de evidencia, que a tormenta se incastellava rapida e que, inevitavelmente, uma faisca de odio havia de chispar ao incontro d'esses dois antagonismos.

Ambos comtudo se empenhavam, mais por um sentimento de decóro domestico, do que por uma razão egoista de prudencia, em retardar quanto possivel a deflagração imminente. A baroneza, com o corpinho roliço e fresco regamboleando n'um roupão de cachemira côr de grão, infeitado a renda crême, e a grossa trança castanha presa em tôrso negligente á nuca por um grande prego

de nickel, transversal, ora mirava as unhas, ora dava pequeninas ordens ao creado de mêsa, ora derivava o olhar n'um passeio alheado pela sala, toda no cuidado de evitar os olhos do barão. Este para evitar os olhos da baroneza achára recurso mais cómmodo: ia lendo o *Diario de Noticias*, posto ao alto contra o centro de mêsa, — quatro gryphos rompantes de prata supportando uma tulipa de *baccarat*, muito elançada, em facêtas, de cujo bordo biselado em ponta se debruçavam, n'um parapeito fófo de violetas, as primeiras rosas da estação, colhidas no jardim.

O barão estava de fraque, vestido para sair. Mais d'uma vêz tentára travar cônversa, sempre sem resultado. Primeiro, leves perguntas banaes:

— Mandaste ao encadernador?

— Mandei, — respondeu ella, distrahida.

— O correio não traria nada hoje?

— Pergunta ao João.

D'ahi a pouco:

— Sempre os Paradellas hontem...

Nada!

Após novo intervallo:

— Não estou hoje nada bem... Tive palpitações toda a noite. E este meu estomago...

A baroneza limitou-se a sublinhar com um risinho incredulo de desdem.

Porfim, quando tomava o café, o barão assentou no jornal a ponta da faca, mantida entre o dedo maior e o indicador da mão direita, e exclamou muito familiar, a querer entrar com sol no dialogo:

— E' bôa esta!... Sempre impagavel de tolice este jornal. Queres ouvir?... — E leu alto, com um bom sorriso conciliador, mas sem fitar a esposa: — Diz hoje o luminaria das *Cartas do Estrangei-*

ro que visitou em França o *Pantheon*, «edificio destinado a Santa Genoveva, *patrona* de Paris»!... e mais abaixo, fallando do nosso ministro ali: «é um dos mais esclarecidos e honrados representantes que temos no extrangeiro, *e cuja especie fôra bem util reproduzir para honra do paiz*»!... E' bôa, não é? — commentou, rindo.

Porêm, malevola, a baroneza:

— Que semsaboria!

— Achas?

— Decerto, — confirmou ella n'um gyro de olhos azêdo. — Nem sei para que te incommodas a lêrme isso... — E logo, na previsão do que ia passar-se, para o creado: — Vá almoçar.

— Cuidei que te interessasse... — aventurou o marido.

— Suppões-me mais idiota do que sou.

— O' filha, não é isso! — affagou o barão com a mais affectuosa bonhomia. — Que te interessasse como episodio comico, simplesmente, como assumpto para um bocado de troça, para brincar, para rir.

— Bem! Não faltava mais nada. Agora chamas-me creança! — explodiu ella com vivacidade, emquanto arrastava para longe, n'um saccão de arremesso, a chavena de cujo chá bebia os ultimos goles.

D'esta vêz o barão, posto em prova, affastou da mêsa o tronco, alto e direito, e cravou na mulher um severo olhar de reprimenda. Mas ella, de cotovelo fincado sobre a toalha, franzir desdenhoso nos labios, a mão cocegando a ponta da barba n'um geitinho impertinente e raivoso, pôz-se a fitar com altiva insolencia uma das rosetas do tecto e a fustigar o *parquet* n'um bater de pé provocante. Uma trepidação elastica e felina corria-

lhe o collo, os seios e a face rija e redonda, em cujas venulas ingrossadas se via a fremer e a subir um sangue rôxo, irritado.

De repente, abate sobre o marido as pupillas, crispantes de desafio:

— Preciso saír hoje... Não me acompanhas?

—Logo vi!... ou eu não tivésse que fazer!...— respondeu com impeto o barão.

— Que marido tão condescendente, tão amavel que eu tenho, santo Deus!... Nem de incommenda!— E depois d'uma pausa, n'uma irritação crescente: — Para que me foi tirar a casa de meus paes?... Se me não amava, para que me privou do carinho dos meus? para que me foi arrancar ao coração da minha gente, a minha verdadeira e unica familia, que nunca me contrariaram... sempre promptos a adivinhar-me as vontades, sempre felizes por me fazerem a vida côr de rosa?... Casou por conveniencia, bem sei... para me tyrannisar absurdamente!—E com as lagrimas a bailarem-lhe na voz: — O senhor não procurou em mim uma doce e digna companheira, mas uma estupida e docil governanta! não me quiz para lhe alegrar a existencia e entreter a alma, mas para lhe determinar o jantar e pregar os botões das ceroulas... Bonita vida!

— Elvira, não me impacientes! não me estragues o almoço... Precisas de saír?... Manda recado a tua mãe ou a tua irmã.

— Não são minhas creadas!

— Nem eu!

E ergueu-se pallido, fulo, assentou com força o guardanapo sobre a mêsa, foi tomar o sobretudo e o chapeu ao cabide do corredor, e saíu.

Hilares do barulho da contenda, os canarios

do lindo viveiro doirado tinham rompido n'uma chilreada escarninha.

A baroneza, depois de immobilisada tres segundos n'um spasmo de cholera impotente, ergueu-se tambem de chofre e foi sepultar-se na *chaise-longue* do seu cantinho predilecto, humilhada, esmagada, fria na epiderme, a chorar, a tremer. No primeiro momento nem deu bem conta dos sentimentos que a poleavam. A pobre creatura sentia só, — com que violencia! — que a saída grosseira e brusca do barão lhe caíra na alma com todo o peso d'uma affronta insanavel, provocando uma dôr vagamente mortal, indefinivel, planturosa e cava como o som d'uma lapide fechando um tumlo.

Elle desfeiteára-a, insultára-a, atirára-a á margem como uma ponta de charuto, — eis o que era evidente, o que era essencial, o que a dilacerava... Porque motivo?... Não lhe importava, não o sabia; nem mesmo, que o quizésse, conseguiria talvêz tentar sabel-o. De ordinario incapaz de passeiar muito tempo a attenção sobre um mesmo assumpto, a baronezita comprazia-se em acendrar até ao ultimo exaggero as consequencias d'uma emoção. Sobrava-lhe em coração o que lhe faltava em intelligencia. Vinha-lhe de sentir muito e pensar pouco o seu adoravel feitio de leviandade. Assim, toca a malucar: — O marido repellíra-a, desprezára-a... que lhe importava o mais?... — E a torturada e voluntariosa burguezita contorcia-se na vergonha da affronta evidente. Aquella alvura leitosa de cutis, que a extrema regularidade da sua vida tingia habitualmente de côr de rosa, vincára-se, empanára-se, contraíra-se no engelhamento ranilhado e livido d'um pergaminho velho. As lagrimas gemiam gotta a gotta, como d'um filtro, de cada aproximação das longas pestanas, que

palhetasinhas de oiro incrustavam, microscopicas. E as mãos enrodilhavam e retesavam nervosamente o pequenino lenço de esguião e rendas, preso por uma das pontas entre os dentes raivosos.

Desprezada, humilhada! — ella, cuja suprema ambição, cujo mais almo prazer, mais fervoroso anceio era amar, adorar, dedicar-se para ser por egual amada, adorada, servida n'um exclusivismo sagrado e ardente de mutuação perfeita... — Que alma ingenua! Como esta certeza fulminante vergastava cruel o seu modo feminino de sentir as coisas, como alanceava duramente o seu temperamento hyperesthesiado de paixão!

Esquecia-lhe mesmo entrar em linha de conta, na liquidação do ultraje, com o activo não pequeno das suas provocações. Não lhe acudia descontar, na offensa do marido, a porção de violencia e desgosto que a sua propositada maldade fizéra suppurar. Não considerava que o barão, conciliador, paciente, affavel, se empenhára bastante em conjurar a borrasca, polo seu caprichosinho azêdo armada, e resolvida em proprio prejuizo. — Insultada, humilhada! — não queria saber de mais.

Na sua frente, sobre a mesma mesinha baixa de xarão, ficára aberto, da vespera, o romance lido com tanto ardor. A baroneza deu de acaso com os olhos n'elle; e então, confusamente, n'uma teimosia obscura de confronto, por um d'estes desvios absurdos mas triviaes nos espiritos pouco reflexivos, começou a achar analogias entre a sua ridicula scena com o marido e aquelle episodio sangrante de adulterio... Ali havia por força uma tragedia latente. Iam no prologo. Vinha incastelloando-se a borrasca. Impossivel harmonisarem-se... jogavam falso. — E' um tyranno. Não me comprehende...

— Se elle já me não ama!? — pensou a meia voz, atterrada, n'um rodilhão de ciume, emquanto os olhos se lhe seccavam, muito abertos, a bocca se lhe descerrava n'um panico, e as mãos lhe caíam sobre o regaço pesadamente, n'um repellão simultaneo de ira e desalento, com o lenço esfrangalhado entre os dedos finos.

Mas foi o sonho d'um instante... Breve, uma confiança grande no marido, uma confiança ainda maior na propria juventude, acordaram-lhe um rebate de brio intimo, deram-lhe uma tonificação alacre, chamaram-n'a á realidade. Clareou então um bom sorriso altivo no marfim do rosto macerado, e aos olhos, vivos como um chilreio de aves, affluiram de novo as lagrimas, pulverisadas, crystallinas, doces como um aguaceiro peneirado de sol, na primavera.

Entrou n'este momento a curiosa da Dorotheia, — de saia de alpaca preta com folho na barra, véstia de briche, cabeçãosinho de renda, cuia enorme de retroz assentando nas costas, e toda impante de curiosidade velhaca no olho pequenino e redondo, na bocca rasgada de orelha a orelha, crestada e fina no queixo em arpéo, no nariz esborrachado, — a perguntar:

— A sr.ª baroneza chamou?

— Eu não, mulher, — respondeu a baroneza, contrariada e enxugando a furto os olhos, sêccamente. — Até me pôz medo!

— Queira desculpar, pareceu-me... — arriscou, toda unctuosa, a matreira, baixando o olhar e correndo os dedos da mão direita pela orla do avental, n'um affago de disfarce, emquanto debruçava o raio visual das palpebras e aprumava o queixo e inflava o cogumelo das narinas, a apprehender, a saborear o escandalo.

Como se fôsse ficando:

—Vossemecê quer alguma coisa?—interrogou, passados minutos, a baroneza, toda paciente, agora nadando n'esta voluptuosa lassidão que nos deixa o abalo d'um perigo que passou.

—A sr.ª baroneza desculpará... mas... sim, a senhora bem sabe que eu que sou sua amiga e que não me sei calar. E vae por isso não me soffre o interior vêl-a assim tristinha, e não lhe dizer cá o que eu intendo...

—Sim, sim, obrigada... Eu não estou triste... Nem alegre... Aborrecida!... Vossês querem vêr sempre a gente de carinha n'agua.—E pegou no livro, como para lêr. A Dorotheia porêm não se deu por despedida. Continuando a escrutinar felinamente a baroneza, passou com a lingua os labios gretados e proseguiu:

—Com um dia tão bonito... a senhora veja... Tudo per ahi na parodia, a passeiar, a divertir-se, e a minha rica senhora aqui a ralar-se!—E, n'uma torpe bajulice:—Bem digo eu que não é com'as outras!

—Lá vêm vossemecê com a tolice do costume. Cale-se!

—O' senhora, isto não é ser má lingua; é a pura da verdade... Tenho servido em Lisbôa, antes d'esta, seis casas... tudo gente casada... isto é, uns d'elles desconfio que não, porque nunca saíam de braço dado... Seis casas... Pois juro-lhe que em todas ellas, quando os maridos saíam para a rua, cuida que as senhoras que se punham assim, mettidas a um canto?... t'ó rôla!... Iam mas era para a janella, fazer frente a outros.

—Não diga isso, mulher!—reprimendou de subito, indignada, a baroneza, a cuja lisura de

animo repugnava a calumnia. E quiz lêr; mas a maligna observação da creada interpôz-se... Na sua cabecita ôca infiltrára rapido, como em areia, a babugem da alcoviteira. — Havia pois mulheres que... Ora! — E a inteireza da sua alma entrou em lucta com a inconsistencia do seu espirito. Bem fitavam os olhos a pagina; bem queria a vontade acorrentar o pensamento, que remoinhava, remoinhava em crepitações de bandeirola ao vento da phantasia.

A Dorotheia, observando sempre a ama, tomou um leque de pennas de cima d'um movel e exclamou:

— Que ventarola tão bonita!

— Bonita, — respondeu Elvira, muito breve, sem desfitar o livro, a afugentar.

— Minha senhora, déram-lh'a?

— Déram.

Parenthesiou-se um silencio. Fóra, no largo, um malandro pregoava cautelas; da raiz do monte do Castello vinha, amortecido na distancia, um arranco de bigorna batida; longe a longe, um trem rodava. Passados minutos, sôaram horas no escriptorio do barão. E logo a baroneza, que não conseguia lêr e o silencio molestava, agarrada ao pretexto:

— Olhe lá: que horas déram?

— Para não mentir á senhora — respondeu a creada salivando os beiços, — direi que não botei sentido... Que eu, a bem dizer, não me intendo com os relogios de Lisbôa. Têem dois ponteiros, não sei p'ra quê... Lá na minha terra, o relogio da torre da egreja tem só um ponteiro, de lado a lado, e a gente governa-se com elle, e regula muito bem... Agora isto de dois é uma confusão.

—São precisos, já lhe tenho explicado: um marca as horas e o outro os minutos.

—Não me entra cá... Indrominas...—E voltando á carga:—Mas que dia tão lindo!

Agora a baroneza, ainda a seu pezar alheiada da leitura, fatigada, exasperada do exforço d'uma lucta impotente, incarou n'uma pontinha de cholera a causa do seu desassocego e ordenou:

—Não tem que fazer lá dentro?... Não preciso de vossemecê aqui.

Um despeito rancoroso fuzilou nos olhos da megera, que resmuneou, humedecendo as ravinas dos labios:—Ès com'as mais!...—E saíu de olho de travéz e cabeça baixa, com a ponta da cuia, retesada do muito cabello, erguida em curva sobre o *occiput*, a modo d'uma grande figa.

Apenas ella desappareceu, a cabecita redondinha e leve da baroneza largou a remoinhar com furia. Ergueu um olhar interrogativo para o espaço,—que dia formosissimo!... Áquella hora o sol não entrava já no aposento, mas metallisava em lampejos de bronze as folhas negras da grande magnolia que do jardim subia, incostada a uma das saccadas, toda viçosa, opulenta e nitida n'um azul claro e manso de lago adormecido. A baroneza, fascinada, atirou com o livro, aproximou-se da janella e olhou... Á frente da casa, que d'este lado virava ao sul, ficava o jardim, camarinhado d'um verde tenro e diaphano, e depois, para lá do muro, estendia-se o largo do Caldas, com o basalto ainda invernizado da nevoa matutina, as trapeiras dos altos predios espumantes de sol, e á direita, aberta no flanco onde um vidro de lampeão scentelhava, a rua da Magdalena, descendo ao rio em declivio rapido, n'um alinhamento architectural pombalino. O ar estava lavado, cle-

mente, doce, bondoso e humido como um sorriso. Na lisa fluidez do céu, onde raro vogavam os ultimos algodoamentos da chuva da noite, sentia-se correr, luminoso e breve como um bater de azas brancas, o arranque da natureza que acordava. A mesma luz suavemente doirada, a mesma petulancia de seiva, a mesma communhão de vida acariciava os aspectos cambiantes da rua: a blusa d'um cocheiro que fumava a um portal, a canastra d'uma peixeira que de rins quebrados e braços erguidos fallava para um 3.º andar, a chapa do *bonnet* d'um carteiro, o tejadilho d'um trem, os letreiros d'uma carroça, a barba d'um mendigo.

Um rejuvenescimento brincava na aragem. Via-se o beijo da primavera no brilho estimulado das coisas. — Oh! fazia bem quem se chegava á janella em dias como este... A vida era deliciosa... Embriagava como as plantas dos tropicos... A questão estava em poder, em saber colher-lhe a flôr a tempo! — E a baronezita, perturbada, allucinada um tantinho, vencida d'um deliquio molle, com um desmaio de volupia a molhar-lhe as palpebras amortecidas, phantasiou que via tambem, subindo e crescendo para ella na sombra da rua, um bello *Rodolpho* de jaquetão de velludo preto, bota de vitella até ao joelho e calção de malha branca, montado n'um soberbo cavallo negro e trazendo outro pela mão, em que ella ia montar, egualmente negro, com um sellim de pelle de gamo e na testeira graciosamente postos dois topes côr de rosa.

Entretanto, o barão tinha entrado no Gremio e sentára-se a lêr jornaes; mas, no grau de excitação em que se achava, nem conseguia prender-lhe o espirito o canalhismo picante da litteratura fran-

ceza de *boulevard*, tão sua predilecta. Percorria n'um ar vago as columnas, sem lhe apprehender nitidamente o sentido, pêrro no attricto d'uma apathia mental pesada, imbecilisante. O jornal tremia-lhe na mão sem firmeza, e as pernas cruzavam-se, descruzavam-se, erguiam-se com a rótula á altura do estomago, em angulo muito agudo, alongavam-se direitas n'um arrastamento do calcaneo ao longo do tapete, a dar o syndroma d'uma impaciencia fatal, irreprimivel. Consultou o relogio: — uma hora. Tinha marcado o incontro para as duas... — Ainda uma hora, que inferno!...

Saíu; e vagaroso, negligente, a illudir o tempo, olhando o céu, parando ás montras, tomou Chiado acima, rua Larga de S. Roque, e á travessa da Queimada. Depois, ao cruzar com a rua da Atalaya, deu dois passos n'esta e subiu, á esquerda, pela travessa dos Inglezinhos, até á rua da Rosa, pela qual enfiou a angulo recto, sobre a direita, entrando por fim sorrateiro, quasi a meio da rua, n'uma casinha pequena, de tres janellas de frente, branca, dois andares e platibanda. Predio banal e anonymo, porèm denotando a bemfeitoria d'uma restauração recente, na balaustrada, nos caixilhos grandes das vidraças, nas padieiras levemente ogivadas, nas varandas de ferro fundido; e pavoneando-se portanto n'um legitimo orgulho de destaque, entre a pelintra successão de casebres d'aquella rua estrangulada e immunda.

Na loja accommodava-se um *capharnaum* poeirento de *bric-à-brac* mesquinho; o primeiro andar, com as taboinhas verdes sanefando em toldo para fóra de duas das saccadas, e umas toalhitas brancas, postas na outra a enxugar, tinha a impudencia classica do bordel tolerado e regulamen-

tado na lei; o segundo andar, todo corrido d'uma varanda, andava por conta do barão.

Tinha á frente dois aposentos. Uma salêta esguia, nua de mobilia: e uma pequena sala, com duas portas sobre a saccada, de *stores* brancos descidos; esteira; um toucador-commoda de espelho, com bacia e jarro, escovas, pentes, sabonetes; canapé e cadeiras italianas; divan de base de mogno e *reps* verde; uma mesinha de pé de gallo; na escaiola cinzenta da parede duas *anatomias*, a oleo, de adolescentes, colhidas em baixo no *bric-à-brac;* sobre uma misula floreteada um frasco com agua phenica; e, — detalhe curioso, — a um canto, contra a luz, um estrado de pinho com um bastidor cinzento ao alto. Abria-se n'esta sala um arremêdo de alcôva, que mais parecia um armario, escaiolada a côr de rosa e mal comportando uma cama larga de mogno, á franceza, irreprehensivelmente feita, convidativa, luzente. Um corredor conduzia á sala de jantar, do outro lado, sem um unico movel, toda alagartada em paysagens d'um grotesco inverosimil, e com duas janellas dominando um trecho do bairro de Jesus e apanhando ainda ao longe a curva elegante do zimborio da Estrella, sobre um amphitheatro loução de casaria. A par ficava a cosinha, com a chaminé virgem de fumo, e com porta para uma outra alcôva, onde havia uma tina, um lavatorio de ferro, um *bidet* e uma esponja n'um prego.

Um ar bafiento e frio insopava todo este interior mercenario, em cujo arranjo não palpitava a menor emoção de vida d'uma familia. Faltava o fogo e o pão, as duas primeiras condições na existencia d'um lar. Nada havia de quente, de irregular, de buliçoso; nada surprehendido n'um gesto de affago, nada marcando a evolução d'um affe-

cto, nada accusando esta honesta desordem que é o sello confiante da intimidade, nada amotinado n'estas adoraveis confusões de coisas que as creancitas levantam, como um ruflo de aza na pellugem d'um ninho. Antes tudo ordenado, espanado, a postos, na cumplicidade passiva do prazer ás horas; tudo prompto a garantir nos gosos d'um sybarita a segurança do mysterio.

Logo que entrou, o barão fechou cuidadosamente a porta por dentro e fez o gyro da casa n'um exame instinctivo e rapido.—Tudo em ordem... A agua corria no contador, havia roupa lavada nas gavetas... bem! Não poderia tardar. —E deixou-se caír no canapé, alquebrado, n'uma languidez pungente de anciedade, a cabeça contra a parede, os olhos cerrados, as mãos cruzadas sobre o ventre, as pernas estendidas com os pés de calcanhar sobre a esteira, firmes ao alto. Era a sua posição habitual em situações analogas. Lá estava a confirmal-o, manchando a parede, uma gorduragem negra mesmo no ponto em que elle agora incostava a cabeça. Era assim que o pobre doente, morto n'esta impassibilidade ostensiva, devorava os minutos de inquietação espectante, emquanto lhe devorava os nervos um trabalho de exterminio e o pensamento se destrambelhava no delirio da sua imaginação voluptuosa.

Mesmo esta posição inerte e na apparencia tranquilla era filha spontanea do seu animo hypocrita, era a que mais convinha ao seu geito habitual de disfarçar. E que a sala em volta se apropriára a hypocrisia do dono, via-se na ordenação pautada, quasi severa, do seu arranjo.

O sol, que lusia de chapa nos predios fronteiros, côava pela trama dos *stores* corridos uma luz uniforme, pacifica, suave, de *atelier* ou de tem-

plo, mascarando, por uma anomalia picante, com a sua meia-tinta parada e discreta aquella estancia cachoante de paixão. Por fórma que esse corpo humano, ali mineralisado, immovel, devastado interiormente por uma turbamulta de desejos, dava a apparencia calma e solemne d'uma estatua ou d'um deus.

Tinha 32 annos o barão, e comtudo dir-se-hia ao vêl-o que orçava já pelos quarenta. A sua finissima pelle, que fôra tão alva, lanugenta e macia, perdêra toda a mimosa frescura da adolescencia. Endurecêra, espessára, asperizára-se, granulára em concreções de *tophus*, orographára-se em vermelhidões de urticaria, deixára roer toda a suavidade feminil da sua côr dos 15 annos pola erupção pintalgada e luzente da dermatose que lhe invenenava o sangue. Via-se a magreza estirando e cavando em volta dos malares salientes a face desfibrinada. Os olhos, grandes e negros, conservavam a mesma scintillação ardente; mas uma leve tinta côr de rosa lhe debruava as palpebras, em cujo angulo exterior uma purulencia branca se puzéra a reçumar, teimosa; e a descamação farelenta da *pityriasis* polvilhava-lhe abundante o bigode e as sobrancelhas. Uma calvicie prematura principiava a despovoar-lhe a frente e os lados da cabeça, rasgando uma testa larga, dominadora, intelligente, que seria formosissima, se não apparecesse mordida tanto a miudo por varios botões acnosos, fugazes e incertos mas persistentes, picados ao centro em pustulasinhas duras, vesiculares, metallisadas, brancas e brilhantes como laminas de arsenico. De cada lado do mento, escoltando a pêra, erguia-se um grosso affloramento irregular de placas avermelhadas, papulosas, fendilhadas, estaladas, sêccas, largando um desag-

gregado continuo de pelliculas pulverulentas. E uma oleosidade sebacea e lustrosa porejava constante da base do nariz e das glandulas temporaes sub-cutaneas, dando a este pobre rosto, bariolado de herpetismo, o aspecto repugnante e molle d'um morango sórvo.

N'um sobresalto repentino, o barão estremeceu e endireitou-se, despertado pola instinctiva noção do tempo, que é peculiar aos lymphaticos. Olhou o relogio: — duas horas precisas. Ergueu-se n'um prurido de impaciencia. Começou medindo a casa em passos largos, a todo o comprimento. Ia d'uma das portas da saccada, pelo corredor adeante, a direito, até ao extremo da sala de jantar, e voltava ao ponto de partida. Depois que fêz trez vêzes este passeio, affastou o *store* ligeiramente com a mão, a interrogar a rua... Scintillavam os olhos, e sôb a lingua crescia-lhe um excreto guloso de saliva. — Mas qué arrelia! Nem uma nesga se via de calçada!... — O pavimento da varanda projectava-se sobre o primeiro andar fronteiro. Continuou então o passeio, e a cada trez voltas, invariavelmente, volvia a arredar o *store*, para vêr... na casa da frente as volutas d'uma parreira e a gymnastica adunca d'um papagaio.

De quando em quando, parava a collar o ouvido contra a porta da escada. Meia hora passou assim... — Se o cachorro faltava!? — Ao pensar isto, interrompeu brusco o passeio e uma onda de sangue lhe tumultuou no cerebro, congestivamente. — Era o mais certo... — commentou descoroçoado, raivoso; e recomeçou a passeiar, com o mar nos ouvidos, vermelho, tonto, agitando os braços n'um vaivem de cholera.

N'isto, um espatinar surdo de pés descalços

vinha crescendo na escada, vagarosamente. Duas pancaditas tremidas na porta... Era o rapaz!

Então, ao têl-o ali bem vivo e bem completo, o barão sentiu-se illuminar todo n'uma exultação immensa, ao passo que o amollecia uma frescura de allivio; como se os seus nervos tivessem amansado de repente e lhe normalisasse agora o temperamento uma tonalidade tranquilla. Estava alegre, mas senhor de si, calmo; parecia indifferente. E todavia a excitação não amainára; accendêra-se mais, ao contrario. Mas a certeza, a evidencia na posse do prazer proximo operára o derramamento da sua ideopathia luxuriosa n'um doce equilibrio de distribuição per todo o corpo, dando uma impressão serena e mansa de conjuncto. Disse-lhe, pois, naturalmente:

— Já cuidava que não vinhas.

E como o ephebo se amarfanhasse timido junto da porta, cosido á hombreira, cabisbaixo, o *bonnet* d'alpaca torturado entre as mãos: — Está á tua vontade... — accrescentou.

O rapaz, perturbado por esta insistencia de attenção na sua pessôa, expirou um monosyllabo intraduzivel. O barão estudava-o, media-o de longe, com enthusiasmos de artista.

— Olha para mim, — pediu-lhe.

O rapaz mal ergueu os olhos, coçando a cabeça, sorrindo contrafeito; e relanceou-os logo obliquamente, n'uma visagem desconfiada, a todo o comprimento do corredor ao lado. A isto, o barão aproximou-se, e familiarmente, descançando-lhe o braço sobre o hombro, fel-o correr a casa toda, a mostrar-lhe que não havia lá mais ninguem.

— Estás agora descançado?

— Estou, sim, meu senhor.

— Bem! — E tomando-lhe a mão, carinhosa-

mente: — Anda cá... — Levou-o para junto do canapé, sentou-se e poz-lhe entre os joelhos, pondo-se a contemplar, a beber amorosamente, n'uma expansão febril de concupiscencia, aquelle maltrapilho adventicio das ruas, que permanecia de pé, vagamente assustado, aturdido, estupido, mas ainda assim com um leve traço de malicia, a apontar-lhe no rosto lascarino.

Vestia um pedaço de jaqueta de casimira castanha, pendendo das costuras em farrapos, incodeada, lustrosa, ignobil; e um collete larguissimo de lã, que fôra azul-claro e agora era cinzento-sujo, sem botões, sobreposto na cinta, paradoxalmente engelhado, preso por uma correia de fivella, que servia tambem para segurar as calças, de cotim em xadrez miudinho, talhadas á *faia*, afuniladas, cerces, a trama esfiada e lassa mantendo-se n'um prodigio de resistencia, n'um joelho um rasgão fechado por um alfinete, e incrustações altas de lama nas aberturas farpadas.

O barão, vestido no Catarro, perfumado, correcto, limpo, saboreava um requinte supremo de luxuria n'aquelle abandalhar-se ao contacto da infima porcaria. Soffria o aviltamento da sua diathese aberrativa. Com os longos dedos tremulos apalpava, afagava, corria demoradamente aquelle sordido personagem, cuja refractaria immundicie largava a mesma aspereza crassa que nos deixa na mão o correr do pello a um cão vadio. Por fim, foi ao trapo ingordurado e negro que o rapaz trazia a fazer de camisa, e quiz despregar o alfinete que lh'o cingia ao pescoço. Mas logo o ephebo, acudindo tambem com a mão e córando:

— Deixe estar...

— Tolo! — insistiu a meia voz o barão, teimando. E abriu-lhe a camisa, que deixou vêr um collo

alvo, carnudo, cheio, de gordos peitoraes amplos, saltantes, e d'uma bella côr baça, velludosa e macia, como de fructo que amadura.

O barão inflammou-se. Um calor de brasa mal apagada subia-lhe aos olhos, mordia-lhe sôb a epiderme, latejava-lhe nas pontas dos dedos, tumultuariamente... Colheu, espremeu com furia um dos refêgos d'esse peito apollineo, e cravou-lhe um beijo sofrego, ardente, barbaro, um d'estes beijos decisivos, formaes que despertam um amor incondicional ou uma inimizade eterna, beijo em que elle estillára toda a ancia da sua alma, e que era a synthese das suas turbulencias fataes de sodomita.

Aquella carne oleosa e suja, para quem a agua fôra sempre um mytho, deu-lhe uma gustação salgada, que o estonteou. — Despe-te lá! — ordenou, largando o ephebo e erguendo-se n'um impeto irresistivel. O rapaz, sinceramente invergonhado, recusava-se; mas o barão, imperioso, breve, sacudido, todo vibrante na tyrannia d'um d'estes desejos cegos que levam ás maiores audacias, insistiu. Elle mesmo lhe desafivelou a correia, para o obrigar. Então o rapaz, vergando segunda vêz ao imperio d'aquella tenacidade de aço, obedeceu; e aborrecido, resignado, confuso por aquelle vexame de exhibição da sua miseria repellente e inilludivel, começou despindo os andrajos, que cada empuxão mais dilacerava, e atirando-os uns após outros, amarfanhados em rodilha, para traz do bastidor.

Quando o viu nu inteiramente, disse-lhe o barão:

— Põe-te em cima d'aquelle estrado... Anda! — O rapaz subiu, sem perceber nada, começando a desconfiar que caíra nas mãos d'um doido. — Põe-

te direito... Assim... As pernas bem unidas... Dobra um pouco a perna direita... joelho para dentro. — N'uma passividade idiota, o rapaz obedecia. — Agora está bem!... Perfeito.

E toca de ir sentar-se-lhe na frente, a distancia, a cavallo n'uma cadeira, debruçado, o queixo fincado nos braços assentes sobre o espaldar, concentrado n'uma alta contemplação de esculptor estudando o modelo que vae reproduzir. A cada segundo de exame, o enthusiasmo e o prazer cresciam. — Admiravel! admiravel!... — exclamou n'um flammejo de extasi. — Finalmente!... Não te mexas! — N'um relampago arrastou a mesinha de pé de gallo para o meio da casa, trouxe papel e lapis d'uma gaveta, e sentou-se a copiar a formosa figura que tinha deante de si.

O rapaz vestia com effeito uma plastica opulenta e firme de marmore antigo. Devia ter 16 annos, a julgar pola indecisão do buço e polo frouxel topazino da sua virilidade, mal apontando ainda. A luz dava-lhe a tres quartos, uniforme, pacifica, suave, destacando do bastidor o seu bello tôrso flexuoso e forte. Um cabello curto, abundante, sêcco, todo revolto em crespos do estylo grego mais puro, corôava-lhe a cabeça, d'uma oval harmoniosissima, cujas faces pomejavam sangue, e cuja extensa e energica linha de sobrancelhas, cobrindo uns longos olhos rasgados em amendoa, com o brilho do *onyx* na sombra dos grandes cilios, fartos e sedosos, mais idealmente fina tornava a terminação da barba, picada, como um fructo tocado d'um passaro, por uma covinha côr de rosa. A epiderme, aspera e trigueira das intemperies, passava cruamente, da gargalheira torrada e negra da base do pescoço, a amaciar sobre o thorax n'um branco lacteo, pastoso e cheio, que pelos antebra-

ços descia adelgaçando e esbatendo-se até um azul tenro e diaphano de porcelana, cortado bruscamente nos pulsos por um outro circulo queimado. Depois, na região abdominal, a côr bistrava ao de leve, gradativamente; sobre as columnas das côxas altas e redondas reapparecia o branco luminoso e macio, mordido por um formigueiro de sangue, abundante e vermelho; uma rugosidade escura enfarroscava os joelhos: d'ahi para baixo, duas finas linhas lustrosas e brilhantes definiam a aresta das tibias; e logo a pelle tornava a asperizar-se e a queimar-se, n'uma abundancia de côr nojosamente progressiva, feita de cieiro e de surro, terminando n'uns pés enormes, sordidos, gretados, negros de todas as escoriações e todas as immundicies.

— Não te mexas! — repetia o barão, todo na copia, delirando. — Finalmente!

E' que este rapaz viéra trazer-lhe a particularidade anatomica que o barão procurava ha muito, afincadamente, com a tenacidade mansa dos lymphaticos: — um comprimento exaggerado de femur, uma distancia relativamente grande entre a região pubica e o joelho. Isto devia dar ao corpo um ar elançado e leve, um alongamento gracioso, um afinamento supremo de elegancia, delicioso á retina d'um artista. O barão morria por vêr com os seus olhos, uma só vêz que fôsse, esta particularidade realizada. Em telas, gravuras, marmores, estava farto de a observar; mas queria incontral-a no dominio da natureza, flagrante, palpavel, viva. Por isso havia annos que corria pertinazmente em cata do seu capricho. Dezenas de rapazes, de mulheres, de rapariguitas mesmo, tinham vindo áquella casa poisar perante a sua obstinação doentia. Perscrutinava elle na rua uma mulher

facil ou um garoto complacente, que lhe parecêsse deviam ter aquelle desvio anatomico?... Não os largava emquanto não conseguisse, a impulso de astucia e de dinheiro, conduzil-os á rua da Rosa e analysar-lhes a nudez.

Mas a realização da sua phantasia era por extremo difficil n'este nosso paiz de atarracados. Lá nas extensas regiões planas, per onde o corpo segue direito, e onde portanto a funcção locomotora se exercita desembaraçada e leve, n'uma mediocridade inalteravel de exforço e n'uma egualdade sóbria de movimentos, que as leis do equilibrio não obrigam geralmente a exceder, ser-lhe-hia facil surprehender essa expansão vertical, tão idealmente apuradora da figura humana. Já não assim nas agruras das nossas terras montanhosas, em que o pé tem de ser garra, e em que a tyrannia dos bruscos e altos desniveis derreia a espinha e reteza os musculos em contracções violentas, tendo por consequencia a espessidão e o incurtamento dos ossos em que se apoiam.

Tambem, de ha muito que o barão porfiava no seu sonho, sempre sem resultado. A vehemencia d'este desejo irrealizado enkistára mesmo n'uma fixidez sinistra de mania. Referia-lhe incondicionalmente as suas relações todas com o mundo exterior. Ao primeiro incarar com um desconhecido, o seu olhar baixava logo instinctivamente, n'uma avidez sombria, a medir-lhe as relações de comprimento entre o tronco e os membros inferiores. Quando vira na vespera o rapaz que lhe pedia a senha, relanceou-o logo... pareceu-lhe que elle devia corporisar excellentemente a sua idea. D'ahi aquelle fervoroso empenho em trazel-o a este exame extravagante. E, — finalmente! acertára d'esta vêz.

Mas a copia levava tempo. O rapaz impacienta-

va-se. Não saía bem o desenho, embrulhavam-se os traços... A hyperesthesia sensual, que cumulativamente com a obsessão artistica trabalhava o barão, começára a preponderar. O appetite carnal cresceu, irreprimivel. N'um dado momento, parou a olhar o modelo, com a pupilla empanada, o lapis caíu-lhe dos dedos tremulos, as maxillas oscillaram-lhe n'um geito de carnivoro, e então foi tomar o ephebo nos braços e refugiou-se com elle na penumbra da alcôva...

Uma hora depois, o barão, vagaroso, lasso, n'este abandono que nos adormenta os nervos, que um largo dispendio de goso extenuou, dizia para o ephebo, que acorreiava o colete e as calças, atrabalhoado:

— E gostas d'esse modo de vida?

— Não desgosto.

— Vender jornaes e cautellas... Pobre rapaz!

— E' reinadio, — commentou o ephebo n'um encolher de hombros despreoccupado e alegre. — Farta-se a gente de berrar.

— A policia conhece-te?

— Já fui preso uma vêz... — respondeu baixando os olhos.

— Porquê?

— Não tinha feito mal nenhum!... Foi d'uma vêz que deitaram a rêde á gatunagem.

— E então é bonito isso?

— Ora adeus!... Eu não tinha roubado nada a ninguem.

— Nunca tivéste fome?

— A's vêzes tenho... mas tenho tambem a minha liberdade, que vale mais que pão! — affirmou convicto o garoto, n'um aprumo altivo.

— Mas eu já te disse... Continuas na tua li-

berdade e não tornas a ter fome, querendo ficar por minha conta.

— O senhor está a mangar... — insinuou a meia voz o lascarino, abrindo a expressão n'um sorriso malicioso de suspeita.

— Ficas n'esta casa e tens dez tostões por dia... Que mais queres?

E como a desconfiança acabasse de accentuar-se obliqua, fria, quasi hostil, nas feições do rapaz: — Desconfias?... E' natural; não me conheces... Ora, já que sabes lêr, lê lá. — E, tirando da carteira um bilhete de visita, o barão estendeu-o ao rapaz.

Sobre um — *Barão de Lavos* — descripto em cursivo largo e elegante, reluzia a miniatura d'um symbolo heraldico, polychromada em relevo com rara perfeição. Escudo bipartido. A metade da direita esquartelada, tendo no primeiro e ultimo quartel as armas reaes com um filete em contrabanda, e no segundo e terceiro, em campo de prata, um mantel sanguinho com um castello de oiro, entre dois leões sanguinhos batalhantes; tudo cingido n'uma finissima orla, composta de dezeseis peças, oito de oiro lisas e oito de azul, cada uma com sua vieira de prata. — Era o escudo dos Noronhas, precioso tronco de que derivavam os condes de Valladares, Arcozello e Paraty, e os marquezes de Angeja. — Na metade esquerda do escudo brilhavam as armas dos Castros, — seis arruellas de azul, em duas pallas, em campo de prata. Da corôa do timbre nascia, arrogante e minusculoso, um leão sanguinho.

O rapaz ficou deslumbrado. Evidentemente, estava tratando com um alto personagem! Fidalgo e rico, não havia duvida. — Deixar de farofias... era aproveitar, antes que outro o fizésse. Bagui-

nho e bôa vida, vinha do céu! — E o malandrete, com o olhar hypnotisado na pinturilagem do escudo, baixou o pescoço em signal de submissão.

O barão tornou:

— Que dizes?

— Estou por o que o senhor quizer.

Então o barão, aboccando um tubo acustico pendente ao lado da cama, chamou para baixo. D'ahi a minutos, entrava uma figura inexpressiva e reles de velha alcoviteira, corcunda e gottosa, os olhos sumidos na papugem flaccida das palpebras garatujadas de pés de gallinha ao infinito, um sorriso perpetuo stereotypado nos labios negros, as mãos cruzadas em aspa debaixo do avental. Era a mulher do dono do *bric-à-brac* da loja. Tinha a seu cargo a conservação e arranjo da casa alugada polo barão, que lhe disse, apenas ella entrou:

— Ouviu, sr.ª Anna?... De hoje em deante este rapaz fica a morar n'esta casa.

— Sim, sr. barão.

— A sr.ª cumpre as ordens d'elle como se fôsse eu que lh'as désse.

— Sim, sr. barão.

E logo este, colhendo o rapaz a um lado, a meia voz:

— Tomáste sentido?... E' a tua creada... Pódes combinar com ella para te fazer a comida. Toma lá, para os primeiros dias. — Metteu-lhe na mão duas moedas de oiro; depois concluiu: — E, primeiro que tudo, tens ahi agua, côco e sabão... lavado, muito bem lavado, hein!... Amanhã iremos ao alfayate. Até amanhã.

Quando passou pela frente da sr.ª Anna, que que lhe fôra abrir a porta, recommendou ainda:

— Sirva-m'o e trate-m'o bem, — veja lá!

—O menino fica a meu cuidado; vá descançado, sr. barão.

O pederasta desceu rapido a escada, leve d'esta alegria ephemera que segue de perto a satisfação d'um capricho. Mas em baixo, á porta, a luz forte do exterior cegou-o, accendeu-lhe n'um clarão doloroso a consciencia... Então invadiu-o uma impressão de cobardia e de desgosto, caiu na phase do tedio, e foi seguindo pela rua estrangulada e suja a que uma faxa límpida de azul fazia tampa, medroso, triste, quasi arrependido, inquieto, a malucar em mil preoccupações funestas que o seu hypochondrismo desatára a suggerir-lhe.

IV

Quando os barões de Lavos entraram na sala dos seus amigos Paradellas, — rua de S. Filippe Nery, — um silencio de troça reprimida immobilisava os intimos d'aquella noite em volta a uma pequena mesa, em que o coronel Militão se sentára a escrever. Apenas presentiu a sua querida amiga, D. Leonor correu a abraçal-a, toda effusiva e alegre.

— Chegas na melhor occasião! — segredou-lhe logo que trocaram o ultimo beijo. — O coronel está-me escrevendo uma poesia no album.

— Oh! que bom! — commentou D. Elvira, com uma faula escarninha a camalear-lhe o ambar dos olhos translucidos.

— Para estros como aquelle é que os albuns fôram inventados, — disse o barão, ironico. — Está bem.

— Anda vêr, — tornou D. Leonor para a amiga, impaciente; e conduziu-a, n'um enlace affectuoso de cintura, para junto do grupo que rodeava o coronel.

Todos se voltaram, a comprimentar os recemvindos; só o coronel se não mexeu. Com o cotevelo esquerdo firmado sobre a mesa e a mão rodilhando a pêra luzidía e negra, n'uma abstracção romantica de poeta que arma o laço a um verso rebelde; os olhos contraídos e erguidos n'um gesto pedante de preciosa elaboração interior; e a mão direita, de penna inclavinhada, immovel, implorando que alguma coisa descêsse para ser escripta, o bom do velho, cheio de si, n'uma aureola de gloria, sorridente, realizava um d'estes typos immensamente patuscos de cretinos que se julgam genios, e de cuja desoppilativa assistencia anda a sociedade tão rica, para bem de quantos não pódem ir a Arcachon ou a Vidago desingrossar humores... Tinha mais de 60 annos; bastava para confirmal-o a patente que alcançára no exercito. No descalabro marcial do rosto, caparrosado e flaccido, papejando ingelhado e molle aos lados das maxillas, negrejava, n'um destaque ridiculo de fazer dó, a mocidade artificial das sobrancelhas ramalhudas e do espesso bigode, lustroso, ingraxado, caracolado nas pontas por escamas de cêra. O cabello, raro, mas povoando-lhe ainda toda a cabeça, egualmente lustroso, côr de crina, formava ao alto da testa uma poupa gallinacea e empastava-se depois sobre o craneo n'uma adherencia lambida e crassa de pomadas, apartado por uma grande risca, que seguia do temporal esquerdo, alinhada como um pelotão, irreprehensivel, larga, a perder-se, transposta a nuca, na fimbria do collarinho.

—Como estás, minha filha?—disse para D. Elvira a mãe, esculdrinhando com olho amoroso a baroneza.

—Bem, e a mamã?—respondeu a baronezi-

ta, chamando á expressão a mais branca e mimada alegria.

— Quiz vir per tua casa; mas tua irmã, — não imaginas! — hoje não acabava de se vestir!... Cada vêz mais tolêta... Tu em solteira não eras assim.

— Crédo! Tambem a mamã agora deu em embirrar comigo! — acudiu, a fazer beicinho, a Julita, pequenina e redonda como Elvira, mas trigueira, inflammada, forte. E logo, ao ouvido da irmã: — É que o Frederico tinha-me ido fallar hoje, — sabes? — e custava-me despedil-o.

Estavam mais n'aquella sala fresca e simples, — de papel doirado, alcatifa em cornucopias, mobilia trivial de mogno, piano vertical, lustre de pingentes, damasco vermelho no sophá, nos *fauteuils* e nos reposteiros: a sr.ª Reodades, viuva d'um desembargador, biliosa e hydropica, de bigode, uma grande verruga a um lado com um pincel de cabello; uma filha d'esta grave matrona, que vinha a ser a joven e escanifrada D. Aurelia, uma das meninas mais prendadas do sitio, pois bordava a fróco, pintava pratos, cantava per casas particulares e versejava no *Almanak de Lembranças;* um estudantinho da Polytechnica, abrejeirado, caspento e verde, com olheiras; a sr.ª D. Placida do Rio, espadanando em sêdas berrantes, viuva inconsolavel d'um banqueiro honrado; um soberbo e sympathico homem, o sr. Alipio Vieira, de hombros largos, moreno, bem plantado, insinuante, ser mysterioso e assucarado, sem modo de vida certo, sem domicilio conhecido, abotoado sempre n'uma impeccavel correcção de diplomata; e que as más linguas diziam viver de complacencias junto da inconsolavel D. Placida; Henrique Paradella; Ignacio Migueis; o barão de Lavos; e

a filhita mais velha dos donos da casa, de 6 annos apenas, mas já cordata, ponderada, séria, compondo gestos, medindo palavras, observando as *toilettes*, toda a vivêza e turbulencia mortas n'esta precocidade pretenciosa e doentia que fórma a base da educação das creanças em Lisbôa.

Como o coronel não desatasse do improviso, D. Leonor e D. Elvira acercaram-se d'elle, troçando amigaveis:

— O' coronel, falta-lhe hoje a veia, que vergonha!

— Prompto, prompto, minhas senhoras! — explodiu elle n'uma radiação de triumpho.

Acercaram-se todos.

— Oiçam, oiçam.

Então o coronel escreveu a correr um ultimo verso, ergueu-se, endireitou-se, incavallou a luneta na base do nariz, chegou da luz o album, afastado a todo o comprimento dos braços, tossicou, e leu alto esta quadra:

Co'a noite o amor vem e cresce
E as almas junta e inebria,
Depois timido se esvanece
Quando açuma a luz do dia.

Um côro endiabrado de gargalhadas acolheu a parturição grotesca d'aquelle cerebro avariado.

— Bravo, coronel, muito bem! — E' madrigalesca, maganão! — E maliciosa, vamos lá!... — Sabe a pouco, é o defeito que tem. — Parece-me que o terceiro verso está errado, — criticou a meia voz para a mãe a linear D. Aurelia, cuja bocca enorme, sem mucosa labial, fendida em costura, descaída, fina, parecia estirada ao peso do corpo, como um rasgão de farrapo espetado ao alto d'um

pau nas cearas, para espantalho. E a mãe apoiou: — E' um idiota! — emquanto o bom do homem, derretido e grato, de gravata incarnada, sobrecasaca preta, calça de panno fino, larga, embalonada, caíndo em refêgo sobre as esporas, e qualquer coisa de coiraçado e cingido como um espartilho a definir-lhe o abdomen e a quebrar-lhe a cinta sobre os quadris, balbuciava n'uma oppressão de modestia, as bretoejas rosaceas da testa volumosas e rôxas da commoção:

— O' minhas senhoras, confundem-me!... Eu não sou poeta... Apenas um simples geitoso.

Entrava ao tempo, dandynante, viçoso e fresco, todo n'uma preoccupação barulhenta de ser notado, o formoso Xavier da Camara, — pastinhas á *petit-crevet*, monoculo, polainas, e uma enorme *gardenia*, que parecia talhada em jaspe, brilhando na botoeira do fraque verde, muito curto, de botões de madreperola. Era a figura dominante do *sport* lisboeta, o estalão da moda para os marialvas, o galanteador mais afortunado dos salões.

— Que bello ar de festa aqui vae hoje! — exclamou logo; depois, comprimentando a dona da casa: — Felicito-a, minha senhora... Polo que vejo, trata-se de corôar de loiros o nosso coronel... Pois vem-me *tout à souhait* o ensejo; ha muito que eu ardo no empenho de lhe fazer tambem *un petit bout* de apotheose. — E, sacudindo muito a mão do coronel, com o pé esquerdo leve e o corpo todo cambando á direita, n'um exaggero pretencioso: — Parabens, coronel, parabens!

Entretanto a baroneza, levemente afogueada, levava-lhe obsequiosamente o album aberto e convidava:

— Pois não é bonito?... Leia.

Ao que Xavier, depois de lêr, deixando caír o monoculo e alongando a bocca, sibyllino:

—Com franqueza, minha senhora, é uma sem-saboria *doublée* d'uma tolice... Nem admira. D'aquelle bestunto não póde saír nada de geito... — E concluiu baixo: —nem mesmo que fôsse inspirado por vosselencia!

E logo, rodando para junto do marido:

—Diga-me, barão, as lições de esgrima têem continuado?

—Ainda ante-hontem. Mas, —coisa exquisita! —a cada assalto sinto sempre uma vaga impressão de dôr no baixo ventre, como se o caso fosse a valer.

—Ah! não se admire. Dá-se isso com quasi toda a gente... Comigo não! Porêm succedia a *La Boessière;* e *Henri quatre* queixava-se sempre do mesmo, ao ter que entrar em batalha.

—Olha lá, ó Xavier, —interveio aqui Henrique Paradella, —tu que intendes de armas... Comprei hontem uns floretes que me parecem magnificos. Quero que me digas que taes os achas.

E o Xavier, com um ar superior:

—*Laissez-moi voir ça.*

—Vou-t'os buscar, —annuiu Henrique. —As senhoras dão licença... não têem mêdo. —D'ahi a momentos, entrava com um bello par de laminas, elasticas, lampejantes, frias. —O Imberton disse-me que eram uma especialidade.

—*A quoi donc?* —tornou Xavier, com um desdem impertinente. Examinou vagaroso os floretes, tacteando-lhes o grão, flectindo-os contra a alcatifa, ensaiando a cravação dos punhos, fazendo-os varejar o espaço em saccões fulgurantes, rapidos, silvantes; e, ao cabo: —Com effeito... não são maus.

Então poisou-os sobre uma cadeira, e sentando-se como por acaso ao lado da baronezita:

— Bom de lei, — sabem? — é aquelle *rewolver Warnant* em que outro dia lhes fallei. Tirei-lhe hoje a prova real. Não deixa de ser interessante... Imaginem! — acrescentou com intimativa, de punhos sobre o joelho e braços em parenthesis, a prender a attenção. — Tinha ido á Cruz do Taboado, vêr uns cavallos novos que o Instituto adquiriu. O dia estava convidativo: fui a pé. Ao saír, vinha do Matadoiro um sujeito com um grande *bull-dog* ao lado... Sem mais, nem mais, a fera avança para mim e fila-me!... Bem o chamava, bem berrava o dono!... O scelerado não largava, sacudia-me com raiva as calças, até que as rasgou! Por fortuna escapou o *mollet*... Eu então, furioso, deito-lhe esta mão á colleira, sacco do *rewolver*, aponto-lh'o á cabeça, entre os olhos... bem berrava o dono!... e ferro-lhe quatro tiros symetricos... O mollosso caíu.

— E o dono? — acudiram n'um côro interessado as senhoras.

— Já não berrava.

— Não exigiu uma indemnisação?... — Não perdeu a cabeça?

— Qual!... Chamou simplesmente um gallego que lhe levasse o cadaver do animal... naturalmente para mandar embalsamar.

— Que imprudencia! — reprehendeu cordeal D. Elvira, com um pique de calor na face e a anastomose das veiasitas a ingrossar, muito azulada.

E o sonso do Alipio Vieira, que se escoára para um vão de janella com a inconsolavel D. Placida, commentou entre dentes:

— Cada vêz mais *pãosinho!*

D. Leonor tinha-se aproximado do piano com

D. Aurelia. A esquirolenta menina ia cantar. Compôz na estante a musica, pigarrou, trocou duas palavras de combinação com D. Leonor, que era quem ia acompanhar, passou o lenço pela bocca, e desfiou chorosamente uma *romanza* sentimental e desgrenhada, em que o hysterismo plangente da amante abandonada lamuriava no rosario habitual de notas mugidas com emphase e vibrava nos trillos consagrados invariavelmente para o fecho das cadencias. A transparente creatura gemia todo aquelle idealismo obsceno compenetradamente, como se a heroina do caso fôsse ella, cujos tristes 22 annos sangravam feridos de amarissimas desillusões de amor. A sua voz aguda de soprano tinha accentos da mais pungente eloquencia, e as notas saiam-lhe da larynge, que um excesso de salivação emperrava, como que engrossadas de lagrimas, asperas, molhadas.

A mãe, a sr.ª Reodades, sentada mesmo ao lado do piano, bojuda e enorme, revia-se na filha e ia marcando o compasso com a cabeça, emquanto uma deliciosa mimica de applauso lhe dançava no rosto côr de cêra derretida. Ignacio Migueis, em pé ao meio da casa, radioso, gordachudo, mãos sustendo o abdomen, cerrava os olhos gulosamente, n'uma beatitude alvar. O estudantinho da Polytechnica, lascivo até ao casco, verde, cabisbaixo, crivava a D. Julita de miradas supplicantes. Os mais ouviam graves, mudos, n'uma complacencia indifferente.

Depois das palmas do estylo, no final do canto, dizia D. Elvira para o coronel, que agora occupava junto d'ella a cadeira deixada por Xavier da Camara:

—Ouviu, coronel?... olhe que o meu album

não é menos que o da Leonor. Quero tambem uns versos.

— Ó baroneza! isso é uma honra com que não póde o meu estro balbuciante... — contrariou Militão, inclinando-se, todo baboso.

— É um homem feliz este coronel! — disse D. Leonor, que veio sentar-se junto dos dois. — Ainda relativamente moço, n'uma posição tão bonita...

— Querido das damas... — atalhou D. Elvira.

— Cheio de medalhas... ajundante de campo d'el-rei... com uns poucos de creados para o servirem de graça...

— O que nós chamamos *impedidos*?

— Não só esses, mas todo o regimento, não é assim?... São tudo seus creados... Oh! deve ser um regalo! mandar em centenas de homens, fazel-os mover todos a um tempo, como machinas!... Eu, se fôsse homem, não queria outra honra, não ambicionava melhor posição.

— Ora, minha senhora, presta lá p'ra nada!... É massador. Dão muito que fazer: são maus, manhosos. Tudo caras barbadas, — acrescentou, na intenção de ser amavel. — Se os regimentos fôssem de senhoras, isso é que era delicioso!... Olhe, sabe, D. Leonor?... se eu commandasse um regimento de senhoras e vosselencia tivésse praça n'elle, nomeava-a logo... minha *impedida!*

Novo côro de gargalhadas festejou este galanteio do coronel, emquanto Henrique Paradella, vexado da audacia, mordia o beiço para o lado, e D. Leonor córava até á raiz dos cabellos. Ella era uma d'estas mulheres acanhadas e discretas, de intelligencia mediocre e alma equilibrada, a quem a menor notoriedade assusta e o anormal, o extravagante escandalisam; mulheres sem vaidade, sem ambições, sem desvarios, fadadas para

vegetar apagadamente no segundo plano da Vida, e cuja exclusiva preoccupação, cujo ideal supremo é o cumprimento rigoroso, stricto do Dever.

Para a desaffrontar do embaraço evidente, D. Elvira segredou-lhe, acotovelando-a com disfarce, a derivar:

—Não vês?... Lá está a viuva ao canto, agarrada ao Vieira, sem dar importancia nenhuma aos mais... Não sabes o que se diz d'elles?

—Sei filha, sei, mas não acredito. É uma bôa gente, deixa fallar,—respondeu com a mais generosa segurança D. Leonor, um divino ar de bondade ingenua e confiante a adoçar-lhe a candidez immaculada dos olhos castanhos, feitos de calma e de virtude.—Ella tem um viver irreprehensivel, garanto-te; apenas faz o possivel por mitigar um pouco as saudades do marido, a quem amava loucamente. Querias que a pobre senhora ficasse toda a vida encerrada no seu quarto, a chorar e a arrepellar-se?

—Pois sim, mas elle?... e então elle de que vive?

—É commissario de vinhos agora, e agente de consignações.

—Estás a brincar...

—Palavra! Tem até escriptorio na rua dos Fanqueiros. Diz meu marido.

Do grupo de homens que rodeavam, junto á porta da saleta do fumo, o coronel, destacou muito exhibitivo Xavier da Camara, e, sentando-se novamente ao lado da baroneza:

—Não a vi no beneficio da Rey Balla, minha senhora. Esteve doente?

—Não, felizmente... nem eu, nem ninguem dos meus; mas fazia annos meu pae. Fui passar o dia e a noite com elle, e cedi a frisa ás Pachecos.

— Afinal não perdeu nada. A beneficiada sentia-se rouca, e o Junca tambem não estava nos seus dias. — E acrescentou, todo curvo para a baroneza, n'um suspiro mal reprimido: — O unico que perdeu, fui eu...

— O senhor!? — exclamou a baronezita com uma simulação *coquette* de espanto.

— Eu sim, minha senhora... Tinha quasi como certo vêr vosselencia aquella noite, ali, branca e rosada na sua frisa, respondendo amavel á minha saudação e dominando, como sempre, a sala, toda rendida ao prestigio da sua incantadora formosura!

— Lisongeiro!... Se assim gosta de me vêr, porque nos não visita? S. Christovão assim é longe?... Recebemos todas as tardes, — bem sabe.

— Faz sua differença. Isto de vêrmos a mulher, que nos captiva, no recinto acanhado d'uma sala, apertados no formulario da etiqueta, sôb o olhar espertalhotão e malicioso das outras visitas, *c'est un supplice navrant*, compromettedor atroz! — E, como D. Leonor se tivésse levantado, para ir pedir á Julita que tocasse o *Nocturno* de Chopin: — Não assim na amplidão anonyma d'um theatro, onde cada um póde entregar-se *sans contrainte*, sem receio de comprometter nem de ser surprehendido, á contemplação muda e ardente do anjo que o fascina porque realiza o seu ideal sonhado e appetecido!

Assim, o patife proseguiu colhendo na rhetorica do galanteio as flôres mais inflammadas, cuja venenosa essencia D. Elvira aspirava sofregamente, com a face afogueada, os labios tremulos e os olhos humidos de commoção. O barão, de longe, no grupo dos homens, observava a scena, desconfiado, tôrvo. Gradualmente o ciume regrou-lhe a

testa, os olhos caliginaram-se-lhe, e os dedos longos e nodosos dobraram-se e premiram-se contra a palma da mão, n'uma furia nervosa de bater. A um claro da sua imprudencia, a baroneza deu de olhos n'elle; então teve medo, e corrigiu logo a expressão e attitude, abrindo ao mesmo tempo o leque e piparotando as prégas do vestido a dissimular. O galanteador, a este jogo, percebeu e conteve-se.

A Julia veio ter com a irmã, a dizer-lhe:

—Vou tocar, e vae ser uma vergonha! Estou tão nervosa!... O mafarrico do Mendonça em toda a noite ainda não deixou de olhar para mim!— E logo o Camara aproveitou para levantar-se e ir enfiar o braço no do barão, a explicar-lhe com a mais cynica naturalidade:

— Sua esposa esteve-se informando largamente do beneficio da Rey Balla. Como não foi...—O barão teve um rugido surdo de cholera e afastou do tronco o braço, de modo a fazer caír o de Xavier da Camara. Este, porêm, imperturbavel:— Como não foi...—repetiu.

—É natural a curiosidade, e nem ella podia ter escolhido mais condescendente informador...— conseguiu dizer o barão, mascarando a sua cholera n'um tom frio de ironia. A baroneza espiava-os, branca de susto.

—Obrigado, barão!... Mas não esteve grande coisa aquillo. Que o diga aqui o Alipio, que ficou mesmo ao meu lado.

—O quê?—perguntou o mellifluo personagem, que em attenção ás conveniencias tinha deixado um pouco a viuva.

—S. Carlos, na terça-feira.

—Ah!... illudiu a espectativa. Nenhum dos cantores estava em voz, a não ser o Mongini. Os

córos desafinados. E então a comparsaria muito fóra da ordem.

É verdade, é verdade!

— Lembras-te, no 2.º acto, aquellas tres coristas que entraram antes de tempo, a saracotearem-se, todas pandegas, como se viessem fazendo uma grande figura?

— Tal qual!... Eu até disse para o Pêgo, o meu grande companheiro de bohemia: olha, lá vêem a *marqueza d'Almada, a condessa dos Camarões* e a *Pavôa!*

E, radiante por ter feito tanto a pêllo esta graciosa referencia á trindade mais canalhamente em voga do *mundanismo* lisbôeta, Xavier da Camara deixou o barão com Alipio e aproximou-se de Ignacio Migueis, que sabia embirrava soberanamente com elle, para o arreliar.

— Meu charo Migueis, então já sabe? — vamos ter augmento de direitos sobre a importação das fazendas extrangeiras. E é muito bem intendido!

— Augmento!?... Oh! meu Deus! onde irá isto parar? — exclamou n'um desabafo de pacovia indignação o antigo negociante, que se tinha associado recentemente a duas das casas mais fortes de pannos da Baixa. — D'aqui a pouco, não ha quem possa sustentar aberta uma loja de mercador!

— Quebram todos?... Muito bem feito! Não tenho pena nenhuma! — E, com um olho insidioso: — Elles sabem quebrar a tempo...

Logo o oleoso burguez, com a calva rubra, formalisado:

— Não calumnie, sr. Camara, não calumnie! Quem está de fóra, falla bem... Creia que não ha vida peior... Eu que o diga, que ainda hoje lhe soffro as consequencias. — E curvava hypocrita-

mente o cachaço e baixava as palpebras, como para conter alguma lagrima de martyr, retardataria.

—Tenha paciencia, meu charo, eu acho bem.

—Ignacio Migueis aprumou-se de golpe e cravou no interlocutor uma olhada fula. O Camara proseguiu: —Pois não é assim?... Estamos a vestir carissimo.

—Se carregarem nos direitos, mais caro havemos de vestir.

—Nada, não póde ser!

—Não póde ser?... Homem, essa!... —insistiu com firmeza Ignacio. —Encarece o que viér de fóra, que hade ser menos, e encarecem os artigos nacionaes, que hão-de ter mais procura.

Xavier da Camara conheceu que estava a pique de sustentar uma tolice, e então salvou-se explanando com gesto dogmatico e altivo, n'um atabalhoamento palavroso de ignorante que se defende:

—E' que os srs. negociantes, com o pretexto dos direitos, estão ahi a impingir-nos fazendas nacionaes como extrangeiras, por um dinheirão!... Mas isto acaba!... Desde que augmente na pauta a taxa da importação dos artigos de vestuario, por forma que venha a tornar-se insignificante a entrada d'elles nos nossos mercados, já a gente depois sabe que se hade vestir com pannos da Covilhã e da Arrentella, e o commercio ha-de fornecel-os baratos e contentar-se com um lucro razoavel, quer queira, quer não. —E confirmou com ares de quem *bebia do fino*, sem se desconcertar: —O pensamento do governo é este... e é muito bom pensamento, e tem por si a opinião do paiz.

O tom superiormente convicto d'esta coarctada final resoou fundo na cornea intelligencia do velho

traficante, que interrogou, limpando o suor da calva, pallido, estarrecido:

— Mas então, sério, ha idea d'isso?

— Palavra! O briche nacional vae ser moda. A iniciativa parte da familia real. A rainha já não usa rendas senão de Vianna e de Peniche.

— Querem-nos levar a pelle! — impou Ignacio Migueis, todo em suores frios, com a voz afogada no internecimento cavo do desespero; emquanto o janota ia contar a Henrique Paradella, entre casquinadas de riso, os effeitos pathogenicos da sua pêta.

— Outra como esta, e o barão fica sem sogro.

Ao que Henrique Paradella, poisando-lhe a mão no hombro, protector e doce:

— Deixa-o lá.

Entretanto, D. Aurelia, a pedido, cantarolava um *tango*, cuja melopeia quebrada e dolente, carpida na sua voz pêrra e molhada de escrophulosa, perdia toda a dengue voluptuosidade characteristica para se arrastar n'um queixume dorido e funebre de epicedio.

Alipio Vieira tinha-se sentado, e afagava entre os joelhos a gentilita filha dos Paradellas, que gostava immenso d'elle e viéra incostar-se-lhe n'um abandono meigo, os longos anneis castanhos do cabello a afflorar-lhe a gola da sobrecasaca, a mão esquerda apoiada sobre uma perna, e a direita bedilhando com a pequenina cabeça de *biscuit* engastada n'uma concha, que elle trazia a adornar-lhe o plastrão côr de malva.

— Gostas d'esse alfinete... Queres que t'o offereça? — perguntou com accento mimado o Vieira, todo curvo para a creança, cujo cabello tocou ao de leve com os labios, sobre a testa.

— As senhoras não usam d'isto, — retorquiu

ella, grave, dando uma compostura pretenciosa ao corpo e retirando a mão.

—E então tu já és senhora, Emma?... —A pequena teve um sobrecenho de enfado. —Como vamos de lições?

—Ainda hoje tive optimo! —acudiu logo, com brio. —Tenho sempre optimo... E mais olhe que a *madame* não é para graças... Já ando em contas. —Ao participar este facto assignalavel da sua vida, a incantadora Emmasita curvou-se toda, de face ao alto e rins contra o braço do amigo, que incarou com orgulho. E demorou-se a fital-o, as mãos rodilhando agora na cadeia do relogio, o cabello pendendo solto, quasi a tocar na alcatifa, vertical, uma quebreira de ternura confiante a phosphorar-lhe na pupilla immaculada, e um sorriso sereno e candido esvoaçando vagamente na expressão ideal do rosto miudinho e fresco.

N'este alongamento do corpo, dobrado sobre o braço de Alipio Vieira, a barra do vestido subiu e deixou a descoberto uma ligeira porção de cóxa, no prolongamento da perna, egualmente nua, muito alongada e fina. Então o olhar do barão, que estava sentado junto dos dois, sentiu-se immediatamente solicitado por uma força irresistivel, fatal, involuntaria, e desceu, cauteloso, vesgo, sombrio, a comparar, a medir a relação de comprimento entre o tronco e os membros inferiores da pequenita, adoravelmente franzinos, molles, desgraciosos, mal escorçando-se ainda n'esta indecisão de forma peculiar das edades em que a funcção dominante do organismo é crescer, e cuja nudez sagrada tinha a vestil-a a castidade absoluta da innocencia.

—E quantas bonecas agora? —interrogou elle, chegando-se, com a vista hypnotisada sempre, con-

tra sua vontade, escravo do herpetismo que lhe fervia no sangue, sobre a carne froixa e nua da pequenita.

— Dei-as todas á mamã, a guardar... Agora aprendo inglez, — respondeu ella, outra vêz séria, endireitando-se e compondo o vestido, instinctivamente molestada pola insistencia de olhos do barão.

Mas n'isto veio o chá, e a apparição dos bolos desconcertou-a, fêz explosir as sofregas exigencias do seu paladar cortante de creança e do seu estomago digerindo rapido e bem. Com os olhos humidos e a face longa de guloseima, ella correu breve para a mãe, apontando determinados pratos dos taboleiros: — O' mamã, dê-me d'aquelles, sim?... — E D. Leonor, colhendo-lhe as mãos: — Espere, menina... Que modos são esses?!... Se começa a portar-se mal, vae-se deitar.

Xavier da Camara antecipou-se a servir a baroneza. E, como apanhasse ao lado d'ella uma cadeira devoluta, ensaiou reatar aquelle dialogo quente, minutos antes interrompido. Porêm a baroneza supplicou um: — Por amor de Deus! tenha juizo! — tão profundamente sensato e tão commovidamente cauto que o celebre *sportman* levantou-se e rodou largo, differindo para melhor ensejo a prosecução do bloqueio.

Ao mesmo tempo, o dono da casa servia D. Placida e dizia-lhe:

— Quasi estive hoje privado de passar mais esta bella noite na companhia de vosselencia e dos meus bons amigos.

— Sim?... Então?...

— Temos tido serões no ministerio... até ás 11 horas. De modo que pedi dispensa.

— Andou muito bem.

—Oh! o Estado não periga, só porque deixei de enfiar por umas horas a classica manga d'alpaca; e eu luerei immenso em a deixar por esta noite dobrada ao canto da gaveta. O meu egoismo, preferindo ao bastardo mazorra dos officios a palavra cordeal dos meus amigos, creio que é, a mais não poder ser, justificado.

—O nosso egoismo é que nunca lhe perdoaria, se faltasse... —contrariou amavel, erguendo o rosto para Henrique, a mirabolante viuva, em cujos oculos d'oiro scentelharam duas miniaturas muito nitidas do lustre da sala, accendidas pola mesma reverberação que incendiava n'uma phosphorescencia de alga as esmeraldas do grande pente de tartaruga, erguido como um diadema na soberba trança grisalha que n'um geito atheniense lhe corôava a cabeça.

Dentro, na casa do fumo:

—Sinto-me bem esta noite, sim senhores! —communicava o coronel aos homens, bebericando n'um copo de agua chalada.

—Podéra! —acudiu Alipio. —Com uma ovação como a que teve!

—Não é isso! —contestou Militão com um desdem superior. —É que esta manhã tivemos um trabalhão no quartel com aquelle caso, que veio nas folhas, d'um cabo que me esmurrou um primeiro sargento. Lêram?... O auto do corpo de delicto não tinha esclarecido bem a causa do crime. Levámos hoje o dia n'umas esmiuçadelas complicadas que nem seiscentos diabos. Fui jantar com dôres de cabeça. Mas, afinal, a coisa apurou-se. E foi o que eu suppuz desde o principio... O mariola do sargento andava mettido com uma amiga do cabo, e este, quando o soube...

— Ora! — interrompeu Xavier da Camara, — é o eterno *cherchez la femme*.

— Qual fama, nem meia fama! — corrigiu irritado o coronel. — Não era só a fama... — e rematou a meia voz: — Punha-se n'ella!

Custou immenso a conter a hilaridade aos circumstantes. O barão ferrou nos labios mordeduras de fazer sangue; Xavier da Camara valeu-se do lenço, fingindo que expectorava; Mendonça correu para o vão da janella, a chorar de riso; Alipio, que mastigava um *quake*, teve um spasmo violento de larynge, que lhe fêz jorrar com estrondo o chá pelo nariz e pela bocca, n'uma suffocação d'um comico irresistivel. Só Ignacio Migueis, de dedos no ar empolgando uma fatia, permanecia indignado, immovel, sem perceber.

Áquella esfusiada de troça, Henrique veio informar-se. E logo Alipio colleou para cerca da viuva, a trocar com ella versinhos das pastilhas.

Depois que as ultimas bandejas circularam sem que ninguem se utilisasse, o Mendonça, a pedido das senhoras, foi recitar. Em pé no topo da casa, mãos no espaldar da cadeira officiosamente chegada por Henrique Paradella, passada a dextra pela sua grenha, longa e impenetravel de vate romantico ou de tenor de café-concerto, elle bramiu calorosamente, entre iracundo e apocalyptico, uma extensa homilia toda sangrante de apostrophes em braza ao prosaísmo do mundo, ao conflicto dos interesses, á immoralidade *campeando infrene*, ao dominio brutal da força, ao *culto abominando* do deus Milhão. Era de vêr como de estrophe para estrophe cresciam, lategando o assumpto, as satyras *juvenalescas* e os sarcasmos *voltairianos*; como esfusiavam conceitos picaros ao modo de Pope, Dryden, Alfieri; como es-

toiravam as gargalhadas satanicas de Rabelais, —o que tudo o inspirado mancebo ia realçando a primor com repercussões cavas, tiradas do thorax a murro, com reviramentos tragicos dos olhos vingadores, e com choradinhos de effeito na voz lamuriante.

Depois, gradualmente, a poesia amansava e alisava-se, como um rio que passa de remoinhar n'um estrangulamento anfractuoso de rochedos a adormecer languido e facil n'um leito amplo de areias. Então, mal corria no verso um como increspamento de brisa, um suave fremito amoroso... De onde a onde, um candido evolar de aspirações da mais pura transcendencia, uma supplicação larga e vehemente, erguida n'um fervor de prece para um alto ideal sonhado e inattingivel, revelavam a alma do poeta, nobremente espantada, esmagada, agonisante no *pandemonium* do torvelinho humano; alanceada polo contraste do facto com a idea, da materia com o espirito, da theoria com a realidade; soffrendo a fatal compressão de aniquilamento em que as transformações sociaes espremem os fracos, os timidos, os delicados. Ella pedia o exilio, a abstenção, o isolamento, para longe das batalhas epicas da vida, para um êrmo onde podésse finalmente alcançar, na sua expressão culminante, bem inteiro, bem perfeito e bem completo, esse divino, simples, immaculado goso, que elle sentia intimamente, e que queria realizado a dois na grande pacificação dos campos, na tranquillidade obscura dos humildes, no esquecimento ineffavel d'alguma casita modesta, perdida na solidão... E aqui os olhos do clamoroso vate iam caír supplicantes, n'um amortecimento languoroso, sobre os olhos da D. Julita, que se torcia na cadeira, desesperada.

Desgrenhadamente lugubre o final. Não esquecêra o *mysterio*, o *pallor funereo*, o *cemiterio* e bastas rimas no genero, que imprimiam áquella arenga arripiante um ar plangente e phantastico de elegia.

A poesia, portanto, filiava-se por essencia na pieguice então em voga do *teu amor e uma cabana*. Mas era mais do que isso. Estillava um scepticismo torturado e lyrico. Tinha de Melibeu e de Musset. Mesmo na primeira parte havia toda uma revolução de originalidades bravas. Já *deboche* apparecia a rimar com *Rigolboche;* fallava-se em *Falstaff*, em *Lucullo*, em *Moloch*, em *Sganarello;* o sol era comparado a um *dobrão* e a lua a um *requeijão;* dizia-se muito acertadamente que o mundo agonisava entre o *bordel* e o *quartel;* gemiam-se threnos sobre o *calvario* do *proletario;* o céu era interpelado muito a sério sobre se o *ente immenso e necessario*, que em nós habita, não passa d'uma simples *argamassa de potassa e de calcareo*... Para mais, tudo em alexandrinos!

Grande ovação no final. — Linda! linda! — conclamaram todas as damas, menos D. Julia.

— Que final! que elevação! que sentimento! — sublinhava, de olhos em alvo, D. Aurelia.

— Quem é o auctor? — perguntou a dona da casa. E, fitando muito o Mendonça, n'uma inquirição intelligente: — Aposto que adivinho...

Ao que o estudante respondeu, modesto, baixando a fronte inspirada:

— Eu, sim, minha sr.ª

— Oh! isso tresdobra-lhe o merecimento!... Que bem! que bem!

— Minha sr.ª, nem a poesia presta, nem eu sei recitar.

— Não diga isso... Quem, melhor do que o

auctor, póde dar expressão ao proprio pensamento?

— Decerto! — confirmou o côro feminino.

— Tem talento este rapaz, — disse o barão para Henrique. E, batendo no hombro ao caspento vate: — Quer-me fazer favor d'esses versos para a *Gazeta*?... Dão um bello folhetim.

Porém Ignacio Migueis, que vagamente percebêra ser tudo aquillo um memorial amantetico dirigido á filha mais nova, e que não engraçava com *esta corja de poetas*, resmoneou:

— *Me mélem* se percebi palavra!

Pouco depois, o barão segredava a Henrique, n'um vão de janella:

— Ó homem, dize-me com franqueza: ainda acreditas nas virtudes da D. Placida?

— Que pergunta!... Não vês que continúo a admittil-a em minha casa?

— Estás no teu direito... Mas olha que d'aquellas intimidades com o Alipio não se reza muito bem.

— Deixa fallar... Minha mulher conhece-a por dentro e por fóra. A morte do marido deixou-a inconsolavel.

— Sempre ingenuo! Isto de *inconsolavel* em materia de viuvez é como o *irrevogavel* em politica... Tem uma syllaba a mais.

As senhoras agitavam-se de roda do coronel, pedindo-lhe que recitasse tambem; e elle a fazer-se rogado, com uns ares de isenção bonacheirona; e a D. Julita na brecha, afagando-lhe a barba com a ponta do leque. Afinal:

— Visto que tanto apertam... vá. Sou um creado de vosselencias... Mas, na verdade, depois do Mendonçasinho... Emfim, depois da alvorada o sol posto... Vamos lá!

E logo uma estralada de palmas: — Bravo! bravo! viva o coronel!

— Que ha-de ser?... O *Guerrilheiro?*
— Nada! nada!
— A *Judia?*
— É massada!
— O *Escravo?*
— Uma coisa alegre, ora adeus!
— Coisa alegre?... Já sei!... Vão apanhar uma surpreza. Vou-lhes recitar *Um toleirão!*
— Isso, isso! bravo! — applaudiram á uma as senhoras. — Venha *o toleirão!*

Era uma poesia comica recentissima; que um actor eminente havia representado pola primeira vêz, ainda de poucos dias, em D. Maria II. O coronel tinha-se apressado a procural-a e a estudal-a, no desempenho do seu papel de *petisco* dos salões. E já começava de dizel-a com intimativa, em pé a um angulo da sala, os calcanhares marcialmente unidos, o peito bojando para a frente n'uma irrisão de elegancia, a crista do cabello têsa de fatuidade, os olhinhos correndo maganamente, em piscações ambiguas, o circulo das senhoras, as bretoejas vermelhas da testa suppurando humores desvanecidos.

A poesia contava o caso d'um bom homem, tôlo e poltrão, casado com uma virago despotica, feroz, ciumenta, insupportavel, que lhe infligia uma vida de negro, não o deixando saír sósinho, obrigando-o a varrer a casa, accender o lume, fazer a cosinha, lavar a loiça, tomar o rol á lavadeira, engommar, pontear, ir á praça, — tudo isto peiorado com uma cegarrega de peguilhices sem fim:

Se me zango, porque zango,
Se chalaço, porque mango,
Se mecho, sou mexilhão,
Se fallo, sou tagarella...

O pobre diabo lamuriava singelamente a sua desgraça, n'uma eloquencia tôsca e simples, a que o lamechismo do coronel dava um colorido d'um comico inexcedivel. De quando em quando, como para explicar a sua sorte mofina, chorava o queixoso este estribilho:

Eu o que sou é toleirão!

que o coronel soltava n'um bello tom convicto, e que a sala toda acolhia a gargalhadas do mais trocista assentimento.

Vinha um trecho em que era posta a fallar uma actrizita, impingindo *ao sr. Simplicio* um bilhete *para o seu beneficio*. Isto disse-o Militão no falsête mais effeminadamente chôcho e mais esganiçadamente agudo que é possivel alcançar-se na gamma do grotesco. Tambem, aqui, a hilaridade das senhoras permittiu-se uma expansão ruidosa e franca.

Depois, no final, os applausos estrepitaram furiosos, com uma grita inclemente de apupada. E as duas viuvas levaram o coronel em triumpho ao longo da sala toda, cada uma por seu braço, emquanto D. Aurelia lhe fazia umbella sobre a crista com um livro de musica aberto, D. Julita lhe dançava na frente abanando-o com o leque, e a pequenina Emma, perdida a seriedade, se lhe abraçava aos joelhos, repetindo: — Toleirão! toleirão!

Radiante da ovação, tressuava o coronel.

Foi o signal da retirada. Entabolaram-se as despedidas; e, com interminaveis combinações das senhoras junto da porta da escada, os convidados fôram saíndo, vagarosamente.

D'ahi a minutos, no *coupé* cortando rapido o largo do Rato, o barão dizia para a esposa, affectando a maior naturalidade, malicioso:

— Sempre o Camara estava hoje muito ridiculo!

E a baroneza, levianamente, caíndo na armadilha:

— Não achei.

— Oh! meu Deus! ainda querias mais? — insistiu o marido no mesmo tom despreoccupado. — Uma flôr como a roda d'um carro, o cabello lambido de fazer nojo, as calças pelos joelhos, e então no palavreado uma *mayonnaise* de francezismos e de tolices, capaz de inutilisar pola nausea o espirito de melhor blindagem contra a asneira. Safa!

— Vossês não podem vêr um homem que dê na vista, é o que é... Tudo que saír do trivial, do comesinho, do amanuense ou do caixeiro, aterra e consome de inveja os banalões como tu.

— O contrario das mulheres... — observou o barão, ainda fazendo de tranquillo, mas com um ligeiro pique de azedume a travar-lhe na passagem dos labios contrahidos a crystallinidade da expressão.

— Está claro! — acudiu ella com vivacidade. Mas de repente, vexada de se surprehender, ao ouvir as proprias palavras, na defeza calorosa do dandynoso *sportman*, e percebendo o fim que visava o jogo do marido: — Muito te dá que fazer aquelle Camara!... Queres-me ralhar porque conversei com elle, não é verdade?... Pois sê franco, homem! Ralha p'r'ahi!

— Ralhar, eu! que idea! — emendou manso o barão, progressivamente caustico, n'uma bonhomia desdenhosa. — Assim me suppões tão feroz-

mente alarve?... Sei que para as senhoras o mais saboroso prazer é escutar amabilidades. Naturalissimo... Roçagam-lhes a vaidade, que é a paixão dominante do sexo lindo. Chega a ser para vossês um divertimento innocente. E havia de eu censurar-te porque déste um pouco de attenção a um cavalheiro amavel?... Pois não gostas tambem de amabilidades, tu?

— Pudéra! Ando tão pouco acostumada a ellas!... — remoqueou D. Elvira, aggressiva, pondo no tom sacudido d'este breve queixume um frio de amarga censura.

— Eu não sou positivamente um lamecha. Tem paciencia.

E a questiuncula ameaçava crescer, cada vêz mais irritante.

N'este momento o *coupé*, que attingira o fundo da rua do Salitre, rodava pela frente do Circo, ruidosamente... Tudo apagado. Terminára o espectaculo. Na rua deserta apenas se movia uma patrulha da municipal, deslize e muda como uma sombra, no seu duplo cone de oleado escorrendo o gaz pacato dos lampiões. Ao aspecto do Circo, o barão reviveu n'um relance toda a scena da antevespera com o ephebo: — as tentativas pertinazes para lhe attrahir a attenção, a inflammada e tortuosa eloquencia em convencel-o, á esquina do Passeio, — aqui mesmo! — e depois, no dia seguinte, rua da Rosa, a impagavel descoberta da sua linha anatomica, seguida d'um minuto inolvidavel de prazer... oh! o prazer mais rabidamente impetuoso e mais estonteadoramente cheio que, ao abalo da novidade e da surpreza, a sua natureza devassa de arthritico ainda até áquelle dia tinha logrado sentir. Esta lembrança afogou-o n'uma undação celeste de volupia, deu-

lhe a levêza rutila do triumpho, ergueu-o n'uma acalmação dolente de felicidade, que o levou para longe, para muito longe da deliciosa creatura, ali nervosa e quente ao lado d'elle, respirando o mesmo ar quasi, dando-lhe contactos de carne polposa e fresca, por cada solavanco do carro na calçada. E o Camara esqueceu-lhe.

Porêm a baroneza, em cuja alma inconsistente e mimalheira a reprimenda do marido desatára a fazer estragos, como um pingo de agua n'uma pintura em cêra, tornou:

— Para que a gente se casa!... Nem ao menos somos senhoras de conversar com quem quizermos!

Arrancado brusco á sua evocação voluptuosa, o barão deu em replicar grosseiramente, como quem despertava d'um sonho querido, na crua intenção de offender:

— Olha, decerto!... Cabeças ventoinheiras como a tua melhor valia que não casassem nunca. Ao menos, ficando solteiras, podiam tolejar á vontade sem se comprometterem mais do que a si mesmas.

— Assim me insultas?... E' incrivel isto! — murmurou a baroneza, mordendo os labios, de raiva.

— Pois tu realmente estarás convencida de que te não excedêste, de que te não tens excedido já muita vêz, nos teus segredinhos com o Camara?... Quererás convencer-me de que não sabes que elle te faz a côrte?

— E que tem que saiba?... Acceito-lh'a porventura?

— Polo menos, não o ouves a sangue-frio. As palavras d'um indifferente não nos chamam o sangue ás faces, não nos increspam os labios, não

nos insopam a pupilla n'um deliquio terno... Ah! que eu hoje não estive longe de fazer um escandalo!... Chegar-me ao pé de vossês, arrancar-te d'ali para fóra... e a elle, dar-lhe com uma luva, insultal-o, cuspir-lhe na cara... eu sei!

—Que ganhavas com isso?... Desafiava-te... E a elle não lhe havia de dar grande cuidado. Joga bem todas as armas.

Faiscou um relampago no espirito do barão. Agora se revelára, n'este dito inconsiderado, a perversão moral da esposa. A idea do duello preoccupava-a... pola sorte do amante.—Jogava bem as armas, não tinha duvida...—Queriam mais sincera a impudencia?... O desgosto, o ciume, a ira, o tédio estrangularam-lhe a voz. Nada contestou.

Já o trem costeava a praça da Figueira, rolando sobre o basalto com uma sonoridade branda e macia de molas caras. Depois o rodar apagou-se no *macadam* da rua da Magdalena, e presto os dois esposos apeavam-se á porta do seu palacete no largo de S. Christovão. Subiram silenciosos a escada, e silenciosos se dirigiram para os quartos interiores, ambos sôb a vigilancia do pequenino olho esculdrinhador da Dorotheia, a adivinhar e a reconstituir a scena com delicia.

A baroneza, no quarto de *toilette*, começou-se a despir, atabalhoadamente, febrilmente, com estes gestos sacudidos e doidos em que nos faz cabriolar os musculos uma emoção violenta. Ao despentear-se, o jogo sêcco dos braços tirou das articulações uns estalinhos brancos; depois, as pulseiras cairam com impeto, n'um tilintar elastico, sobre o marmore do toucador; os colchetes, fivelas e alamares do vestido arranharam deploravelmente a lacca bariolada e translucida do guarda-

vestidos magnifico de *Boule;* e ouviu-se o estoirar de fitas que não havia paciencia de desatar, e o abrir de rasgões feitos por alfinetes que não houvera o cuidado de desprender.

O barão esse refugiára-se, ás escuras, na peça ao lado, — a saleta de estar da baroneza, — e media o pavimento em longas e rapidas passadas, n'uma obstinação de exaspero, entre um amontoamento de sombras, a face mal allumiada apenas, a cada fumaça, pola braza do charuto que os seus dentes torturavam. Aquella altercação vulgar com a esposa tinha-a a sua imaginação vehemente avolumado n'uma gravissima contenda. E para elle todas as attenuantes, era de suppôr. Queria-se mal a si mesmo da sua cobarde complacencia, dava-se proporções de martyr, vagamente pensava em libertar-se pola separação d'aquella tortura degradante, infernal, intoleravel. Por bôa meia hora continuou assim passeiando, todo na galvanisação fatigante d'uma analyse, que a obscuridade exacerbava, topando frequente os moveis esparsos pela casa, de onde a onde uma contracção do thorax soando n'um rugido cavo, a ponta do charuto apagado a desfazer-se na trituração raivosa, toda salivada em bilis, das maxillas.

Quando entrou na alcôva, a baroneza estava já deitada. Voltada á parede, inroscada, immovel, o seu corpinho pequeno e redondo perdia-se na farta amplidão das coberturas; a sua face rosadita e leve, toda afofada na alvura da travesseira, lembrava um *bouquet* de rosas n'um cartucho de velino rendilhado; e os fios mais claros do seu cabello castanho tomavam na incidencia discreta da luz vinosa da lampada uns laivos tenues de amethista.

Deitou-se tambem o barão, na sua cama, carregado, mudo, impando ao voltar-se para a parede uma funda expiração de raiva. Procurou dormir... Impossivel. Na luz crepuscular da alcôva as pupillas teimavam em abrir-se, muito leves, erguidas pola mola d'uma excitação mordente. Por mais exforços que fizésse em contrario, a scena com a esposa voltava a galopar-lhe no cerebro, implacavel, arreliadora, estupida... N'isto pareceu-lhe distinguir um ruido... Ouvido fóra da roupa... Era a mulher que soluçava.

Elle então deu entre os lençoes um pequeno salto involuntario; e, subitamente compadecido, mas querendo fingir de forte:

—Estás a chorar?... Ainda em cima!...—E como ella, passivamente, continuasse no mesmo soluçar magoado:—E' bôa esta!... Porque choras afinal?...

—Se te parece!... Ligada a um homem que me não estima, que me não faz companhia nenhuma, que só tem para mim palavras duras...

O barão voltou-se para a esposa e respondeu, com a voz quebrada por um internecimento carinhoso:

—Tu és tola! Pois eu não sou teu amigo?

—A teu modo...

—O' filha, que queres tu?... é o meu feitio. Já tinhas tempo de me conhecer... Sou môno, carrancudo, sêcco moral e physicamente, é verdade; mas,—acrescentou estendendo os braços para o leito ao lado, n'uma solicitação conciliadora,—quero-te muito, *vivi!*... bem o sabes!

—Se assim te conheces tão bem, não devias extranhar que eu ouvisse com agrado as pessôas que são amaveis para comigo... Tu quasi que não tens para mim uma palavra affectuosa!...

Se os outros m'as dirigem, gosto... não por quem m'as diz, que tolice! mas unicamente por ellas... por essas palavras d'um effeito tão dôcemente ineffavel, que para a vida da mulher são tanto ou mais precisas do que o pão.

O barão tinha-se levantado; e, todo curvo sobre o leito da esposa, vencido, humilde, murmurou: — Tens razão, Elvira... Fui brutal... Perdôa-me! — passando esta ultima prece n'um beijo timorato e supplice aos labios da baroneza. Ella porém repelliu: — Ora, deixa-me! — ainda infadada do que ouvira, e começando a gosar na submissão do marido a voluptuosidade da vingança.

Mas o barão sentia-se todo arrepellado d'uma commoção complexa, extranha. Á contricção, á dôr, á piedade, naturalmente suscitadas no seu animo bom e generoso pola afflicção da baroneza, ajuntavam-se agora, n'um sommatorio absoluto de tyrannia, a hyperesthesia da sua virilidade ao contacto d'aquella mulher moça e formosa, e, mais que tudo, um desejo vehemente de posse, acordado polas pretensões audazes de Xavier da Camara. — Aquella mulher adoravel era d'elle, só d'elle e muito d'elle!... Como podia haver um idiota que pensasse na infamia de...? — E veio-lhe um appetite calido, uma furia irresistivel de firmar maritalmente os seus direitos, no mesmo instante, ali.

Por isso, novamente dobrado sobre a barone-zita, afagou-a com um segundo beijo, d'esta vêz demorado, caricioso, firme, seguido de muitos outros, vertidos cantadamente na cabeça, nos olhos, na face, no collo, no pescoço, e cortados por um entaramelamento de balbuciações apaixonadas.

— Deixa-me, ouviste?... Já te disse... Não estou para graças... Massador! — repelliu ainda a

baroneza, já sem azedume, sem energia, amollentada, morta, a vontade suspensa e os nervos formigantes ao contagio sensual do marido. E acrescentou, n'um tom de voz sumido mas resonante, como se fallasse d'um ponto muito distante, á beira d'um rio: — Peço-te, vae-te deitar.

E o barão deitou-se, mas ao lado d'ella, imperioso, tremulo... E após uma pequenina lucta, os dois breve afogaram n'um intimo amplexo, — longo, suspirado, electrico, — as ultimas asperezas da contenda.

V

Depois do incontro na rua da Rosa com o ephebo, D. Sebastião sentia-se devastado, cada vêz mais empolgativamente, pola sua andromania.

As entrevistas continuavam-se, diarias quasi, absorventes, interminaveis, doidas; ora de dia, escandalisando com as baixas allucinações da sua febre o luaceiro alvadío e calmo que o sol peneirava pelo trama dos *stores*, corridos discretamente; ora de noite, vividas em tumulto n'uma epilepsia inconfessada e sinistra de suggestões lascivas, fomentadas e protegidas pola deformação crepuscular das coisas, que um só candieiro com pára-luz allumiava escasso, e lubricamente exacerbadas por um vago resfolgar de sensualidade, que vinha frequente, atravéz o soalho, fumegando, do primeiro andar.

Muitas vêzes, depois d'uma demorada scena amorosa, de tarde, com o rapaz, o barão saía combalido, esgotado, tropego, com os nervos debilitados, o olhar dorido, a alma humilhada e

sombria. Mas então, por isso mesmo que caíra fraco, o vicio, longe de ser para elle, como para as organisações sadias, uma simples derivação accidental de goso na normalidade physiologica da sua vida, dominava-o inteiro, montava-o, torcia-o, fundia-lhe o cerebro, fazia-lhe crescer no sangue uma obsessão de fogo... e o pobre pederasta lá voltava logo á noite, poucas horas decorridas, a fechar n'uma segunda scena de erotismo exotico a parenthesiação do seu desejo.

A plenitude de vida, a arrogancia genital, a evolução organica ao maximo, proprias dos 32 annos, mantinham no barão ainda fortes e dominantes as tendencias naturaes da virilidade. Elle tinha por emquanto junto do ephebo os mesmos appetites de penetração e de posse, que o homem sente de ordinario para com a mulher. Todavia, em raros momentos de vertigem, no mais estonteador instante dos seus abraços, ao contacto da sua carne com aquell'outra virilidade impetuosa e fresca, percorria-lhe os musculos, fugidio, breve, um movimento effeminado; faiscava-lhe no espirito uma pregustação de prazer, tendo por base a passividade, o abandono; entrava de suppurar-lhe da vontade uma solicitação em escôrço de se entregar, de ser possuido, gosado, de ser femeado em summa. O que era, a um tempo, corollario do seu temperamento, e signal pathognomico do finalisar d'uma raça inutil, do agonisar d'uma familia que vinha assim desfazer-se, pôdre das ultimas aberrações e das ultimas baixezas, na pessôa do seu representante derradeiro.

Era como o inicio de formação d'um edema de natureza moral, purulento, molle, crescendo traiçoeiramente sem dôr e sem pruridos, mas de diagnostico facil no rebaixamento constitucional do

doente, em cuja degradativa essencia elle promettia abeberar-se farto e rapido, como n'uma esterqueira os cogumelos.

Não se ia operando sem lucta a ruina pathologica do barão. Nas breves, espaçadas horas de reflexão e de repouso, a consciencia d'este pobre Belisario dos sentidos, activada por uns leves fogachos de brio, de vergonha, de rehabilitação moral em que a porção nobre do seu atavismo se inflammava ainda, punha-se a illuminar-lhe de alto as perturbações ignominiosas da alma, com a mesma serenidade inexoravel do luar que rompe a esclarecer, n'um claro de procella, a caligem estertorosa e revolta d'um mar atormentado. Então o barão via-se por dentro, increpava-se, media com horror toda a profundidade obscena do seu aviltamento, chegava a desprezar-se; e reunindo n'um exforço heroico as suas reacções pundonorosas, conseguia, amparado n'ellas, dominar as fatalidades do sangue, travar o desmoronamento, reconquistar a propria estima.

Assim antes como depois de casado, era-lhe frequente topar por acaso, de noite, a uma quina de rua, no parapeito d'um caes, no mosaico d'uma praça, com o vulto escorregadio e sujo d'algum vadio em almoeda. Logo se lhe aphrodisiavam os nervos e se lhe congestionava o desejo. D'ahi, trocavam-se olhares de intelligencia, o dialogo entabolava-se, aprazava-se ponto de reunião... e depois, no caminhar para o gyneceu combinado, vinha uma d'essas reacções salvadoras, os seus restos de energia fidalga despertavam, sacudia-o um repellão de bom-senso, córava na sombra, tinha um medo vago de si mesmo... e parava de repente. O rapaz, que ia na frente, parava tambem, desconfiado. Chamava-o o barão, dava-lhe uma

bôa esportula, despedia-o; e seguia para casa, com as mãos a escaldar, o cerebro pesado, a carne insatisfeita a emperrar-lhe o passo, contrariada; mas radiante, feliz, vaidoso por se haver dominado, por haver podido mais uma vêz ser forte.

E mordia-o uma tentação alacre de contar o seu intimo triumpho aos transeuntes com quem cruzava. E, junto da esposa, desintranhava-se n'uma caudal inusitada de sinceros acarinhamentos.

Ultimamente mesmo tinham dado em explodir mais a miudo estes movimentos salutares na degenerescencia morbida do barão. Havia até dois garotos que lh'os exploravam habilmente. Sabia cada um onde era provavel incontral-o de noite. Ahi o esperavam. Acercavam-se-lhe, despertavam-lhe a diathese da luxuria. E depois, ao vêrem-n'o subjugado e quente, demoravam propositadamente os preludios da entrevista, a dar tempo, a vêr... Na demora acontecia que o barão, se um frio de pejo ou de cansaço o percorria, reconsiderava, arrependia-se e mandava-os embora sem se servir d'elles, mas não sem lhes pagar. E os lascarinos partiam lestos, a rir, n'uma gratidão troçada, sem perceberem como podésse haver d'estas abstenções enigmaticas e generosas.

E' que havia uma outra causa, alêm dos rebates d'uma dignidade bruxuleante, n'estes reviramentos louvaveis do barão. A sua imaginação excessiva, d'uma lucidez vehemente, prejudicava-lhe em bôa parte a sensibilidade. A cada momento elle ideava que ia gosar d'um certo modo; a sua phantasia azougada e pittoresca levantava, incastellava entre elle e a realidade das coisas umas antecipações de prazer mirabolantes, estonteadoramente largas, transcendentes, complicadas de

volupias infinitas, — como se complica de arabescos inextricaveis, de allucinantes pinturilagens a maravilha doirada e leve d'um palacio oriental. Depois, nada d'isso acontecia. A realidade vinha e arrastava-se muito abaixo. D'ahi um desgosto, cuja lembrança lhe fazia largar subito, mesmo no momento mais proximo da realização, o instrumento de qualquer prazer que elle andára a sonhar longamente, ardentemente.

Com o ephebo novo é que ainda se não tinha dado nem decepção, nem remorso. Havia dois mêzes que D. Sebastião o amava, sempre com a mesma egualdade, a mesma sofreguidão, a mesma effervescencia. Ao contrario do que lhe succedêra com muitos outros, que elle sentira a intima necessidade de largar de repente, quando mais amoraveis, mais ardentes as suas relações se estreitavam, a paixão por este rapaz mantinha-se inalteravel, firme, resistindo, forte do seu exclusivismo fervido e da sua obsessão doentia, aos caprichos d'aquella vontade titubeante.

Era um amor extranho, dissolvente, enorme, d'uma acuidade que fazia soffrer. Um mixto extravagante de submissão e de imperio, de adoração e de lascivia, que prendia o barão áquelle individuo do mesmo sexo por laços mais poderosos do que quantos nos serve a Historia como exemplos de ligação admiravel entre homem e mulher. E este amor pathologico não relampeava em turbulencias; antes enkistára n'uma fixidêz calma e sinistra de mania, que é a forma da paixão nos lymphaticos. Antes de tudo e acima de tudo, na vida sinuosa do barão sempre lampejava agora, sobranceira a todas as preoccupações e a todos os desvarios, pregada e fria como um luzir de espelho na penumbra, esta paixão syndromatica.

O rapaz, que era um producto accidental de luxuria clandestina, amoldára-se facilmente, com toda a pastosidade do seu character de lama, ao modo de vida que as circumstancias lhe haviam propiciado. Norteava-lhe o desejo um fim unico: o prazer, alcançado não importa como, e ainda á custa das maiores baixezas. Para a sua carne só o regalo era alimento; na sua alma não se agitavam senão egoismos de sybarita.

Logo na segunda entrevista com o barão, contára-lhe a sua vida, sem mentir, singelamente.— Ingeitado. Nascêra em Aveiro, dos amores d'um militar com uma freira. Aos 10 annos saíra da Misericordia para casa d'um armador, como serviçal. Passára os seus peccados! A rudeza do trabalho maritimo não quadrava ao seu feitio delicado e molle. Retalhava-lhe a pelle o vento cortante da ria; o exforço do corpo aos remos abria-lhe o peito; a manobra dos cabos callejava-lhe as mãos. Uma faina do inferno aquillo! Não podia... D'uma occasião que se lhe offereceu, roubou ao patrão doze libras e fugiu para Lisbôa. E — agora o vereis! — emquanto lhe tiniu metal na algibeira, *laureou* que foi um regalo. Bôa mesa, bôa pinga e bôas pequenas. Ia vendo a cidade, hoje n'um bairro, n'outro amanhã, comendo onde calhava, dormindo nos vãos das portas, nos patamares das escadas, e mesmo, se a policia o deixava, — gostava tanto! — sobre os bancos dos passeios. Houve uma temporada em que ia ficar quasi sempre á travessa da Cara com uma rapariga, ainda moça, branca, de rosêtas na face e uma grande costura no pescoço, que gostava muito d'elle. Mas aborreceu-se depressa. Desde uma noite, em que lhe deu com um emplastro no peito, por causa da tosse, nunca mais lá tornou.

Tinha arranjado amigos,— uns valdevinos como elle, sem eira, nem beira, mas de lume no olho, endiabrados, pandegos, preferindo á maior riqueza do mundo a bella da sua liberdade. Rico tempo!... Quando se derreteu toda a chelpa,— o ultimo *lepes* fôra-se n'um cafésinho, á Mouraria, —então começou a vidinha a apertar... mas sempre alegre como um raio! Foi-se vendendo a farpela; ganhando a sua gorgeta por fazer um recado, segurar um cavallo, entregar uma cartinha; e mesmo apanhando-se um pouco de trincadeira a algum socio na *parodia*. Quizeram-n'o engajar n'esse tempo para o Brazil... Déra-lhe gana de bater no patife! Elle não era nenhum escravo... Gostava muito da tropa! Ia todos os dias, horas, para defronte do Quartel General, só para vêr partir á desfilada as ordenanças. E ahi apanhava bem bons cobres, quando segurava os cavallos aos srs. officiaes. De manhã, no inverno, quando a *larica* e o frio apertavam, largava para a Baixa, á espera da musica da *guarda principal*. Com o costume, já tinha de cór a escala. Hoje era o 2 de caçadores?... Bem; vinha esperar a guarda ao Rocio. Amanhã era o 2 de infanteria?... Marchava para o Corpo-Santo. Depois era o 16?... Lá estava rente á hora, no alto do Salitre. E depois vinha per alli abaixo, pulando, cantando, á frente dos cobres reluzentos, na troça dos vadios, agitando um lenço em ar de bandeira quando a marcha era *catita*. E em baixo, na Arcada, depois do *apresentar armas* e da *gaitada* final, sentia-se quente, reinadio, lesto, como se tivésse almoçado uma caldeirada de eirozes regadas com um litro do bom *torreano*.

De ordinario inganava a *larica* fazendo partidas per essas ruas. Algumas com sorte... D'uma

occasião, — fôra no largo da *Palmatoria*, — estava um gallego *vertendo as suas aguas*, de barril ao hombro, cheio. O rapaz viu-o n'aquella posição grotesca, vergado, com ambas as mãos occupadas, attento ao que fazia, e subiu-lhe um calor de implicar com elle. A primeira idea foi puxar-lhe o espicho do barril, para o incharcar; mas — *pae paulino!* — dava *chinfrim*, e vinha um policia de baixo, da rua Larga de S. Roque... Ora d'um dos bolsos da jaqueta do javardo saía um papel dobrado. Deitou-lhe a mão, por partida, sem outra intenção mais do que arrelial-o. E emquanto elle rosnava, preso ao urinol: — *Ah! pêrro que me roubáste!* — toca d'esgueirar a correr n'um fogueté, pela calçada do Duque abaixo.

No Rocio desdobrou o papel. Era uma especie de carta. Tinha aprendido a lêr e a escrever na Santa Casa. Dizia assim:

Lulu.

O portador d'esta trouxe-me o JOLI, *que incontrou muito afflicto, mortinho de sêde, á beira do Aterro. Dá-lhe as alviçaras que intenderes.*

CLARA.

Bello! Tinha chuchadeira!... Mas aonde seria?... Nas costas, a lapis, descortinou: — *Rua do Ouro, 260, 1.°* — N'um salto estava lá. Era um escriptorio. Um senhor todo tésto, já velhote, de oculos de oiro, deu-lhe meia libra. Reinação para tres dias!

Certas poucas vergonhas, em que via metterem-se alguns dos companheiros, nunca lhes déra acceitação. Bem o tinham já perseguido, elle mesmo conhecia que não era peste, que poderia ga-

nha por esse modo bôas *carinhas*. Mas não lhe quadrava lá... fazia-lhe repugnancia... Nunca tinha querido.

E rematou, de olhos baixos, roendo uma unha:

— Foi o senhor o primeiro que me desincaminhou, póde crêr.

— O quê!? Antes de mim, homem nenhum?... — interrogou o barão ávidamente.

— Tão certo como estarmos ambos com vida!... Em garoto pequeno, lá fazia o meu ranchinho com os petizes da minha edade... Todos passam por isso... Agora homem em cima de mim, antes do senhor, nem sombras do primeiro!

— Acredito! — explodiu o barão, radiante. E abraçando o ephebo com esta effusão de ternura invaidecida e grata, que nos faz estreitar ao coração a virgem que se nos deu inteira: — Como te chamas tu, afinal?

— O meu nome de baptismo é Eugenio... Meu pae era o sr. capitão Dias Lebre.

— Eugenio Dias Lebre... é um nome cheio e bonito. Fica bem.

— Agora na *purria* tenho uma alcunha d'estalo! Sou o *Marcado*.

— Porque diabo?...

— Olhe, por isto, sr. — Arregaçou a manga direita da camisa até ao hombro, e mostrou na parte interna e superior do braço, junto ao sovaco, uma pequenina rosêta, côr de rosa sêcca e d'um córte arredondado de corolla. — Dizem que foi porque minha mãe... andava occupada de mim, já nos ultimos mezes... e vae foi assombrada d'uma faisca, quando estava a contemplar uma grande rosa que meu pae lhe tinha mandado.

O barão, incantado com o detalhe, fascinado por aquella flôr em miniatura, tão finamente agua-

rellada a bistre na alvura azulada e tenra da epiderme pennujosa, tomou com as duas mãos o braço, beijou demoradamente o signal, e murmurou pensativo, n'um extasi triumphante:

— Com que o primeiro, eu!...

Depois subito, liberal, reconhecido:

— De hoje em diante, tens dois mil reis!

E a vida correu para o rapaz um nectar, um céu-aberto, uma *panria* sem egual.

Tinha dinheiro á farta, bôa casa, mesa excellente, cama de principe e obrigações... nenhumas! — a não ser aquella de aturar, dias por dias, umas tantas horas, o barão. Que não era das mais custosas, afinal. Peior seria rizar uma vela, remar, fazer carretos, cavar, manejar a plaina ou a picareta. Puxava do peito!... Aquella porcaria, em summa, com a continuação já nem se lhe dava... Era estar p'ra ali.

D. Sebastião fêl-o vestir e calçar de novo. Elle proprio o acompanhava, no principio, aos estabelecimentos, onde lhe abriu credito e onde presidia á escolha dos artigos,— tudo do melhor! — normalisando-lhe o gosto, incutindo-lhe regras de aceio, de apuro, de elegancia. O fallar ia-lh'o egualmente corrigindo. Não que o barão não gostasse de ouvir silvar os plebeismos na bocca acerejada do amante. Incantava-o até a propriedade flagrante e o sabor acanalhado de muitas d'essas formulas da rua, que resumem tanta vêz uma philosophia inteira. Mas entrára de fluctuar-lhe na alma, inconfessado, timido, o desejo de se apropriar, de tornar inseparavel da sua aquella existencia imprescindivel... Por isso queria desbastal-o, afinal-o, fazel-o correcto, *dandy*, na previsão

de ter de apresental-o um dia,—que diabo tinha!—ás pessôas das suas relações.

De seu lado o rapaz, cujo arguto espirito logo concebêra o plano de *se arranjar*, de se ingrandecer, de entrar no mundo da influencia e do dinheiro pola mão d'este cynico derrancado, ia escutando o mestre com a maior attenção, com o maximo aproveitamento. E as lições, favorecidas na confluencia das duas vontades, déram optimo resultado. Mesmo Eugenio possuia esta assombrosa faculdade assimilativa, peculiar aos sêres que o azar lançou á margem, na via dolorosa da existencia. Pouco a pouco, bruniu, afinou, metamorphoseou-se, adquiriu maneiras distinctas, esqueceu o calão das viellas, perdeu o gingar afadistado. A cutis do rosto amaciou e atrigou levemente, —d'este pallido macerado, aristocratico, das carnes formadas á sombra inlanguescente dos reposteiros, no pavor das caricias mordentes mas saudaveis do sol; as mãos branquearam e afusaram; tomou brilho o cabello; os pés soffrêram o calçado; o tronco aprumou. Ao vêl-o passar agora, comedido, sério, modesto, os grandes olhos velados polo côco de feltro branco, pequeno, redondo, fitinha estreita, a aba arpoada; o corpo correctamente moldado n'algum ligeiro *cheviote* escuro; em volta ao pescoço um laço de sêda farto e negligente, dir-se-hia um filho-familia timido que vinha da aula ou do escriptorio, ignorando ainda o mundo, vendo só claro na vida, ingenuo, simples.

O barão regosijava-se.

A sr.ª Anna trazia-lhe o pequeno nas palminhas. Cosinhava menos mal, sempre á hora marcada. O barão tinha pago um trem de cosinha completo. E ella, muito bom modo...—tudo o que o menino quizésse, pois então!—Apenas se

permittia observar-lhe que o abuso do marisco havia de fazer-lhe mal. Eugenio, filho d'uma cidade maritima, era guloso dos alimentos picantes, fortemente iodados, que nos fornece o mar. Não dispensava a sua *omelette* de camarão ao almoço; ao jantar as ostras, o arrôz de ameijoa, lagosta quando apparecia, ligueirões, caranguejo; á noite uma *tortilla* bem abeberada de mexilhão. — E a sr.ª Anna a repontar sempre... Não que lhe désse trabalho arranjar estes petiscos. O velho das ostras era infallivel á porta todos os dias; tanto mais que tinha tambem freguezia certa no primeiro andar... Mas aquillo era muito quente... Havia de fazer-lhe *nervoso interior*.

A verdade é que os dois velhos, em baixo, comiam-lhe os sobejos, e o *bricabaqueiro* estivéra já d'uma vêz á morte, com uma irritação de intestinos.

Nunca mais Eugenio déra importancia aos companheiros de rua, — era dos livros! Impôz-lh'o mesmo expressamente o barão; assim como lhe impôz, sób pena de expulsão immediata, a prohibição formal de receber quem quer que fôsse, e de ter com homens relações de qualquer ordem. — D'aquella porta para dentro, só elles dois e a sr.ª Anna!... E nada de se dar com calças... nem velhos, nem novos, nem feios, nem bonitos!

— Quero-te só para mim! — afagava, entre dois beijos humidos, o pederasta.

Para se certificar de que não era atraiçoado, além dos miudos interrogatorios á mulher do ferro-velho, invariavelmente rematados por esportulas magnanimas, tinha elle uma chave da casa, que trazia sempre comsigo, e que lhe permittia entrar a toda a hora, de surpreza, com olho inquisidor farejando...

Algumas vêzes, depois d'uma noite atormentada de desejos, toda levada em somnos curtos, assustados, fatigantes, cortados de estremeções nevroticos, dava o barão em levantar-se cêdo, a pretexto de qualquer negocio urgente, e corria á rua da Rosa. A sua alma de artista deleitava-se no conspecto da cidade áquella hora matutina... Lisbôa espreguiçava no azul fresco e retincto os seus milhares de braços de calcareo. Colgava os ultimos andares dos predios uma faxa de oiro. D'esse immenso amphitheatro, festivo e branco, largava para o espaço, erguia-se breve atarefado e cheio o sussurro d'um povo que acordava. As carroças da limpeza passavam, com um chocalhido pêrro de campainhas. Gemiam pregões ao longe. Vinham ás portas das lojas os caixeiros, mãos nas algibeiras, pernas em compasso, palito ao canto da bocca, a olhar o céu. Chalravam pardaes nas praças. Os carrilhões nas torres picavam arias de *operettas*. Ranchos de garotos cruzavam-se como flechas, massos de jornaes sobraçados, espalhando um cheiro acre de tinta humida, a gritar:

— Quem quer *Diario*?... Dez reis!

O ar fino e macio acalmava o barão, que chegava expansivo, acreançado, leve, todo flammante de disposições prazenteiras, como rarissimo lhe acontecia. Eugenio, ainda deitado, estupido, espesso do somno, recebia-o com mau modo. Mas o barão bem lhe importava! Debruçava-se no leito, cocegava-o, beijava-o; primeiro a furto, melindrosamente; e d'ahi n'uma crescente insistencia, imperioso, brutal, abrindo-se em acariciamentos piégas, em supplicações ferventes, em denguices de namorado.

— *Seu* preguiçoso... Então isto são termos?... Não tem vergonha!

E ia-se pondo á vontade.

Depois, por altas horas, almoçavam juntos. Almoço lauto. E então á mesa, demoradamente, o barão proseguia na educação do amante.— O garfo empunhava-se assim, a faca d'este modo, e para ali o guardanapo, e o Bucellas era para o peixe, e nunca vertêsse *champagne* em copos sem pé... Nunca dissésse *calhou*, mas *aconteceu;* nem *intrujice*, era melhor *espertalhotice;* nem *pinoias*, antes *meretrizes;* nem *puz-me na alheta*, mas *safei-me a tempo.* Nem chamasse aos municipaes *guitas*, nem *bufos* aos espiões.

Se saíam ambos:—que cambasse o chapeu um pouco ao lado... assim; aquelle laço de gravata menos symetrico; a luva amarrotada.

E ficava todo o dia de bom-humor.

Eugenio foi tomando azas na familiaridade. A confiança do barão desembrulhou-o. De acanhado que era a principio, timorato, humilde, submisso como um escravo, foi-se tornando animoso, dominador, sobranceiro, altivo. Escravo era mas era o barão da sua carne, do sangue que lhe formigava opulento sôb a epiderme viçosa e fresca, da flexuosidade a um tempo effeminada e forte do seu corpo harmonioso. Assim como isto foi conhecendo, o ephebo transformou-se. Ao cabo d'esses dois mêzes, permittia-se ter vontade, estipulava exigencias, fallava ao barão fitando-o nos olhos, fazia-lhe arrelias. Andava mesmo inclinado a dar-lhe falta um dia.—Se elle se zangava?... Qual!... Tinha-o seguro, bem via. O fidalgo queria-lhe com uma *gana* cada vêz maior. E, que o despedisse!... Não faltaria quem lhe continuásse o modo de vida... Ou melhor... Já bastantes lhe tinham mandado fallar... Então brazileiros! Cada brilhante!... Deixar de *tolérias;* ia viver mais na

liberdade. Se o mostrengo não gostasse, que o levásse o diabo!

E desde o dia em que fêz esta reflexão emancipadora, nunca mais Eugenio se prendeu com horas de estar em casa, com emprazes de entrevistas, com attenções, com receios. Ao bello ar livre, sempre que lhe appetecia. Não para se prostituir com outros. — *Futres!* — Mas porque era a melhor coisa d'este mundo — vadiar!

Muita vêz então aconteceu chegar o barão e encontrar a casa deserta. A sr.ª Anna, interrogada: — que o menino agora saía muito... mas que não sabia per onde se gastava. — O barão ralava-se. Tinha com Eugenio scenas violentas. Começava iracundo, feroz, implacavel; accusava-o de ingrato, de indecente, de o trahir dando-se a outros homens... Logo, quebrado pola dura impassibilidade do ephebo, arrependia-se, implorava perdão, lamuriava as desculpas cobardes com que se roja aos pés do juiz um criminoso, perguntava-lhe n'uma tremura anciosa — se já não era amigo?... — largava quanto dinheiro o lascarino exigisse. E do descalabro moral d'estas reconciliações obscenas iam-se erguendo a um tempo, cada vêz mais solidos, o imperio do rapaz e o envilecimento do barão.

Mandou-o espreitar. Averiguado que o rapaz levava o maior do tempo n'um bilhar, á rua do Principe, e em casa da *Pacca*, rua da Prata. Socegou o barão. — E' que gostava de jogar o seu bocado e tinha de acaso por amante alguma bôa hespanhola... Uma mulher... Não lhe importava isso!... Natural, proprio da edade tudo aquillo... — Socegou. Mas agora, de cada vêz que vinha á rua da Rosa, a incerteza devorava-o. Era, ao subir da escada, um ruido espesso nos ouvi-

dos, um latejar das fontes, um galopar suffocante do coração no peito, uma tortura picante de todo o seu ser violento e fraco, poleado na vibração da duvida. E esta agitação, esta angustia mordente saboreava-a o barão com deleite, porque trazia uma sensação nova, um prazer corrosivo e acre ao seu feitio morbido de gosar.

Uma noite o barão saíu de casa no proposito de incontrar por força Eugenio. O dia antecedente, — um domingo, — tinha-o ido passar ao campo com a esposa. Do amante não sabia desde quinta-feira. Quatro dias!... Intoleravel!

Eram 8 da noite. — A esta hora, quasi certo andar elle fóra de casa... Quem sabe?... A's vêzes, por um feliz acaso... — E subiu até S. Roque o barão. Mas ahi, antes de embrenhar-se nas tortuosidades do Bairro Alto: — Está lá em casa, agora! tão cedo! — Ia apanhar uma decepção, quasi de certeza. Aggravava o mal, em vêz de remedial-o... — Nada, o caminho é per aqui... — Rodou sobre si mesmo, desceu a calçada do Duque e tomou á esquerda, pela rua do Principe, direito ao *Jansen*. Entrou.

Sôb a arcaria resplandecente, forrada a papel fingindo marmore, do salão, abancava ás mesas, ia e vinha, altercava, rodopiava, interpellava-se uma multidão barulhenta e viva, arrogante, bariolada, irrequieta. Um grosso borborinho, bizarro e quente, sobrenadava, dominado com frequencia por um tinir de copos, um final de phrase berrada, um esfusiar de gargalhadas. Algum estralido de palmas batidas com impaciencia, a percussão d'uma moeda n'uma bandeja, morriam na cantilena roncada e estridula dos pedidos dos moços para o balcão. Era um concertante de bar-

monias barbaras, um alarido cortado e dissonante, a que as fugas da aboboda imprimiam uma larga resonancia, e que crescia e prolongava-se e revoava na atmosphera peneirada de oiro, entre espiralamentos de fumo, em volta do gaz ardendo n'um arquejo rouco e fazendo turbinar em cima os anteparos de porcelana, pendentes do estuque esfumaçado. Quando a vozearia baixava, sentia-se no bilhar ao lado o som do marfim chocando-se. No pavimento de pedra lustroso, em xadrez preto e branco, onde raro serpeavam rastilhos de serradura, reflectiam-se trechos dos grupos, — firmes, nítidos, perfeitos, com a calma fidelidade e a translucidez suave d'um espelhamento de lago adormecido.

O barão esculdrinhou miudamente o estabelecimento todo. Eugenio não estava! nem nos bilhares, nem no botequim.—E se fôsse á *Pacca?*... Estava doido!... Era uma infamia!... Mesmo que lá fôsse e que lá incontrasse o rapaz, que ganhava com isso?... Elle exasperava-se, não saía... tinha genio, era capaz de romper para sempre... Nada, o melhor seria esperar, sofrear-se, e mais tarde, a horas provaveis d'elle haver recolhido, ir então. — Uma peça a cuja representação assistira na vespera, com sua mulher, no Gymnasio, era um original. Ficára de dar a critica para a *Gazeta*. Como n'este dia não houvéra jornal, o artigo ia de molde para o dia seguinte. Encaminhou-se á redacção, — rua dos Mouros, — um pouco para fazer horas, um pouco para escrever a apreciação da peça.

Subiu com segurança a escada, que mergulhava inteira na sombra e sobre cujos degraus cambados, glutinosos da immundicie, estreitos, gastos, os pés não faziam ruido, assentavam bran-

do, escorregavam. Um longo corredor á direita, verdoento, esmadrigado, humido, as paredes dançando em tortuosidades de ébrio. Dois grandes rectangulos de luz avermelhada listravam transversalmente o soalho e quebravam em angulo junto á parede, marinhando-a até meia altura. Eram: a porta da administração, cacifo negro, empilhado de papel em rama, onde um sujeito calvo, bigode e pêra grisalhos, cachimbo de raiz, —typo achacoso e duro de major reformado,— escrevinhava; depois a da typographia, brazido immundo que vaporava um bafo de fôrno humano, nauseativo e calido, e em cuja atmosphera grossa, rubra, asphyxiante, homens de blusa, calcinados, o olhar soffredor, pallidos, tressuando, tinham uma gymnastica veloz e cabalistica de dedos sobre os caixotins. Ao fundo a redacção: pequena sala de tecto de madeira apainelada, esconjunctado e baixo, a cola da velha pintura branca descamada e pendendo em stalactites que as moscas pontilhavam d'uma renda escura, a modo de baldaquinos, graciosamente; o papel azul e branco das paredes despegado dos frisos, esfarfado, rôto, zebrado de gottejamentos salitrosos, cortado de sulcos transversaes polas costas das cadeiras; de roda jornaes espetados em ganchos; entre as duas janellas uma estante com brochuras; dois bicos de gaz a arder nos extremos d'uma simples vara de ferro fazendo dois angulos rectos com o tubo que descia do tecto, vertical; e ao centro uma comprida mesa de mogno, d'uma côr promiscua de verniz e cêbo.

Um sujeito ainda moço, ruivacento, lívido escrevia á cabeceira, vertiginosamente, comendo bôlos que, minuto a minuto, a sua mão esquerda, nodosa e fina, com um bello annel brazonado,

tirava d'um cartuchinho ao lado. Um outro, de buço indeciso, franzino, sardento, côr de cêra, incabeçava laboriosamente com duas linhas de prosa propria as noticias que ia cortando nas folhas da provincia. Um terceiro, de cotovelos fincados na mesa, lia jornaes, avelhentado, cabello á escovinha, o perfil estirado no exaggero do nariz ponteagudo e rôxo.

O barão, alheiado, entrou e sentou-se, mal murmurando um: — vivam! — imperceptivel.

— Homem, falle á gente! — interpellou amavel, ao vêl-o, o homem dos dôces, sem despegar de escrever. — Que bicho lhe mordeu a vossê?

— Deixem-me... Não estou para os aturar, — contestou o barão sêccamente, ageitando na sua frente os linguados de papel.

— Anda azêda essa coisa, outra vêz? — perguntou escarninho, piscando os olhos, o velho do nariz ornithologico.

— É a hepatite do ocio, — explicou sorrindo, e emquanto comia um queijinho d'ovos, o collega do annel.

O barão vincou o sobrolho, sem responder.

— Vaes fazer *Chronica dos Bastidores?* — tornou o rasurado. — Que tal é o *Foragido?*

E o barão com um grande desdem, alongando os labios:

— Borracheira!

O dialogo caíu. Aquecia. O ar, pesado, deleterio, impregnava-se d'um cheiro espesso ao gaz e a tintas gordas; tinha esta quietação requentada e molle, que a falta de renovação e de aceio determinam. Ouvia-se distinctamente a pressão rumorosa do gaz nos extremos da vara de ferro, o arranhar das pennas no papel, e, mais longe, o enfileirar do typo nos graneis. Havia occasiões em

que no andar de cima estrondeava, abalando o tecto, uma tropeada de creanças. Então uma chuva de caliças inundava a mesa, como graniso. E logo o do annel resmuneava: — Emporcalham-me o dôce todos estes diabretes! — Um ratinho tinha avançado d'um vão de janella, primeiro cauto, manhoso, innovelado, circumvagando n'um receio os olhitos de azeviche; depois mais seguro, em saltos rapidos, guloso; e roía agora as migalhas dos bôlos junto á mesa, pausadamente, delicadamente, com o descanço, a familiaridade, o abandono de quem se vê entre amigos, confiado, grato, satisfeito, um leve arrepio voluptuoso a incresparlhe de onde a onde o pello avelludado.

O barão escrevia, escrevia... Mas toldava-lhe o cerebro a obsessão dos sentidos. Afogado na sua obstinação lasciva, o pensamento recusava-se a formular juizos que a ella se não reportassem justos, a expressão falhava á plasticidade das ideas que se lhe debatiam no cerebro, á procura d'uma forma, confusamente. A lettra, de ordinario, na febre da improvisação, rasgada e direita, saía-lhe garatujada, desegual, torcida. A penna emperrava no papel. As entrelinhas e as emendas multiplicavam-se. Escrevia devagar, com um exforço e uma difficuldade inusitada. Não lhe acudiam os termos. O seu grande poder habitual de concretisar, de vestir qualquer assumpto com rapidez e propriedade, n'um estylo corrido, elegante, largo, atraiçoava-o. O collega da cabeceira, que lhe conhecia a spontaneidade e o via a escrever tanto tempo, disse-lhe:

— O' barão, não se alargue. Ha hoje uma correspondencia enorme, de Setubal.

Ao que o barão:

— Hoje não vou para longe, descance.

Entrou n'este momento um homem de figura dominadora, insinuante, luminosa, — estatura mediana; hombros largos; grandes olhos castanhos faulando na sombra d'umas palpebras vibrateis, repregadas como azas, longas; o chapeu para a nuca; a face d'esta côr macerada e nobre, que é feita da consumpção mordente das vigilias e forma o prestigio e o incanto dos homens de talento; um cigarro pendente do labio ironico e frio; o alongamento da barba accusando a fibra da tenacidade; uma farripa do cabello corredio perdida sobre a testa poderosa, escantoada. Vestia com desalinho: jaquetão largo, cinzento, d'uma casimira barata; colete e calça da mesma, com a camisa a saír de permeio; a gravata n'um simples nó pelo peito abaixo, estiraçada; o calçado grosso, orographado de engelhas, ruço.

Apenas o viu, exclamou, esmoendo o ultimo bôlo, o jornalista que occupava o tôpo da mesa:

— O' *Mata Gatos!* Hoje tão tarde!... Já suppunha que não vinhas... Tenho estado a fazer o *fundo*. Ouve lá!

E leu, nasalando as vogaes, sibilando os *ss*, oito linguados de prosa furibunda, toda opada de rhetorica sôando ôco, toda vasada nos moldes d'um facciosismo declamatorio, pueril, vasio, a qual terminava assim:

Continuaremos. Não nos quebrarão complacencias, nem nos entibiarão ameaças. Havemos de apontar com dedo vingador a senda de torpezas trilhada por esses seis homens que estão desacreditando e arruinando desvergonhadamente o paiz. Havemos de crucificar bem alto nas gemonias da execração publica a gerencia, toda corrupção e desperdicio, d'esse governo nefasto e cynico que infelizmente nos rege!

Ao cabo, cheio de si:

—Que tal?

Mata-Gatos, que se tinha sentado de esguelha sobre a mesa, um pé poisado no chão e o outro oscillando como um pendulo no extremo da perna livre, bamboante, commentou sacudindo a cinza do cigarro:

—Um pouco diccionario do João Felix. O mais está bem.

Depois, chegando-se ao noticiarista:

—Então, muito que respigar hoje?

—Curioso:—Uma senhora em Lamego que, tendo o marido doente de cama, pegou fogo á casa.

—Ponha de epigraphe, — *Experiencia culinaria*. E, a seguir á noticia: «Este Vatel de saias quiz vêr se marido assado seria melhor que leitão.»

Veio um aprendiz pedir original. Um mocito imberbe e côr de leite, de cabello doirado e grandes olhos femininos, que por empenho do barão tinha sido empregado ali. Emquanto a creança, acanhada, boçal, attonita, colhia das differentes mãos as tiras de papel escriptas, o barão cobria-o com o olhar voluptuosamente. Depois, no fim de todos, passou-lhe tambem a *Chronica*, olhando-o sempre e tocando-lhe os dedos escabrosos, negros, lixados de tinta.

Quando o aprendiz saía, cruzou com elle um rapaz alto e magrissimo, garridamente vestido, chapeu de sêda, monoculo, plastrão de linho côr de palha mosqueado, sobrecasaca azul-ferrete de diagonal inglez, muito cerce, — no perfil o que quer que fôsse de apprehensor e adunco, e a pelle do rosto modelando a anatomia do craneo, aspera, sêcca, vincada de contractilidades subitas. Era um litterato incipiente e ousado, um phantasista de sensibilidade extrema, um temperamento subtilis-

simo de artista, cujo estylo nervoso e petulante estava fazendo sensação.

— Traze-me a prova do folhetim, — ordenou para o aprendiz.

E passou a apertar a mão aos collegas.

O barão disse-lhe:

— Olha, senta-te aqui, que eu vou-me embora.

— Já?

— Torno a passar mal; sinto-me incommodado.

— Azias de quem é rico... — arriscou invejoso o velhote ornithorinco.

E, zombeteiro, *Mata-Gatos*:

— Noz vomica, meu charo.

— Foi tempo, em que sabias d'isso, — remoqueou duro o barão. — Hoje não era eu que te passava receita nenhuma para aviares.

Tomou a bengala e as luvas, soltou um: — vivam! — tão forçado e imperceptivel como o da entrada, e enfiou pelo corredor, emquanto o nervoso folhetinista lhe dizia nas costas:

— Vae minado de luxuria, ia apostar. Lembra-me um bode castrado... Deixem-n'o, tenham dó d'elle.

Á porta da rua, o barão incontrou o director da *Gazeta*, bonacheirão, risonho, affavel, um grande ar protector e tolerante no labio grosso e redondo.

— Adeus, barão... Não ha quem o veja!... Que tem feito?

— Nada, a bem dizer... Nem sempre posso... Lá fica artigo sobre o *Foragido*.

— E então?

— Borracheira! — synthetisou desdenhoso, despedindo-se.

N'um relance alcançou a rua da Rosa,

Eugenio ainda não tinha entrado. O barão,

depois de ter percorrido a casa, de candieiro em punho, n'uma obstinação de exaspero: primeiro a salêta, onde havia agora uma commoda de mogno, calçado pelo chão, roupa arrastando sobre cadeiras; depois a sala, a alcôva, ao cabo do corredor a sala de jantar, a cosinha, a alcôva annexa, e até o cubiculo dos despejos, voltou á sala da frente, poisou o candieiro sobre a mesinha de pé de gallo e deixou-se caír no canapé, devorado de anciedade, quebrado, inerte, as mãos cruzadas sobre o ventre, as pernas estendidas com os pés de calcanhar na esteira, firmes ao alto, a cabeça ajustando no circulo de gorduragem que manchava a parede.

—Onde estaria, a taes deshoras, aquelle demonio?... Meia noite... eram bem horas de se ter recolhido.—E que não pensavam senão na estroinice estes rapazes d'agora! —commentava deploradamente, com um bom ar paternal de reprimenda a mascarar-lhe, nas profundezas do animo hypocrita, a vehemencia do desejo.—Patuscadas, mulheres, jogatina... e elle a dar para tudo isto! e pago, ainda em cima, com a mais negra ingratidão!... Pois não era uma ingratidão, uma vileza sem nome aquelle desprezo que o seu querido Eugenio agora lhe votava, ausente sempre, ás mais desincontradas horas, noite e dia, sem a menor attenção de desculpa para com elle, sem a minima lembrança das entrevistas combinadas, sem uma unica phrase, uma acção, um gesto de submissão affectuosa, de carinho compensador, de amoravel solicitação de excusa!... Excusa?... Qual! Polo contrario, á mais tímida, á mais ligeira admoestação, levantava-se logo com o santo e com a esmola aquelle brejeiro!

Ergueu-se e começou a passear, agitadamente.

—Era um pedaço d'asno, um lamecha tonto e ridiculo, um parvajola, um lesma. Porque não havia de mandar o rapaz ao diabo e substituil-o por outro, como já tanta vêz fizéra?... Era o tempo... E então que per essas praças enxameiava tanto onde remontar e bem! — Mas, de repente, a sua paixão por Eugenio a amollecer-lhe a cholera com justificações especiosas: — Elle, afinal, o rapaz não podia agora adivinhar... Talvêz que tivésse passado sempre em casa, deitadinho ali, muito socegado, as noites anteriores... e logo n'aquella, por uma arrelia de azar, é que lhe havia de dar em demorar-se!... Elle barão não lhe tinha deixado recado que vinha. O rapaz não adivinhava. Uma ou outra escapada n'aquellas edades, que muito era?...—E a alma do barão, um momento assombreada no receio da separação do ephebo, e que estas ponderações tranquillisaram, desatou a convulsivar novamente, com toda a rubra expansão da sua diathese, em vortilhões d'uma impetuosidade sordida, em furias d'uma violencia corrosiva e faminta.

No avermelhamento crepuscular que o petroleo do candieiro derramava em volta, côado pelo pára-luz de loiça branca, o vulto de D. Sebastião movia-se atormentado, breve, sinistro e longo como um espectro, — o olhar em braza, dançantes os braços, a bocca monologando, os dedos compridos e nodosos acolchetando o vacuo em ancias de naufrago, emaciados, tremulos.

— Não acabava de chegar o maldito! — E os passeios alongavam-se agora da sala, pelo corredor adeante, até ao extremo da casa de jantar, a qual já se não envergonhava da nudez d'outro tempo. Muito bem guarnecida. Tremeluziam na sombra facetamentos de crystaes, opalinidades de

loiças, golpeaduras metallicas de luz; esboçavam-se formas d'uma mobilia elegante de nogueira, filetada a preto; phosphorejavam pelos vidros dos quadros e pelas portas do guarda-loiça espelhamentos esverdinhados, vagos. As paredes tinham sido forradas d'um papel caro, em relêvo, como se não incontrava áquelle tempo em nenhuma outra casa de Lisbôa, a não ser, largo de S. Christovão, no escriptorio do barão; mandára-o vir expressamente; era de fabricação austriaca e imitava coiro lavrado. Na monotona escuridão em que mergulhava, a luz transmittida do corredor deixava ainda, n'um ou n'outro reflexo macio, adivinhar-lhe a rara excellencia. Ao fundo, no triangulo fechado polas cortinas e os parapeitos das janellas, vinha do exterior uma claridade. Era um trecho de céu velludoso e profundo, alto, distante, picado de furosinhos scintillantes abrindo para o infinito. O seu azul mysterioso e limpido vinha descendo, descendo e aclarando successivamente, desde um grosso tom ferrete, a morrer n'uma diaphaneidade algodoada e fresca, ligeira como a gaze, vaporosa, fluctuante, a fugir longe pelo espaço. A' esquerda, barrando cruamente de sépia esta aguada immensa de saphira, saía a curva dos montes da Outra-Banda, rugosa, opaca e gibbando como um cetaceo da agua metallisada, gorda, adormecida, em cuja pacificação absoluta as luzitas do caes, n'uma extensa fiada, mergulhavam prolongando-se esbatidamente. A' direita, o amphitheatro atropellado e negro da cidade, clareando para a base, denticulado, imponente, espesso, a grande linha terminal riscada com uma firmeza de *agua-forte*, o ventre brossado de claridades indecisas, de contornos abstrusos, de borrões impenetraveis, e todo cravado de fulgurações vermelhas.

Preso na grandiosidade fascinante do panorama, o barão incostou-se a uma jánella, a olhar... Um grande astro redondo luzia em cima, como n'um escrinio um solitario... Lembraram-lhe as lindas vistas de noite do seu diorama de cartão, em pequenino: umas limpas, claras, profusamente estrelladas, frias, d'uma transparencia sideral immaculada e transida, a reverberar deslumbramentos dôces nas camarinhas de neve acolchoando os telhados, pingentes dos arvoredos, espumaçando como n'um *bock*, sobre a caliça em farrapos d'algum moinho abandonado; outras caliginosas *goyarescas*, fulvas, o ar convulsionado, a paysagem retorcida, o fundo arriçado por vagos perfis de castellos insolentes e tragicos, lendarios, sombrios, na escuridão sinistra só coruscando as janellas, como brazas, da febre d'uma orgia... Tinha tambem a esse tempo uma capella com sua tribuna de folha doirada, jarritas de Saxe para flôres, frontal de damasco vermelho, toalha de renda, calix e banqueta de chumbo, lilipucinos, filiformes, luzentes, como prata. E todos os paramentos para o calix: pequeninos véus em tafetá de sêda, — brancos, incarnados, verdes, rôxos e pretos, — para usar conforme as ephemerides; corporaes minusculos de linho; e as respectivas bolsas, forradas a damasco das mesmas cinco côres. Dizia missa com toda a compostura, aos hombros um chalinho qualquer da mãe, a illuminação feita de pavio em rôlo, cortado, e por missal uma velha edição da *Côrte na Aldeia*, brochada em pergaminho, da livraria do... Em dias de festa, accendia uma vela dentro da sua bella cathedral de gêsso, baldaquinada, airosa, côr de assucar, a grande cupula rendada de furos, as portas e as janellas com vidros córados, e que transluzia na penumbra religiosa do

quarto uma bella côr suave e phantastica, doirada, como uma aureola...

A porção de religiosidade, subjacente polo atavismo na sua consciencia anesthesiada e molle, faulou então, commovidamente, e afestoou-lhe a alma de inspirações graves e piedosas, de pensamentos alados, internecidos, candidos,—como uma grinalda de anemonas, lilazes e rosas silvestres coifando um nicho tôsco de aldeia. A amnesia da sua infancia, amassada atravéz as escabrosidades da vida, desmoronou-se; e os nervos, deliquescendo, trouxeram a lume a evocação do tempo em que elle era ignorante e risonho, ingenuo, simples... —

—Quem pudéra retroceder!... Era bom ter fé, enthusiasmos, crenças; era bom abater, prostrar a nossa contingencia miseravel ante a divina suzerania do Impeccavel Architecto, do Ente Supremo e Necessario. Crêr era vencer. Um dogma era um escudo. Fôra, mais que a sofreguidão do desconhecido, uma sorte de hysteria mystica, de solicitação ao martyrio, de culto, de votação incondicional ao exaltamento da Divindade, que levára os velhos portuguezes de roldão por aquella barra fóra, n'um prodigio de arremettida que faz o assombro da Historia, confiados a frageis barcaças, batidos de inclemencias, arranhados de incertezas, devastados de terrores, gloriosos de epicas aventuras, a cadastrar o oceano, a açambarcar o mundo, a firmar o nosso dominio, lá bem longe, nos paizes doirados que a *Cruz do Sul* protege, muitos milhares de leguas de mar transpostas,—oh! esse mar iracundo e tenebroso, a cuja caprichosa immensidade nunca os avoengos de D. Sebastião tinham ousado confiar-se.

Mas outros, mais corajosos, tinham ido... Um

mundo novo surgira para a Europa, assombrada, reconhecida. O catholicismo transpôz a linha. Ia a cruz no punho das espadas. As novas gentes descobertas não eram tanto subditos agrilhoados para o rei de Portugal, como almas ganhas para o representante de Deus na terra. Das premicias magnificas do Oriente mandava-se o melhor ao successor de S. Pedro. No regaço de Leão x jorraram esmagadoras, infinitas, incontaveis riquezas... — Então, aos olhos desvairados do barão, o amphitheatro monstruoso da cidade pareceu como um thesoiro de incalculaveis maravilhas, acogulado n'uma grande salva de *lapiz-lazuli*, — o Tejo. Esperavam-se os palafrens, os tigres, as onças, os elephantes que o haviam de transportar... As tortuosidades das ruas, as angulações dos predios, as agulhas das torres, as manchas do arvoredo carvoavam na sombra, confusamente, desmarcadamente, porcelanas exoticas, jarrões de metaes preciosos, vasos de cobre batido com incrustações de platina, prata e diamantes, caçoilas de thuribulos, patenas de oiro, arcas de sandalo, crossas de baculos, relicarios joalhados, casulas, dalmaticas, asperges de torçal, prégas e florões de tapeçarias. Onde a onde, uma cornija estreita, longa, de palacio emergia dos telhados, branca e floreteada como um dente de marfim, torturadamente insculpido. Havia recortes de escaiolas que pareciam coraes; pharoes de tabernas que lembravam carbunculos. Extensas fieiras de lumes inrodilhavam-se, como rosarios de pedrarias. E, sobre o monte, uma mitra, — o zimborio da Estrella, ponteagudo, airoso, a sua grande cruz muito negra no azul hortensia do céu.

O barão pensou: — Que valhacouto impudente de devassidão a Roma da Renascença! Que antro

de infamias doiradas o Vaticano! — A enervação, a fadiga faziam-lhe escabujar agora na phantasia a pompa esbagaxada e homerica d'um festim de cardeaes.

Era ao fundo d'um vasto jardim umbroso e inextricavel, todo bordado de grutas, maciços de buxo, caramanchões, labyrinthos; milhares de balões de côres suspensos da abobada verde; per entre as ramagens da murta e dos loureiros faunos e satyros de marmore, brejeiros, a espreitar. Um amplo salão abria-se, magnificente, senhorial, classico, todo n'essa arte sensual e robusta que os primeiros christãos haviam, por medo e por ignorancia, condemnado. O tecto, horisontal, apainelado, apoiava-se em pilastras de *porphyro* polido, luzente, parecendo escorrer sangue, riscado d'alto a baixo em coruscancias lineares pola deslumbradora luz dos candelabros. Os capiteis eram de bronze doirado, com tôrsos de mulheres nuas rompendo dos acanthos. Pelos frisos rebolavam-se, entalhados, n'uma riqueza espadanante, apoplectica de misulagens, scocias, volutas, ovulos, os mais francos erotismos, as mais depravadas combinações do deboche e da luxuria. Sobre pedestaes de *aventurina* ardiam essencias caras. Nas almofadas, com arabescos a oiro, do tecto e das paredes, admiravam-se, n'um poderoso relêvo, em côres alarmantes, em carnaduras redondas, fortes, obras-primas de Giotto, Vinci, Fiezola, Perugino, Sanzio, Buonarotti. O perystilo da entrada era flanqueado por dois corêtos, de balaustradas de *malachite*, apoiados em cariatides de alabastro, que se erguiam sobre sóccos de marmore negro filetado a prata. Na parede opposta via-se armado um throno sobre degraus de marmore. Cobre-o

um docel de velludo carmezim. Tamboretes de ebano ladeiam-n'o.

Em toda a quadra reverberando, nos relêvos, nos ornatos, nos pannos de muro, nas estatuas, esta nitidez espelhada que é filha da opulencia e augmenta o brilho das coisas.

Ao centro, sobre um fôfo tapete negro onde os pés mergulham até ao artelho, em volta da mesa abarbada de iguarias, um grupo truanesco de cardeaes ceiava, — gordachões, luzidíos, rubros, a phrase descomposta, as purpuras em desalinho. Tocára o acume a orgia. Restos de quanto ha de mimoso, de refinado, de exquisitamente opiparo na arte da copa e da cosinha alastravam, bodegavam na toalha de trama de oiro, escorriam das compoteiras, lacrimavam nos crystaes, lambusavam a baixella riquissima, folhuda, cravejada, alto-lavrada, d'um lavor divino. Um cheiro nauseante, azêdo accumulava-se. No ar grosso, d'uma espessidão atordoante, invenenado, mórno, crepitavam risadas, vaporavam crassidões de iguarias, subtilisações de licôres, atomos de essencias, exhalações humanas. Os convivas, de face inlagostada, emborrachados, pandegos, as corôas congestionadas reluzindo como as bochechas d'um santo incarnado de fresco, traçavam as pernas uns sobre os outros, escorregavam para baixo da mesa, trocavam-se com as boccas pedaços dos manjares, beijocavam-se, davam-se pançadas. Alguns, macilentos, mãos na cabeça, vomitavam.

Romperam as fanfarras n'um *allegro* de marcha triumphal. Corre-se a cortina carmezim do perystilo...

O cortejo a desfilar.

Vem primeiro um grupo de *bambinos* adoraveis, guapos, angelicalmente formosos, adolescen-

tes, vivos, a carne viçosa e loira n'uma nudez arrogante, apenas simples bandas de purpura fustigando-lhes as côxas nervosas, delicadas. Marcham na mesma cadencia todos, a quatro e quatro, com uma exactidão marcial, a mesma perna simultaneamente avançada, entoando um velho rythmo pagão, espumoso e quente, o braço esquerdo inroscado na cinta do camarada ao lado, o direito erguendo um pequeno estandarte branco de setim, com um *phallus* a matiz bordado. Avançam com enthusiasmo, dolentes, requebrados, e ao tempo vão deslaçando as cinturas e postando-se em alas ao longo das paredes.

Seguem grupos de soberbas mulheres, coifadas á romana, rijas, apparatosas, grandes, o collo alto a descoberto; finissimas tunicas de linho cingidas por um vime logo abaixo dos seios fartos, amojados, têsos, e caindo colladas aos largos membros brancos; açafates com flôres sobre o quadril, no angulo dos braços roliços, carnujosos, tumidos, oruados de argolas de oiro e calcedonia. Estas sóbem aos tamboretes que ladeiam o throno, tambem cantando.

Vêem depois uns sujeitos hediondos, ferozes, barbaçudos, de elmo, coiraça, alabarda e espada, borzeguins de bufalo e calções em golpeaduras, bariolados, — especie de guarda pretoriana, movendo-se d'uma só peça, talhados em bronze, carrancudos, hirtos. Avançam a meio da sala, meia volta, e postam-se aos lados do perystilo, sôb os corêtos afflorando o alabastro das cariatides com o ferro das alabardas.

E desponta um pelotão sinistro de graves magistrados, gibbosos, solemnes, cadavericos; tufos nas mangas das bécas amplamente refegadas, funebres; sobre as cabelleiras em rôlos, brancas, uns

capellos enormes, pyramidaes, como barretinas. Ante os olhos molhados, apagados d'estes integerrimos senhores, oculos de oiro fazem as vêzes da venda applicada pola tradição aos olhos da Justiça. Lá vem a penna sobre a orelha, e grossos rôlos de pergaminho entre as mãos tremulas, nodosas. Enfileiram-se, como cabe á sua conspicua gerarchia, aos lados do throno, em baixo, sobre o ultimo degrau.

Uma troça de bacchantes lhes cabriola na cauda, endiabradas, loucas, de epiderme tostada e olhos ardentes, recrutadas nos verde-negros pomares electrisantes da Andaluzia. Os cabellos, d'uma abundancia inverosimil e d'um negro retincto inultrapassavel em que vermiculejam phosphorescencias, desparzem-se entresachados de cachos e parras viridentes, cobrem-lhes as espinhas, batem-lhes os flancos, ondeiam em nuvens bastas, unctuosas, olorantes. A alegria delirante vem com ellas. Agitam castanhetas, pandeiros, e dançam uns *fandangos* paroxysmicos, ao mesmo tempo cariciosos e bruscos, dôces e violentos, d'uma petulancia estonteadora, d'uma graça paradisiaca, — o tronco e o ventre atormentados em contorsões felinas, e os membros estrangulados n'um estôfo recamado de cascaveis de oiro, platina e perolas, colleando, faiscando no espaço como cobras.

Logo após, entra na sala um estrado franjado de oiro, — como um andor, — aos hombros de oito negros atarracados, oleosos, crespos, olhos brilhantes como punhaes. Em cima, morbidamente reclinado sobre um farto panno de velludo negro com reflexos fulvos, vem um ephebo, nu, de fórma impeccavel, de carne deslumbrante, assombrosamente perfeito, seductoramente bello. Prende-lhe no hombro direito um pequeno manto de purpura,

recamado de oiro; a cabeça toucada de loiros; a mão esquerda empunhando um thyrso de crystal.

E um amorsinho pairando ao lado, a velar-lhe o rosto com uma gaze côr de rosa...

Á entrada do andor, os cardeaes levantam-se todos, com difficuldade, n'uma lassidão cambaleante, e empunham e erguem para um brinde e fazem tinir uns contra os outros os calices sagrados transbordando de topazio liquido. N'este subito, simultaneo agitar dos preciosos vasos de oiro, a gemmas constellados, uma como rutilação de sol flammejou no recinto, emquanto um tilintido limpido soou, abafado n'um largo: — Evohé! — avinhado, rouco, vibrando com exforço pelo ar espesso, intoxicado, calido.

Poisára-se o estrado. O ephebo subiu ao throno, —agil, donairoso, leve, — e plantou-se em pé sobre o ultimo degrau, n'uma attitude cheia de elegancia e magestade, o tronco aprumado, as pernas afastadas levemente, caído o braço direito, e o esquerdo erguido, apoiando alto no thyrso, com o pequeno manto arrepanhado do hombro, inrolado, suspenso em pregas, como no Apollo do *belvedere*, e uma olympica e fria serenidade reçumando do corpo harmonioso.

As mulheres de tunicas de linho atiravam-lhe flôres. Dobraram o canto os córos. E o amorsinho pairando ao lado, a velar-lhe o rosto com o gaze côr de rosa.

Então os cardeaes começaram nas suas reverencias. Cada um subia, de genuflexão em genuflexão, os degraus do throno; ahi curvava-se todo, de posterior ao alto, as mãos em cruz sobre o peito; depunha um beijo religioso, breve na virilidade tranquilla do ephebo; e retirava da mesma

sorte, genuflectindo em cada degrau, curvado, ás arrecuas.

O barão seguia, gosava a lubrica ceremonia com uma intensa agudeza, paredes-meias da loucura. Inflammava-o aquelle exotico espectaculo, filho do seu espirito doente, aquella orgia theatral e magestatica, onde principes magnos da egreja prestavam culto, sensualisados, bebados, ao eterno principio fecundante, n'uma luz fumarenta, n'um ar deleterio, aos hymnos clamorosos das fanfarras, aos canticos das matronas e dos *bambinos*, entre o chuveiro das flores e as danças barbaras das bacchantes, agora complicadas por pantomimas facetas dos satyros do jardim, que tinham vindo, com uma elasticidade admiravel no seu marmore, e pinchavam, esfusiavam, rebolavam-se, apitavam nas frautas, erguiam-se a pino sobre os cornos, davam saltos mortaes sobre os rins cardinalicios.

Queria tambem... ia incorporar-se na cauda do cortejo... De repente, no mais acceso da allucinação, o amor deixa cahir a gaze, escarninho. Vê-se o rosto ao ephebo... Era Eugenio!... E o pederasta rugiu:—Ah! canalha!... —com os longos dedos emaciados crispantes de ameaça.

Aquelle brado angustioso normalisou-lhe o cerebro. O barão apalpou-se, esfregou os olhos pavidos, interrogou-se, olhou em torno. Logo, sorriu de si mesmo, entre compassivo e desdenhoso. Rodou para a sala da frente. Ao passar no corredor, ouve barulho na escada. O coração alvorota-se-lhe.

—Seria elle?!...

Vozes no primeiro andar:

—Adeus, filho, quando voltas?

—Vamos a vêr.

O ligeiro chupar d'um beijo, um bater de cancella, e novamente o silencio.

Desapontado, triste, veio D. Sebastião sentar-se á mesinha de pé de gallo. Porção de cartões arrastava em cima com a figura nua de Eugenio desenhada, — a carvão, a lapis, a *gouache*, a aguarella, á penna, — e isto n'um sem-numero de posições differentes: de pé, sentado, deitado, em attitudes froixas de abandono, em *poses* violentas de academia, orographado o corpo em nobres, viris musculaturas. Nenhum dos desenhos estava acabado. N'uns, quasi completos, admirava-se a parecença flagrante do rosto, a escrupulosa exactidão das carnes, palpitantes, macias, coloridas, e apenas um braço, só indicado por dois traços, vasio, branco, na harmonia do conjuncto claudicava; n'outros, menos felizes, faltava a transparencia, havia rasuras, emendas, tintas sobrepostas; outros eram simples, largos esboços, impressões d'um momento, firme o traço, mas angulosos, tóscos.

O barão agora, por effeito d'esta regressão cançada ao repoiso que segue de perto as emoções torturantes, sentou-se, tirou o relogio da cadeia, muito socegado, e collocou-o obliquo, aberto, sobre a mesa, contra o pé do candieiro. Depois deitou agua n'um diluidor de porcelana com tintas, tomou um pincel e pôz-se a afinar, a retocar cuidadosamente um dos retratos de Eugenio. Emquanto isto fazia, emquanto a mão ia com amor esbatendo uma sombra, fixando um contorno, mordendo um refêgo, uma préga, o espirito, calmo, sensato, despreoccupado, n'um alheamento inteiro do motivo que o retinha áquella hora ali, commentava, analysava, passava em revista, punha em ordem friamente a economia intima da sua

vida. — Precisava occupar-se um pouco mais da Elvirita... Ella, coitada, era-lhe dedicada, amava-o, carinhava-o, não lhe faltava com coisa nenhuma... Cabecita leve um pouco, sim... por culpa d'elle! Não a distrahia... não fazia por lhe prender a alma, por lhe povoar o coração... Sósinha, sem filhos... Nada, ia dar agora em muito caseiro, miminhos, presentinhos, festas... Um marido exemplar!... Mesmo era tempo de entrar de vêz com decencia, na vida litteraria. Tinha geito e vocação. Teixeira de Vasconcellos animára-o, quando foi do ultimo folhetim. — Na critica podia ir longe, — tinha-lhe vaticinado, via-se que convencido, com a maior franqueza. Era mistér fazer barulho. O seu grande romance sacro, a sua galeria de perfis celebres estavam planeados. Toca de dar-lhes fórma! Já não era creança. Para quando diabo se guardava?... — E, acompanhando d'um gesto sacudido o pensamento, largou o pincel e arremessou o cartão, que foi caír longe, sobre o *divan* verde.

Mas logo, seguindo a mesma ordem de ideas, e corrigindo um esquisso a carvão, magnifico, do amante: — Em Lisbôa não se podia... Tanta distracção, tanta massada, tanto tempo perdido! Campo, campo... Porque não havia de refugiar-se em Lavos?... Tão bôa casa!... Era o melhor. Arranjar aquella febre de producção em que fallam os Goncourt, e depois incerrar-se ali, semanas, a escrever, a escrever... sem cuidar em mais nada, dilatando, refrescando a phantasia na contemplação das suas marinhas immensas da Murraceira, luminosas, frescas, suggestivas... Mesmo as propriedades andavam-lhe um tanto ao desbarato. Roubavam-n'o os caseiros; precisava ir vêr aquillo.

Então, erguendo-se, preso n'uma contrariedade,

o pollegar nos labios, perplexo: — Deixar Lisbôa? Deixar Eugenio?... — A cabeça abanou negativamente, e o miseravel caíu na cadeira, descoroçoado, resignado, inerte, incapaz de repulsar a fatalidade do seu vicio.

Poisaram os olhos no mostrador do relogio.— Duas horas... Já não vinha o *estepor!*... — Senhoreára-o novamente a excitação voluptuosa. Ergueu-se de impeto e voltou a passeiar, agitado, fulo, n'uma oppressão de exaspero, o coração nas fontes, as extremidades frias. Depois, n'um grosso resfolgar de raiva, prendeu o relogio á cadeia, accendeu o rôlo, apagou o condieiro e saíu.

Começou descendo a rua na intenção de seguir direito, rapido para casa. Mas a ultima esperança ainda o não tinha deixado.—Podia ás vêzes acontecer, por não esperar mais um minuto... — O passo foi afroixando na rua deserta e sombria. A' primeira travessa, voltou, tomou a rua da Atalaya e retrocedeu por ella acima até ir desembocar novamente á rua da Rosa, bastante longe da altura onde tinha a casa. Procurou-a sofrego, no mesmo instante, com um olhar de lynce, inflammado, agudo da anciedade ardente que o consumia. Lá a descortinou em cima, indecisa, negra, no intervallo de dois lampiões. Ao tempo um vulto passou, escoou-se, pareceu entrar n'ella... O barão correu para defronte. — Se fôsse Eugenio, as portas da saccada tinham ficado abertas... havia de apparecer luz.—Esperou... esperou... A mesma escuridão permaneceu, implacavel.

Elle então tornou a afastar-se, desesperado, trépido de angustia, com um peso na espinha, vagamente doloroso. Mas, ao chegar á rua da Atalaya, de novo voltou para cima. Queria arrancar-se d'aquelle circulo infernal e não tinha coragem, não

podia! A tyrannia do sangue fêl-o rodar convulso, dezenas de vêzes, n'aquelle trecho do Bairro-Alto, immundo e tortuejante. Dezenas de vêzes elle percorreu aquelle circuito, obstinadamente, com uma tenacidade de naufrago, injaulado no seu desejo como n'uma gaiola uma fera. Por fim cançou. A excitação, abrandando, consentiu-lhe raciocinar: — Que demonio de estupida teima era aquella?!... Pois não podia estar com elle no dia seguinte, logo, d'ali a poucas horas?... Que mais fazia?... Ou já não seria homem capaz de se vencer?... Tolice sem nome!... Nem que não tivésse senão aquella maldita noite para amar o diabo do rapaz! — E foi descendo ao Rocio, vagaroso, pêrro, interrogando sempre machinalmente com os olhos as pessôas que incontrava.

A'quella hora era quasi nullo o movimento n'esta porção mal afamada e lobrega da cidade. Janellas de lojas escancaradas, com lençoes passados em ar de cortinas, atravéz dos quaes uma luz do interior vinha, e mulheres de cuia e chambre branco deitadas no parapeito, sobre almofadas de panninho vermelho, a dormir com um respirar cavernoso. Dois fadistas amparando-se, a uma esquina, a mutua bebedeira. Rara taberna aberta. Algum lamento apagado de guitarra.

O barão, assim como se afastava do seu ninho de luxuria, ia acalmando. — Que noite de loucura!... Se viria a indoidecer devéras?... — Tinha medo, abominava-se. Desconhecia-se.

N'estas disposições chegou á porta de casa. Fumegavam-lhe os pés, ourava-se-lhe a cabeça, extenuava. Precisava descançar, dormir... Subito, — ia a metter o trinque na fechadura, — hesita, acode-lhe ao cerebello uma onda escandescente... Guardou a chave, voltou costas e repellou via

para a Baixa, n'um passo estugado, desegual, incerto. E correu a esquadrinhar os recessos das ruas, os desvãos das portas, a sombra paludosa dos bêccos, as quinas dos sumidouros, — abrasado, exasperado, inquieto, como um lobo faminto.

Afinal, debaixo do Arco do Bandeira, deu com um garôto sujo, esfarrapado, torpe, e n'elle foi cevar ingnobilmente, ao primeiro recanto immundo de viella, a bolimia sensual que o devorava.

Amanhecia...

VI

Na tarde d'esse dia, por volta da uma hora, Eugenio, que tinha acabado o seu almoço, accendeu um charuto, levantou-se da mesa e passou á sala da frente, a abrir uma das saccadas. O dia estava limpo, sereno, primaveralmente lucido. Parecia novo em folha o sol; o céu era de esmalte. Appetecia ir fóra de portas, pelos campos adeante ás papoilas, os pulmões banhados de ar fresco, os pés interrados na verdura. Um vendilhão subia a rua com um burro pela arreata, carregado de hortaliças; de minuto a minuto soltando o seu pregão retumbante, cabeça levantada, olhos fechados e a mão posta contra a face, de anteparo ao ouvido, espalmada, enorme. Um surdo rolar de trens tremulejava. A meio da rua, em baixo, dois gallegos descarregavam trastes velhos da padiola para dentro do *bric-á-brac*.

Eugenio, — charuto ao canto da bocca, mãos no parapeito da varanda, — recebia em cheio a luz no rosto, consoladamente, n'este vagar, n'este descanço voluptuoso de quem não tem cuidados. Vi-

sinhas anemicas olhavam-n'o gulosas, implorantes. Elle, sem as vêr, distrahidamente, deixou a varanda, lançou uma mirada de relance á sua pessôa deante do espelho do toucador, chegou-se á mesinha de pé de gallo e tomou ao acaso um dos desenhos, que se pôz a examinar, para matar o tempo, com uma attenção vaga e indifferente, com uma indolencia feliz.

Ringe uma chave na porta de entrada. Era o barão que entrava, e que interpellou logo, entre reprehensivo e meigo:

—Isto tem algum geito, *seu* vadio?

—O quê?—perguntou Eugenio, sem desfitar dos desenhos, sêcco, n'um desdem altivo.

—Estive esta noite toda aqui á sua espera, desde a meia noite até ás três da manhã!

—Quem o mandou?

—Ainda em cima!?—reprimendou o barão, arregalando muito os olhos, com dureza.

—Pois decerto. Alguem obrigou-o?—tornou Eugenio, deixando caír o cartão e incarando o interlocutor em ar de desafio.

—Tu não estás bom!—cresceu o barão, mais aspero. Foi cerrar a vidraça, e proseguiu:—Ouviste, Eugenio?... toma bem sentido!... Isto assim não póde continuar... Fazes tanto caso de mim como d'um cão! Que eu venha ou que não venha, que me desgoste, que me desespére, é para ti a mesma coisa!—Eugenio passeiava.—Estou farto d'este inferno! Ou adoptas outro modo de vida, ou então...

E Eugenio á vidraça, olhando para fóra:

—Tanto se me dá como se me deu.

—Sim!?—explodiu o barão, cholerico.—Pois sei muito bem o que heide fazer... Estou até aqui!—e indicava a garganta. Agora era elle que

passeiava, raivoso, macilento. — Vou deixar de ser tolo... Eu é que pago, e que me heide contrariar!... sempre, sempre, a todo o instante!... Nada, isto precisa um termo. Sei o que heide fazer.

— Á vontade.

Esta aggressiva, provocante arrogancia de Eugenio assustou, fêz parar o barão, que, arrenpendido, forcejando por se conter, sentou-se no canapé e tornou, conciliador, macio:

— Onde passáste a noite?

Mas o ephebo, teimoso na insolencia:

— *Bonda* que eu o saiba.

— Toma conta, Eugenio... Olha que a paciencia tem limites e esta casa é minha.

— Gose-a á vontade. *Num* lh'a cubiço, — recalcitrou Eugenio, de repellão. E, tomando o chapeu e as luvas, incaminhou-se para a porta.

Cortou-lhe o passo o barão, n'um pulo, filando-lhe os hombros, alanceado, côr de lacre.

— Para onde vaes!?... Offerecêram-te casa n'outra parte?

— Talvêz...

— Proposta d'algum frascario com mais dinheiro do que eu?...

— Tal qual!

O barão, fulminado, succumbindo a uma vertigem, congestionado de afflicção, de terror, de angustia, caíu de joelhos deante de Eugenio, e segurando-o polo collete, collando-lhe os braços aos quadris, afagando-lhe com as mãos a cinta, prorompeu n'esta litania abjecta:

— Eugenio, por quem és!... filho, não me deixes! não saias d'aqui!... Embora já me não estimes, dado que embirres mesmo comigo... peço-te... por compaixão! fica, não te vás!...

Tenho a certeza de que não poderia viver sem ti. Se me deixas, matas-me... Por piedade, fica!... Não sejas ingrato... Bem sabes como eu te quero!... Dou-te tudo, faço tudo o que tu quizéres!— E, incostando-lhe a cabeça aos joelhos, n'um desmaio implorador, internecido: — *Vomecê, seu* mau, já não é meu amiguinho... Que mal lhe fiz?... diga lá. Tenha dó do seu velhinho! — Depois, erguendo a cabeça, carinhoso, persuadente: — Não me deixas, não?...

O rapaz, que sopportára esta scena penosamente, baforando para a rosacea do tecto espiraes de fumo, com um sorriso crispado, enojado por tanta baixeza, poisou as mãos na cabeça do amante, e fitando-o nos olhos, com um sorriso especial, amorosamente, insinuou:

— Quando vamos a Cintra?

— Quando quizéres, — annuíu logo o barão, erguendo-se, com um riso triumphante.

— O senhor sabe que eu que ando morto por lá ir — lamuriou Eugenio, com beicinho mimalheiro, — e afinal... ha uma eternidade sempre a prometter, a prometter... e nada de novo.

— Pois vamos lá, meu amor, quando quizéres... — murmurou D. Sebastião, beijocando a face pennujosa do ephebo.

— A'manhã?

— Seja ámanhã... *Vomecê* manda, — confirmou o barão, ridiculo de ternura.

— Que bella reinação! — exclamava agora Eugenio, sinceramente alegre, leve do alvoroço, esfregando as mãos, abanando a sala aos pulos sacudidos. Abriu a vidraça, deitou fóra o charuto, inspirou com delicia o ar fresco e penetrante. — Que grande patuscada! — E de repente, parando a meio da casa e levando a mão á cabeça, n'um

gesto de perplexidade muito bem estudado, n'uma como lembrança de coisa cuja proposição o embaraçava, doce, muito humilde, aventurou: — Ah! mas eu tinha um favor a pedir ao sr. barão...

— Que é?

— Queria levar a Esther.

— Quem diabo...!?

— Uma judia muito *catita*, de casa da *Pacca!*... E' d'uma cana! Tem um corpo que é uma belleza. Ha seis mêzes na vida e com uns seios de donzella!... E tão bôa rapariga, tão minha amiga... Fico lá muitas nóites... Com'a noite passada... Queria-a levar...

— Estás doido!?

— Já lhe prometti...

— Oh, filho, isso é o diabo!... Comigo... casado, que hão-de dizer?

— Que tem lá?... O sr. não vae só com ella; vae comigo. Ella é como se fosse minha amante, minha prima, minha irmã, minha tia... qualquer coisa... O que calhar. Assim não tem mal nenhum. — E mocanqueiro, requebrado, anediando-lhe o bigode, dando-lhe nas costas palmadinhas promissoras: — Então, dito, faz a vontade ao seu menino?

Depois de hesitar um instante, o barão:

— Concedido... A'manhã, ás seis da manhã, está-me no Rocio, esquina da calçada do Duque. Lá vou com o trem.

— Tão cêdo!...

— Então, bem vês... é para irmos almoçar cêdo á Porcalhota e chegarmos a Cintra com tempo de gosar bem o dia e vêr alguma coisa.

— Tem razão... Com que, ás seis, no Rocio... eu *mal'a* Esther.

— Tu e a Esther.

— Rico barãosinho da minh'alma!—exclamou o rapaz, n'um grosso abraço. — E's o rei dos homens! — Iam descendo.—Não és barão, és nata... Que grande patuscada!

Nos intervallos que a sua paixão lhe abria para a vida commum, amostrava-se o barão triste, macambuzio, inquieto, vagamente laborado de apprehensões imaginarias. Com ellas o seu pensamento aterrava-se, brusca, supersticiosamente. O temor d'um incendio, d'um terremoto, d'um desastre qualquer, enorme, convulsivante, acordava-o de noite em sobresalto muita vêz. Ou caía despenhado n'um poço sem fundo; ou asphyxiava n'um mar de lama; ou vinha rasgar-lhe o peito um monstro innarravel; ou estorcia-se na derradeira agonia... E abria então esgazeadamente os olhos, na luz topazina da lampada, o coração aos pulos, as mãos ardentes, nos ouvidos um *tamtam* congestivo, e a voz estertorando nos gritos pavidos, sobrenaturaes, incoherentes d'um despertar afflicto.

A voz da esposa, maternalmente protectora, cariciosa, equilibrada, tranquillisava-o. Mas o seu hypochondrismo constante, o receio excessivo e continuo de doenças phantasiadas, improvaveis, tornava-lhe o humor irritavel, mergulhava-o n'um desespero passivo, n'uma falta de resolução inanime, sombria. A mais insignificante desordem pathologica bastava para lhe caliginar o espirito; a mais ligeira perturbação nas funcções do seu melindroso estomago de dyspeptico fazia-lhe vêr tudo negro, entremostrava-lhe a morte, refugava-o para longas caminhadas solitarias nos *squares* excentricos e desertos, nas azinhagas de fóra de portas, na sinistra pacificação dos cemiterios.

Em casa, cada vêz mais aspero, mais taciturno e raro. Embalde a baronezita, na medida do seu temperamento, se desatava em mimos, seducções, galanterias; embalde se aprimorava em povoar-lhe a casa de confortavel, de regalos, de pequeninas surprezas adoraveis. — Deus sabe quão laboriosamente concertadas! Nada d'isto sentia, nada via o barão. Entrava e saía, desdenhoso, mudo, alheio a este malbaratado poemeto de ternura; e a pobre creança debatia-se n'um isolamento dissaborido, crepuscular, visinho do desprezo. E, como os filhos faltavam, o tédio vinha poisar-lhe no regaço, emquanto a alma se lhe espreguiçava e a cabecita, leve, inoccupada, ia aventurando para a vida exterior inquirições perigosas.

Foi assim que n'essa manhã em que tão alvoroçadamente havia aprazado a digressão a Cintra, mal o barão, na Patriarchal, se despediu de Eugenio, logo entrou de considerar, de arrepender-se, de descobrir fartos motivos de desgosto na diversão que, ainda menos de meia hora contada, de tão bom animo combinára. — Que diabo de graça ía ter aquillo, no fim de contas?... O rapaz, com a amante atrellada, nenhum caso faria d'elle, era mais que certo... Haviam de aproveitar todas as occasiões, todos os pretextos, os minimos incidentes, — Arcos das Aguas Livres, symphonias verdes d'uma quinta, uma boiada pastando, o choupal d'uma ribeira, um moinho, uma nuvem, — para se tocarem, para se olharem, para mutuarem impressões, sorrisos, para se irem amando nas barbas d'elle, desaforadamente... Oh! um ridiculo sem egual... E ainda em cima, na intimidade, haviam depois fazer-lhe troça! Mas é que elle jámais se prestaria! Tolice de complacencia!...

Atirára-se para dentro d'um trem e mandára bater para os Prazeres. — Seguramente, vou-lhes mandar dizer que ámanhã não pósso... Nem ámanhã, nem nunca... Semelhante papel, nem que me queimem vivo! — E d'ahi a instantes, com uma pontinha de desejo, afinal, em ir: — Pois elles não terão comigo um bocado de delicadeza?... Sobra-lhes tanto tempo para se amarem, longe da minha vista... — Esta consideração mordeo de ciume: — Birra de azar!... Ia tão bem só com elle!... Mas hade vir sempre um demonio d'um empecilho, como agora essa *pindonga*, invenenar todos os meus prazeres, ainda os mais innocentes, ainda os mais simples!

E n'esta fluctuação, n'esta perplexidade, n'este turbinar atormentado de reflexões, de ideas, de appetites, vagueou horas o barão pelas frias alamêdas do cemiterio, detalhando na apparencia os mausoleus, soletrando as inscripções piedosas, na realidade torturado polas incongruencias fataes da sua doença a expandir-se.

Pelo mesmo tempo, chegára D. Jacintha Migueis a S. Christovão, com a filha mais nova, e ambas se tinham internado logo até á salêta predilecta da baroneza, que, dobada na *chaise-longue*, ao seu cantinho, contava machinalmente as folhas da grande magnolia que se erguia em frente, luzidia e negra, do jardim.

Depois dos comprimentos de habito:

— Então, o teu homem, que é d'elle!... Anda *na giria*, hein?

— Saíu logo depois de almoço. — E tinha recolhido de madrugada.

— E tu aqui assim, como n'um convento! Passaculpas do menino, sem desembaraço para nada. Sempre me saíste uma seresma! — impava a mãe,

sentada no sophá, muito vermelhaça, arripiando os labios e largando de si, n'um saccão dos braços, o mantelete carregado de vidrilhos.

— A mamã falla bem... Queria-a vêr no meu logar.

— Eu! — esfusiou D. Jacintha, erguendo-se de impeto. E de olho coriscante, rugindo ameaças: — Aaanh!... Estás muito inganada! Havia de lhe pôr o sal na moleira. — Media o pavimento a passos pesados. — Biltre! Para isto se casam... Se queria uma escrava, fôsse aos pretos buscal-a! — As passadas continuavam sobre a alcatifa, redondas, macissas, emquanto as varetas do leque, machucado e batido com furia, tilintavam nas unhas, nas pulseiras, nos anneis da mão esquerda. — Não sabem ser mulheres estas delambidas de hoje. — As duas filhas entreolhavam-se, encolhiam os hombros, trocavam ás furtadelas sorrisos commiseratívos. — Panaes de palha! — Subito, parando deante de Elvira, com o tronco á frente e o leque erguido n'uma crispação de ameaça: — Tu é que me tens a culpa, minha parva. Se o matrimonio é canga, seja canga para os dois!

E, n'uma reviravolta da mais comica imponencia, reatou o passeio autocratico ao longo do aposento.

A baroneza, sinceramente vexada, acudira com infado, erguendo-se:

— Tenho sermão, ainda em cima... Ora a minha vida!

E refugiou-se, a olhar para o largo, n'uma das janellas.

Mas a mãe, retesando o pescoço implacavel:

— Custa-te ouvir as verdades?... Minha riquinha, tem paciencia; é soffrer e calar. Para isso és minha filha.

Então a Julita, chegando-se ao ouvido da irmã, em segredo:

—Comprou-me um córte de vestido ha bocado... Alguem o hade amargar.

—Amarga-o tu, que lucráste com isso! —retorquiu a baroneza, rufando nervosamente com os dedos na vidraça.

D. Jacintha agora sentára-se na *chaise-longue* e bamboava o corpo ameaçadoramente.

—E elle tambem me vae ouvir, o paspalhão do meu genro!... Sempre me saíu uma prenda!... Já d'aqui me não vou, sem elle vir.

Forte n'esta resolução, pôz-se a compôr a *capota* cujo equilibrio os violentos accionados da cabeça haviam tornado periclitante. Com o levantar dos braços, viu-se a côr do vestido destingida no sovaco, d'onde fumava um *fartum* sebaceo e quente; e a sêda do corpete ringiu aspera ao exforço de levantar a grande massa do seio, em cuja immensidade molle desappareceu o queixo, o nariz e a larga face camarinhada de suor, congestionada.

A posição era difficil, fatigante. D. Jacintha implorou apopletica:

—Valha-me Deus!... Meninas!

—Espere, mãe, eu ajudo, —acudiu D. Julita, da janella.

Restabelecida a symetria e a gravidade nas feições e fitas correlativas d'aquella cabeça barbada de matrona, D. Jacintha proseguiu, mirando o aposento, cada vêz menos acrimoniosa, de leque aberto, refrescando-se:

—Quer não... Elle arranjou-te aqui uma caixinha de amendoas, uma bonita gaiola de canario, não tem duvida. —Indicava os moveis: —Bons poleiros... —Forçava as molas da *chaise-longue:* —Baloiço... —Tocava os livros sobre a

mesinha de xarão: — E o pão de ló!... Está fresco isto... Não vejo senão inutilidades, futriquices. — Agora apontava os dois vasos etruscos, ao alto das columnas de talha: — Dois cacos, bons para jogar o entrudo, ali n'aquella estimação! — E o retrato: — Aqui, vejam! quatro borrões, pagos por um dinheirão, a quererem ser a tua cara!... E tudo fóra do seu logar, tudo tão atravancado, que até a gente tem medo de se mexer, aqui... — Depois, grandemente cholerica para a figurita escarolada de mandarim, posta a espreitar sobre a espalda do sophá: — Pois então aquelle bonifrate de olhos tortos... Implica comigo!... Como não têem filhos, entretêem-se com *bonecros*... Patetas! Arranjem-n'os de carne e osso... Nem para isso têem geito, semsaborões!

Foi acalmando; e ao cabo, morbidamente, abanando-se sempre, somnoleava.

As duas irmãs, esquecidas da mãe, em pé contra a vidraça, taramelavam com animação, baixinho. A Julita, afogueada, dobrava á pressa nas mãos tremulas uma carta que a baroneza lhe passára.

— Está bôa, não está? — interrogou, cheia de fé, invaidecida, mettendo a carta na algibeira.

— Está — confirmou a irmã.

— E séria?

— Mas então porque te não vae pedir? por que espera elle?

— Diz que, sem saír primeiro official, não póde. E com o outro governo, verás, é logo.

Ruido no escriptorio de passos conhecidos. Era o barão.

Beijo nos crespos loiros da esposa, na cunhada um abraço cordeal, e um frio aperto de mão á sogra, que logo o interpellou, com mal disfarçado azedume a apontar da inflexão amoravel:

— Viva o sr. meu genro... Estava á sua espera.

— Sim?

— Para lhe ralhar!

E o barão, sorrindo:

— Está no seu papel.

D. Jacintha remoeu: — Atrevido! — e logo, um tudo-nada hostil, familiar:

— A minha filha tambem é gente, percebeu?... tambem precisa de ar. Não é nenhum *bonecro*.

— Certamente, — annuiu o barão. — Nem eu pensei nunca em reduzil-a á futil condição de *bibelot*. Não sáe mais, porque não quer.

— Não diz ella isso.

— Oh, mamã... — atalhou Elvira, pressurosa, lançando-se contra a mãe, uma doçura reprehensiva e grata a fundir-se-lhe na graça da expressão.

Mas a mãe insistiu:

— Então, filha, digo a verdade.

— A mamã exaggera, — tornou a baroneza. E acrescentou: — Sou muito feliz! — com duas lagrimas a camalear-lhe o ambar das pupillas. Depois, fitando o barão com meiguice: — O Sebastião é muito meu amigo... Não digo que uma vêz ou outra, não tenha a sua pontinha de genio celebrão... Ora, mas isso todos nós temos... Eu do meu maridinho, se tenho a queixar-me, — e poisava-lhe as mãos nos hombros, — é do muito mimo que me dá... é de me fazer muito as vontades! — Voltou-se para D. Jacintha, com uma infantilidade confiante: — e senão, mamã, quer vêr?... — E concluiu, abandonando-se toda contra o peito do barão: — Sebastião, está um tempo tão bom!... vamos nós a Cintra, ámanhã?

O barão, colhido na difficuldade, empallideceu; mas n'um segundo, recuperado o sangue-frio:

Ora, logo ámanhã!... não póde ser. — E simulava arrelia. — Acabo de combinar com uns amigos irmos lá ámanhã justamente! Não heide agora...

— Isso que tem? São teus amigos?... Vou com vossês.

Oh, filha, não os conheces. Nem tu, nem nós estariamos á vontade. Ámanhã, não.

— Ámanhã é que eu queria... — murmurou a baroneza dulcidamente, n'uma provocação adoravel, o busto suspenso e a cabeça ao raso dos labios do marido.

— Que mais te faz um dia, ou outro?

E a D. Jacintha, triumphante:

— Vês?... Ora ahi está!

— Vamos, sim?... — arriscou ainda baixinho, na mais seductora das supplicas, a baroneza.

O marido, soccorrendo-se a toda a sua energia, evocando Eugenio, afastava ao de leve o corpito eloquente de Elvira, evitando incontrar-lhe os olhos, afagando-lhe as mãos.

— Ámanhã, — já te disse, *vivi*, — faz-me ferro, mas não póde ser.

Os braços de Elvira caíram; emquanto a mãe se acercava a dizer-lhe, com dureza, de modo que o barão ouvisse:

— Não te abaixes a pedir mais!

Os olhos do barão fuzilaram.

— Mas isto, no fim de contas, é uma pieguice! — observou elle; e de novo junto da esposa, fitando-a com um sorriso que queria ser branco, voltando a afagar-lhe as mãos: — Que mais faz?... Tirante ámanhã, qualquer outro dia, logo depois, estou prompto. — Elvira desembaraçou-se; e elle então, com um pique de genio: — Que diabo!... Sempre as mulheres arranjam um caso de cada caprichinho!

D. Jacintha tornou, ao ouvido da filha, mas alto:

— Deixa, não peças mais!... Vamos nós, queres?

Um raio de alegria acerejou a face trigueira da Julita. Mas a irmã:

— Não... contra vontade d'elle, de modo nenhum.

E a mãe, despedindo-se:

— Não sejas creança! resolve-te.— Depois dardejou para o genro, ao dar-lhe a mão: — Mau homem! — a tempo que Julia instava com a irmã: — Dize que sim!... Era tão bom!... Eu avisava o Frederico...

— Mau homem! — repetia a sogra ao barão, que acompanhava as duas senhoras ao patamar da escada. E ia ensaiando:

— Ó minha senhora, sejamos razoaveis... pois porventura...?

D. Jacintha atalhou:

— Não tem a mulher que merece... É mesmo pessimo! — Depois, já no fundo da escada: — E ficamos de mal! vá-se com esta...

— E a minha cunhadinha tambem fica mal comigo? — appellou o barão para a Julita, que lhe dizia adeus.

— Fico, sim senhor! — confirmou ella n'um riso amoravel.

E desceu a escada em dois pulos desinvoltos, para alcançar a mãe.

Tornado o barão á salêta, elle e a esposa conservaram-se largo tempo mudos, pregados no mesmo embaraço, vincados, longe. Assim veio stereotypal-os, gaudioso, o pequenino olho esculdrinhador da Dorotheia, que annunciou:

— O jantar está na mesa.

Derivou todo o jantar silencioso. Os nervos da baroneza, já mordidos pola humilhação que soffrêra deante da mãe e da irmã, agora exacerbava-os, punha-os n'um ponto de irritabilidade excessiva a recordação da contrariedade e a immensa monotonia d'aquelle estar a uma mesa, ali só com uma pessôa aborrecida, sem vozes, sem cordealidade, sem expansões, sem ruido. Chocava-a o som molle dos passos do creado; o tilintar dos talheres e dos pratos fazia-a estremecer. Comia á pressa, com os olhos na toalha, aturdidamente, toda no empenho de abreviar aquella eternidade de refeição estupida. Se o creado demorava um instante no levantar d'um prato, no servir do seguinte, logo ella, saccudida:

— Está a dormir? Avie-se!

Nem os canarios, extranhos do silencio, soltavam o canto. Mal pipiavam.

E Então, se houve dia em que o barão, que não tinha nada de gastronomo, achasse prazer em conservar-se á mesa, foi aquelle. Comeu de tudo, repetindo, mascando mesmo um pouco ao saborear as iguarias predilectas, cofiando o bigode a intervallos, feliz, com um bello ar tranquillo.

Ao café, perguntou á esposa:

— Queres saír?

— Não.

Saiu elle.

E nem mais palavra trocaram n'esse dia. A baroneza, como não soubesse da hora a que elle recolheria, deitou-se cêdo, propositadamente; por fórma que o marido, quando entrou, foi achal-a já na alcôva, fingindo que dormia.

Mal a manhã seguinte dealbava ainda, a baroneza sentiu que o barão se levantava, com pressa mas docemente, sem duvida para a não acordar.

Elle tinha as articulações molles, parecia pouco senhor dos movimentos, atrapalhava. Duas vêzes seguidas o pé esquerdo enfiou pela calça direita, embrulhado nos suspensorios; as botas não havia meio de dar com ellas; o collete foi primeiro vestido do avêsso. — Effeitos do somno interrompido. Lassava-lhe os membros e os sentidos o enlanguescimento d'um despertar prematuro, — pensou a baroneza. — Bem feito! — e seguia regaladamente, do canto dos olhos, com um travor de maldade, o atabalhoamento do barão.

Todavia, a julgar pelo tremulo das mãos e polo humido faiscar dos olhos, não o laborava só o exforço d'um estremunhamento, mas tonteava-o a vertigem d'uma commoção. Aquelle homem vestindo-se assim, de madrugada, atrapalhadamente, n'um vago de incerteza, não era o joguete das comicas incoherencias d'um acordar antes de tempo; era uma organisação vehemente de sybarita, correndo ávida, em febre, para o prazer.

A baroneza, levemente tremula na tepidez das coberturas, ouviu o chapinhar de agua fria, depois um tilintar de oiro, ranger de botas... e elle junto do leito, a dois dedos da sua face branca e redonda, soprando baixo: — Elvira... ó Elvira. — Não respondeu; antes arremedou, exaggerando um pouco, o respirar compassado e alto de quem está dormindo bem. Vendo o que, o barão, sempre mui docemente, abriu a porta e saíu, tornando a fechal-a sobre si, sem fazer bulha.

A baroneza então voltou-se, n'um pulo de cobra, de costas sobre a cama, e abriu os olhos raivosamente na penumbra côr de amethysta da alcôva. Um frio incolheu-lhe os nervos, percorreu-lhe a pelle. Nos labios crispados silvou uma expiração de despeito, recalcada. — Era pois certo!...

lá ia elle para Cintra com os amigos... que valiam mais que a esposa!... Do pedido d'ella não fizéra caso, encholerisára-se... agora os amigos, esses estavam primeiro... Parecia incrivel!... E que obstinação, que intransigencia!... Haveria elle tambem *amigas* de mistura?... — Teve um sobresalto. — Era o que faltava! O cumulo do escarneo... Mas assim parecia... — Depois, com uma inveja irada: — E lá iam!... lá iam gosar... com um dia provavelmente bello, um dia creador, assoalhado, limpo! — Saltou da cama, em camisa, e foi abrir as portas de uma das saccadas.

Olhava ao nascente. Um feixe de raios de sol entrou, fresco e loiro como um sorriso de creança, e veio afflorar-lhe caricioso a rosea pôlpa do braço, dar brilho á macieza lactea do collo, palhetar de oiro o cabello arruçado e crespo. Atravéz a vidraça, esbatia-se lisa e leve pelo espaço a aguada diaphana do céu. Despertavam os primeiros pregões; os pardaes cruzavam-se em bandos, grasinando. — Um bello dia!

A baroneza demorou-se um instante n'este banho de luz, olhando ao longe, inebriada... Porêm de repente, n'um desespero, atirou com a porta, enfiou-se de novo, tremula de raiva, entre os finos lençoes de linho, e desatou a soluçar.

Levantou-se tarde. Esmagava-a uma profunda, atroz melancholia. Todo o dia passou com uma oppressão no peito, na cabeça um peso horrivel, uma apathia mental escura, marasmante. A mãe mandou-lhe recado, seriam nove horas. — Se sempre se tinha resolvido, que fosse. O dia estava lindo. Podia de caminho trazer a manteiga e as *begonias* a que andava com vontade. — A irmã reforçava o pedido. Mas ella: — que não, que não ia... que não acordára bem.

Depois de almoço, a sós na *chaise-longue*, quiz lêr, mas não conseguiu. Como que perdêra a faculdade de percepção das coisas. Surprehendia-se, ao cabo de minutos seguidos, com a vista pregada na mesma linha, que o pensamento lhe não lograva decifrar. Ao cabo, as mãos largaram com tédio o livro e a baroneza correu á janella. — Que lindo dia! — O céu, mais quente é mais lavado, despira as velaturas brumosas da madrugada e abria-se agora, muito luminoso, n'um azul vasto e distante. O sol, alto, coriscava, mordia as caliças da cidade, intornava a flux, cheias e vibrantes como notas de clarim, palpitações de alegria, e arrancava reflexos verdoengos á bocca dos canhões assestados, em cima, na esplanada do Castello. Tudo brunido, scintillante. Creaditas, das janellas, saccudiam pannos brancos. As vidraças dos predios espelhavam-se na calçada.

Elvira recordou como áquella hora, em Cintra, devia ser deliciosa, embaladora a atmosphera, e as toiças de verdura perfumadas, e as aguas da Sabuga crystallinas, e as sombras do Ramalhão narcotisantes... Como áquella hora seria bom, do alto da Pena, largar a vista a cabriolar per essa charneca fóra, sobre a ondulação verde das searas, immensa, immensa... a fundir-se, lá muito longe, no extremo horisonte, com a ondulação azul do mar!

O toque da campainha no pateo fêl-a estremecer como se fôra um terremoto. E logo chamou:

—Dorotheia! Dorotheia! — A creada acudiu, com gesto meticuloso, respeitosamente. — Ouviu?... Não estou em casa para ninguem.

A creada saíu logo; e, d'ahi a instantes:

— Era o carvoeiro.

Mas a baroneza:

— Nem para minha mãe!

E a Dorotheia, piscando muito os olhos e afilando o queixo, a lêr nas feições da ama toda a verdade, radiante:

— Intendo, minha senhora... Só está para o medico.

— Para o medico!?

— Sim... — explicou a matreira, baixando a cabeça e correndo os dedos pelo avental, — porque a senhora, bem se vê, está muito doentinha. — Arpoava o queixo. — Mal empregado!

— Mal empregado o quê?...

— Uma riqueza de senhora d'estas, sempre aqui assim... tão *moderna*... — continuou Dorotheia, com fingida compaixão, salivando os labios ravinados. — E' mesmo um dó d'alma... até embrulha o estomago á gente. — E velhacamente, as mãos assentes sobre o ventre, esculdrinhando-a: — Bem digo eu, que não é com'as mais!

A baroneza nem a ouviu; depois d'um gyro impaciente pela casa, ordenava agora, de costas para a creada, a disposição dos *bibelots* sobre um dos consolos. A megéra então, segura de não ser vista, regalou por bom espaço os seus odios de casta, dardejando contra a baroneza um longo olhar invenenado, emquanto o nariz lhe palpitava e a bocca se lhe arreganhava aos cantos, toda alegre na certeza de que a ama soffria. Por fim, como quem accusa:

— Tambem sempre o senhor barão...

Elvira voltou-se, de sobrecenho.

— Perdão, senhora baroneza... — emendou logo Dorotheia, curvando-se, mãos no peito. — Isto é por ser amiga da senhora.

— Não se me faça adeantada! — tornou Elvira, sêccamente, o indicador direito em ar de ameaça á frente do nariz. E continuou a arrumar.

Dorotheia, passados instantes, insistiu:

—Quer que mande ao medico?— Elvira voltára para a *chaise-longue*.

—Vossemecê não está bôa!

—E' que, se a senhora mandásse... eu tambem aproveitava,—explicou a creada arteiramente, com a expressão mudada, apresentando agora um vivo e sincero egoismo a animar-lhe a hediondez das feições. — A senhora baroneza perdoará esta confiança... — E, aproximando-se de Elvira, com um grande cuidado na sua pessôa: — Mas, com o devido respeito, ando precisada d'uma receita... para me desintupir.

A baroneza sorriu, momentaneamente distrahida.

—O' mulher, purgue-se.

—Não é isso... — E, acanhada, baixando a voz: — A viscera não anda má, Deus louvado! — Humedecia os beiços. — O mal é outro... O incommodo é que me falta, vae já em mais de dois mezes.

—Que edade tem

—Cincoenta e dois annos.

Elvira riu desafogadamente.

—E admira-se?... Não ha nada mais natural.

—Eu sei, minha senhora!

Mas logo a baroneza, seccada:

—Olhe, deixe-me!

Dorotheia saíu, meditando o seu mal, vagarosamente.

E a baronezita foi supportando até á noite, mergulhada n'uma tristeza inquieta, aquella eternidade de dia monotono e triste. Ora se esquecia, horas, amodorrada n'um *fauteuil*; ora percorria a casa toda, sem objectivo, á tôa, n'uma indecisão

imbecil, n'uma incongruencia idiota, cantarolando, batendo as unhas da mão esquerda com um papel dobrado.— Ainda se podésse chorar!... Em tempo, era-lhe o chorar bem facil... Por qualquer coisa... Em creança, chamavam-lhe até a *fungona*, porque, ao mais ligeiro ameaço de castigo, á menor contrariedade ou birra, era certo ella ir logo, munida de uma duzia de lenços de assoar, os maiores que incontrasse, aferrolhar-se no quarto, e ahi pôr-se a chorar, a chorar inextinguivelmente, até que a bôa da mãe fôsse amimal-a e enxugar-lhe as lagrimas com beijos.—Se podésse chorar, agora!...

Mas os olhos teimavam enresinados, sêccos. Por vèzes, voluntariosa como era, rebellava-se, desatremava em furias de pequenina fera impotente, — fazendo móssas nos moveis, topando as cadeiras, esfolhaçando flôres; mas logo os nervos cediam quebrados, n'um relaxe. Então, resignadamente, com um dó mortal de si mesma, Elvira dava-se ares de victima, abandonava-se á sua sorte, appellava para a justiça posthuma que lhe havia de fazer o mundo: — Paciencia! já agora, viverei assim... sem me queixar...—Mas o mundo quereria lá saber das suas desgraças! — E via tudo rôxo; a vida, os homens, a familia apparecia-lhe tudo n'uma hostilidade, n'um afastamento, como se a tivéssem já refugado, — os maus! — para a algidez d'um *in pace*, ou para um gavetão de cemiterio.

Quando anoiteceu, sentiu com mais agudeza o isolamento, o abandono. Veio-lhe uma revolta. —O espaço, a rua eram para todos!— Mandou vir luz para o toucador, e, d'esfusiote, perante a creada espantada, pôz o chapeu, lançou um mantelete

sobre os hombros, e tomou, calçando as luvas, para o corredor que levava á escada.

— A senhora vae saír!?— exclamou Dorotheia, levantando o queixo, boquiaberta.

— Vou,— respondeu, n'um sibilo, a baroneza.

— Sósinha?

— Vou aqui a casa de minha mãe.

— A pé?— insistiu a creada, no auge do espanto, fazendo assentar a cuia, com o muito erguer do queixo, no dôrso da véstia, insebado e luzente.

— Sim, a pé... que tem isso? Comem-me algum boccado?— contestou com altivez Elvira, já no limiar da porta, voltando-se bruscamente.

E Dorotheia, agora de olhos no chão, muito doce:

— É que isto... de noite...

— Nunca se viu?

— Á senhora... não.

— Ora adeus!— cortou a baroneza com enfado. E mediu rapida o corredor.

— Se o senhor barão viér e perguntar pola senhora, — arriscou ainda Dorotheia, do alto da escada, — que lhe heide eu dizer?

— O que quizér.

E estava na rua.

— Bôa vae ella!— commentava d'ahi a um instante a Dorotheia, na copa, á creadagem reunida. — Então não querem saber?... A senhora não me abala agora per essas ruas, como um foguete, sósinha, sem dizer agua vae!

— A senhora que diz!?— interrogou o mestre, n'um assombro, aproximando-se.

— O que ouviram! É isto mesmo. — E Dorotheia detalhou saborosamente, com grandes movimentos da cuia e um magano revolver dos olhos

avinagrados, aquelle repente da saída da baroneza.

No auditorio uma attenção pasmada. O mestre, — de jaqueta branca, antebraço arremangado, o avental, branco tambem, colhido a um lado e os pulsos nos quadris, — arregalava uns olhos alvares na enxundicie da larga face apopletica; o creado de mesa, — escanhoado, penteado, verde, ainda a gravata branca, em mangas de camisa, — parára a escutar, com a bandeja á frente, cheia de loiça, nas mãos; e a costureira, — magra e com buço, morena, segunda saia e botinas, penteado alto, espartilhada, — tinha um risinho esperto, amolava.

Mas isso póde lá ser!? — commentou, grave, o cosinheiro, arrumando o barrete ingommado para a nuca, n'um gesto de desgosto.

— A mim não me admira nada... — disse bem alto, com sua osga de desdem superior, a costureira.

— Talvêz descêsse á rua dos Fanqueiros, a casa dos paes.

— Pois não fôste! — impugnou Dorotheia, dando um estalinho com os dedos. — Nada, a coisa é outra...

— Sim, elle os ares a modo que *andem* turvos... — gaguejou o creado de mesa, poisando a bandeja.

— E a senhora que tem lume no olho! — ajuntou com intimativa a costureira, n'um diagnostico folião de escandalo graúdo.

— E' da pelle do diabo — concluiu Dorotheia, escorropichando do fundo d'um calice uns restos de licôr.

Entrava agora o guarda-portão, solemne, afflicto:

— Então, ninguem foi com a senhora baroneza!?

—Ai! ella foi muito bem sósinha! — gritou Dorotheia, com um grande estalo de lingua, assentando o calice na bandeja.

—Mas foi uma falta dos diabos! — tornou o guarda-portão, todo marcial, de casacão azul e polaina branca, annel no dedo. — Nunca o sr. barão perdoará...

—Perdôa ella, que tanto monta, — atalhou, com o mesmo risinho toxico, a costureira.

E a Dorotheia, sentenciosa, lambendo os beiços:

—A senhora foi só, porque muito bem quiz!

E tornou, esfregando as mãos, para o andar de cima; emquanto o guarda-portão voltava para o pateo, os dedos da mão esquerda enterrados na barba grisalha, apprehensivo; e o cosinheiro, desgostoso, sério, puxava para a testa o barrete alvo e folhudo.

Entretanto a baroneza, apressada, atravessára o largo de S. Christovão, descêra as Escadinhas, depois a calçada do Caldas, marginára a praça da Figueira, e logo entrava no Rocio. Ia n'um passo miudo e breve, olhando sempre na frente, escoando-se, cortando per longe as faxas de luz dos lampiões e das montras, em tortuosidades de facinora, com receio de ser conhecida. Amiudadas vêzes o pollegar e o indicador direito subiam a puxar o véu bem até junto ao queixo. Ia sem saber para onde, exaltada, entontecida. E o rumor, o bulicio do centro da cidade áquella hora ruidosa passava-lhe na retina e soava-lhe no cerebro confusa, tumultuariamente, — como de bordo d'uma lancha, no mar revolto, — dançando. Apenas uma ou outra sensação nitida no baralhado das impressões: — ao fim da calçada do Caldas, um estrallejar de castanhetas e o martellar d'um

piano na crassidão luminosa d'um café barato; ao longo da praça da Figueira, uma escuridão deliquescente e uma atmosphera nauseabunda de hortaliças ardidas e dejectos de aves fermentando.

Mal apontou no Rocio, a largueza do espaço, a abundancia da luz, o arrepio da aragem perfumada que vinha do Passeio, trouxeram-n'a á realidade, fizeram-lhe o effeito d'um panno fresco nas fontes, acordaram-n'a do seu somnambulismo. Estava em plena Baixa, á hora do movimento burguez, surprehendendo no maximo de intensidade a animação pacata d'um mundo de amanuenses e caixeiros. Davam no Carmo oito horas. Ao longo da grande praça, cortando-lhe o mosaico sinuosado, formando-lhe o claro-escuro, formigando-lhe na penumbra, moviam-se dezenas de grupos de todos os feitios, edades, condições. Em volta, abancando, cocheiros, militares, maltrapilhos, um ou outro vulto de capa até ás orelhas, e ranchos de namorados. Contornando o recinto, enfileiradas, as lanternas dos trens luziam como palpebras de gigantes; e nos angulos erguiam-se, em pinturilagens facetas, as tendas dos vendedores de agua fresca. Pelas ruas lateraes, rente aos predios, a multidão cruzava-se, recortada em negro na luz liquida, esbatida, que das portadas das lojas fluía para o calcareo puído dos passeios. Um garotito passava de mulêta, pregoando cautelas, claudicando. De onde a onde, a mancha parda d'um vadio, o saracoteio e o almiscar d'alguma filha de Cythera. Em cima, no extremo opposto, um grande ESPECTACULO, feito a bicos de gaz, tremulejava atravéz das arvores, collado em semicirculo ao portico do theatro de D. Maria; e mais para longe, á esquerda, apagada na distancia, bruxoleava a maledicencia lendaria do *Martinho*.

—Como toda esta gente pisava bem, com garbo! como de todo este remoinho de cabeças uma nota alacre saía, espansiva, quente!... Era a vida aquillo, a saude, o prazer, a liberdade.—Pois ella vinha fazer o mesmo! vinha accender ao calor das massas a fria noite do seu abandono...

Quasi ao passar no Arco do Bandeira, teve um abalo, um susto. O que quer que fôsse, pesado e sujo, roçou per ella e magoou-a. Olhou:—dois homens tinham irrompido, cambaleando, d'uma taberna baixa ao lado, em cujas prateleiras, de gradinhas azues e vermelhas, rutilavam licôres em bateria, e ao centro da qual um mocetão sardento e ruivo enchia copinhos aos freguezes, junto do gaz que jorrava ao alto d'uma haste de cobre, a prumo sobre o balcão.

Mas logo adeante, ao longo da rua do Oiro, que bella sensação de alegria! A larga arteria ahi estava,—plana, direita,—flammejando, flammejando e estreitando-se no alongamento da perspectiva, levando a morrer as suas ultimas luzes, já miudinhas e distantes, no azul de ardosia do Tejo. A baroneza via agora o mundo de perto pola primeira vêz. Em solteira, que podia ella ter visto?... As creanças só sabem rir. Depois, casada, nas suas saídas habituaes, de trem, ella olhára sempre a rua em globo, de alto, abstractamente; como no theatro, debruçada d'um parapeito de camarote, via a mancha esfumaçada, anonyma da plateia. Porêm agora, assim só, sem o marido, respirando o ar do povo, acotovellando o acaso, ella comprehendia melhor, palpava, adivinhava as coisas.

A vida entremostrava-lhe aspectos novos, deixava-lhe entrevêr o que havia de imprevisto, de saboroso, de acirrante n'este ir negligente e vago

ao incontro do prazer, á caça da aventura. — Oh! seguramente, os dias, as noites, levados assim n'um divagar incerto e livre, deviam ser bem melhores de passar do que adstrictos á monotonia d'um palacio humido e triste!... Por isso os senhores homens... — Mil interrogações perturbadoras lhe bolhavam no espirito, na cabecita leve bateu uma onda de desejo, e todo o seu sêr pequenino e redondo palpitava alvoroçado, pavido, — como uma avesita que, fugida da gaiola, ensaia as azas, deslumbrada, perante o infinito.

Parára a vêr chapeus. N'este momento, alguem passou junto d'ella e segredou:

— Que lindos olhos!

Elvira estremeceu e olhou em roda, assustada... — Se alguem conhecido tivésse ouvido ou presenceado?... Se lhe appareciam per ahi os paes!... que haviam de imaginar?... — Arrependeu-se de ter saído. — Oh! tinha sido uma imprudencia! — Então notou que a fitava com insistencia, d'uma esquina, um homem baixo e gordo, de chapeu fino, sobretudo côr de ameixa, calça clara, e a mão inluvada apoiando-se n'uma bengala de preço. Devia passar dos cincoenta. Tinha um ar de commendador ou de negreiro. O bigode era d'um loiro grisalho e aspero; os olhos, pequeninos, insolentes, papejavam; a face tinha a flaccidêz balôfa das carnes em decadencia; e o ventre, enorme, obrigava-o a quebrar-se sobre os rins, muito aprumado, para manter o equilibrio.

A olhar sempre, o homem deu dois passos na direcção d'ella, de pernas hirtas, muito apegado á bengala, arrastando. Havia um não sei quê de offensivo e desnudante n'aquelle olhar tortuoso e baço. Repugnou-lhe, offendeu-a. Quiz recolher. Mas, breve, empolgada polo resfolgar de vida que a rodeava, continuou o seu passeio.

Não tardou que um janota lhe não gritasse no rosto, tocando-lhe o véu com o bigode, atrevidamente:

— Bôa pequena!

Empanou-se-lhe a vista, empallideceu de cholera. Sentiu bem, n'esta investida grosseira, o desamparo, a fraqueza da mulher.

E o sujeito ventrudo e tropego a seguil-a!... Era d'elle sem duvida o andar pêrro, surdo, que lhe vinha arrastando nas costas, ao longo do passeio.

A multidão marulhava, rumorejante, espessa. Pares idyllicos passavam, unidos, ternos, entravam nas lojas, sumiam-se pelas esquinas. As gemmas e os metaes preciosos, no tom sanguineo das pellucias, scintillavam tentadoramente á flamma dos reverberos. Grupos graves de lettrados expunham-se nas livrarias á admiração das gentes. Gaiatavam troças de estudantes ás portas dos cafés. Meninas verdes, magritas, vestidas de coisas sem brilho, paravam ás montras, corrompidas na adoração das sêdas, dos velludos, das guarnições berrantes, dos vestidos de noivado; e os reflexos bariolados de todas estas opulencias accendiam nos rostos anemicos e nos olhos famintos das pobres creaturas contrastes singulares.

De repente, a baroneza teve um calafrio e coseu-se rapidamente a uma columna de candieiro. Do lado opposto da rua, D. Placida e o Alipio seguiam, de braço dado, cochichando... Olharam na direcção de Elvira, pararam um segundo, como admirados, depois afastaram-se e subiram o Pote das Almas.

A baroneza respirou... no fundo com uma duvida: — Se a teriam reconhecido!?... — Um rancho esturdio de militares cruzou com ella. — Que

bello boiãosinho de doce! — E' de embarrilar a gente! — e outros dichotes similhantes, que a fizéram tomar pelo meio da rua. Mas logo: — Eh! eh!... Minha senhora! arreda!... — Um trem, que por um triz a não colheu debaixo das rodas.

Cresceu-lhe um odio a tudo aquillo. O homem gordo aproximava-se... Enfiou pela rua dos Retrozeiros, n'uma pressa, direita a casa. Apurando o ouvido... viu que lá vinha um arrastar, como de chinellos: era o velho gottoso que lhe seguia no encalço. Estugou o passo; o arrastar cresceu, mais frequente. Cortou a rua; d'ahi a nada, o mesmo andar duro e tardio vinha-lhe na esteira. Parou em frente d'uma loja; o homem parou... e, como ella demorasse, passou-lhe então adeante e foi esperal-a na sombra d'um portal, para a trespassar, na passagem, com o seu olhar baço e insolente.

Elvira teve medo. A' esquina da rua da Prata, voltou per ella acima, em vêz de continuar para a Magdalena. — Ao subir aquelle deserto de ladeira, esse demonio alcançal-a-hia!... Ninguem a livrava d'um enxovalho!... Não apparecer quem a furtasse áquelle homem sinistro!... O Xavier da Camara!

Na primeira travessa, tomou de novo em direcção da rua do Oiro. Tinha precisão de se vêr entre muita gente, fugia das ruas menos frequentadas.

E agora, precisamente, o seu perseguidor vinha-lhe marchando ao lado e soprava n'uma toada sorna e implacavel palavras ininteligiveis. Por fim, resfolegou mais alto:

— *Vous conviendrais-je pour ce soir, madame?*

A este insulto a baroneza cambaleou, n'uma vertigem, teve-se á parede para não caír.

Um trem vasio passava. Metteu-se n'elle e deu a morada. Batiam-lhe os queixos. Emquanto não chegava, ia perscrutinando com terror a rua, a vêr se o homem a seguia ainda... se não teria saltado para a almofada!

Depois, em casa, na sua salêta, sem tirar o chapeu nem o mantelete, arrojou-se de bruços contra a *chaise-longue*, e, fatigada, torcida, cheia de remorso, chorou longamente.

O barão, quando entrou, — 11 horas dadas, — não deu polo sulco que fendilhava, dos lacrimaes á bocca, a face alva e redonda da esposa. O alto candieiro byzantino mantinha o quarto na recolhida luz do costume; e, mesmo, D. Sebastião não vinha em estado de vêr com olhos de interesse a baroneza.

— Viva a minha velhinha!... Aqui só?... — exclamou ao entrar, n'uma expressão, á força de querer parecer doce, d'um ridico deploravel. E, sem beijar Elvira, sentou-se n'um *fauteuil*, á cabeceira da *chaise-longue*, poisando ao de leve a mão no braço da esposa, que premiu com familiar carinho.

Vinha de bom-humor, bravo, contente. Os olhos negros scintillavam com vivacidade. O grande ar do campo avinagrára-lhe a pelle, exaggerára-lhe a descamação das placas vermelhas do queixo, que iam polvilhando de branco em abundancia a lapella do sobretudo.

Elvira permanecia immovel, alongada e torcida como estava, olhos meio cerrados, um *édredon* sobre os pés.

— Bôa noite... — murmurou. — Divertiste-te?

— Passei o dia bem. Oh! Cintra está adoravel, não imaginas!... Que ar, que verdes, que frescura!

— Alguem conhecido?

— Nada, ninguem... O *chalet* do Gouveia tem levado um avanço!... Trago-te um pedaço de tronco de cedro, com hera, fetos e begonias. — Elvira esboçou um sorriso. — Deixei-o no pateo. Amanhã verás.

Como o silencio se prolongasse, o barão tornou, coçando o queixo, d'onde uma chuva de caspa se desaggregou, pulverulenta:

— E tu que fizéste?... Tivéste alguem?

— Não, — respondeu ella sem abrir os olhos, n'uma serenidade que era uma censura.

— Pareces-me tristinha... Que tens?

— Nada...

O barão, n'um embaraço invencivel, sem força, sem vontade, sem geito para levar mais longe esta inquirição solícita, ergueu-se e começou a passeiar. Laborava-o uma difficuldade, uma hesitação intrincada e violenta. As ultimas resistencias do seu ser moral davam ás malignidades que lhe virgulavam no sangue uma batalha formidavel. De quando em quando, parava de frente para a esposa, ia a fallar... mas logo os hombros se lhe erguiam n'um como repellão de dignidade, o rosto vincava-se-lhe, exprimia uma reacção pundonorosa, e os labios não proferiam uma palavra e o passeio recomeçava.

Por fim, quedou-se brusco, mais uma vêz, deante de Elvira, n'uma attitude de resolução, e fallou com rapidez:

— Passei bem o dia, é verdade... Lá te fizemos uma saude. E, a proposito, um dos rapazes que me acompanharam, — hontem nem tive occasião de t'o dizer, — chegou a Lisbôa ha dois dias e vem-me recommendado. Ainda é parente dos Lebres de Cantanhede, — sabes?... E' um bello

rapaz, sympathico, intelligente. Vou vêr se o emprégo na redacção da *Gazeta*.

E, evitando a luz, outra vêz a andar, n'um supremo exforço:

— Amanhã vem jantar comnosco.

Tinha-o assaltado em Cintra esta idea. Veio perdido. Ali, no largo bucolismo da paysagem, em meio dos divinos esponsaes da Natureza, a paixão recrudescêra. — O Eugenio, não podia viver sem elle! — tinha d'isso pleno convencimento. A' vehemencia da attracção physica, á tyrannia do desejo juntava-se agora uma fascinação, um imperio, uma cobardia indominavel. — Carecia tel-o junto de si, a maior somma de tempo que podésse! — e para isso, — era fatal! — recorreria a todos os meios, aos infimos expedientes... Senhoreava-o uma molleza. Os ultimos grãos de vergonha varrêra-lh'os da consciencia o *simoun* d'esta obsessão ardente. A dissolução progressiva do character batera-lhe o respeito de si proprio nos ultimos reductos. Já nem hesitava em reunir a esposa e o amante debaixo do mesmo tecto.

Como a baroneza parecesse não ter intendido, elle repetiu:

— Vem jantar, ouviste?

— Ouvi, — fez automaticamente a baroneza, que tinha ainda no ouvido o passo arrastado do homem grisalho e gordo.

VII

—Então, vae-lhe parecendo bem Lisbôa?—disse para Eugenio o barão, commodamente reclinado, perna traçada, n'uma cadeira *Luiz XV*, toda em pau santo, os quatro pés figurando garras, o espaldar, alto e ligeiramente concavo, terminando n'um trifolio de plumas.

E Eugenio, muito bem ensaiado:

—Eu tenho gostado... mas, verdade, verdade, esperava mais.

—Como assim?...—acudiu d'um angulo do aposento, sentada n'uma poltrona acolchoada de coiro invernizado a preto, a baroneza.—Então a provincia é melhor?

—Ah! não, minha senhora...—explicou o ephebo, de chavena na mão, em pé, com o gesto facil e a face córada e luzindo como um pêro creado ao sol.—Não ha mesmo termo de comparação. Nós é que, á força de lêrmos os jornaes e de ouvirmos as pêtas dos que cá viéram antes de nós, imaginamos isto um paraiso...

— A oitava maravilha,— reforçou, com uma pontinha de vaidade, D. Elvira.

— Exacto. E vae depois, chegamos... e tudo nos parece inferior...

— Ao que tinham creado na phantasia. D'accordo,— acquiesceu a baroneza; e acrescentou, n'um desvanecimento patriotico: — Oh! mas Lisbôa está uma cidade linda! Os extrangeiros ficam incantados... Não é por eu ser d'aqui, mas, francamente, é a unica terra de Portugal onde se póde viver. Ha todas as commodidades, passeios lindissimos, um theatro como poucos, um rio incomparavel, um clima sem segundo...

— E um café magnifico! — apoiou Eugenio, levando a chavena aos labios. E aproximou-se do barão, gorgolejando.— D'este nunca eu apanhei no *Refilão!*

— Creio, creio... Ah! ah!... — atalhou logo o barão, n'um grande rir contrafeito.— Foi presente d'um amigo.— E levantou-se em sobresalto, para cortar a conversa, embaraçado.

Mas logo a baroneza a perguntar-lhe a meia voz:

— O *Refilão?*... Que vem a ser?

E o barão, atabalhoando:

— Não sabes, filha?... E' um café que ha no Porto, café de litteratos... Herdou as tradições da *Aguia de Oiro*. Corresponde aqui ao *Martinho*.

— Sim, sim... — fez, convencida, a baroneza; emquanto Eugenio, córado até ás orelhas, occultava a vergonha do seu desmando no vão d'uma janella.

A scena passava-se no gabinete de trabalho do barão.

Terminado o jantar, em baixo, elle propozéra que em vêz de tomarem o café, como de uso, na

casa do fumo, subissem antes para o seu escriptorio. Era dia bastante ainda; e elle queria que o seu hospede, o seu novo amigo, visse a peça melhor da casa e de lá desfructasse o panorama da cidade.

A' decoração d'este gabinete applicára o barão com amor os seus mais finos instinctos de artista. Era o seu quarto favorito. Todo forrado d'um papel caro, em relêvo, imitando coiro lavrado,— cuja tonalidade baça, adormecida, dava um destaque macio ás coisas,— tinha o tecto pintado a fresco, no pavimento uma alcatifa côr de argilla, e fartas cortinas de velludo liso, *marron*, velando a luz do exterior, caindo em prégas amplas, sóbrias sobre os vãos das portas.

A um dos angulos da casa, entre a porta que dava para a salêta habitual dos serões e uma sacada deitando ao jardim, estava a baroneza, na poltrona invernizada a preto, fazendo o seu chá sobre uma d'estas mesas negras, redondas que nos vêem da India, profusamente, miudamente rendadas e entalhadas de florestas, de monstros, de figurinhas, de espiralagens cabalisticas, amassando-se e distribuindo-se em gyros concentricos, d'uma extravagancia bizarra de desenho, d'uma opulencia e d'uma subtileza inverosimeis. Não podia a baroneza tomar café: — tirava-lhe o somno. Por isso temperava devagar o seu chá preto, no angulo da casa, sobre a mesa que tinha á direita; e a sua figurita, picante e delicada, mais pequenina parecia agora, afogada nas dimensões do precioso contador *hispano-arabe* que lhe ficava á esquerda, — lendario, enorme, a côr d'este cinzento farellado que é a herança dos seculos, grossas ferragens, nas almofadas grandes lozangos de velludo carmezim, farripado e sujo, e as duas per-

nas ligadas por uma grade lembrando um trecho de rotula de harem. Incostava á parede que descia ao jardim.

Na mesma parede, do outro lado da saccada, um bello trophéu pendia, feito d'uma celada e uma couraça godas, amolgadas, mordidas nas arestas, o aço tuberculado, herpetisado de oxydos nos olhos das cavilhas, nas dobras dos arabescos, e dos flancos irradiando uma rosacea de piques, adagas, alabardas, espadas, guantes, punhaes. Por baixo da panoplia, tres poltronas *Luiz XV*, n'uma das quaes estivéra sentado o barão. Em angulo recto com esta parede, seguia-se outra, tambem exterior. Olhava ao poente; fazia esquina. Duas saccadas abriam n'ella para a cidade. Ao centro, via-se uma larga cadeira de braços,— pregaria e coiro,—tendo á frente um grosso bufete de pau-santo, plantado macissamente, luzidío, farto, a affirmar com orgulho a sua origem fradesca nas guarnições de tremidos, nas ferragens comidas de verdête, e nas grandes spheras superando, esmagando as pernas, curtas, torcidas como penitentes na tortura. A' direita do bufete, um magnifico armario de castanho *renascença* refolhava, exuberativo, tropical, expluente de ovaluras e folhagens, tendo ao alto, sobre um frontão em arco, duas risonhas figuras de gênios passando nas azas d'uma amphora uma grinalda. Caía-lhe a um dos lados, negligente, uma velha colcha côr de rosa sêcca, bordada a branco e oiro, solta, arrastando. A' esquerda, um bufete mais pequeno, de ébano tauxiado a marfim, carregado de estampas e brochuras. Nos dois angulos, sobre peanhas de talha, a porcelana de dois jarrões esguios, garatujadas de azul n'um fundo perola.

Fronteira ao grande bufete-secretaria ficava a

porta da salêta dos serões; de fórma que o barão podia, sentado á sua banca de trabalho, avistar, no aposento immediato, o cavallête *vieux chêne* com o retrato em busto da baroneza. A' direita d'essa porta havia uma estante de pau-santo com livros, portas envidraçadas, o entablamento assente em columnas torcidas; outra estante analoga, mas mais alta, incostava á parede contigua; e, ligando os dois moveis, cortando o canto, uma azagaya passava de cornija a cornija, obliqua, vergada ao peso d'um panno espesso de velludo côr de vinho, que fazia fundo a uma estatua de marmore de Carrara. Era obra de Victor Bastos: — uma adolescente colhida nua, aproximando os joelhos, fazendo com as mãos concha aos seios. Erguia-se confrangida, sbelta, entre as duas estantes, sobre um pedestal de *porphyro*, á frente do velludo, que dava um realce incomparavel á sua nudez purissima e deslumbrante.

A esse lado, quasi em frente da saccada que ficava á esquerda do bufete-secretaria, estirava-se uma bella *causeuse* de setim côr de pombo bordada a branco, — fôfa, baixa, macia, o torçal da grossa franja côr de canella poisando na alcatifa.

Seria fastidiento o inventario das pequenas preciosidades dispersas. Ao alto das estantes, exoticos *budhas*, talhas da India com largas folhas esmaltadas a branco n'um fundo castanho; sobre o contador velhos Saxes e um relogio *imperio*; no bufete, uma lampada Carcel, um tinteiro de prata com incrustações de agatha, sób um peso talhado em coral uma rima de manuscriptos; pelas paredes, um *tryptico* de prata doirada, quadros a oleo, pasteis, gravuras, mizulas do seculo XVII com jarras, cofres, bronzes, e plinthos com bustos e estatuetas.

Eugenio pasmava, considerava com um espanto que era quasi desconfiança, aquella colonia de maravilhas. Elle não lhes media o valor; não podia sentir o que havia de superiormente bello, de fascinador, de requintadamente bom e confortante n'aquelle enthesoirar de raridades, n'aquelle ardente rebuscar de harmonias plasticas, n'aquella selecção de côres, n'aquella cohabitação de obras-primas. A voluptuosidade artistica não a tinha; não lhe davam para isso a grosseria do temperamento, nem os rudimentos da educação: mas uma noção vaga de prazer e de respeito fazia-o applaudir. Só a estatua nua é que elle não podia incarar franco. Vedava-lh'o um pejo invencivel. Com uma senhora ali presente, parecia-lhe um desacato.

—Realmente *catita* esta sala!

—Gosta?...—acudiu o barão, tomando-lhe o braço.

—Estou que, melhor, só no paço d'Ajuda.

—Isso sim!... Ha per ahi muito... Tomára eu!... Mas tenho algumas coisas menos más. Veja este quadro.—E apontou-lhe com o indicador ligeiramente tremulo uma velha gravura que amarellejava no intervallo das saccadas, sobre a cadeira de pregaria.

O *Rapto de Ganymedes*.—Jupiter, sób a fórma d'uma aguia, sulca os ares abraçado á sua presa. As longas azas robustas prolongam-se no espaço, desdobradas; e as garras duras, luzentes, recolhem-se, empolgam de leve, com receio de ferir, a incantadora creança, cujo corpo delicado pende para a terra n'um gracioso abandono. Ganymedes vae triste, n'uma attitude tocante de prostração e de desanimo; um pedaço de linho acaricia-lhe os quadris, fluctuando, a cabeça descae-lhe sobre a

espadua, e os olhos, mal entreabertos, parecem dizer-nos um languido adeus. Jupiter, na sua metamorphose, não perdeu a divindade; segue todo vaidoso do seu rapto; é bem a ave que maneja o raio; apenas trahe na doçura do olhar o prazer que o amollece ao contacto do formoso troyano... Lambe-lhe, de bico aberto, o braço arredondado; e todo o seu ser arrogante e magestoso como que estremece no alvoroço de levar para o Olympo o objecto do seu amor.

O bello grupo destaca n'um fundo de nuvens, abaixo das quaes, na crista d'um monte cheio de ruinas classicas, o cão fiel de Ganymedes segue o avoejo do dono com anciada ternura, cabeça ao ar, latindo.

Era uma gravura preciosissima, duas vêzes secular, de Coryn Boel; reproduzia o famoso quadro de Miguel Angelo. Tinha-a no logar de honra o barão. Adorava-a. Queria-lhe como á melhor porção de si proprio. Era a consagração, o symbolo das suas abominações de pederasta.

Eugenio comprehendeu. Instinctivamente, viu n'aquella ave soberba e forte, estreitando um perfeito corpo de homem, a furia secreta do barão cevando-se, mordendo na dulcidão da sua carne... Soltou o braço; — um asco vago arrefecêra-o.

A baroneza tinha-se aproximado.

— Sempre estes homens que escrevem têem manias!... Esse pedaço de papel manchado e rôto é, no intender do sr. meu marido, a melhor coisa da casa. Pessôa que aqui venha de novo, hade admiral-o por força! Não pósso perceber... Um trapo... Só se é por estar todo ratado!

E o barão, n'um fuzilar de olhos:

— Não o dava por dinheiro nenhum! — Accendia um charuto. — Póde fumar, Eugenio. Minha

mulher não se incommoda.— E, abrindo uma das vidraças do poente: — Veja agora esta beleza.

Dizendo, adeantou-se, com Eugenio, na varanda, a olhar ao largo, de mão apoiada no parapeito de ferro fundido, pintado a verde.

— Com effeito! — confirmou Eugenio, incantado.

O panorama era vasto e deslumbrante. Á frente da casa, n'um plano muito inferior, dançava uma planicie compacta de telhados, — caliçosos, atropellados, côr de grêda; furados de chaminés, claraboias, paus de bandeira, campanarios; de onde a onde, o riso vermelho d'um remendo novo; e renques pelintras de mansardas acocoradas nos beiraes porejantes de verdura. Um chato amontoamento de angulosidades pardas, uma cahotica profusão de linhas rectas, que se cortava brusco, d'um lado, sobre o Tejo, cujo azul arripiado, frio, riscado de negro pola mancha linear dos navios, parecia uma pellucia rasgada; que do outro, para o norte, se ia alongando, adelgaçando e uniformisando na distancia, pela caleira do valle, branquiçado de marmores, bronzeado de arvoredos, até fundir-se e perder-se no verde esmeraldino e humido das ultimas collinas; e que na frente, para alêm da monotonia da Baixa, trepava a incosta, definindo-se, erguendo fachadas carvoentas, côr de oca, brancas, formando amphitheatro, escurecendo como subia, até projectar-se em negro, com uma nitidez vigorosa, na luz crystallina e quente do céu que o sol acabava de deixar.

D'esta franja irregular de predios farripando o espaço, destacavam, da banda do rio, os quarteirões da rua de S. Francisco; depois, subindo, a torre dos Martyres, os ventiladores, amplos como

chapeus rubenescos, do theatro da Trindade, a torre maçissa de S. Roque, a esquina do Moinho de Vento, o talude, bracejando em arvores, de S. Pedro de Alcantara; e mais para cima, já entre quintaes e hortas, corôando os grupos de casas que rareavam, a Eschola Polytechnica, um palacio em Campolide, e um mirante alto como uma almenara, esguio e branco.

Para lá da extensa bacia, esfumadamente, os flancos do Alfeite sangravam como chagas; e os montes da Outra-Banda gibbavam, canalisando o rio, mosqueados de casitas alvas,—como um dôrso immenso de cetaceo que emergisse das aguas, camarinhado de espuma.

Os ultimos raios do sol, deixando na sombra o grosso irregular da casaria, rasavam horisontaes a flecha dos edificios, n'um céu muito claro, cujo oiro intenso ia degradando, para o alto, n'um côr de rosa percalino e brando, depois n'um rôxo anilado e fraco, até perder-se longe pelo infinito n'um azul pallido, esmaecido... Nem uma nuvem pesando n'esta levissima, transcendente diluição de côres: apenas sobre o rio, no canal formado entre a cidade e Almada, a evaporação do dia ingrossára um como tunnel de poeira alaranjada e luminosa.

O empilhamento esmagador das cantarias tinha n'esta luz crepuscular um aspecto sujo e baço, melancholico. Riscavam-lhe uma longa faxa alvadia as trazeiras do palacio Barcellinhos, e logo adeante as ruinas do Carmo rompiam d'aquelle *can-can* de argilla,—como d'um terreno de alluvião uma lasca de granito,—lambidas de hera, tostadas, erguendo piedosamente, como mãos postas, as suas ogivas desamparadas, finas. Gatos estendidos nas arestas dos telhados, mãos á frente,

como sphinges, gosavam n'uma beatitude esta agonia suavissima do dia. As mansardas acachinavam-se, derrubadas, negras, como resignados perfis de octogenarios. Fumavam direitos das chaminés pennachos tenues, tremulando. Bandadas de gaviões, em espiraes, entrecruzavam-se. Um grande socego pairava. Das ruas um vago rumor subia, fatigado.

A noite descia rapida. Uma uniformidade pardacenta fundia, apagava as coisas. Apenas agora, em Almada, á raiz do monte, os armazens da beira do rio scentelhavam, inflammados n'um clarão de incendio; no Tejo um vaporsito rolava um fumo sanguinolento; pela cornija do Arco da rua Augusta escorregava uma banda côr de rosa; e á direita, em cima, no Moinho de Vento, uma clara-boia, accêsa como um farol, reverberava.

O barão chamou para dentro:

—Anda até aqui, Elvira... Não bole uma folha.

E, ao voltar-se, viu todo o aposento incendido na rubra luz que vinha do poente; viu essa mesma luz córar e aquecer, dando uma perfeita illusão de carne, o marmore finissimo da estatua nua. E emquanto a baroneza se desculpava, —que via bem por entre os vidros, —e o ephebo, de mão estendida no ar, para a direita, explicava, —que devia ser ali, passada tal travessa, a casa da sua Esther, —o barão abandonava-se, n'uma doce voluptuosidade, a toda a expansão do seu grande sentimento pantheista. O poema da Natureza embriagava-o. Deixava-se vogar a todo o panno pelo fluido, o inanimado incanto que nos vem da harmonia immensa das coisas. Sentia-se feliz. Achava natural, chegava a parecer-lhe bem ter trazido o amante para junto da esposa, para junto dos mo-

veis queridos. — Fôra um acto logico, uma synthese de sybarita: juntar assim, na mesma casa, tudo o que, d'uma ou d'outra fórma, elle mais amava no mundo.

Accendiam-se as primeiras luzes. A vida exterior chamava-o. Bateu no hombro de Eugenio:

— Vamos d'ahi!

Depois d'esta primeira tarde passada em S. Christovão, Eugenio vinha assiduamente: a horas de almoço, em visita sobre o meio-dia, jantar, passar as noites. Assim o exigia o barão; e o rapaz, cada vêz mais afeito aos mimos e mollêzas do conforto, accedia. — Que lhe custava ir passar duas ou tres horas a uma bôa casa, onde eram seus amigos e onde se comia tão bem?... — Mesmo o arranjo, a disposição, a selecção ornamental no adorno das melhores salas do palacio tocavam-n'o, inconscientemente, davam-lhe uma impressão indefinida, mas deliciosa, de bem-estar, de prazer. Em meio da larga e opulenta symphonia de côres, linhas, exoticismos, antiqualhas, que o requintado senso artistico do barão conseguira organisar em casa, aquelle temperamento duro, aquelle espirito inculto e grosso, aquelle producto canalha da rua etherisava-se, deixava-se tomar d'esta admiração instinctiva e regalada que em presença do Bello abre e illumina as almas rudes.

Se vinha de manhã, recebiam-n'o na sala de jantar, sem ceremonia: — a baroneza em roupão, fresca, cheirando a sabonete, o cabello n'uma rôsca negligente, os seios amojando; o barão todo affavel, vestido para saír, o bigode muito acamado, a pelle sêcca e macia. Almoçava-se... trocavam-se as novidades. O sol vinha, atravéz a *cretonne* escosseza das cortinas, quebrar-se no oleado, fin-

gindo *parquet*, do soalho; as pratas luziam; havia um cheiro a café e a manteiga derretida; os canarios chilreavam, debicavam na alface acabada de pôr, mergulhavam em banheirinhas de vidro e espanejavam-se, como um ruflo de azas, desparzindo uma poeira liquida, leves, contentes.

Se vinha de tarde, para jantar, jogava com o barão uma partida de bilhar, a fazer horas, até chamarem para a mesa.

Quando apparecia de noite, o que era raro:— aborrecia-lhe...—entretinha-se a vêr estampas, no escriptorio, emquanto o barão, ao bufete, alinhava algum artigo, e a baroneza, na salêta ao lado, corria os dedos pelo piano soltamente, ou vinha sentar-se na poltrona, invernizada a preto, e, com o seu candieiro byzantino trazido para sobre a mesa indiana, bordava uma frioleira, detalhava o enredo do ultimo romance lido, desfiava a psychologia amantetica das suas conhecidas.

Possuido do respeito que lhe incutia este *meio* superior, Eugenio via em Elvira simplesmente uma senhora. Acatava-a e admirava-a. Nunca a menor faúla de desejo animal rompêra a aquecel-o, perante a figurita rija e redonda da baroneza. A differença de condições idealisava-lh'a. Sentia-a n'uma aureola, inattingivel. Prestava-lhe este culto intimo, todo ternura e todo austeridade, que dulcidamente nos agita ante essas brancas, tremelilhantes creaturas fluctuando na claridade dos nossos sonhos de creança.

De sua banda, a baroneza não via no ephebo mais que um afilhado, um pupillo do marido. Acolhia-o bem, por condescendencia a principio, depois polo habito de o vêr, depois ainda por esta sympathia que sempre acorda em nós a mocidade dos outros. Mas, no fundo, indifferente. Nunca re-

parára se elle era bonito ou feio; nunca se demorára em soletrar-lhe o physico. — Nem sabia bem como elle era! — Votava-lhe um começo de estima despreoccupada, em que havia um pouco de protecção e de bemquerença generosa, mas em cuja calma lisura jámais bolhára o turbulejo d'um pensamento sensual. Para a baroneza, Eugenio figurava um rapazelho, um desprotegido, um orphão; nunca um homem.

Surprehendia-se ella ás vêzes do modo como o rapaz fallava: porque Eugenio arrastava frequente por plebeismos, por termos chulos, soêzes, ambiguidades bandalhas, phrases d'um travor traiçoeiro e sujo. Chegava a ser inintelligivel. Trahia-se. D'uma vêz, estava elle, de tarde, em S. Christovão, quando veio em visita aos barões Xavier da Camara. Os dois fallaram-se. Finda a visita, perguntou o barão a Eugenio, referindo-se ao Camara:

— Conheces-l'o?

E Eugenio, arregalando os olhos, com um sorriso largo de reticencias:

— Isto é um *gajo!*

D'outra vêz, tratando-se d'um caso de rua, Eugenio desatára em improperios contra o *estarim*, onde o *patrante* marcava muito devagar as horas e onde os *guitas* davam bordoada.

Perguntado se achava as mulheres de Lisbôa bonitas: — que por emquanto não podia dizer nada; ainda as não tinha *adicado* bem.

E contava uma partida *real* que vira fazer a dois *buscos*...

— Dois quê?... — fazia a baroneza.

— Dois gatunos... Um d'elles *comêra* com toda a limpêza a *retruza*...

Agora era o barão que não percebia:

—Que diabo é isso de *retruza?*... Falla claro.

—E' a bolsa do dinheiro... Um dos sucios tinha-a palmado com toda a arte a um *golpho*,— um fidalgo,—e, quando este *se esbroncou*, o outro *busco* veio n'um pulo *fazer pala* ao primeiro para *se tingar!* Uma perfeição.

E que para elle não havia tristezas senão quando faltava o *gadé*. Déssem-lhe um bom *linguado recheiado de lamiras*...

—!?

—Um *porte-monnaie* bem cheio de libras, que todo o mundo era seu!

Como se vê, ia sendo d'uma morosidade compromettedora o effeito civilisante das lições do barão.

—Era exquisito!...—pensava a baroneza.—Como podia um rapaz, intelligente e educado, como este era sem duvida, fallar d'aquelle modo?... Ou não era realmente intelligente, ou era muitissimo grosseiro, ou tivéra uma pessima educação.

O barão explicava á esposa:

—Que queres?... Vindo da provincia!

—O' filho, mas aquillo não são provincianismos... aquillo é calão. Não é Freixo d'Espada á Cinta; é Mouraria.

—Isso conforme... Que intendes tu do assumpto?... O calão, as mais das vêzes, não passa d'um modo particular de dizer, que, sendo corrente, vernaculo n'um ponto qualquer do paiz, toma, ao ser trazido para a capital, um character exotico,—vês?—que o abandalha.

E o barão proseguia n'um vasto, n'um inlabyrinthado desdobramento de considerações sobre morphologia da lingua, que acabavam por afogar n'um diluvio de confusão e de patranhas

a duvida no cerebro fraco da baroneza. Não obstante: — Mas Eugenio era, além d'isso, — contestava ella, — um ignorantão! Em se fallando de litteratura, não havia meio de lhe saccarrolhar palavra, fechava-se n'um mutismo desesperante, alvar. Não conhecia Hugo, Dumas, Feuillet, nem o Camillo; não recitava as *Flôres d'alma;* nunca vira representar os *Dois Renegados*. Só uma vêz é que citára como livros interessantes a *Imperatriz Porcina,* os *Tres corcovados de Setubal,* a *Princeza Magalona,* as *Poesias do Nabiça* e o *Auto de Santo Aleixo!* D'este sabia elle:

« Os bens d'este firmamento
Não estão sempre n'um ser,
Que se mudam, como vento,
E vemos que n'um momento
Vem o pezar, e o prazer. »

A baroneza já desconfiára: — se elle nem lêr saberia!

E o barão:

— Tem, com effeito, lido pouco... E faz muito bem! Não quer prejudicar com a assimilação da obra dos outros a virgindade de producção do seu talento. Para mais, — tu bem sabes, — isto de fallar bem ou mal, muito ou pouco, para a avaliação d'um espirito, não quer dizer coisa nenhuma. Ahi tens, por exemplo, o Gastão engenheiro, — um rapaz de habilidade! Quem o ouvir, dá alguma coisa por elle?...

E era verdade.

— O proprio Herculano, — digam quantos privam com elle, — a fallar é uma desgraça... Depois, comtigo, acanha-se... — E concluia, n'um prognostico admirativo: — Has-de vêl-o com a penna na mão!

Apparecia Eugenio tambem a miudo com os barões em publico: — nos theatros, no Passeio, no Campo Grande, a compras pelas ruas. Então do barão o rapaz era quasi inseparavel. Tornava-se reparada tamanha assiduidade. Murmurava-se... Espalhou-se que o ephebo morava na rua da Rosa, em casa mobilada e mantida polo barão. A coisa alastrou, soou, tomou corpo de escandalo. E tudo era uma incredulidade, um espanto: — Podia lá ser!... Como diabo!?... — porque, até áquelle tempo, ninguem tinha dado pola andromania do barão, ninguem lhe soubéra d'um favorito.

Os mais intimos arriscavam explicações, desculpas, negativas. Mórmente Henrique Paradella, atormentado, não descançava em batalhar que similhante invenção era uma calumnia infame e gratuita, porque aquelle vicio secreto e deprimente nunca ninguem o conhecêra ao seu amigo. — E elle sabia-lhe da vida... podia jurar.

D. Jacintha Migueis odeiava o ephebo n'um receio vago, instinctivamente, e frequente interpellava a filha: — D'onde viéram agora estas amizades?... Olha, teu marido está fazendo por essa lesma o que nunca fez por ti!

A sr.ª Reodades censurava: — que era um perigo dar assim tanta entrada em casa a um rapaz. O lume ao pé da estopa...

Xavier da Camara era dos mais incarniçados detractores do barão. Parecia ter inveja, ou ciume: — O barão com luxos gregos! Quem havia de dizer?... — E, aos amigos, tudo era apregoar: — Com uma mulher d'aquellas!... É burro, ou não é burro?... Deixa! que só se eu não pudér, é que o não faço outra coisa!

Um dia que o Paradella pediu licença para

saír mais cedo do ministerio, incontrou em baixo, na Arcada, caminho do portão da *Guerra*, o coronel Militão.

— Viva o meu general! — disse, ao comprimental-o. — Então, até lá acima, hein?

— É verdade... cá vou ao meu fadario.

— Ao *Gabinete?*

— Não... o cavaco é na *primeira*.

— Gabo-lhe a pachorra.

— Logo que dou a ordem, per aqui me venho gastar.

— Porque não vae antês ao campo, dar um passeio?... Podésse eu, com a Leonor e os pequenos! — Machinalmente, Henrique ia descendo a Arcada, a acompanhar o coronel.

— Porque é preciso a gente mostrar-se... Isto cá na tropa é o jogo do empurra; se nós, os velhos, os graudos, deixamos de apparecer, dizem logo que temos gotta e mandam-n'os á Junta!... Depois, é o meio de ter importancia e saber as novidades. — Aqui, parou, e continuou a meia voz, com intimativa, assentando a mão no thorax do amigo: — O caso é que me andam agora ahi a modos que a tramar uma promoção, que me vae preterir... Mas eu reclamo! — berrou, erguendo o braço. E, outra vêz baixo, distendendo com o pollegar e o indicador a polpa da orelha, rubra e carnuda: — Ouvi per aqui zinir muita bala... Ninho atraz da orelha é que me não fazem! — Depois, reatando a andar e enfiando o braço no de Henrique: — E que me diz vossê do nosso barão de Lavos?

— Tenho dó d'elle.

— Aquillo é o diabo!

— O coronel acredita!? — interpellou Henrique, parando, indignado quasi, de frente para o coronel.

E este, dando aos hombros, malicioso:

—Eu sei, menino...

—Ó meu amigo, mas, — pense bem! — constou-lhe já porventura alguma vêz que o Sebastião tivésse predilecções d'aquellas?

— Não, isso é verdade; mas, meu rico, — observou o coronel, piscando os olhos n'um risinho velhaco, de mão sobre o hombro de Henrique, — póde elle ter sido um grande sônso... Aqui estou eu, que nunca gostei de pequenos, e mais, quando fui major, em Tavira, houve ali uns annos... não sei que peste me fervilhava no sangue, ou se era do clima... o que é certo é que, de cada vêz que via o *terno* de tambores, sempre me davam umas mellurias!... Isto são molestias que vêem com a edade.

—O peior é que vae ahi um fallatorio!

—E o mais assanhado é o Camara.

—Devia ser o ultimo a fallar!

—Decerto! Um valdevinos, um patife, que foi amante do fallecido commendador Parreira...

—Ó coronel...

—É positivo!... foi amante d'elle e roubou-o! —Tinham chegado ao portão do ministerio da guerra. —Como explica vossê este desafogo insolente em que o biltre vive agora?... Como explica que não apparecêsse testamento, e deixásse apenas um espolio de dez ou doze contos um homem tão rico?...

—Elle gastava tanto...

Ao tempo, o coronel pasmava deante d'uma splendida rapariga, que descia o marmore das escadas. —Morena, alta e cheia, ondulante, descia com circumspecção e tristeza, vestida de preto, os olhos baixos, véu sobre o rosto, um rôlo de papel nas mãos. —E o coronel, todo lésto, agitado, com

as bretoejas da testa róxas e os olhinhos vidracentos:

— Henrique, ó Henrique amigo! que me diz?... Com esta gastava eu... eh! eh!... as minhas ultimas munições de guerra!

— Pois ainda?...

— E haverá ministro que resista a uns olhos d'estes?

Seguia com a vista, inflammado, ajustando a sobrecasaca, bamboando-se, a ondulação negra da rapariga a perder-se na chusma viscosa dos pretendentes.

Henrique Paradella deixou-o e tomou rua do Oiro acima.

As versões que corriam sobre a vida do seu velho amigo preoccupavam-n'o. — O Sebastião sodomita!... agora, os trinta annos passados... quando tinha obrigação de pender para homem sério!... Não podia ser. — E formulava, teimosamente alevantava no sobresalto magoado do seu espirito uma tolerante architectura de argumentos, aclarações, desculpas á ostensiva depravação do amigo. — O Sebastião fôra sempre aquillo: uma excellente alma, indisciplinada, fogosa, impressionavel, com caprichos subitos de fazer bem, com indomaveis impulsos generosos, que exercia n'um desprezo incondicional do mundo das conveniencias, n'uma indifferença absoluta *do que poderiam dizer*... Nunca lhe havia de esquecer aquella historia da Herminia, uma pobre rapariga de quinze annos, com que o barão em solteiro, defrontára por acaso n'uma das suas excursões pela bohemia do amor... Tinha sido mãe, poucos dias antes. O Infame, a quem a desgraçada cedêra a virgindade, déra-lhe como premio da oblata sublime o germen prolifico e o abandono. Ella fôra empenhando e

vendendo tudo, successivamente, desde as graças do corpo até á ultima camisa. Agora succumbia á febre e á miseria, no enxovalho d'uma alcôva immunda de bordel. Pois o barão, apiedado, soccorreu-a, forneceu-lhe medico, vestiu-a, pôz-lhe uma casita no campo, affrontou mesmo a opinião publica levando-a a distrahir a toda a parte; e nem uma só vêz quiz regalar os sentidos nos seus incantos de mulher! A rapariga, sem comprehender, a estalar de dedicação, vexada, triste, chegou a pedir-lhe com lagrimas que a amásse, que lográsse na pujança juvenil da sua carne a somma de prazer a que tinha direito, que consentisse em tomar-lhe nos paroxysmos da ternura a medida á gratidão... Elle recusou sempre: — não a protegêra com essa mira; excluia uma retribuição grosseira a natureza do beneficio... se algum lhe tinha feito. — Podia ser agora isto do rapaz um caso analogo, uma velleidade caritativa, um exaggero de protecção.

Mas a casa da rua da Rosa?... — Ante esta interrogação, a consciencia de Henrique assustava-se e as attenuações ruíam na duvida. O seu temperamento pautado, meticuloso e calmo tremia pelo equilibrio da sua existencia, posta assim em contacto com um homem de vida irregular, desacreditado; o seu nobre coração de amigo tremia na previsão d'um escandalo insanavel, destroçando a paz honesta do casal de S. Christovão.

Passava em frente do Montepio Geral, d'onde precisamente o barão saía. Abraçou-o Henrique:

— Adeus, Sebastião!

Este empallideceu um pouco, embaçado.

— Per aqui?!... Como vão lá em casa?

— Bem... e a baroneza?

— Menos mal. Aonde vaes?

— Vou metter-me n'um trem e buscar a Leonor... Fazer umas visitas... Ha que tempos que andamos para isto! E' uma vergonha... E tu?

— Sem destino. Acompanho-te ao trem.

Seguiram para o Rocio, de braço dado, silenciosos, laborados no mesmo embaraço. A primeira vêz que, entre os dois, uma reserva cabia. Por fim, Henrique, n'um movimento claro, parou, e, tomando para si o amigo:

— Ouve lá, ó Sebastião, dize-me com franqueza... — Fitava-o nos olhos. — Que especie de relações são estas tuas com esse Eugenio?

— Não t'o disse já?... Recommendaram-m'o: preciso amparal-o... — E nem sei porque é tamanho espanto! porque não acompanhe com elle... E' tão bom rapazinho! — Dizendo, o barão baixava os olhos á ponteira da bengala, com que fingia percutir distrahidamente o lagêdo do passeio.

Henrique tornou:

— E esse segundo andar, no Bairro Alto?

— O' filho, tenho-o ha muito tempo — que diabo!... Ninguem tem nada com isso... Sei fazer as coisas... Olha se alguem deu por tal?... Nem tu!

— Mas...

— E' verdade... levava lá mulheres. — Henrique teve um gesto de desgosto. — Agora installei n'elle o rapaz. Forrei-me a procurar-lhe casa n'outra parte e, — acrescentou de ironia, — acabei com a immoralidade!... Ora ahi está.

Henrique, muito sério, com uma energia forçada, insistiu:

— Sebastião! olha bem para mim... Isso é verdade?

— Pois não é! — exclamou o barão, olhando o céu, sem incarar o amigo.

— Não tens com elle...?

—Não!... Já te disse,—ando a vêr se lhe arranjo um emprego.

—Em todo o caso, vê lá... Sabes que fallam... Toma conta!

—Ora adeus!

—E's casado...

E o barão, irritando-se:

—Que massadores de moralistas!

Henrique, pensativo, acabára por acreditar o amigo.—No fim de contas, era a coisa mais natural e mais simples ter o barão arranjado casa ao rapaz... Isto, o mundo!... Que cegueira de gente!... só polo prazer de dizer mal!

Fechou sobre si a porta do *coupé* em que tinha entrado, e, de mão para fóra, estendida ao barão:

—Desculpa...

Aproximava-se o dia 18 de maio,—anniversario do nascimento da baroneza. Cada anno, n'esta data, invariavelmente, o portão de S. Christovão abria-se sobre todos os gonzos e uma festa captivante animava-lhe os salões. Era uma celebração pomposa e refinada, a que o barão applicava de habito o melhor das suas finas improvisões de artista. De cada vêz vinha uma combinação nova, um attractivo, uma surpreza lisonjear os convidados e fazer á mocidade provocante de Elvira um pouco de apotheose.

Tambem, era a unica recepção de apparato que em sua casa, durante todo o anno, consentia o barão. Não para fugir a despezas, mas em obediencia á logica do temperamento. Odeiava as grossas reuniões, os ajuntamentos, a tumultuaria agitação dos homens, a pressão das massas, o acotovelar da turbamulta; e isto quer no ar agitado e leve

d'um recinto publico, quer na atmosphera parada e quente d'um salão. Ia raro ao theatro; não supportava a sociedade. O attricto da multidão irritava-o, fazia-o doente, pesava-lhe no cerebro, punha-lhe as ideas em debandada, fatalmente, com uma intensidade, uma crueza e uma dôr que iam crescendo na medida que as depredações do seu arthritismo lhe minavam, com a edade, o normalismo das resistencias physiologicas.

N'aquelle dia porêm fazia uma violencia e recebia, mais em respeito ao mundo que por amor á esposa; e sempre depois ao exforço uma reacção sobrevinha de sombrio, intratavel hypocondrismo.

Aproximava-se pois o 18 de maio: e um dia, sobre o almoço, organisava a baroneza com o marido a lista dos convidados. — Quasi a mesma do anno antecedente; dois ou tres, que tinham morrido, viéra substituil-os egual numero de relações de fresca data. — A baroneza ia escrevendo, n'uma tira de papel assetinado. De quando em quando, parava, o extremo superior do lapis incostado ao labio, a recordar-se:

— Quem mais?...

O barão ajudava:

— Olha: o marquez de Torredeita... o Florindo...

— O Camara... — acrescentou, depois de nova pausa, a baroneza. E ia a escrever.

Mas logo o barão, imperioso:

— Não! esse não!

A baroneza estremeceu. Uma rosacea de sangue manchou-lhe irregularmente a face de vermelho, e as veiasitas azues tumeficaram, grossas, latejando.

— Não!?... — inquiriu ella, de olhar franzido. — Porquê?...

— Porque não quero! — volveu brusco o barão, com um brilho de intransigencia rancorosa nos olhos profundos.

E a baroneza, placidamente, um traço de ironia no sorriso calmo:

— Sebastião... tu estás doido?...

— Estarei o que tu quizéres... O Camara não vem... não põe mais pé aqui!

Elvira agora empallideceu. Poisando a mão com o lapis sobre o papel e endireitando com dignidade o tronco, retorquiu:

— Teimas em offender-me com essa suspeita?... voltas a lembrar-me aquillo em que não penso?... Acenas-me com o fructo prohibido?... — Atirou longe o lapis, n'um soberano gesto de enfado: — E's tolo!

O barão cruzou os braços e repetiu, mordaz:

— Não vem!

— Mas repara, — insistiu, com calor, a esposa, — que com essa omissão absurda aggravas o mal, em vêz de remedial-o! Os demais, acostumados a vêl-o aqui todos os annos, se sabem que elle agora não foi convidado, o que hão-de dizer?... Verão na exclusão do homem a confirmação das suspeitas... Agrada-te? — O barão, sempre de braços cruzados, baloiçava-se na cadeira e não desfitava da baroneza, incredulo, sarcastico. Ella repontou, seccada: — Não imagines que tenho grande empenho de o vêr cá!... O que quero é evitar o escandalo. Zélo o teu nome... E pagas-me com esse risinho!... — Depois, tolerante, n'um conselho amigo: — Pensa bem...

O barão baloiçava-se... Por fim ergueu-se, de cabeça baixa, contrariado, e com um aceno de mão annuiu:

— Põe lá...

A verdadeira origem d'esta subita malquerença de D. Sebastião ao Camara hemos de ir pedil-a, não a um impulso da sua honra em jogo, mas a uma causa mais em harmonia com a despolarisação moral da sua vida.

Na noite do dia em que pola primeira vêz Eugenio jantára em S. Christovão, o barão fôra com elle ao Circo Price. Pelo caminho, interrogou-o: — se sempre era verdade o que, dois dias antes, lhe tinha dito, na rua da Rosa, d'um homem que lhe offerecêra casa n'outra parte? — E Eugenio: — que sim... mas que importava isso?... nem já de tal se lembrava. — Porêm o barão insistia, inflammado: queria pormenores, queria saber o nome do meliante; e que lhe dissésse as condições em que fôra feita a proposta? se lhe tinha offerecido mais do que elle lhe dava?... — Se fôr coisa até onde eu possa chegar!... —

Eugenio, aborrecido e instinctivamente receioso da ladeira em que poderia precipital-os esta inquirição apaixonada, foi torneando com manha o desejo do barão. — Não se lembrava de nada, não sabia o nome do homem... Estava até que, vendo-o na rua, nem já o conhecia!... Por coisa nenhuma faria partida ao sr. barão!... nem que lhe déssem oiro em pó! — E como nem assim o amante aquietásse, Eugenio explicou, apertando-lhe o braço e sorrindo com ternura:

— Isto é brincadeira... Eu disse aquillo, porque estava zangado.

Mas a inquietação, o sobresalto amoroso do barão voltava ao menor pretexto. Quando foi, depois da visita do Camara, e viu que Eugenio o conhecia e não formava d'elle o melhor juizo, tudo era perguntar, bastas vêzes ao dia, com uma insistencia selvagem: — Mas d'onde o conheces?...

Porque o alcunhaste de *gajo*?... Alguma te fez elle!... Tu que não queres ser franco, alguma coisa ha que ambos têem interesse em me occultar... D'onde o conheces, — que diabo! — explica-te.

Eugenio foi, como poude, resistindo; até que, uma vêz, tambem no Circo, — tinha a funcção começado, — e o ephebo exclamou para o barão, apontando á entrada, para um pequeno grupo que estacionava, em pé, debaixo do camarote real:

— Olhe, olhe! o *gajo* que me queria ter por conta!... lá está!... á entrada.

— Qual é!? — fez, voltando-se de impeto, o barão, com uma onda de sangue a cachoar-lhe nas fontes.

— Aquelle, incostado á bengala, de bigodinho retorcido e grandes botões brancos.

— E monoculo?...

— Esse mesmo.

— O Xavier!?

— Percebeu agora?

Era Xavier da Camara.

O barão, desde esse instante, odiou-o intranhadamente. Sentia n'elle um competidor, um concorrente, um irmão no vicio, doente da mesma desvirtuação sexual, escravo do mesmo sodomitismo, e, para mais, um rival! — com o desejo posto no mesmo objectivo... Junto d'elle o coração arrefecia-lhe. — Conhecia-o bem agora!... As abominações, que corriam, do peralvilho com respeito ao defuncto commendador Parreira, justificavam-se! — Evitava-o. Fugia de fallar n'elle. Em casa, negava-se. Na rua, fazia que o não via. D'uma vêz até, em que parou a fallar a um grupo, onde o Camara estava, chegou a estender a mão a todos menos a este, simulando distracção.

Não era o barão moralmente homem de meias-tintas; a paixão dominava-o facil; á menor pressão de contrariedade, o seu temperamento caloroso e fraco saltava, como uma rôlha de *champagne*, com um estampido cavo. Principiou a dar na vista a sua frieza de tracto para com o Camara. Não a disfarçava. E a explicação liam-n'a todos, *una voce*, na côrte que o virtuoso *sportman* fazia á baroneza.

O Camara porêm, que tinha realmente feito propostas a Eugenio, depois que viu este atrellado ao barão, comprehendeu, achou natural o retrahimento. Por isso, quando alguem lhe insinuava que tivésse cuidado, que deixasse em paz a mulher ao barão, elle encolhia os hombros e tinha um riso especial. E de si para si resolveu afervorar no cêrco á loirita gentil de S. Christovão. — Que o barão... comtanto que lhe deixasse o rapaz... não havia que receiar.

Graças ao bom-senso da baroneza, Xavier entrou no rol dos convidados para a festa de 18; e não faltou. Por signal, que foi dos primeiros a chegar. Ainda o gaz, accendido de fresco, não havia tido tempo de aquecer as salas, e já o espaventoso marialva rojava as suas felicitações deante de Elvira, que o escutava risonha, com um pique de commoção na face, e nos olhos côr de alga um brilho humido, phosphorescente. Estava incantadora. Vestia com simpleza. Decotada. Sobre uma saia lisa de setim branco, sem fôlho, uma segunda saia tufava, de *tulle* egualmente branco, apanhada aos lados por fartas tiras de *tulle* bordado e debruado com renda de Inglaterra. Uma tira analoga, inconchando circumdava em guisa de fôlho a saia de setim, e formava leque posteriormente, ao longo da cauda. Um *fichu Marie Antoinette*, com renda, passava sobre as espaduas, vinha cruzar á

frente do seio, e descia a atar sobre os rins, formando um grande laço, cujas duas pontas pendiam, muito longas, até á raiz da cauda e ahi terminavam em diagonal, bifendidas a partir de novos laços de *tulle*, egual ao do inconchado da saia, que as guarneciam. Nas pregas do *tulle* cachos de lilaz. Ao pescoço um collar de perolas. O cabello levantado um pouco, ondeado, frisado em crespos ligeiros sobre a testa e as fontes.

Esta *toilette* fazia deliciosa a baroneza; dava um realce finissimo ao côr de rosa polpudo e lacteo da sua carne florescente.

Xavier da Camara aquecia... estudava, deslumbrado, a pujança, o perfume, a graça espontanea e tocante d'aquelle pequenino corpo, onduloso e cheio.

—Mas que opulencia de mocidade, baroneza!... que frescura!

—Então que queria o senhor, na minha edade?... Ainda vou na escala ascendente.

—Ah! sem duvida... E muito em baixo.

Curvava-se todo, de *claque* á frente do peito, a pomada das pastinhas luzindo no clarão que descia do grande lustre doirado.

—Muito obrigada pola sua attenção! —disse, apertando-lhe a mão, a baroneza. —Que bellas flôres!... Tenho-as no meu *toilette* e ahi as heide conservar...

—Emquanto não fanarem.

—Naturalmente, —confirmou Elvira, velando na sombra do leque um risinho gaiato.

—Serão durante um dia ditosas... Invejo-as! E ouso pedir-lhe, baroneza, que conserve no seu coração, um pouco mais do que o tempo de vida que resta a essas pobres flôres, a grata lembrança de quem lh'as deu...

Elvira, com uma graciosa mesura, acquiesceu, sorrindo, e adeantou-se a receber D. Placida, que acabava de apontar no tôpo da escada, — fresca, magestatica, de sêda rôxa, fôlho *Luiz XV*, rôlos de tafetá da mesma côr, mais clara, applicados sobre as costuras, medalhões bordados a vidrilhos e perolas per todo o vestido, oculos de oiro e no penteado *phidiesco* um diadema de esmeraldas.

Uma sociedade mesclada foi enchendo rapidamente as salas. Vistas do Largo de S. Cristovão, todas as saccadas da frente, no andar nobre do palacio, scentelhavam, fortemente illuminadas. Em baixo, ao portão, os trens vinham desfilando. Um a um paravam, com um tropear de ferraduras... um pé irreprehensivel descia a procurar o estribo, e logo o outro saltava, prolongado por um rapido escôrço de perna calçada de sêda, a poisar na calçada... depois, um bater de portinhola, novo estrupido de cavallos... e, no intervallo de trem a trem, a figura do guarda-portão prejectando-se larga, negra, solemne, na claridade do vestibulo, que luxuriava em verduras, espelhentado, lucido, ao fundo amostrando a maciêza do *duvet*, riscado a barrasinhas luzentes, da escadaria.

No tôpo d'esta, para um lado da salêta de entrada, duas salas em correnteza se abriam, quadradas, altas, mobiladas parcamente, communicando em cotovelo com o escriptorio do barão; do lado opposto ficava o salão de baile, em cujo fundo fôra este anno armado um theatrinho. A toda esta parte do palacio conservava o barão, quasi sem mudança, a decoração e o aspecto antigo. Nos tectos, concavos, distantes, destingiam *frescos* d'uma factura ingénua e dura; as guarnições, os estofos e os reposteiros, de damasco, já

nas porções mais mordidas da luz esfiampavam, desbotados; a mobilia, toda em vinhatico, ou invernizada com guarnições de bronze doirado, ou pintada de branco filetado a oiro, tinha falhas, móssas, laivos gordurentos, as linhas dos ornatos embutidas de pó; e as flôres, que em fundos claros juncavam as alcatifas, deliam-se rapadas, gastas, nas direcções das portas.

O barão parecia contente: fazia as honras da casa com uma alegria diligente e amavel. Agora recebia elle nos braços o marquez de Torredeita, — o seu velho amigo! — que já não via ha bem tempo. Era um typo franco, sadio, aberto; uma d'estas figuras de velho, consoladoras e resistentes, que n'um momento captam a sympathia e impõem a confiança. Direito, grande, robusto, a mão e o pé pequenissimos; gesto largo e a voz abarytonada; duas falripas de cans alvissimas orlando-lhe o craneo amplo, macio; um pescoço de Apollo, o olhar firme e magnanimo, a epiderme côr de rosa, a face inteiramente escanhoada; um d'estes narizes rectilineos, prolongando a testa, das consciencias sem macula; um rico ar bonacheirão aclarando-lhe a physionomia, e arqueando-lhe os grossos labios um eterno sorriso de bondade e tolerancia. Limpo e captivante como uma tarde bem assoalhada de outomno. Trocava por *gg* os *rr;* e erguia de habito a mão direita a puxar da nuca para a frente, com um geito caricioso dos dedos, a sêda prateada do cabello. Derivava de nobre, antiquissima familia. No escudo do seu brazão cinco flôres de liz, de oiro, saltavam, em sautor, d'um campo azul. Tinha propriedades em Malta; e dos muros senhoriaes do seu palacio, á frente dos pannos de *raz*, pendiam telas numerosas de gentishomens,

como elle escanhoados e rosados, ventrudos, fortes, sorridentes, sobre o seu glorioso uniforme vermelho de bailios a cruz bifida luzindo.

— Está *pgincipesco* isto, maganão! — exclamava elle, olhando em torno, radiante. — Tu *quégues-me competig* com o teu visinho Penafiel?

— Eu sim!... Falta-me o melhor.

— *Dinheigo?*... Olha, gosto não tem elle mais! — E já rodava para as salas interiores, bradando, de braços abertos: — Mas onde me está essa gentil *bagoneza?*

A sr.ª Reodades veio depois, com a filha, — esquirolenta, apagada, o cabello em molhelha, uma tunica de sêda lilaz sobre o peito intabuado; os Paradellas com a Emmasita; Horacio Martins; o coronel, com a inseparavel gravata incarnada e na lapella a rosacea carmezim da Ordem de Christo; o Mendonçasito; os paes e a irmã de Elvira; mulheres dubias; um velho desembargador; funccionarios, titulares, artistas; e, quasi dos ultimos, o Florindo, poeta e philosopho de nomeada, — alto, pallido, o olho cavado e negro, os molares esticando a face, o bigode rocambolesco. Uma sporadicie do romantismo. Não soffria o vulgo; fazia-se passar por incomprehendido. Dava-se ares de inspirado e tinha seis dentes postiços. A cabelleira, côr de aza de côrvo, basta, longa, inextricavel, dobrava-se sobre as orelhas e rasava-lhe a gola da casaca. Nunca ouvia as primeiras palavras que lhe diziam... fingia-se distrahido. Andava sempre de fronte erguida, olhando ao alto, como perdido em sublimidades, alheiado em transcendencias. Em suas fallas usava phrases de pontifical, termos escovados, duros archaismos, conceitos de ponto em branco: — d'algum critico *má-lingua*, que o abocanhásse, dizia que era um *dicaz;* o parla-

mento era o *sanctuario das leis;* uma sentina era um *defecadoiro;* a Academia a *sella curul do intellecto;* a praça da Figueira o *pascigo da cidade.* Era auctor d'uma obra de folego, *O Immanente e o Contingente,* de que se tinham vendido seis exemplares. Do seu traje de passeio era inseparavel um jaquetão de velludo preto, bota alta e laço branco. Affirmava descender d'um *brahmane;* e annos havia que indefessamente perturbava o somno poeiroso das bibliothecas e dos archivos, na furia de juntar documentos comprobativos de tão conspicua ascendencia.

Toda esta sociedade se baralhava, buliçosa, vária, levantando um murmurinho alto, casquinando; vinha em turnos prestar suas homenagens á baroneza; e espraiava-se, na luz abundante das salas, interpellava-se familiarmente, boquejava pelos vãos das portas, na sombra dos reposteiros.

Tendia, ao tempo, a desapparecer a *crinoline,* essa abominavel, essa incrivel perversão do bom-gosto francez, que fôra sempre o desespero do barão. Já não a usava a baroneza: o vestido caía-lhe quasi sem roda, direito, sóbrio; e assim a sua figurita, viçosa, redonda, cingida n'um branco espumoso e leve, mais airosa e distincta destacava d'entre a pesada formidulagem dos outros vestidos, embalonados, tufados, assoprados, todos em cinzento, azul ou violeta, — as côres da moda, — todos laboriosamente ajoujados de vidrilhos, passamanes, franjas, galões, penduricalhos de preço.

Eugenio escoava-se pelos grupos, mortificado, vendido, estupido, sem saber o que fazer das mãos. Ordenára-lhe o barão que não fallasse; e o rapaz vagueava assim, com um ar palerma, chegado ás mesas, para quantos se lhe dirigiam o mesmo sorriso branco e mudo. Naturalmente, elle

era o alvo das attenções, o centro dos commentarios. Uma senhora larga, pallida, de barbela e nariz pendente, collar de amethystas, muito decotada, dizia para uma amiga, amancebada com um politico em voga, — que elle tinha *bôa pinta;* ao velho desembargador parecia *ordinarote;* um pintor de genero achava-o *bom pequeno.*

A novidade, pois, d'esta noite era uma recita de creanças. Armára-se no salão de baile o theatrinho, todo em lona pintada, lilipucino, branco, uma riquissima côlcha de demasco verde, bordado a oiro, caída á bocca do proscenio, na frente do qual as bancadas do salão se alinhavam, parallelamente.

Emquanto não começava o espectaculo, Horacio Martins conversava a um lado, junto a um tremó doirado, com a baroneza. Era um rapaz baixo e magro, ligeiramente strabico, de olhar tímido, e testa lisa e serena. Ciciava as palavras, não tinha um gesto, e os olhos, frios, parados, poisavam immovelmente n'uma das pernas do tremó... Amára extremosamente Elvira; e ella correspondia-lhe por egual. Pediu-a em casamento... — Não passava d'um simples caixeiro de cobrança d'uma casa de commercio, ao Corpo Santo, — e Ignacio Migueis phantasiava melhor fortuna para a filha. Rejeitado. Elvira teve desmaios; comeu lumes promptos. Com um amante de decisão, instigada, teria fugido. Porêm Horacio tinha uma alma de mollusco: a sua mansa submissão e uns vomitorios curaram-n'a depressa.

Veio depois o casamento com o barão; e Horacio abotoou-se n'esta resignação passiva e triste das situações sem remedio. Lymphatico e obscuro, tinha um feitio pegadiço e molle. Ficou amando Elvira espiritualmente, n'uma adoração inte-

rior, não como mulher, porêm como uma illusão tombada, uma lembrança, um vislumbre perdido de ventura... e comprazia-se em tecer com ella uns eternos dialogos, humildes, a meia voz, quasi segredados, que nem eram provocação nem queixume, em que a doce modestia da sua alma hauria um travor voluptuoso, e vivendo todos, nunca na audacia d'uma esperança, antes sempre na saudade das recordações.

O barão sentia-o inoffensivo. Tratava-o benevolo; estimava-o. Jámais o preoccupou a intenção nem o assumpto d'esses largos cavacos platonicos. A baroneza, parte por gratidão, parte por um impulso intimo, estimava-o tambem, tinha com elle a mesma complacencia, supportava-o.

— Pois bem,—dizia-lhe ella, esta noite,—mas ainda não fallámos de si...

— Vejo-a feliz, minha senhora... Estou bem.

— Feliz! eu...—suspirou, erguendo-se, a baroneza. E logo derivou, muito alto, para o barão, que apontára de dentro do theatrinho: — Então, póde começar isto?

Podia.

Encheu-se a sala. Representaram-se tres proverbios francezes, leves, innocentes. Os pequeninos actores houveram-se d'um modo adoravel. Sobretudo Emma, encarregada dos primeiros papeis, foi inexcedivel de intelligencia e graça. Cumulados de *bonbons* e de beijos, ante o desvanecimento das mamans.

No fim, as bancadas voltaram para junto ás paredes e a dança rompeu, cortada a espaços por um avoejar de rabonas de creados com bandejas.

O marquez de Torredeita refugiára-se, com Florindo e o coronel, a fumar, no escriptorio do barão. O marquez, bonacheiramente reclinado na

causeuse côr de pombo, perna traçada, braços abertos, a cabeça ao alto seguindo as espiralagens do fumo, que se immobilisavam no ar quente e parado, dizia para os dois, com um leve accento admirativo:

—Este *magôto* d'este *bagão* tem *negvo d'aguetista!*... Vejam isto... que belleza!... E *sempgue* coisas novas... Nunca aqui venho, que não *incontgue* que *admigag*.

—Tem a mania d'estas coisas, tem...—apoiou o coronel, de pé, as pernas em compasso, saccudindo n'um cinzeiro sobre o grande bufete de pausanto a ponta do charuto.—Se eu o conhecêsse ha mais tempo, de quando fui governador militar em Coimbra, podia-lhe ter dado um presente que elle havia de estimar.

—Sim?—fez o marquez, curioso, destrocando as pernas.

—É verdade! Appareceu por acaso ali, no arrabalde, uma argola de oiro, muito velha... diziam que do tempo dos moiros, ou dos romanos. Déram-m'a...

—E v. ex.ª?...

—Para que queria eu aquillo?... Offereci-a a um amigo meu, que andava organisando um pequeno museu mythologico.

—Archeologico, talvêz...—emendou o Florindo, n'um tom impertigado.

—Ou isso... não sei. É a mesma rima,—obtemperou Militão promptamente, illudindo a tolice.—Hão-de concordar que para o barão...

—Ah!—confirmou com um grande aceno de cabeça o marquez,—*ega* um mimo inestimavel.

—Sempre valeria mais do que aquella estampa amarella,—tornou o coronel apontando o *Rapto de Ganymedes*.—O apreço em que elle a tem!

Florindo, que estava sentado na cadeira de coiro, mesmo por baixo da gravura, ergueu-se, e, voltado para ella, costas ao bufete, explicou:

—Isto afinal não passa d'um documento morbido na evolução secular da humanidade. Filia-se nas tendencias aberrativas da especie humana a sodomia; é um factor moral da sua degenerescencia, como são factores physicos a syphilis, a lepra e o espartilho. A pederastia é uma das formas da nevrose: floresceu na Grecia; tivemol-a no Oriente,—o divino *Livro dos Hymnos* da religião *indu* lá insere a tradição analoga de Indra, levando o joven *Medhatithi* atravéz do mundo e dos céus; mesmo ainda hoje na India o ephebismo tem, como em Lucknow e Lahore, um culto extraordinario. E então cá pela Europa, é o que todos nós sabemos...

—Fortes bestas!—rugiu o coronel, dando dois passos no aposento, o braço brandido ao ar, a testa vermelha.

Entrava com Henrique o barão, que perguntou:

—Póde saber-se quem lhe merece tão descaroada invectiva, coronel?

—Pois não póde!

—Está fulo *contga* os *apgueciadogues* do sexo *fogte!*—explicou n'uma ampla gargalhada, levantando-se, o marquez.

—Sim! mette-me nôjo toda essa gente a quem dá para gostar de garotos... Irra!

Perturbou-se o barão. E logo o coronel, arrependido, segredou para o marquez:

—O' diabo... desconfio que o ataquei com balda certa.

Porêm o barão, senhoreando-se, estendeu a mão emaciada, e placido, risonho, com este tom

a um tempo motejador e convicto de quem vae por prazer desdobrar um paradoxo, aventurou:

— Ó meus amigos, queiram perdoar... mas não estou de accôrdo. — Acercaram-se todos, com interesse. — Se incaramos a questão polo lado affectivo, a nossa preferencia deve ser para a mulher... muito bem!... mas em face da esthesia pura, medido no estalão da bôa plastica, o corpo do varão é muito mais nobre, muito mais perfeito e harmonico de fórmas do que o corpo feminino!

— Oh!... explodiram, n'um côro de indignação e de surpreza.

— Essa agora! — exclamou, da porta, Xavier da Camara, que vinha tambem fumar e ouvira as ultimas palavras do barão.

Mas este proseguiu, sempre placido, com o mesmo ar zombeteiro:

— Pois não é assim?... Olhem-me aquella gravura. — Apontava o *Rapto de Ganymedes*. — Que incontram os meus amigos na melhor das mulheres... á vontade!... que vão incontrar n'ella de superior áquelle corpo divino em suavidade de linhas, em pureza de contorno, em rythmo, em delicadeza, em graça?... Ha nada em mulher capaz de competir com a modelação d'aquella carne, que é cheia sem ser crassa, que é firme sem ser dura, que é lisa sem ser molle, e que é fina e enxuta sem magreza?... — Cruzava as mãos sobre o ventre, e n'um dar de hombros invaidecido, correndo com a vista os circumstantes, desafiava: — Digam!

— Oh! meu Deus! pois não ha!... — contradictou o marquez, apontando a estatua de marmore. — Não vamos mais longe... Aqui tens tu um *còrpo* de mulher que...

— Essa estatua, — gritou o barão, triumphante,

—é precisamente um argumento em meu favor!... Figura uma mulher, sim, mas no primeiro periodo da adolescencia, quando a anatomia do sexo se não completou ainda. A fórma admiravel d'essa esculptura é neutra,—quasi podia ser de um ephebo. Parece um anjo... e os anjos não têem sexo! Ali o tecido cellular ainda não é em demasia, ainda não ingrossou as articulações, ainda não empastou o relevo. Faltam-lhe as redondezas, as excrescencias da mulher feita; e é precisamente n'essa sobriedade de adipos que reside a sua belleza, o seu afinamento.

Os circumstantes olhavam-se intrigados. Florindo, de braços cruzados e olho meditativo, cofiando a pêra, dignára-se prestar attenção. Henrique fôra esconder-se na poltrona, cheio de tristeza, a morder o bigode, cabisbaixo. Xavier da Camara colhia as palavras do barão n'um tacito applauso. O coronel monologava, entre froixos de riso: —Ora!... ora!... —O marquez, anediando as cans, media o pavimento em torcicolos de arrelia.

E o barão, com grande intimativa, agora sério, os olhos em brasa, os longos dedos tremulos, nodosos nas articulações, acolchetando o espaço, continuava:

—O' senhores! pois se nós vêmos que em toda a escala animal o macho é mais bello do que a femea, para que havemos de querer que a especie humana faça excepção?... O que nos faz vêr a mulher superior em materia de belleza é perfeitamente uma qualidade de organisação, uma questão sensual, uma solicitação do sexo. A pujança das suas curvas fascina-nos... erotisa-nos a sua orbiquidade. Somos assim feitos... Mas não confundamos a attracção carnal com a impressão ar-

tistica, a physiologia com o sentimento, a erecção com a Arte! O nosso enthusiasmo perante a mulher não é de fórma alguma um movimento psychico; é um méro, um trivial phenomeno de osmose do sangue n'um orgão especial.

Interrupções incredulas cortaram o discurso. — Esta não é má! — E' a primeira vêz que tal oiço! — Henrique arrastára o pé na alcatifa, nervoso, n'uma tracção de desgosto. Xavier da Camara apparentava ser o mais discorde; mas o monoculo caíra-lhe; e a face dilatada, e o olhar incendido e fixo trahiam n'elle uma uniformidade de pontos de vista sobre as theorias peregrinas do barão.

Este proseguiu, apostolando com fervor a sua these:

— No corpo do homem todas as redondezas se explicam: são apenas o involucro bastante á expansão muscular. Na mulher, não. O corpo feminino é um acervo de redundancias: — redundancia dos seios sobre o thorax, redundancia do ventre, bojando, engelhando, caíndo em pregas, redundancia da bacia alargando, ingrossando os quadris, redundancia na região do sacro. — E, como os ouvintes lhe voltassem costas, n'uma objecção unanime, insistiu: — Desinganem-se! entre o Apollo do *belvedere* e a Venus de Milo, o pomo da victoria é para o primeiro.

— Como quem diz, — casquinou o Camara, — entre um soldado da municipal e uma andaluza, devemos optar pelo soldado!

E o Florindo:

— Isso não se póde affirmar em absoluto.

Mas o barão, arrastado nas predilecções do temperamento, cego, todo no impulso da sua febre:

— Pois não póde!... Vamos buscar um corpo

de homem e um de mulher, em egualdade de condições... — Voltava a collocar-se no meio d'elles. — A um *meio* que nos possa fornecer os melhores modelos, desinvolvidos pola gymnastica ou polo franco exercicio da vida animal... Exemplo, ao Circo. — Segurava-os polos braços. — Comparemos... O athleta é harmonioso, perfeito, simples; toda aquella carne vive e é forte na sua sobriedade; não tem mollezas, nem tem demasias; resulta da fibrinagem dos tecidos activos; escorre larga, enxuta, facil, n'uma gradação racional, proporcionada, desde a curva dos peitoraes á musculatura da côxa... vem-lhe d'isto a elegancia: a maior dimensão reside em cima, nos hombros, largos, direitos, e o corpo vem afinando depois e estreitando, invariavelmente, pela linha do quadril e da perna, até á juncção dos pés. Na mulher, o contrario: os hombros são sempre estreitos, em ladeira... depois o tórso alarga desgraciosamente para os quadris... e, passados estes, a côxa tumeja d'um modo excessivo, nauseante, por vêzes inverosimil, lembrando um pião, prolongada como é por uma perna rapidamente fina.

E perorava com vehemencia, enardecido, tremulo:

— Oh! o macho é o atticismo, a belleza sem atavio, confiante na propria essencia; a femea é o gongorismo, a turgidez, o tédio...

Aqui o marquez exclamou, erguendo ao alto os braços:

— Ó' Sebastião! tu não estás bom.

— Está calado... — veio supplicar a meia voz, poisando-lhe a mão no hombro, Henrique Paradella.

O barão não via, não ouvia nada:

— O grande Achilles, ao deplorar a morte de Patroclo, lá diz:

Femorum tuorum sanctæ consuetidinis
Quid pulchrius!

— O' menino, — atalhou o marquez, — *pegdôa*... mas estou *fagto* de *ouvig baboseigas*. Vou *paga* o pé das damas.

— E dois! — apoiou o coronel.

— E' a *fogma* do meu *pgotesto*.

— Para mais, — voltou o barão, demorando os dois, — esperem!... as fórmas da mulher ingrossam de ordinario com a edade. Na peninsula isto é fatal, depois dos trinta annos... Escolha-se ahi a mais elançada, a mais ideal, a mais nervosa elegancia: dobrado o cabo dos trinta, — é vêr! — atarracou, achatou, cevou, fêz-se quadrada...

— A's vêzes, cubica! — disse, rindo, o marquez.

— Dispa vossê mentalmente uma mulher que passe dos quarenta... Concebem nada de mais largamente enxundioso, mais enjoativo, mais obeso, mais instavelmente equilibrado?

— O' barão, — pediu o Camara, simulando um ar massado, — tenha dó da gente!... ponto nas heresias!

O barão estacou, a face bilisou-se-lhe, e, varando o rival com um olhar rancoroso e fundo:

— Homem! que outro qualquer divergisse das minhas ideas... mas o senhor!...

— Eu?... — fêz Xavier, naturalmente. — Então que tem?

— O senhor, sim!

— Não percebo...

Houve um silencio... Arrefecêram todos. O barão continuava a apunhalar o Camara com o mes-

mo olhar acerado. Sentia-se imminente uma disputa. Chegavam flebeis as notas d'uma walsa. O marquez e o coronel, que tinham já transposto a porta na direcção das salas, voltaram-se, inquietos; Henrique punha as mãos na cabeça; e o Camara, depois d'um segundo reflexivo, tendo medido o veneno da allusão, fêz-se de cêra, e adeantou-se ao barão, formalisado:

—Barão... v. ex.ª hade explicar essa sua phrase.

—Para quê?...—retrucou o barão, fitando-o sempre, com insolencia.

—Hade explical-a!

E o barão, dando-lhe as costas:

—Intenda-a como quizér!

—Não, isso hade!... aliás...—insistia o offendido, com energia, entre os amigos, que se tinham interposto e procuravam arrastal-o para fóra do escriptorio.—E' um procedimento insolito!... Deixem-me!—barafustava, nos braços de Henrique e do coronel, que iam desculpando:—Não vale nada... Exaltou-se... Aquelle genio!... Nem reparou no que disse.

Fazia cauda o Florindo.

Assim conseguiram, n'uma grande confusão de vozes e de gestos, levar o janota para longe; emquanto o barão se arrojava, todo agitado, para a cadeira de coiro, e na sua frente, da outra banda do bufete, o marquez, em pé, de braços cruzados, murmurava, bamboando a grande cabeça luminosa:

—*Sempgue* sem juizo!

VIII

Foi crescendo, ascuando ladravazmente a paixão por Eugenio na alma doente do barão. O seu temperamento descraziava-se; dominava-o o orgasmo d'aquella obsessão violenta e dolorosa. Lubricava-lhe o desejo esta inercia da vontade, particular das organisações que se desfazem. Uma excitação devastadora e acida escareava-o, fazia-o alternadamente gosar e soffrer. Ora andava lumioso e affavel, leve d'esta alegria ruidosa e bôa que marca no homem a realização d'um capricho; ora se volvia desconfortado, solitario, triste, o ar inquieto e suspicaz, a face incorreada, taciturna e sombria.

Poder de resistencia nenhum. Escravo da cacochymia ingenita, ia trupando cegamente na cauda dos seus instinctos. Sentia a alma amaurotica, deprimido o coração, os nervos despolarisados.

De principio, antes de conhecer Eugenio, estas predilecções antinaturaes tinham de ordinario uma acção toda exterior e uma duração epheme-

ra. Eram excepções moraes; erros, appetites d'um dia. A falta de equilibrio da sua organisação dava-lhe á emotividade uma hyperesthesia de arte: e um hysterismo da intelligencia, junto com uma exaggeração do sentimento plastico, faziam-n'o sensivel em extremo ás varias fórmas de belleza das coisas. Qualquer harmoniosa ligação de côres, de linhas, por insignificante que fôsse, impressionava-o. O mínimo elemento esthetico, para a grande maioria despercebido, feria-lhe a retina com uma intensidade despotica e vehemente. Ficava o barão subjugado.—Tal corpo esbelto de ephebo, tal perna elastica de varina, uma ondulação de cinta, um quadril nervoso, um talhe de olhos, um córte de cabeça, um quadro, um movel,—que a multidão incarava fria, indifferente, —a elle attrahiam-n'o, prendiam-n'o, picavam-n'o de gula, torciam-n'o de rabidas appetencias; e o barão buscava apprehender, tocar, admirar longamente, possuir por todos os sentidos o objecto que assim vinha torturar a sua ideosyncrasia artistica de violencias irresistiveis. Porque logo, fatalmente, por uma degradação natural, o seu sangue grosso de arthritico empapava, convertia esta alta emoção, toda da intelligencia, n'um movimento sensual ou n'uma irritação lasciva.

Assim, se a coisa era possivel, o movel, o objecto de arte era comprado; o ephebo cedia ao suborno, ao lenocinio, aos mais baixos meios de seducção. Tinha-os o barão por seus—era feliz! Fruia-os com ardor, analysava-os, devorava-os... balaiava n'elles a todo o panno os seus extasis de artista ou as suas abjecções de pederasta. Depois vinha, com a posse inteira, a saciedade; vinha a reacção das energias salutares; e o desgosto no convencimento da inattingibilidade do ideal, da

perfeição sonhada... Então, breve, o ephebo esquecia, aborrecia. E o barão, n'um impeto de tédio, despedia-o, com o mesmo furor intransigente com que iria no dia seguinte desfazer-se,— não importava por que preço,— d'um artigo raro, adquirido mêzes antes com enthusiasmo, a peso de oiro, em qualquer loja de *bric-á-brac*.

Porêm agora, com Eugenio, não. Era mais grave. Perdêra a faculdade de reagir. Inraizava no amor e no vicio esta attracção abominavel.

A intimidade dos dois tornára-se pertinaz, continua, absoluta. Quasi ininterrompidamente, as visitas de Eugenio a S. Christovão alternavam com as visitas do barão á rua da Rosa. E aqui, n'este algar obscuro de inconfessadas torpezas, na cumplicidade estimulante da penumbra, cerradas as portas das saccadas ou diminuida a luz do candieiro, a diathese do barão, posta á vontade, resfolgava as ancias, todas carnaes, do seu destino; cabriolava dos mais requintados acumes aos mais infimos latibulos do desejo; clownisava aos trancos, embriagada, sofrega, per todos os spasmos, todas as convulsões, todas as febres d'uma luxuria ardente e invenenada.

Em publico, sempre álerta a cobardia moral do barão. Ahi punha elle todo o cuidado em occultar a natureza das suas relações com o ephebo. Affavel para Eugenio, familiar, amigo, fallava-lhe todavia de alto, sublinhando o gesto, a phrase com um ar de protecção que marcasse aos olhos do mundo a distancia que ostensivamente devia separal-os. E sempre liberalisando-lhe a deferencia spontanea, amavel do superior para o inferior. Dava-lhe os melhores logares, fazia-o passar primeiro as portas, assentava-lhe de quando em quando no hombro paternalmente a mão. Des-

apparecia o *tu*; e os tratamentos lamechas da intimidade,—*filho*... *meu narciso*... *minha flôr*,— sempre cuidadosamente substituidos por—*meu charo Eugenio*... *meu rapazote*... *meu nobre amigo*.—Isto mantido com a manha imperturbavel d'um sonso, rebuçado n'uma constante hypocrisia, que á força de astucia e methodo chegava a ser pavorosa.

Sómente em casa, com a esposa, levado d'esta necessidade de expansão que nos dilata na consciencia a tepidêz tranquilla do *at home*, se permittia fallar um pouco a sabor da sua predilecção, do seu instincto.

Não raro, muito cordeal, uma flammasinha amoruda nos grandes olhos negros, elle entretinha a baroneza com o relato das perfeições do amante.

—E' um excellente rapaz, não achas?...—dizia-lhe uma vêz, sobre o almoço.—E bonito... Que elegancia de porte! que maciêza de cutis!... Já reparáste?

Elvira mal o ouvia.

—Nem eu tinha mais que fazer!—respondeu.

E ficou-se a pensar n'outra coisa. Não a prendia o assumpto.

O barão tornou, descobrindo-se, fiado na inexperiencia da esposa:

—E um corpo tão bem torneiado... Que abençoada saude!

Ella porêm, na mais inteira indifferença, classificou o rapaz de semsaborão. Achava-lhe as mãos asperas;—e que tinha um ar imbecil.

—Não digas isso, filha!—contrariou logo o barão, cofiando o bigode, erguendo-se.—Tudo aquillo é saude, força. E' um corpo primaveril!... Não vês o sangue como lhe espirra das faces?

— E que tenho eu com isso? — acudiu Elvira, n'um bom-humor negligente, baloiçando na ponta do pé o chapim côr de canna. — De que me serve a mim o sangue d'esse tolo?... Não tenho propriedades de sanguesuga.

O barão teve um gesto de arranhado. E Elvira, sem alcançar a ambiguidade do que disséra, rematou:

— Lembra-me estes homens dos talhos... Injôa-me.

Mas o barão parava deante d'ella e exclamava, animado, arregalando os olhos:

— O' *vivi*, que é lindo!... Onde viste tu já uns olhos como aquelles... tão rasgados... d'um molde egypcio tão perfeito e tão raro?... Uns olhos macios, doces como o velludo, e como a azeitona humidos, escuros?... Ora, repara! onde viste?...

E a baroneza atalhou, a rir, atinando, sem saber, com a verdade:

— Estás apaixonado!

Eugenio ia tirando a maior somma possivel de interesses da sua situação abominosa. Natureza doble e indecisa, character bastardo, alma de argilla, — capaz, segundo a hora, o dia e o logar, do bem ou do mal, do vicio ou da virtude, da abstinencia ou da orgia, — dava-se a explorar desalmadamente, sem sombra de dó nem de escrupulo, a inexgotavel complacencia do amante. Assim exercia, n'uma inconsciencia, a vingança do seu aviltamento.

Pagava-lhe agora o barão dois mil reis por dia, fóra extraordinarios, que eram formidaveis. Com este dinheiro podéra Eugenio tirar a Esther de casa da *Pacca:* tinha-a por sua conta. Alugára-lhe um 2.º andar, á Mouraria. Ahi passava as

magras horas que podia furtar ao barão; e quanto dinheiro lograva caçar a este, todo era gasto com a rapariga. Um carrear de formiga. Presenteava-a de mimos, joias, vestidos caros; ingalanava-lhe o quarto de luzidas bonecragens; ia-a enchendo de roupas brancas. Fóra o que apanhava para si... Era junto do barão um pedinchar constante, um arsenal sempre activo de patranhas, um infindavel rol de necessidades. Nunca atravessava com elle a Baixa, que do precioso filão não extrahisse algum valor mais.

Agora, cortava de repente per uma travessa, andando e dizendo:

— O' barão, vamos aqui ao *Cócó* comprar uns pasteis e uma garrafinha de *kermann*. Ando muito fraco.

Logo, como passásse em frente d'uma camisaria:

— Tem ahi uns dois mil réis?... Lembrou-me agora: ando precisado de gravatas.

Ou então, á porta do Rôxo:

— Preciso tanto d'um chapeu!

O barão arriscava:

— O' filho, esse ainda está bom.

Mas Eugenio, sêccamente, com um môMo de enfado:

— Não está!

E entrava na loja.

E o barão submettia-se... Entrava empós d'elle, vinha para a porta das lojas, esperava, voltava dentro, aconselhava na escolha do artefacto. E ao fim pagava, as mais das vêzes contrariado, frio, com uma retracção dolorosa, mas sem uma objecção, sem uma censura, sem a menor marca de azedume, sem a mínima ostensão de má-vontade. Apenas, de quando em quando, um:

— Saes-me muito caro! — dito n'um sorriso que era um incitamento.

A maior parte das vêzes, toda a industria de Eugenio se cifrava em lhe apanhar dinheiro.

Se costeavam de acaso as portadas d'um armazem de mobilia, rogava, por exemplo:

— O' barão, compra-me um sophá, um guarda-fato d'aquelles?

D. Sebastião moía:

— Vá lá...

E o ephebo ia a entrar; mas logo, simulando mudança de resolução:

— Para não demorarmos agora... Quanto poderá custar?

O barão avaliava; e o rapaz, estendendo a mão:

— Dê cá o *gadé*... Venho comprar ámanhã.

As maiores e mais faceis extorsões tinham logar na rua da Rosa. Aqui, depois d'uma d'essas aproximações extenuantes, em que o temperamento d'artroso do barão se convulsionava todo e os sentidos se galvanisavam, quando Eugenio o colhia derreado, inerte, undando n'uma passiva beatitude, a palpebra longa, o olho amortecido, humido, os nervos destemperados e a vontade á mercê do seu primeiro capricho, então chegava-se, e, humilde, mocanqueiro, roçando-o de leve, afinando-lhe as guias do bigode, murmurava com a voz meiga, insidiosa:

— O' barãosinho da minh'alma, ainda não paguei o feitio d'este fato... Fiquei de satisfazer ámanhã... São seis mil réis... Palavra! Mostro-lhe a conta... Não m'os empresta?

E o dinheiro lá ia, quantioso, farto, para casa da Esther. Havia occasiões em que Eugenio, faltando ao barão, tomava para casa da amante, se-

guido por um gallego com um cabaz. — iguarias, vinhos, doces de cogulo.—Punha-se a mesa n'um instante; accendiam-se todas as luzes; e os dois ali, na plena expansão do seu amor, na inteira liberdade do isolamento, felizes, brincalhando, improvisavam pequenas pandegas intimas, pantagruelismos deliciosos, que se prolongavam pela noite adeante e terminavam por longos, tremiculosos amplexos, em cujas espiraes vortilhava generoso, ardente o sangue de duas mocidades.

De mais sabia a Esther de que sodomitica origem lhe fluía a abundancia no regaço.—Não lhe importava... Tinha o que queria; e Eugenio era moço e bello, demorado e quente no amor... Tanto bastava aos seus 22 annos. — Eugenio ás vêzes lembrava-se de poupar um pouco o barão. Vinha-lhe, rarissimo, algum segundo de pena, de remorso; vinha-lhe principalmente o medo de o *espantar*. Mas a Esther, cruamente, açulava-o, fazia-lhe vergonha do seu bom movimento.

—Anda-me com o *trangóla!*... Quem quer ter luxos, paga-os bem.

A verdade é que estes saques repetidos e avultados iam minando um desequilibrio grande nas finanças do barão. Não lhe davam para tanto os rendimentos de sua casa. Quando Henrique o tinha incontrado á porta do Montepio, saía elle de levantar uns centos de mil réis, que ali tinha em deposito. Desconfiára já o olho esperto de Eugenio de que nem sempre bojava recheiada a bolsa do amante. Algumas vêzes surprehendêra elle o esforço d'uma violencia na passividade magnanima do barão, pagando. Mas nem por isso apiedava. Se, raro, lhe acudia que não devia ser ingrato com o *pobre diabo*, era n'um relampago. Não se accommodava a gratidão nem a clemencia na sua alma

de lascarino. — Que não fôsse *fona!* — Tranquillisava-o, para mais, esta consideração: — O barão era rico. — Porque a miseria vê sempre a riqueza dos outros ao microscopio. Para o proletario avolumam em proporções de exággero os recursos do homem de fortuna. O que não passa de abundoso, figura-se-lhe inesgotavel.

O barão inquietava-se e soffria... Conhecia bem que começára a escorregar no ladeiramento da ruina. Adivinhava a ensombrar-lhe o futuro um viver tortuoso de expedientes, a humilhante expoliação da agiotagem, os compromissos insoluveis, o sustento dia a dia atamancado, o passivo de hoje invariavelmente descontado sobre o activo de ámanhã. A seguir, o calote, a bancarrota, a vergonha, a fome... Era fatal. — Quereria parar... mas as solicitações de ephebo tinham mais força!

Por isso fechava os olhos, fugia de considerar nos riscos da sua loucura, abandonava-se ao rumo da sorte com este calmo desespero do naufrago, perdido entre dois infinitos, que, exhausto de rebolar debalde em todas as direcções a vista alanceada, se resigna a deixar-se afundar na morte, a cabeça ao alto, pendendo os braços, lentamente.

E esta quasi certeza no cavar da propria desgraça, este consciente resvalar ao volutabro, a despeito de tudo, apraziam-lhe: aziumavam-lhe as dulcituras da paixão, davam-lhe ao prazer um travor intenso, punham-lhe nos gorgeios da alma uma irritação de troça, uma caligem de ameaça, um frio acre e arripiante, que eram para o seu modo doente de sentir uma duplicação de goso, um pique, um estimulo, uma excitação mais.

Tal morbida aspereza de nervos, carecida de applicação, toda naturalmente se condensava em odio a Xavier da Camara. Não podia agora o ba-

rão soffrer este ostentoso peralta, que parecia feito para triumphar no mundo; que tinha por si as condições todas de exito, — a belleza, o garridismo, o descaramento, a petulancia, a audacia; e que, não contente em lhe galantear a esposa, parecia querer tambem subtrahir-lhe o amante! Não o supportava; tinha-lhe uma sêde de morte. Era o travanco da sua vida. Abominava-o. De cada vêz que o vistoso *sportman* lhe lembrava, — e acontecia a miude, — um gorgulho de raiva subia-lhe do coração á garganta, fuzilavam-lhe arestas vitreas nos olhos sêccos, e rompia-lhe brusca, n'um salto de mola por muito tempo comprimida, a furia de eliminar, destruir, — fôsse por que fórma fôsse! — este intoleravel peralvilho.

A altercação dos dois em S. Christovão havia transpirado. Filiou-a a sociedade n'uma expluição de ciume. Explicava-se pola assiduidade do Camara junto da baroneza a sanha do barão. Assim pensaram as senboras; assim o julgou Elvira. Porém o marquez, o coronel, Florindo e Henrique vagamente presentiam uma outra causa, ignorada mas tangivel, á provocação do amigo. Ante as peregrinas theorias que perante elles, no escriptorio, o barão desdobrára com tamanho, tão convicto ardor, assentaram como coisa indubitavel ser o seu commum amigo um furioso pederasta.—Quem diria!... — Fôra uma revelação aquella paradoxal esfusiada de conceitos, que lhe vinham do intimo quentes, palpitantes, não organisados friamente na tabella do raciocinio, mas rubramente forjados ao calor d'uma paixão. — Com que amorosa vehemencia elle fallava! Via-se-lhe em cada argumento a alma fumegando.

Degenerára em androphilo, incontrastavelmente; e, sem duvida, era Eugenio o seu Alcibiades.

Espantavam-se, não atinavam, não comprehendiam como podéra dar n'aquillo o barão, — agora que ia a pender para velho! — Florindo filiava em esdruxulos atavismos este caso, hoje trivial, de psychopathia. O marquez, penalisado, tudo era ponderar: — *Paga* que dá Deus cabeça a um homem! — O coronel esse monologava: — São inclinações do diabo... — e lembrava-lhe o *terno* de tambores do seu regimento, em Tavira.

Que relação poderia haver entre a andromania do barão e o Camara?... — A bem dizer, nenhuma. Pretendia-lhe o marialva a esposa: não parecia que devêsse com isso incommodar-se demasiado o marido. Todavia, reflectindo... acudia o passado do Camara, o caso do commendador... notavam-se illações, analogias... — de modo que, sem bem saber porquê, quando, depois do sarau em S. Christovão, os tres se incontraram, fôram unanimes em que o odio do barão ao marialva se firmava, não no sobresalto do risco do seu thalamo, mas n'uma causa mysteriosa, desconhecida, por elles vagamente adivinhada.

Quem mais amargo se sentiu da descoberta, foi Henrique Paradella.

Agora melhor explicava elle certos bizarrismos, certas predilecções do amigo. D'uma vêz, que cruzára pelos dois na rua uma equipagem de luxo, — oito molas, escudo na portinhola, libré, pelliças e por trintanario uma creança rosadita e branca, — o barão exclamára, fascinado:

— Quem me déra poder montar carruagem... só para ter um trintanariosinho!

E adorava os grumetes... polo fardamento, — dizia; e gabava muito os braços dos moços de padeiro.

Não havia duvida: era um deslavado, um tor-

pe!... Estava empolgado por esse vicio infimo; empolgado a ponto de já nem com elle ser franco!

Recordava o dialogo de ha dias, do Montepio á praça de D. Pedro; revia e comprehendia, n'uma evocação desgostosa, a falta de serenidade, a impaciencia, a cobardia de olhos do barão. — Fôra uma comedia completa! Inganára-o... Pola primeira vêz lhe mentira o seu melhor amigo! — Caía-lhe com um peso de chumbo esta certeza na crystallinidade da consciencia. — Como podia ser aquillo?... falseal-o, illudil-o assim um homem, cuja vida fôra sempre para elle uma branca lisura de marmore, um livro aberto?... Como podia ser, levantar-se agora uma barreira, cavar-se uma distancia, côar-se o veneno da impostura entre duas almas crescidas a jornadear de mãos dadas, n'uma perfeita e reciproca transparencia, duas almas afeitas a mutuar sem restricções e sem reserva a totalidade das suas aspirações, das suas alegrias, dos seus enthusiasmos, das suas maguas?... Falta de confiança? E porquê?... Se motivo de alguma coisa havia, era para se arreigarem entre os dois, mais rijo e mais fundo, a sinceridade e a fé... Pejo, nascido n'um resto de brio?... Talvêz... Pobre barão! — E Henrique, longamente, lastimava-o, medindo do alto da sua vida limpa e direita as negras tortuosidades do despenhamento moral do amigo.

Mas vinha-lhe a intervallos um sobresalto: — Não seria antes diminuição, esfriamento na amizade?... — Ou est'outra interrogação o assaltava, d'um pessimismo inquietante e doloroso: — E se o barão tivésse sido sempre um desleal, um dissimulado? se fôsse vezeiro em inganal-o? se fizesse um ludibrio da sua cegueira? se nunca tivésse feito senão abusar da candura do seu coração?...

—Parecia-lhe absurda de monstruosidade esta hypothese. Repellia-a.—Não podia ser!—Todavia, uma coisa havia apurada ao certo:—sobre o caso de Eugenio ainda o barão lhe não disséra a verdade.

Doía-lhe esta evidencia; trazia-o pezaroso, apathico; mergulhava-o em largos silencios de immobilidade sombria.

—Que tens tu?—inquiria D. Leonor, carinhosa, passando-lhe os dedos pelo cabello.

E elle, triste, immovel, o olhar vago e saudoso.

—O barão já não é o mesmo para mim!

Era uma das primeiras noites de Junho. Quinta-feira. Funcção dedicada ao *high-life* no Passeio Publico.—Pyrotechnias complicadas, producto das entradas dobrado, duas bandas marciaes. A receita da festa a beneficio d'um asylo. Esperava-se a rainha. Havia um certamen de transcendentes fogos de artificio entre um artista afamado de Londres e o fogueteiro de Villa Nova.

Com tão seguros aperientes á vaidade e ao pacovismo indigena, não admira que regurgitasse de gente aquelle sitio agreste e humido, ao qual pola mais atrevida antonomasia se convencionára chamar uma estancia de recreio.

Depois das 9 da noite era difficil o transito pola rua central. Ahi confluia a maior concorrencia, n'uma furia ridicula de exhibição e bisbilhotice. Todos os *mundos* da capital. Gente de todas as condições, feitios, tamanhos, côres. Longas, complexas, incontaveis familias burguezas, capazes de supprir á repovoação da Terra, guardadas n'uma nova arca de Noé, desde o bisavô, um pachyderme, ao bisneto engoiado; desde o priminho,

emproado e taful como um pavão, até á prima, pintalgada e aspera como uma arara. E fidalgos roçando per costureiras; um ministro a par e passo d'um gatuno; um poeta ao lado d'um barbeiro; uma virgem estudando uma prostituta. Isto pavoneando-se, acotovelando-se, cruzando-se, mirando-se, empoeirando os pulmões e moendo as pernas, n'um alcatruzar monotono, n'um ir e vir interminavel, do grande tanque circular, junto ao portão do sul, até á pequena taça em semi-circulo, sôb a balaustrada no extremo norte, da qual uma nayade emergia, de marmore, a sua urna sobraçada, em volta ao nicho um resplendor de globos brancos, e largas, carnudas folhas de *fuchsia* afflorando-lhe os flancos.

De quando em quando, produzem-se aqui e ali, pejamentos, nódos; embatem as duas correntes; abalrôa-se. Então a onda pára, oscilla, escôa-se... e continúa grave, vagarosa, solemne o seu fadario, na luz tremulina do gaz, entre os renques de acacias e faias arripiadas polo nordeste, n'uma atmosphera de pó vermelho subtilissimo, fumando da areia recalcada e varrida.

Em cima, á esquerda, junto ao corêto principal, ha grupos bizarros de cadeiras, occupadas por familias desdenhosas, *chics*, que affectam fruir d'aquelles logares a posse permanente. Saltam phrases soltas, risadinhas. Diz-se mal dos outros. Namora-se... Está-se em familia. Emquanto velhinhos, de burel, uma tira incarnada no barrete, escanhoados, circulam e se arrastam acachinadamente, dando papelinhos a troco d'um vintem.

Ao lado, em baixo, no barracão das bebidas, palpita uma forte claridade. Ao marmore das mesas, uma grande loira turbuleja n'uma roda esturdia de admiradores; militares saboreiam *grogs*;

amanuenses palitam-se; velhos actores tomam capilés. Quasi ninguem pelas ruas lateraes. Ahi, nos recessos das toiças d'uma flora de quintalejo, nos macissos baratos de verdura, abrem-se grandes espassos desertos, clareiras de necropole, mal allumiadas por linguas de luz ao alto de columnellos de pinho, e per cuja discreta solidão vagueiam, estramachados, raros, mudos e leves como sombras, provincianos tímidos, arcaboiços derrengues de doentes, vultos hirtos de magistrados, pares idyllicos desfolhando malmequeres.

Agora resôam alto as fanfarras. Ziguezagueiam na massa, breves, estridulos, ranchos de estudantes. As creanças, como bandos de estorninhos, — (ainda não entrára ao tempo a collaborar com a escrofula e o collegio no rachitismo dos pequenos o baile infantil,) — as creanças perseguem-se, vôam, grasinam, lançam arcos, fazem roda subitamente a algum transeunte isolado, n'um chilrido de troça crystallina. E a multidão indo e vindo sempre, grave, compacta, vagarosa. Não têem elegancia as mulheres. A *crinoline* desfigura-as. Trazem no vertice da cabeça um chapeu microscopico; e o corpo, depois para a base progressivamente alargado polo chale ou mantelete e a roda do balão, mascara-lhes as fórmas, torna-as inteiriças, grossas, dá-lhes uma linha desgraciosa, pyramidal, pesada. A mancha escura dos homens entristece. Luzem galhardos no conjuncto os hombros com charlateiras.

De fóra, collam-se physionomias avidas ás grades que injaulam o recinto. Sobre a beira limosa e negra dos lagos veem a pneumonia e o paludismo debruçar-se, a espreitar a bôa-fé do passeiante desprevenido. Um marulho de formigueiro sóbe d'esta longa recta, riscada a oiro na

escuridão da noite. E ao de cima, salvando as copas, metallisadas polo gaz, do arvoredo baixo, esfuma-se a carvão a mancha dos pinheiros, esfiolam-se dos cedros as franças lugentes, e as *araucarias* immobilisam no céu frio e alto a sua rama geometrica, rendada, negra.

Frente ao corêto, do lado opposto da rua, no abrigo d'uma grande acacia olorosa, em grupo-sinho amigo tagarellavam D. Leonor, Elvira e a irmã.

D. Leonor ao centro; a um lado, a baroneza, ladeada pola immobilidade resignada e strabica de Horacio Martins; da outra banda a Julita, azougada, pingue, perscrutinando a cada instante o perfil de Frederico no turbinar de cabeças que lhe desfilava na frente. Um pouco atraz, destacava a figura correcta e assucarada de Alipio Vieira, com a Emmasita ao collo. Mais atraz ainda, um pouco á parte, no coração da sombra, o barão, de costas ao movimento, dialogava com Eugenio.

—Olha, olha, Elvira! não percas... —exclamou Julia, n'um rir zombeteiro, de braço estendido á multidão e aprumada na cadeira. —Repare, D. Leonor... Que disparate de chapeu!

—É verdade... —motejou a irmã, com gaudio. —Enorme!

—E que côres!

—E que feitio! —apoiou D. Leonor.

—Parece um açafate de costura, com o fundo ao alto, —volveu a baroneza. —Não vê, sr. Martins?

E Horacio, esboçando o mesmo riso de troça, passivamente:

—Vejo, sim... é exacto... Um açafate de costura.

Duas creancitas, de mãos dadas, abeiraram-se

do grupo, — loiras, frescas, luminosas, o cabello em cachos, a pelle exsudando este cheiro doce da innocencia, um sangue leve e generoso formigando-lhes nas faces ligeiramente afogueadas. Vinham em commissão pedir a D. Leonor—se dava licença que a sua menina fôsse brincar com ellas.

— Pois não, meus amorinhos! — acquiesceu D. Leonor, beijocando-as. — Mas não côrram muito... — Depois, para a filha, que não desapegava de Alipio: — O' Emma, então?...

Porêm esta objectou, com mimalhices de enfado, inrodilhando-se ao pescoço do seu grande amigo:

— Ora, mamã... não quero... — E, como o olhar da mãe insistisse: — Estou muito cançada.

— Semsaborona! Para outra vêz não vens.

— Coitadita!... Deixe-a estar, minha senhora, — acudiu Alipio, afagando a captivante creança.

Já a Julita bradava:

— Ah! Vejam quem ali vae! — E logo, erguendo a voz: — Coronel! ó coronel!

Militão parou, olhou na direcção d'onde o tinham chamado, pôz a mão em pala á frente do chapeu, affirmou-se; e, mal reconheceu o grupo, eil-o n'um relance junto das senhoras, lustrado e vermelhinho, quebrando-se, comprimentando, sorridelhando, — a crista do cabello em grande uniforme, o abdomen espremido, as bretoejas da testa luzindo volumosas.

E as senhoras á compita, n'um côro travêsso:

— Então isso faz-se?

— Ingrato!

— A fingir que nos não via!

— O' minhas senhoras, desculpem... tenho a vista cançada.

— Qual!... E' que não lhe fazia conta! — obje-

ctou Julita gaiatamente.—Mas vae pagal-as...—E, empurrando-o contra uma cadeira: —Sente-se!

O coronel caíu de saccão sobre o fragil assento de palhinha, que oscillou desequilibradamente.

Ao mesmo tempo:

—Anda per ahi conquista...—sublinhou com malicia D. Leonor.

Militão respondeu, trabalhando por equilibrar-se, entre o riso do grupo, n'um comico barafustar das pernas tropegas:

—Como heide conquistar, se eu é que sou o conquistado?

—Por quem?

—Quem é a ditosa?

E o coronel, deliquescente de ternura:

—Polo eterno feminino!

Henrique Paradella chegava, seguido d'um moço do *restaurante*, com agua.

—Aqui tem, minha senhora,—disse, indicando a bandeja, para a irmã da baroneza.

D. Julita bebeu vorazmente um copo cheio.

—Muito obrigada.

Henrique então, fazendo o gyro, para Elvira: Vosselencia não quer?...—Á' esposa, depois: —E tu?

—Eu não; Deus me livre.

—Eu estou até com frio,—disse, lançando um chalinho sobre os hombros, a baroneza.

—Arrefeceu...—acudiu Horacio.—Provavelmente, a rainha nem se arrisca.

—Está uma noite democratica...—observou o coronel.

Ao longo da rua central continuava passando em revista a bariolagem sorumbatica, pelintra d'uma população estiolada. Dos braços dos lampiões baixava uma luz trémula e lambida, em

que a hispidez do nordeste punha intermittencias. Nos silencios dos latões das musicas o arvoredo ramalhava. Longe a longe, riscavam-se perfis claros de *arvores de fogo*, toscas, hirtas, primitivas, helicoidadas de papeis de côres e vestidas de cartuchinhos. E quasi ao fundo da rua, um grande tablado se erguia, negro, cavernoso e alto, esfarripado de vigas, cordagens, lonas alcatroadas. Seria a peça de furor da noite: — o naufragio, seguido de incendio, d'um navio.

— Não estou bem, é verdade... — tornou a baroneza, franzindo o rosto e aproximando do tronco os braços, n'um geito friorento.

— Tem frio? — perguntou Horacio.

— Mas um frio interior... Não sei que adivinho.

— Faz-me soffrer vêl-a assim... — disse Horacio, a meia voz, olhando a areia. — Se na minha mão estivésse o remedio... — E depois d'uma pausa, fitando Elvira com meiguice: — Veja! Mande-me.

A baronezita affagou com um olhar de gratidão ineffavel o olhar carinhoso e resignado do seu discreto adorador, e poisando-lhe a mão no braço murmurou docemente:

— Certissima estou eu da sua dedicação, meu amigo.

Xavier da Camara tinha cortado a onda e viéra comprimentar D. Leonor.

— *O' madame! comment ça va?... Bien?* — E depois de fallar a Julia: — Baroneza, como está?

Sentou-se logo junto de Elvira, entre ella e Horacio, incivilmente; e, tendo armado o monoculo, proseguiu devagar, n'uma melopeia *juanesca*, todo curvado:

— Que phenomeno, que mysterio será este, não

me diz?... Eu seguia per ahi, com um amigo meu, per esse tédio fóra, alheio a tudo isto, aborrecido... quando sinto de repente a chamar-me para este lado uma força extranha, *agaçante* e deliciosa... Olho: vejo-a aqui... Que será isto?

— Puro acaso... — explicou Elvira, sorrindo, lisonjeada; e as palpebras bateram-lhe n'uma palpitação de azas de borboleta.

— Diga antes, — insistiu o Camara, — uma attracção invencivel!

E continuou a toadilha, audaciosamente, agora todo de costas contra Horacio, que se fechára no seu mutismo de mollusco, passivo e molle.

Já não tinha frio a baroneza. Afastára o chalinho de sobre o seio, n'um gesto de quem se sentia opprimida, e entreabria-lhe, encrespava-lhe os labios uma commoção galante.

Da sua sombra o barão, apenas viu chegar o marialva, resmuneou: — Já tardavas... — e não mais o deixou com a vista. Perdêra a serenidade. Volvia-se na cadeira; torcia as guias longas do bigode; piscava os seus olhos de myope em crispações d'uma analyse impertinente, rancorosa.

Nada d'isto via o Camara. Nem ainda déra por elle.

— Então, este anno, nada de ir a Cintra? — interpellou o coronel para as senhoras.

— Tem razão, — fêz D. Leonor. — Ainda lá não fomos.

— Com a primavera no fim, é uma vergonha!

— E é! — confirmou Henrique.

— Um crime de leso-tom, de lesa-sociedade.

— Mas, — tornou Henrique, — a todo o tempo é tempo. O que se não faz em dia de Santa Luzia... Tratemos de remediar a falta, valeu?

— Apoiado, apoiado! — esfusiou Julia, batendo as palmas.

— Vá feito! Vamos a tratar d'isso, — disse para o grupo a baroneza, a desviar do Camara as attenções.

O barão tinha-se levantado.

— Uma partida a Collares, — propôz o Camara.

— Um *pic-nic*.

— Para quê?... Come-se bem no *Victor*.

— Um *pic-nic* é o melhor, — conclamaram vozes femininas.

— Sobre a relva, á beira d'agua, será divino!

— Só o nosso ranchinho... — observou D. Leonor. — Não se quer mais ninguem.

— Pois claro!

— Bem, — assentou a baroneza, — vamos a vêr quantos somos. — E ia contando pelos dedos. — Aqui a Leonor... o sr. Henrique...

— Tambem vou, mamãsinha?—supplicou mocanqueira a Emmasita, o olhar terno e guloso, lançando ao pescoço da mãe os braços. D. Leonor fitou-a sem responder, com severidade. — Eu vou brincar com aquellas meninas...

— Pois vae tambem a Emma, — continuou, a rir muito, a baroneza. — A Reodades e a filha...

— D. Placida... — lembrou Henrique.

— Seis, — contou Elvira. — A não ser que... — E, voltando-se para Alipio: — Diga-me, sr. Vieira, poderemos contar com a sr.ª D. Placida; ou receiará ella ainda polo seu rheumatismo?

E Alipio, impenetravel, com uma mesura, soerguendo-se na cadeira:

— Não tenho a honra de ser medico d'ella... Não sei, minha senhora.

Em face do grupo surdiu, prazenteiro, affavel, o marquez de Torredeita pelo braço do barão, cantando:

—Tambem posso *entegag paga* a conta?

Ao appello d'esta voz bonacheirona e sã, logo se abriu um concerto cordeal de sympathias.

—Olha o marquez!

—Com certeza.

—Viva o nosso marquez!

E elle com um rir affectuoso, claro:

—Pouca bulha, minhas amiguinhas.

—Estragam-n'o com mimo,—disse o barão.

—Não é da sua conta!—contrariou, n'um motête familiar, D. Julita. E, avançando uma cadeira:—Para aqui, marquez.

E o marquez, accedendo ao convite, gentilmente:

—As juventudes *queguem-se* a *pag!*

Depois, para Elvira:

—De que se *tgata, bagoneza?*

—Uma *cintrada,* para depois de amanhã... Approva?

—Pois não heide *appgovag?*... Basta que o tenha *guesolvido* o *congguesso* das *senhogas.*

—Adeus, barão!—exclamava, estendendo a mão, o Camara.—Nem ainda o tinha visto.

—Viva o sr. Camara,—respondeu o barão, sêcco e breve, de onde estava, sem offerecer a dextra ao marialva.

—Oh! não me dá esse *shake-hands?*—observou desprevenidamente Xavier, ainda com a mão á frente, n'um abandono confiado.

Mas o barão, polido, retrahido, com um frio de lamina hervada na ironia:

—Meu charo, quero poupar-lhe um acto que, sei, o contraría.

—!?...

—Nunca esqueço aquelle dito de v. ex.ª: que não gosta de apertar a mão a quem não tenha um cavallo, polo menos.

Xavier da Camara inverdeceu. O braço descaíu-lhe, hesitante, vagaroso, emquanto elle pigarrava: — Ora, barão... uma *blague*... — com o rir amarello e aos cantos dos labios uma saliva azêda.

As senhoras e o marquez, embebidos na organisação do passeio, não deram conta do incidente. A baroneza contava:

— Muito bem; o marquez, sete...

Henrique é que não perdêra uma palavra. Tremeu do escandalo e saltou-lhe um receio no coração.

— O' marquez, olhe lá!... — perguntou D. Julia, — a rainha vem ou não vem?

— Não sei, minha *senhoga*: não sou da *côguete*... Mas, *espegue*... — disse o marquez, olhando ao largo, — *Descubgo* lá em baixo o conde de *Fgadellos*... Aquillo é um *batedog*... Vem com *segteza*.

Enfiado e pallido, Xavier da Camara confirmava-se — em que o barão o trazia de ponta... não havia duvida. Já não era a primeira vêz que lhe recusava a mão. — E acercou-se das senhoras, embrulhando, remoendo a injuria n'um bom-humor forçado.

— Então, prompta a contagem?

— Somos quinze, ao todo.

— Optimo! Procedâmos agora á divisão do trabalho. As senhoras encarregam-se dos farneis, que eu trato da jumentação.

— De quê?... de que é que v. ex.ª trata? — perguntou alto o barão, n'uma intenção aggressiva transparente.

— Ora essa! não ouviu?... — tornou o Camara. — Da jumentação, da burricada.

— *Jumentação*?... — mastigou o barão, implacavel de sarcasmo. — Bello termo! expressivo, novo... Heide archival-o. Mas, se me permitte, o

uso d'elle abona bem pouco a probidade de v. ex.ª... A paternidade d'esse neologismo burrical não lhe pertence. E' sem duvida um plagio a *Rosalino*.

— Cautella, barão... — ameaçou Xavier, desorbitando o monoculo, tremulo. — Acho pesado o gracejo.

— Talvêz ache mais pesada a minha mão! — o barão retrucou, n'um pulo selvagem, crescendo, erguendo o braço. E a mão descarnada, longa, de dedos aduncos e nodosos, fundibulou no ar, silvando.

Foi uma desordem. Tudo vibrou n'um sobresalto. Henrique parou a aggressão no caminho. Os outros apartaram. Elvira desmaiou. Abria a Emmasita pavidamente os olhos. D. Leonor e Julita soltaram pequenos gritos, escondendo o rosto com as mãos. Em torno houve um levante; accorrêram, fizéram roda. Agora o offendido, nos braços do marquez e de Alipio, luctava ardidamente por desinvencilhar-se, attingir o barão, vingar no mesmo instante a affronta. Os homens acalmavam:

— Doidos!

— Então!

— Tenham attenção com estas senhoras.

E os longos, magros dedos do pederasta, seguro polos pulsos, vermiculavam, estertoravam, debatiam-se em torsões de raiva.

Então no espaço uma girandola subiu, estralejou, festiva. Rompêram simultaneas o hymno real as bandas. A multidão abria alas, premia-se, alinhava-se cortêzmente; e pelo meio da rua, ao longo da vasta clareira avermelhada, uma altiva e rara elegancia feminina avançava, vestida de branco, — pausada, magestosamente, — ao lado d'um homem baixo e loiro, fardado de almirante, o ar confrangido e doce, cortejando.

IX

Sentada n'um pequeno *fauteuil*, de *cretonne* em ramos, no *toilette*, a baroneza considerava que Eugenio, sentado na sua frente, e adormecido, era realmente um moço appetitoso e bello.

Nunca reparára bem como elle era; nunca lhe déra para attentar nas feições do rapaz. Instinctivamente, sem bem saber porquê, ella de si para si tivéra como assente, desde o principio, que aquelle creançola, vindo não sabia bem d'onde, talvêz um intrujão, talvêz um vadio,—pola sua intuição feminina recebido em todo o caso com desconfiança e reserva,—era alvar e grosseiro, tinha as mãos asperas, a epiderme torrada das intemperies, a luz dos olhos apagada e gasta na frequentação de vicios bordelescos, os pés enormes, chatos... e não sabia dizer duas coisas direitas, nem tratar com senhoras. Por tudo isso lhe votava uma indifferença, paredes-meias do desfavor. E todavia,—era singular!—o rapaz tinha umas feições lindas.—Bem dizia o barão!—Uma ca-

beça d'aquellas, assim pequena e redonda, com um emmaranhamento de cabello tão crespo e tão abundante, não era vulgar; a curva do sobr'olho, sôlta e facil, pincelada com firme elegancia sobre umas pestanas de anjo, sedosas, longas, fazia sonhar...; a bocca era um cravo; e na ponta da barba, então, que covinha tentadora! — Nunca devia deixar crescer pêra este rapaz... Mosca, bigode e mosca, simplesmente.

Mas que lhe importava a ella isto?... — No mais absorvente da sua analyse, Elvira estremeceu. Surprehendeu-se no exercicio d'uma acção indigna. Córou... Viu que na contemplação do ephebo ia pondo mais interesse do que era licito ao seu estado de mulher casada. Não era só curiosidade, desfastio de ociosa... mas um começosito de prazer. Um diabinho seductor se acocorava, a fazer-lhe feitiço, n'aquella covinha côr de rosa... — Cuidado!... Estava atraiçoando o seu querido barão, o seu bom marido, que ali jazia prostrado e doente, na alcôva proxima, soffrendo por amor d'ella... O seu bom, o seu santo marido, que ella tinha agora, mais do que nunca, obrigação de amar! — Endireitou-se rapida no *fauteuil*, passou a mão pelos olhos, como a afugentar um mau sonho, e n'um languido espreguiçamento distendeu os braços, cujas articulações deram uns estalinhos sêccos.

Noite alta. Na morna quietação do aposento, que o candieiro byzantino, trazido da salêta, alumiava discretamente, pesava um ar de mortificação e de fadiga. A baroneza estava abatida, amarfanhada e pallida. Marcava-a visivelmente a prostração que segue as fortes commoções e as vigilias. Os hombros vergavam n'uma solicitação de repouso; sinuosavam mais grossas e mais ró-

xas as venulas da face descaída; e no ambar dos olhos ardia-lhe uma pontinha de excitação, filha do cansaço.

Em frente d'ella, junto á parede, Eugenio, estendido sobre um outro *fauteuil*, a cabeça ao ar e as mãos pendentes, dormitava, n'uma attitude abandonada e molle, tendo cedido a esta facilidade confiante, a esta espessa inercia irresistivel, que characterisam o somno dos jovens e dos fortes.

Da alcôva ao lado vinha um cheiro a febre, requentado, azedo; e um ralo de respiração stertorava, apressado, desegual, difficil. — Era o barão, — considerava Elvira, — o seu querido, o seu valente e bom marido... Como elle lhe queria! No fundo das suas seccaturas e impertinencias amava-a muito... não havia duvida. Para se bater assim!... Tinha bem obrigação de o amar e de o respeitar agora! — Isto se dizia interiormente, compenetradamente, a baroneza; porêm, a despeito de todo o exforço da sua vontade, não lhe calava facil na alma esta obrigação sagrada. Trabalhava-a uma rebellião, uma antipathia surda... Sobretudo, aquelle *querido*, tratando-se do barão, não lhe saía spontaneo, não o sentia; soava-lhe mal, como um *hallali* exotico; lembrava-o com repugnancia, forçadamente; fazia-lhe no coração um arripio. E Elvira, vagamente assustada, com um baque na consciencia, sem comprehender, desconhecendo-se, defendia-se, entrincheirava-se comtudo contra este assalto de tentação á queima-roupa, repetindo, repetindo obstinadamente: — que sim... que tinha obrigação de o respeitar.

Como era de prevêr, tinha dado em pendencia de honra a aggressão do barão ao Camara. Logo na manhã do dia seguinte, dois amigos d'este de-

mandavam S. Christovão, a exigir uma reparação á offensa feita ao seu constituinte. Em termos escovados e solemnes, a catadura e a sobrecasaca minazmente abotoadas, no modo e no gesto este frio excesso de polidez que roça pela hostilidade, elles exposeram o seu bellico arrazoado ao barão, que lhes annunciou enviaria dois dos seus amigos a dirimir com elles a contenda, no ponto e á hora que s. ex.as designassem.

Na tarde do mesmo dia, juntavam-se, a conferenciar com as testemunhas de Xavier da Camara, Henrique e o marquez de Torredeita, nomeiados testemunhas do barão. Nos termos de voluntariosa intransigencia em que a questão de banda a banda foi posta, não houve composição possivel. Exigia o Camara para seu desaggravo uma satisfação formal e publica, imposta em termos bastante humilhantes para o offensor: este pozéra como assente aos dois procuradores da sua honra em jogo, que não daria a mínima explicação. Caíu-se no duello, naturalmente; com vigorosa opposição do Paradella, que alvoroçadamente voltou e atacou por todos os lados o melindroso assumpto, que exgotou corajosamente todos os ensaios de solução amigavel, todos os argumentos pacificos, todos os meios possiveis de conciliação, dentro da dignidade.

Baldadamente. Escolheram-se as armas; o local e a hora para o encontro fôram ajustados. N'essa mesma noite,—avisado o barão que teria de bater-se ao florete, na madrugada seguinte, com o marialva.

Deu-lhe a noticia uma impressão, mais que de gaudio, desagradavel. Logo deplorou a attitude de rancorosa soberbía em que se havia intrincheirado.—Se não fôra a sua estupida intoleran-

cia, o seu *veto in limine* aos meios suasorios, poderia talvêz ter-se resolvido o caso sem sangue, a contento do mundo, por fórma que ambos ficassem bem... Estava-se vendo d'isto, todos os dias; era uma questão de convenção, de poeira nos olhos da sociedade, simplesmente. Teria sido o bastante... E então que elle, sem risco de especie alguma, é que ficaria, afinal, melhor! porque a bofetada, não obstante parada no ar, era como se aquelle pulhastra a tivésse apanhado... Agora isto do incontro,—reflectia,—era o diabo... dependia da sorte... Era pimpão ao florete o Camara. Não fôsse saír-se o diabo tendeiro!

A inconsistencia do seu temperamento fraco e desegual recuperára o ascendente. Passada a excitação do momento, a molleza, a cobardia, a inercia que lhe formavam o fundo ethico, tinham voltado a dominal-o;—como no mar, em noite caliginosa de tormenta, passado o fuzilar do raio, volta alastrar no espaço o negrume pastoso e inerte da neblina. Era bem o descendente, peiorado, do zombeteiro, aulico de D. João III. Arrefeciam-lhe, apoltronavam-lhe o sangue atavismos inilludiveis, —Como diabo lhe déra aquillo, aquella furia!?... Tinha medo, arrependia-se. Davam-lhe assomos de apodar de desleaes, de ineptos os padrinhos.

Elvira passára todo o dia n'um sobresalto mordente, n'uma expectação alanceada e dolorosa. Logo previra um conflicto sério. Veio confirmal-a no receio a visita matinal dos dois minazes e escovados cavalheiros. Apenas elles saíram, interrogou com anciedade o marido, que lhe respondeu por evasivas, trocando o caso, illudindo o perigo. Elvira porêm não descançou; e á noite, quando o barão recolheu, ella soube lêr-lhe immediatamente na fronte sombria, no aspecto transtornado e no

sobr'olho vincado, unido, que era negocio resolvido um incontro á mão armada. Então lançou-se-lhe nos braços, mimou-o, sacudiu-o, supplicou-o com lagrimas que lhe dissésse a verdade. O barão derivava, dizia-lhe que socegasse, que não havia nada, que se tinham accommodado as coisas. E ao cabo, fazendo de tranquillo, sorrindo, como quem aventa uma hypothese distante:

—E, se tivésse que me bater?

—O' Sebastião! isso de modo nenhum! — protestava ella, n'um terror, abraçando-o, acariciando-o muito.—Ires-te expôr n'um duello!... De modo nenhum!... Estás doido?—acrescentava, estrangulando-o nos braços nervosamente e agitando com impaciencia a cabecita, as veias da face tumefeitas, rôxas, a pequenina testa ranilhada em crispações de susto, e os olhos agora phosphorejando metallicamente, n'uma vivacidade atormentada e vitrea.—Não! ella jámais consentiria... Era o seu marido.—Incostava-lhe ao peito a face rija e redonda, e lamuriava docemente, de olhos outra vêz humidos, n'um queixume arrastado e meigo, n'uma confissão tocante de simpleza:—Mas se não valia nada... E podia ter consequencias funestas!... Tudo, demais a mais, por causa d'ella! Tinha a culpa... Quereria elle fazel-a infeliz para o resto da sua vida?...

O barão olhava o tecto.

Ella insistiu, pendurando-se-lhe do pescoço, lançando para traz a cabeça, agarrando-lhe com alma os braços e fitando-o com ternura:

—Não te bates, não?... promette-me!... Ou não te deixo sair...—ameaçou com energia,—berro, grito, vou avisar a policia!

O barão sorria. A' carinhosa e vehemente exoração contrapôz esta phrase cruel:

— Descança, que não t'o mato.

Sentiu-se trespassada no coração a baronezita por um frio agudo de sarcasmo. Cairam-lhe inertes os braços. Petrificou, emmudeceu... um instante ficou, de cabeça baixa, esmagada, immovel, devorando com o insulto as lagrimas. Depois rodou vagarosamente, com um odio surdo a crescer-lhe; tomou caminho da porta do *toilette*, e foi interrar-se n'um *fauteuil*, desesperadamente, a soluçar.

Mandou pedir á mãe que viésse acompanhal-a. Pouco depois, appareceu tambem D. Leonor com o marido. Este, pensativo, apoquentado, triste, com o *Codigo do duello* debaixo do braço, enfiou para o escriptorio do barão, com quem discreteou longamente sobre o procedimento a haver no dia seguinte.— Os trens estavam fallados... fôra comprar o marquez os floretes... E que levásse uma camisola de agasalho, e não pensasse mais no caso... tudo havia de ser polo melhor; lá estavam os seus amigos. Fôsse vêr se dormia: era o que lhe convinha mais.

Parallelamente, D. Leonor cuidava de incutir animo na baroneza.— Então!... tivésse paciencia, coragem e confiança em Deus. Não podia deixar de ser... A honra entre os homens era assim comprehendida.— Elvira, succumbida e pallida, abatidas as palpebras, os labios longos, camarinhas de suor na base do nariz imperceptivel, apertava com effusão a mão da amiga entre as suas; parecia resignada, calma... Na sua inteiriça corpulencia, D. Jacintha tressuava. O mesmo vago terror laborava e desconcertava amargamente o coração das tres senhoras. Ellas tinham, sobrenadando fatal e pungente, na lembrança, o desfecho tragico d'um duello recente, á pistola, em Carnide... Sinistramente lhes bailava na imagi-

nação apavorada a figura d'esse pobre rapaz, estupidamente arrebatado, n'um segundo, á sympathia e estima publica, á esperança, ao amor, á vida por um atomo de chumbo soprado d'um orificio negro. — Este recontro funesto emocionára grandemente a cidade, o paiz inteiro. Fôra um clamor, uma indignação unanime. Ao saber d'esta morte escusada e prematura, tudo se levantára no mesmo impulso de reprovação e de piedade. Corrêra a amortalhar o cadaver do mallogrado moço o mais vivo, o mais spontaneo e geral sentimento de execração e condolencia. — Esta lembrança alarmava as tres senhoras, fazia-as vagamente estremecer. Por isso D. Leonor, a afugentar maus presagios, — que este agora não tinha duvida... era á arma branca, ao primeiro sangue... Bastava uma arranhadura, e estava tudo concluido.

Henrique deixára o barão. A mulher despediu-se. — Não podia demorar mais; tinha a sua casa, os seus diabretes pequenos... No dia seguinte, contava logo de manhãsinha ter de vir dar-lhe as felicitações. Acompanhou-os ao corredor Elvira. E á porta, inroscada ao braço de Henrique, supplicou:

— Sr. Paradella, por quem é!... não levem as espadas muito afiadas!

Seguidamente, após uma hesitação, a baroneza foi bater discretamente á porta do gabinete do marido:

— Não te vens deitar?

— Não... — respondeu elle, depois d'um instante de silencio. — Deixa-me cá...

— Precisas alguma coisa?

— Não preciso nada.

— Mas, ouve... abre lá... deixa-me ir para o pé de ti!

— Não, não! — repelliu o marido. E fechou a porta á chave.

Elvira voltou para adonde a mãe. Toda a noite leváram as duas no *toilette:* Elvira succumbida, afflicta; D. Jacintha invocando o seu exemplo de nunca desmentida fidelidade «ao seu Ignacio»; sentenciando, ralhando, peguilhando; não se fartando de censurar que a filha tivésse nunca dado ouvidos ás baboseiras «d'aquelle lambido, d'aquelle almiscarado peralvilho».

Tambem de sua banda se não deitou o barão. Passou a noite no escriptorio, com uma só vela accêsa sobre o bufete, e preoccupado, torvo, inquieto, ordenando, inutilisando papeis, revolvendo gavetas, griphando impressos, injectando-se ether para, vigorando os nervos, espertar a coragem. Ora o abalavam de frio tremuras subitas; ora lhe crescia, lhe fumigava ardente pela espinha, derretendo-lhe as ideas, empanando-lhe a vista, tumultuando-lhe nas fontes, uma onda espessa de calor. A espaços, deixava-se caír sobre um movel qualquer a todo o peso, extenuado, inerte, com um estalido de ossos, como um desmoronar de velho edificio que esmadrigou na ruina; e logo desatava a passeiar pelo aposento, em todas as direcções, desincontradamente, agitadamente, — o olhar apontado aos pés e a mão rodilhando a pêra, — em tortuosidades de ebrio, em incoherencias d'um espirito perplexo e pavido até á cobardia.

Houve uma occasião em que, tomando d'uma bengala, se pôz no meio da casa a esgrimir com brio, ensaiando-se, fintando, caíndo a fundo, respondendo, atacando, parando; mas bem depressa, convencido da ridicula inanidade do exercicio, atirou longe com a bengala e foi amarfanhar-se

na poltrona de coiro, frente ao grande bufete de pau santo. Um grande dó de si proprio internecia-o; molhava-lhe a alma a saudade infinita, mortal «das suas coisas», que ia talvêz perder para sempre!... Desmoralisava-o esta compaixão egoista, esta raiva impotente e desesperada do sybarita, que se sente pola fatalidade sequestrado ao prazer. — Ter de deixar todos esses preciosos e estremecidos objectos, ali de roda d'elle... os seus companheiros, os seus confidentes, os seus amigos... que tantos annos levára a inthesoirar com intranhado amor... que com elle tinham vivido tantas horas, — as melhores! — da sua vida!... ter de renunciar aos seus manuscriptos, aos seus planos, aos seus projectos e aspirações de renome e gloria litteraria... que tudo agora ia ser com toda a probabilidade por uma fria picada de aço impossibilitado, nullo!... — Então erguia, brandia os punhos cerrados; espremia o thorax n'um suspiro cavo; e ficava-se a contemplar embevecida, internecidamente, com um olhar d'alêm tumulo, n'um esquecimento atormentado e lugubre, toda essa aprimorada symphonia de côres e linhas, toda essa opulenta selecção de raridades, — a lampada arabe, o armario, o contador, o *tryptico*, os quadros, as porcelanas, as sêdas, a estatua nua, — a poder de tenacidade, bom gosto e fervor accumuladas, e a que a luz escassa da vela dava um destaque luctuoso e incerto, esmorecido... E para a velha gravura de *Ganymedes* era o mais longo, o mais penetrante e o mais magoado olhar.

Muito antes da manhã, saiu. Quando Elvira tornou ao escriptorio, já o não incontrou.

Ao dealbar de sabbado, nas terras junto á ponte de Carenque, ao abrigo d'um trecho de

muro do aqueducto, cruzavam os ferros o barão e Xavier. Este caíu em guarda com elegancia e firmeza; estava flammante, vistoso; ennobrecia-lhe o rosto, que a aragem fina da manhã purpureava, um bello ar de fleuma, uma pontinha de desdem. Não assim o barão: tinha um olhar idiota, cavára-se-lhe a face, e os nervos tremiam-lhe n'uma febre de incerteza e de receio.

Atacou logo, com violencia, atabalhoadamente, descobrindo-se, n'uma pressa de terminar, ás cegas. Ao terceiro assalto, no impulso d'uma estocada inhabil, veio offerecer-se ao ferro do contrario, que se limitou a manter-se em guarda, sereno, firme, bem coberto.

Um ligeiro grito partiu das testemunhas. O barão recuou um passo... Bolhava-lhe na região supra-clavicular um fio de sangue, fresco e vivo como um rubí. Caíram os ferros. O Camara correu a amparar o adversario, que cambaleava, e com uma nobre e theatral isenção foi ajudando a conduzil-o ao trem.

Elvira foi perfeita de mimo e caridade. Ante a realidade sanguinolenta, fundiram-se-lhe as incompatibilidades moraes com o barão n'um fogo de ternura. Lembrava o marialva com horror, com asco. Parecia-lhe impossivel que tivésse dado n'aquelle desastre um entretenimento, uma brincadeira innocente. E todo o dia levou á beira do marido, acompanhada em solicitas alternações por D. Leonor, pola mãe e pola irmã.

Tambem Eugenio passou bôa parte do dia na alcôva do amante. De si para si pensou que não podia deixar de o fazer. O proprio barão, apertando-lhe muito as mãos, solicitára, com o olhar enlanguecido:

—Ajuda, acompanha a *vivi*... tem paciencia.

Não diagnosticára o ferimento grave a medicina. Fôra pequena a hemorrhagia, e não tinha offendido o ferro vaso algum importante. — Não valia nada: com uns antisepticos e uns calmantes tudo iria bem... Que vigiassem o doente, no emtanto. — E, tendo receitado, e recommendando assistencia e cuidado, o medico saíu apressadamente.

Elvira soube ser uma carinhosa enfermeira. Com um grande tino burguez, tomando todo o sentido no receituario, fazendo-se repetir, para as fixar bem, as recommendações therapeuticas, a attenção sempre fita ás horas da applicação dos remedios, toda a noite ella velou junto ao leito do marido, acompanhada pola mãe até á meia noite; e polo ephebo da meia noite até pola manhã. Mas no dia seguinte, o medico, que esperava vir incontrar melhor o doente, sombreou o rosto, teve um ligeiro abalo de surpreza. A febre traumatica augmentára d'um modo assustador; debatia-se o enfermo n'uma excitação violenta; e estes symptomas, cortejados com a pouca hemorrhagia, incutiram-lhe um receio: — não fôssem elles prenuncio d'algum processo infeccioso grave?... Estava talvêz uma infecção purulenta a organisar-se... e isso era sério.

A baroneza, adivinhando n'um relance a preoccupação do facultativo, interrogou-o anciosa: — Então, como o achava?... haveria risco de vida?... — E que o salvasse, polo amor de Deus! e lhe dissésse toda, toda a verdade!

O medico, tranquillisador, polido, ponderou: — Que melhor não estava... iria devagar. Mas não havia perigo.

Todo o domingo se passou assim em S. Christovão, sôb a oppressão d'um receio vago. E á noite

novamente de vigilia. Proximamente á meia noite, retirára a Julita com o pae, e de novo ficaram velando o enfermo Eugenio e a baroneza. E foi então que esta, n'aquella ociosidade de exforço, n'uma pontinha de loucura, desorientada e aturdida do cansaço, se pozéra a considerar que o ephebo era realmente um lindo rapaz.

Era tarde. A baroneza tinha frio; pesava-lhe a cabeça. Durante estes dois dias de afflicção e sobresalto, nem ainda tivéra tempo de se despentear. Agora ergueu-se, com o passo leve, passou as mãos ao cabello, atirou com o pente de tartaruga para sobre o marmore do toucador, e, frente ao espelho, de costas para Eugenio, pôz-se a desmanchar o penteado. Ao ruido, o ephebo abriu os olhos, a tempo que a grossa trança se soltava, serpentinando rapida, desinroscando-se, manando, — corrida de fiosinhos de oiro, abundante, jorrante como o mar e como a sêda macia e fluida, — n'uma onda farta e robusta, n'uma provocação magnetica, felina.

Eugenio ficou assombrado, preso n'um delicioso incantamento, n'uma admiração, n'uma surpreza. Elvira, que no espelho tinha visto o despertar do ephebo, fêz descer pelo cabello solto, com um breve sacudir de cabeça, uma ultima ondulação, e, voltando-se, a meia voz:

— Desculpe a semceremonia... Tinha um peso de arrobas na cabeça! Não podia parar.

Dizendo, o verde metallico dos seus olhos procurava a covinha da barba do ephebo, e a opulencia do cabello basto e longo emmoldurava-lhe divinamente o rosto macerado.

— O' minha senhora... — balbuciou Eugenio, pêrro do embaraço, levantando-se. — Está em sua casa.

Um gemido mais alto stertorou na alcôva, implorativo, rouco.

— Que queres?... Ahi vou, — logo acudiu a baroneza.

E entrou no quarto, em bicos de pés, cautelosamente, emquanto Eugenio ia seguindo com um olhar moroso e parado aquella magnificencia, aquella fascinação, aquella densa fluidez, aquella maravilha, que incaudava, magestatica e velludosa como um manto, a baroneza, e que tão de improviso lhe assaltára no amadornamento do despertar a retina desprevenida. — Que riqueza de cabello!... Nunca tal vira!... Era o defeito da Esther... tinha um trancelho réles. — E, deixando-se caír de novo no *fauteuil:*

— Oh! se ella se apanhásse com uma trunfa assim!

Quando Elvira voltou de junto do barão, Eugenio interrogou, baixinho.

— Que queria?... Está peior?

— Tinha sêde, — explicou Elvira. — Está a arder! — Voltou para o espelho. — Com licença. — E dando outra vêz costas ao ephebo, ergueu as mãos a abarcar o cabello sôb a nuca: cingiu-o bem apertado com a esquerda, e foi-o com a direita juntando, inrodilhando, torcendo, applicando em rôsca lassa e negligente, — de cabeça baixa e rins quebrados, os braços em ansa ao alto, airoso, livre o busto, e o seio retêso e tumido. Para o fim, a mão esquerda amparava, emquanto a direita descia a procurar nos ganchos. Um aroma unctuoso e quente desdobrava-se, acariciava Eugenio, que ia olhando, olhando sempre, emparvecido, tonto.

Quando terminou, Elvira teve um suspiro de allivio. Depois escutou para a alcôva, lavou as

mãos, e voltou a sentar-se no mesmo *fauteuil*, defronte de Eugenio.

D'ahi a nada:

— Serão horas de remedio? — perguntou.

O ephebo informou, puxando do relogio:

— Tomou á uma... São duas e tres quartos...

— D'aqui por um quarto d'hora, — rematou Elvira. E suspirou, deixando pender n'uma quebreira os braços: — Que noites, que noites, meu Deus!... Ai! quem me déra que fôsse dia e que viésse o medico!

O mesmo silencio recaíu, oppressivo e môrno. Cheirava a febre. Vinha da alcôva, a intermittencias, do barão o anhelito febricitante. Borboleteava em torno do candieiro um insecto côr de cinza. Elvira, agitada, pallida, n'uma traiçoeira excitação, a cabecita e os nervos alarmados polo desastre que viéra cortar a pacatez habitual da sua vida, seguia com ouvido receioso, attento o resfolgar doente do marido, e conjunctamente fitava n'uma attracção, n'uma gula inconsciente a covinha da barba de Eugenio. Este continuava a ter, imperioso e vivo, na retina, o deslumbramento do cabello de Elvira, e a comparal-o com o trancelho curto e raro da Esther.

A' hora do remedio, fôram dal-o juntos ao doente. D'um lado do leito, Elvira estendeu a colher á garrafa que Eugenio tinha, do lado opposto, destampado. Um liquido viscoso e claro saíu, n'um gorgolejo. Depois, como ambos fôssem, a um tempo, a afastar dos labios do barão a dobra do lençol, as suas mãos tocaram-se. — E ao verter o remedio na bocca do padecente, a colher tremia...

Voltaram para o *toilette*, para os mesmos logares, mudos, leves, o ar carregado e inquieto, sem

fazer bulha. Eugenio agora estava mais á vontade.

— Sr.ª baroneza, porque não descança um bocadinho?... Passe pelo somno.

— Não pósso...

— Faça a diligencia, — insistiu Eugenio.

E como visse a baronezita repluir-se toda, n'um arripio, levantou-se; entrou, pé ante pé, na alcôva; voltou com um *édredon* e lançou-lh'o timidamente, delicadamente sobre os joelhos.

— Muito obrigada... — balbuciou Elvira. — Ah! agora estou melhor.

E os olhos humidos fecharam-se-lhe n'um languido requebro.

Ao terceiro dia, a febre tomou rapidamente uma declinação auspiciosa. Esmaíram os receios de aggravamento na evolução morbida da ferida. A excitação resultante do traumatismo, sympathicamente afervida nos aziumes do herpetismo do barão déra-se a galopar os *cancans* d'uma febre de 40 graus; porêm a natureza do ferimento não fôra de geito a impulsionar ou manter este estado anormal de hemosthesia. Decaíu rapido a febre. O doente baixou das ruellas tôrsas do delirio, calmou, reconheceu as pessôas, pediu de comer, conseguiu por momentos dormir.

Então, batido dos primeiros clarões da esperança, o phantasma do perigo revoára, — como á luz d'alva levantam da mudez tragica do campo as phantasticas sombras que o vento remoinha na escuridão. E foi uma folgança, um gaudio, um hausto soalheiro e amplo de alegria. A baroneza, rosada e viva, loquaz, sinceramente jovial, traquinas, tinha o gracil saltitar d'um passarito, casquinava risadinhas loucas, ia e vinha, redopiava, abria janellas, escancarava portas, corria os re-

posteiros, espanejava todo o seu pequenino sêr, azougado e fresco, n'esta undante plethora de jubilação e de allívio que nos dá a evidencia no recuar d'um perigo para que julgavamos haver concorrido. — Louvado seja Deus! — monologava pelos corredores, internecida e leve do prazer, farandolando. E tudo era gratificar a creadagem, generosa, perdulariamente, n'uma solicitação de evidencia, n'um tresbordamento caudal de gratidão, de festa.

— Vamos, tome lá... em acção de graças polo restabelecimento do *senhor*.

— Bem haja! minha senhora... bem haja! — assobiára a Dorotheia. — Deus lh'o conserve muito tempo, inteirinho. — E, dizendo, crispava-lhe a orla vermelha dos olhos uma intenção maliceira.

Não menos de sua banda rejubilava Eugenio, que um instante receiára uma parenthesiação de fome na aurea dissipação da sua vida. — Se aquella mina lhe faltava!?... — mais de uma vêz se interrogára elle, pavidamente, n'aquellas duas noites de terror e anciedade, no *toilette*, quando mais pêrro o stertor do barão cavernava na alcôva. E então estremecia... E quasi lhe dava uma gana de chorar. — Mas, felizmente, não! o seu protector ia sarar depressa... Era d'uma canna!... E a *frescata* havia de continuar.

Elvira tratava agora naturalmente o ephebo com uma grande e cordeal familiaridade. Como se o conhecêsse de annos... A collaboração no mesmo dever acamaradára-os. Juntára-os passo e passo, confiados, irmãos, amigos, este partilhar commum de cuidados e de vigilias, este voluntario afainamento, lado a lado, de trabalhos para o mesmo fim incaminhados. — N'um dos dias seguintes, Eugenio demorára, um pouco tarde so-

bre a noite, em S. Christovão, e de puro fatigado adormeceu. Elvira, sentada defronte d'elle, considerando-o, costurava. E quando o rapaz, confuso e de instincto, despertou:

— Dorminhôco... — reprimendou ella com doçura. — Não tem vergonha!

— Oh, perdão, minha senhora... Não sei como isto foi... desculpe... Mas eu não tenho somno!

— Ah! não... tenho-o eu.

E os olhos em faiscas voluptuosas na demanda da covinha côr de rosa...

E, com isto, palmadas de correctivo nas mãos, e, n'um sorriso, — Attenda ao que faz!... Desastrado! — quando o ephebo ageitava mal um panno de linho, um frasco de remedio; palavras sopradas junto á orelha, muito rijo, quando elle fingia não ouvir; ou, n'uma ironia *coquette*, — Está tolo!... Não é isso! — se o rapaz ia por um objecto differente do que ella havia indicado. Ou então, ordens dadas sêccamente, mas logo com um faular de olhos mimalheiro e provocante a quebrar-lhes a aspereza do tom breve e sacudido; impressões, lembranças de nada, pretextos, ninharias, mutuadas n'um lance d'olhos, expressas no mesmo gesto, vertidas n'um segredo; mesmo um ou outro *tu*, escapado de quando em quando, involuntario; em summa, todas as mil tortuagens e subtilezas do veneno que traiçoeiramente ia insopando, n'uma osmose de desejo, a mocidade quasi virginea e fresca da baroneza.

O marido deu breve n'esta alarmante feição de intimidade, que largára a fugionar tendencias nos seus dois enfermeiros; e, philosophalmente, rejubilou.

— Ora assim é que eu gosto de os vêr!... Bravo! — d'uma vêz exclamou elle, no primeiro dia

em que se tinha levantado, porque os dois corriam empós um do outro, garrulejando, apostados a vêr qual alcançaria primeiro um jornal que o barão tinha pedido.

Era na saleta dos serões. N'um *fauteuil*, junto ao cantinho favorito de Elvira, o barão, amadornado e esqualido, na protecção violacea do biombo, cingidos os pés e pernas n'um cobrejão de peles de raposa, acompanhava deliciado e complacente, — o longo rosto emaciado a desfranzir-se n'um sorrir dolorido e baço de convalescido, — a corridinha cacarejada e maliciosa dos dois amigos ao longo do aposento. Elles iam breves, quasi hombro com hombro, empurrando, arruaçando, com fito no jornal que arrastava sobre um dos consolos, na parede defronte. No desgarre da carreira, como a baroneza embarrásse contra o sophá de pellucia azul de linho, a figurita de mandarim, que espreitava, sumiu-se, tombada, por detraz da espalda, n'uma presteza de magica que fêz rir muito o barão. — Chegam, luctam... Ganha Engenio a partida. E Elvira, rubra de despeito, ao vêl-o empunhando no ar a folha, triumphante, descarregou-lhe contra a espadua uma palmada felina.

— Mau! — arrastou n'um queixume.

E mordia o labio, n'um motête amoravel.

Do seu canto o barão, esfregando o punho direito fechado na concha da mão esquerda, esfusiou:

— Perdêste, minha amiguinha! Surriada!

E tomava as mãos dos dois vivamente, alegre, confiado, derrengue de ternura.

Ia em pouco mais de meio um dia calmo de verão. Brilhavam marcialmente as coisas. Vinha de fóra, com um surdo ronronar de séstas, um poeiramento rutilo de claridade estival, fecunda.

Emmudecêra a bigorna no flanco proximo do monte do Castello. Uma alacridade gloriosa e quente regrava as paredes do quarto de golpeaduras aurifôscadas, de estriamentos de luz. Contra a vidraça as moscas garàtujavam no ar, zinindo. E o barão, debilitado, branco, flaccido, mais evidente a devastação bariolada do rosto na crua refulgencia do alto sol ascuante, erguia e alternamente rodava para a esposa e para o ephebo os grandes olhos, que a maceração da doença fazia parecer maiores, e onde o rectangulo das saccadas luzia em miniaturinhas d'esmalte; e n'uma grata exultação balbuciava:

— Devo-lhes a vida!... E' tão bom... a saude!

A scintillação habitual da pupilla velava-lh'a ainda um amarellecimento quebrantado e humido; a papulagem que em dois promontorios rôxos lhe escoltava a pêra, estalava, requeimada, ardida; grossas placas de caspa flocconavam pela barba, que crescêra ao abandono; e pendia-lhe dos malares a face em pelhancas estiraçadas, molles.

Um pouco devagar, foi seguindo seu caminho natural a convalescença. E passava os dias o barão entre visitas de amigos. Agora era o marquez de Torredeita, que lhe trazia bolos; logo era o sogro, a aconselhar-lhe um chá de tilia soberbo, com flôr de laranja e canella, invenção de sua mulher. O coronel informava-o de peccadinhos mundanos; phantasiava, mexericava escandalos; mentirolava pormenores frascarios das suas aventuras. Henrique Paradella, muito assiduo, ia arteiramente aproveitando o remanso do barão, em cujas bôas lettras confiava, para lêr-lhe um infindavel relatorio, intitulado *Protecção e livre-cambismo* ou *Das excellencias do regimen aduaneiro nos paizes de pouco impulsiva industria*. — Tinha sido in-

cumbencia do sr. director geral... Déra-lhe agua pela barba! — explicou elle d'uma vez ao coronel, que viéra surprehendel-o na leitura. E muito verbosamente explicativo, inrolando as provas de imprensa, rilhando o lapis, tudo era desfiar o infindavel aranzel da sua burocratica cerzidura ao bom do militar, que o escutava d'alto, sério, attento, em pequenos meneios de cabeça, com uma irreprehensivel empafia de cretino. Ao cabo, sem nada ter percebido de justo, inquiriu:

— De modo que afinal o meu amigo é polo livre-cambio?

— Ah! não... Quanto a industria, sou todo proteccionista! Não póde deixar de ser. Portugal é um paiz essencialmente agricola, — bem vê. Só muito protegido é que poderá manter-se este nosso arremêdo de vida industrial.

— Apoiado! — berrou Militão, feliz de ter apanhado o bordão á conversa. — Apoiado!... E mesmo, quer que lhe diga?... Eu cá sou velho... Isto de certos progressos, temos conversado! Veja esta coisa dos caminhos de ferro, — uma calamidade!... Só são bons para as estações *terminius*. As terras de *entermeio* todas perdem. Olhe Aveiro... que rico *promontorio* de commercio! antes da linha... Hoje morreu.

Amparado no exemplo valedor de Henrique, tambem o coronel quiz lêr ali, aos amigos, o rascunho da conferencia sobre *Disciplina* que no proximo domingo ia fazer aos seus officiaes, depois do juramento de bandeiras. Trouxe-o no dia seguinte: ninguem faltava. E o bom do homem então leu, n'uma melopeia comicamente solemne, um esdruxulo aranzel de banalidades, picaramente lardeadas de tolices, o qual terminava assim:

Se não interpretei com mais fino phraseamento o presente exordio, é porque as ideas já não abundam e o cerebro, sempre em grossas labaredas, não deixa produzir acertadamente um pensamento de valor.

De sorte que o palacête de S. Christovão foi assim, por um momento, um pequenino atheneu familiar, um cenaculo a chá e torradas, de que o barão era o oraculo, o juiz, o apostolo, o Mecenas incontrovertido. O Mendoncita da Polytechnica veio-lhe pedir que revisse uma collecção de sonetos satyricos, — physionomias dos lentes, — que tencionava dar em folheto com as competentes caricaturas. Até Florindo, o hieratico, o alado, o sublime Florindo, se dedignou vir submetter-lhe á censura uma ode em latim, — que havia de mostrar tambem ao Viale; trouxe-lhe lances do seu *Epitome de varia historia;* e cumulativamente, n'uma radiação apostejante, confidenciou que tinha porfim achado, no archivo da Academia, um velho codice *indú*, do qual resaltava em termos inconfundiveis a lidima filiação da sua prosapia divina. — Era mais que certo! — Simplesmente... elle bem, bem o texto não o sabia decifrar... Mas nã[illegible]ha duvida! Iria de viagem ao estrangeiro, expressamente para consultar um orientalista idoneo. — Só por descargo de consciencia, para confundir os seus detractores... porque a coisa adivinhava-se!

E tilintando a espora e arpoando as guias rocambolescas do bigode, confirmava:

— Agora é certo!... Vão ficar achatados! Verás!

Vinham tambem as mulheres. Por signal que as vegetações capillares da verruga da sr.ª Reodades arriçaram-se de indignação e de cholera, um dia em que a grossa matrona julgou surprehender, trocado entre Elvira e Eugenio, um olhar

concupiscente. Por isso ella á saída resmuneou para D. Placida, que a acompanhava:

— Então, não observáste?... aquelle desaforo!... Eu bem tenho prégado...

E a vistosa viuva, n'um risinho mysterioso:

— O' menina, acho tão natural...

O barão todo se desvanecia n'este sentir-se o centro de cuidados, noticias, affeições, respeitos; deliciava-se na embriaguez da notoriedade. Estava na moda. Grossa correspondencia, a saber como ia... Fallado, biographado, louvado nos jornaes... Era um homem importante, seguramente. — E p'r'ali assim a esterilisar-se! — Nada! agora ia correr de vêz com esta sua inqualificavel inercia de madraço, aproveitar a onda, e trabalhar, trabalhar muito! camartelar com alma o alicerce do seu grande monumento litterario. — Monumento a que este duello faria um portico soberbo, haviam de convir!

Entretanto, um inquietante e surdo fogo laborava a vida interior da baroneza. Já não era a mesma creança, bondosa e frivola, de dias antes, com brilhos de porcelana pela cutis e pelo espirito rotativos de ventoinha. Tornára-se grave, parcimoniosa de fallas, pouco abordavel, dura. Pendia a miude a cabeça; a testa anuviára; olheiras côr de heliotropo sombreavam-lhe a translucidez dos olhos ambreados; vinham-lhe ruborisações por crises em que a narina arfava, latejante; bistravam-lhe a alvura da face deliquescencias de cêra, opalinidades tristes; e a tenue arborisação das veiasitas anastomosava agora, mais apparente, em intumescencias d'um grosso rôxo macerado.

Elvira sentia que Eugenio a preoccupava um pouco mais do que convinha; que se lhe moldava na plasticidade do desejo; que teimava em im-

pôr-se, viril e soberbo, á avidez feminina das suas emoções. — Era uma arrelia, uma abominação, uma fatalidade, um crime! — Baluartavam contra elle os seus devêres de esposa uma incompatibilidade absoluta. — Não podia ser! Cuidado!... E teria ella a força de resistir?... — Esta consideração affligia-a sinceramente, inimizava-a comsigo mesma, punha-lhe uma repugnancia, apavorava-a. Era como o espanto d'uma collegial em frente d'uma orgia. A tôrva desordenação do adulterio não cabia facil na sua alma lisa de burgueza, creada no discreto claro-escuro da rua dos Fanqueiros, cortada a fio direito como uma partida de lenços, aferida ao metro, á jarda como uma peça de panno cru.

Quando, restabelecido o barão inteiramente, passaram a excitação e a desordem, companheiras da doença, é que Elvira viu mais claro na alma e mais sériamente se assustou. Conheceu que na barulhada imprevidencia d'aquelles dias negros uma sordida obsessão a tomára de assalto e a viéra sujar. Via-a agora, que a luz e a paz tinham voltado, — como a lama arganassada no pastoso negrume da borrasca apparece depois, viscosa e sordida, á calma luz do sol. — Mas como principiára aquillo, santo Deus!?... Uma noite... no *toilette*... — recordava-se. — Puzéra-se a olhar... não tinha que fazer... — Então vinha-lhe um spasmo aos olhos e um calor aos labios; e consoladamente relembrava como é que n'um momento feliz de ociosidade fizéra aquella descoberta da covinha côr de rosa... E logo se increpava, n'um arrepio, n'um salto violento, e crescia-lhe um odio immortal ao marialva, causa evidente de todo este mal.

Assim, horas e horas de seguida, renhia mentalmente a baroneza, batida de apprehensões, de

duvidas; angustiadamente boiando entre a repulsão e a gula, entre a honradez e o desvario. Mal n'uma phantasia picante lhe turbulejava o desejo, logo a vontade crescia a contrariar-lhe o sentimento. Era quando ella se dizia, a querer illudir-se: — que o rapaz era ordinarote, grosseiro... tinha uma pelle de lixa. — Mas não... — reflexionava a seguir, — ella ainda do ultimo aperto de mão conservava uma impressão macia de arminho! — Em todo o caso, — voltava, — não tinha educação nenhuma... — E comtudo como explicar que este bello rapaz, primitivo e bronco, soubésse desatar-se para com ella em contínuas, em adoraveis e subtis delicadezas?... — Mas decididamente era um ignorantão! — E todavia ha bem tempo que d'aquella deliciosa bocca não saía um desacerto.

Assim, o coração acabava por vencer.

Depois, irreflectidamente, a cada instante Elvira comparava o marido com Eugenio. A sua obstinação sensual naturalmente defrontava esse asqueroso perfil de velho homem, cancerado e gasto, — aspera, lixosa a barba, a pelle suando podridões, e a ossadura escorchada, — com a carnação tropical do ephebo, rosado, macio, amplo, perfeito como um deus e luminoso como um astro, o olhar promettedor, o buço lanugento, e largo de hombros, onduloso de rins, pujante, membrudo e forte. E naturalmente tambem, a baroneza phantasiava que o amor caldeado, bebido no contacto d'uma natureza assim fascinante e impetuosa e completa, havia de vibrar em dulcissimos paroxismos, em mysteriosos e ignorados extasis, em rubros vortilhões de febre e de loucura, — taes como os abraços frios e breves do barão jámais haviam logrado communicar-lhe.

Porêm, logo caía em si, arrependia-se... E en-

tão era um desespero, uma furia, um repente de raiva e de revolta. Quereria não vêr mais o rapaz, fugir-lhe, desfeiteal-o.— Oh! se não fôsse feio, com que limpida e santa vehemencia ella não confessaria tudo a sua mãe! — Mas breve a fascinação voltava a dominal-a, a erguer-lhe n'um alvoroço a carne, a aguçar-lhe esta acre sensação do novo, do desconhecido... breve uma curiosa sofreguidão lhe estrangulava em espiralagens famintas a sua casta e fresca mocidade. Então a consciencia capitulava; e ante aquella infernal tentação da covinha da barba do ephebo, Elvira comprehendia e desculpava a tentação de Eva no paraiso.

Esta lucta moral fatigava-a. Trabalhavam-n'a sonhos oppressivos, agitações, insomnias, tédios. Os nervos desaccordavam e varrêra-se-lhe a alegria. Para mais, o barão, flammante, ingenuo, em demasia grato aos seus dois amigos disvelados, e todo expansivo, alêm d'isso, d'esta generosidade de oiro em que o nosso egoismo se desata quando da penumbra tragica da morte nos sentimos renascer á vida, tinha decretado uma vêz, juntando as mãos dos dois entre as suas:

— Ouviram?... Quero que se tratem por primos.

E tivéram que assentir.

Lascarinamente, Eugenio vira n'um relance que a baroneza o appetecia.— E a elle tambem não se lhe dava... — Polarisava-os a mesma attracção physica, uma esthenia commum electrisava-os. Puro dynamismo physiologico: a actividade de dois sexos, que viviam proximos, tendendo a exercitar-se. Natural.

Por isso Eugenio tratou de pôr toda a arte e seducção em avivar na esposa do amante aquelle incendio facil de adulterio. Escrupulos, remorsos não podia têl-os: eram qualidades inabordaveis

á sua alma de vadio. Quando mais que elle era moço, impressionavel, rico de audacia e de sangue. Quando mais que, na intimidade, essa mulher redondinha e fresca reçumava um aroma cheio e são de carnalidade, um forte cheiro animal e capitoso, feito de lactescencias de amojadura e exsudações da axilla, mil vezes mais perturbador e mais estimulante que o perfume suspeito das besuntices artificiaes, baratas com que se paramentava a Esther.—Não havia que hesitar!

Com um cego arranque de flecha despedida, o ephebo marchou direito ao seu fim.—Possuir, gosar a baroneza!—era no que pensava.—E o melhor e o mais rapidamente e o mais inteiramente que podésse!...—Na ardente laboração do seu plano sobrenadava, com a furia sensual, este pique de prazer acanalhado: prostituir uma fidalga. E ia mais um instinctivo e cavo sentimento de vindicta. Eugenio tinha ao barão sua pontinha de osga,—comprehendia-se... Quezilava d'aquella sua forçada desvirtuação de sexo, d'aquelle immundo papel *ganymedico*, d'aquella funcção passiva e infamante a que o pederasta o sujeitava na mechanica dos seus gosos.

Mesmo um pequeno acontecimento veio, incidentalmente afervoral-o n'este seu vesgo e cavo sentimento.

Saíra elle uma noite de S. Christovão, singularmente estimulado pola appetitosa frescura e as veladas provocações da baroneza. Todo o caminho até casa levou,—e foi um segundo,—com a phantasia cheia e quente das perfeições de Elvira, visionando n'uma flamma a posse d'aquella creatura miudinha e picante, e já todo ardendo no antegoso d'esse raio de prazer que a sua bôa sorte lhe annunciava, tão capitoso e tão proximo, tão salgado e tão novo.

N'este congestivo crescer de excitação, naturalmente, o desejo carnal pulsou, affirmou-se, ergueu-se, e com a intransigencia brutal da mocidade exigiu immediata applicação; despoticamente reclamou satisfação, exercicio, pabulo, uma prompta saída animal, summaria, cega, sem hesitações nem escolhas, ás magnificas energias que o enristavam e ás cachoeiras de seiva que nas cavernas lhe rugiam, exuberativamente. — Porêm, áquella hora, ali... Para retroceder... a Esther morava longe...

Lembrou-se das visinhas do primeiro andar e tangeu a campainha.

Um busto apontou á grade de escrava enfarinhada, a qual, mal que o conheceu, injuriou logo:

— *Chiça*, panelleiro!

E arremessou despresivelmente a porta, com estrondo.

Na sombra da escada, o ephebo córou até á raiz dos cabellos, veio-lhe uma chamma aos olhos, teve calor na espinha, odiou-se... e compenetradamente jurou vingar-se da vida que lhe tinham feito.

Então, desde esse instante, a seducção da baroneza sorria-lhe principalmente como desforra. Tiraria um rico desforço do aviltamento que lhe infligia o amante, minotaurando o marido.

Como tão complexos estimulos o espicaçassem, vá de pôr logo em praça o seu desejo. No que houve de principio tal ou qual difficuldade. De habito só frequentando costureiritas, cigarreiras, colarejas, mendigas, meretrizes, toda a andrajosa escumalha da rua e dos bordeis, o tracto com senhoras intimidava-o, assustava-o, prendia-o n'um embaraço. Em frente das *madamas*, no dizer d'elle, atarantava, emmudecia. Queria ser fino, amavel, e só conseguia ser grotesco. Junto de Elvira, quan-

tas vêzes não succedeu elle aventurar-se n'um ensaio de galanteio, e de repente fallecer-lhe o geito, atraiçoal-o a coragem, e o pobre rapaz ficar-se ali, de olhar estupido, suspensa a phrase, cortado o gesto, em attitudes d'um ridiculo adoravel, em gymnasticas mudas d'uma eloquente impotencia! — Não importa... — Á baroneza sobremaneira agradava esta mesma timidez: signal de que Eugenio não sómente a estremecia, mas adorava n'ella o que quer que fôsse de vagamente superior.

Mesmo a familiaridade foi com o tempo alhanando as difficuldades e incurtando as distancias. Manso e manso, foi Eugenio desemperrando, afinando, sentindo-se á vontade deante da baroneza; e então, gradualmente, soube ser carinhoso, insinuante, incantador, mellifluo. A sua natureza oxygenada e fertil exuberava, e ao calor do desejo deliquescia em meiguices, attenções, ternuras, que mais e mais enleavam a baroneza, apenas afeita ás seccaturas do marido. Estava perdida. Implacavelmente, Eugenio obsidiava-a. Com uma tenacidade feroz de arachnideo, elle ia-lhe enliçando as azas da vontade n'uma fina teia inconsutil de seducções, lisongerias, graças, pequeninos e pueris mocanqueirismos. — Eram cuidados constantes com a sua saude, o seu bem-estar, a sua commodidade: um banquinho para os pés, um chale para os hombros, e fechar uma porta d'onde vinha ar, e ir pelas luvas que tinham esquecido, e adivinhar uma vontade, e surprehender um appetite... eram submissões timidas de pagem, suspiros escapados na sombra, febris apertos de mão prolongados em tremuras de supplica e promessa... eram, nos claros do dialogo, fundos dardejamentos de olhos, penetrantes e electricos, luzindo como punhaes.

De tudo isto vinha á baroneza um desespero. Evitava Eugenio, fallava-lhe de escape, olhava-o com rancor, franzindo a testa, por inteiro esquecia, ultrapassava as raias da conveniencia e do bom-senso nas suas relações de sociedade com o rapaz. O que era para o barão basto motivo de desgosto e dava thema abundante de resingas entre elle e a baroneza.—D'onde lhe vinha aquelle aborrecimento ao Eugenio?... Era incrivel!... apresentando-se tão bem! tão bom rapazinho, tão dedicado!... Só por grande birra! —Conservava-se muda a baroneza; e elle, julgando descobrir no silencio da esposa uma acquiescencia, aventurava:

—Vamos, trata-o bem... O rapaz merece-o... E ha-de reparar.

A baroneza entrincheirava-se n'uma recusa. Então o barão retaliava:

—Ai! mulheres, mulheres... Ès tola! e desagradecida.

Ou inquiria, impaciente:

—Mas porquê?... que mal te fêz o rapaz?

Ao que ella, seccada:

—Não sei! não sei... Que queres?... É cá uma embirração!

E o marido, fulo:

—Está visto!... Ou eu não fôsse amigo d'elle!

Nem de leve suspeitava o barão da louvavel briga moral em que andavam enliçados o animo e o coração da esposa. Mercê do feitio das suas relações com Eugenio, esquecia-lhe o sexo. O exercicio d'aquella sua bigamia affrontosa fazia-o considerar o ephebo um temperamento passivo e feminino, fazia-o descobrir entre o amante e a esposa uma irmanação sexual de tendencias e de desejos. A'quella antinomia apparente de senti-

mentos, seus e de Elvira, com respeito a Eugenio, não via a honrada causa, a santa origem. Por isso, nem de sombras futurava que uma chispa sensual podésse saltar, fulgurante e irreprimivel, ao contacto d'essas duas mocidades.

Louvavelmente, Elvira deu-se a lançar mão de todos os meios que tivéssem o ar de couraçal-a contra o peccado: esmolas, concertos, bailes, visitas, passeios longe. Sempre sem o concurso de Eugenio. Acontecia até andar ella preparando-se com delicia para uma festa, e depois, á ultima hora, sabendo que Eugenio sería da sociedade, recusar-se terminantemente a ir.

Assim, d'uma vêz, tinham sido convidados para uma ferra de garraios, em Salvaterra, n'uma propriedade do marquez de Torredeita. Diversão de *élite*, muito da paixão da baroneza. Poucos convidados. As senhoras iam vestidas de *mañolas* e os homens de campinos. Elvira puzéra, durante dias, todo o seu garridismo de mulher no empenho de apresentar-se com vantagem n'este arriscado certamen de bellezas á grande luz do sol. Já ella esperava impaciente, no *toilette*, frente ao espelho, dando os ultimos toques nas prégas da mantilha, quando o barão entrou:

— Estás prompta?... Afinal, levo tambem o Eugenio.

Elvira empallideceu, mordeu os labios, teve uns segundos de hesitação e respondeu a custo:

— Pois vae, vae com elle... Eu não vou. — E, ante o espanto do barão: — Dóe-me muito a cabeça.

— E todavia vestiste-te?...

— E' que tinha immensa vontade de ir! — explicou Elvira, com os olhos humidos. — Mas não vou, não... não pósso... sería uma imprudencia. — E arrancou n'um repellão a mantilha, tre-

mula de contrariedade, pallida, contendo as lagrimas.

O barão insistiu.— Era uma pieguice, não valia nada... far-lhe-hia bem o campo... Que haviam de dizer?...— Porém ella rematou, saindo do aposento, saccudidamente:

— Já te disse... não vou!

Toda a sua vida subordinava a este lemma honesto: evitar Eugenio. Em afervoramentos do amor conjugal chegava a procurar derivativos; e então desatava-se n'uma caudal de carinhos que espantavam do mais puro espanto o barão. Nunca tão dosoladoramente ella sentira a infecundidade do casal.— Filhos, os filhos!... quem lh'os déra!... São a virtude e o incanto d'uma casa... Enchiam o coração, entretinham tanto!... Que amarga e fria coisa não ter nem sequer um só!...— E acontecia que quando no claro-escuro da *chaise-longue* vinha a tentação surprehendel-a, a baroneza seguia de salto para a grande luz das saccadas, e ahi, de pé, a face collada á vidraça, o olhar accêso n'um terror sagrado, baixava e curvava a mão no gesto de afagar as cabecitas loiras que deviam estar ali assim, ao lado d'ella, innocentinhas, tenras, para a defender.

D'onde uma manhã, depois de almoço, lembrou Elvira:

— Então este anno não saímos de Lisbôa, Sebastião?

— Saírmos de Lisbôa!?— exclamou o barão, levantando-se, n'um impeto de surpreza.

— E' alguma coisa nunca vista?

— Para onde e para quê!?...

— Ora essa!... Para a Figueira.

— Deixa-te d'isso.

— Pois não é o costume, todos os annos, logo que chega o verão?

O marido acudiu, com mau modo:

— Este anno não pósso.

— O quê?...

— Estou muito preso aqui.

— Appetecia-me tanto...

— Pois tem paciencia; este anno não vamos... Não póde ser. — E como Elvira o fitasse de sobrecenho, insistiu, com dureza: — Já te disse!... E então?...

— Muito obrigada... — silvou, erguendo-se tambem, a baroneza. — Isto é que é um maridinho... de preço! Se eu não tivésse vontade de ir, então havias de tu querer ir por força, só polo gosto de me contrariar!

— O' menina, mas ouve...

— E's fresco!

E deixou-se caír n'um sophá, com os olhos em lagrimas e a face rôxa de cholera.

O barão, levemente pallido, aproximou-se, e, suasivo, manso, foi desfiando uma artificiosa série de pretextos que justificassem a sua renitencia em deixar Lisbôa: indagações urgentes na bibliotheca, a fundação d'uma companhia mineira, a direcção da *Gazeta* que o director e proprietario, ausente, lhe tinha confiado, solicitações nos ministerios, os seus negocios...

— Os teus negocios?... — atacou finamente Elvira. — Mas é exactamente por isso que devemos lá ir... Não te andas tu ahi sempre a queixar do procurador e dos caseiros?... Que roubam? que fazem? que acontecem?... Pois vamos nós mesmos vêr, fiscalisar as coisas.

— Não pósso! não pósso! — contrariou azêdo o barão, confuso de se vêr colhido no proprio stratagema.

Era-lhe um impossivel moral distanciar-se de Eugenio.

E Elvira, que precisamente afastar-se do ephebo era o que mais desejava, e que assim via apostada em impellil-a ao resvalo a pessôa que, com ella, mais empenho devia ter em a sustar na quéda, sentia-se invadir d'um desgosto dissolvente; no intimo deplorava, revoltada, tanta honestidade, tanta virtude, tanto luctar ao malbarato; e mais que uma vêz, escarniceiro, chegou a ascuar-lhe no desejo, como uma rehabilitação, um premio á sua dignidade menospreçada, o pensamento do adulterio. Mas breve recobrava o ascendente o seu plasma etiologico de burgueza, e, como corollario, voltava então a insistencia, formulada em todos os tons e sôb todas as fórmas, de saír de Lisbôa.

Ao que inalteravelmente se recusava o barão. A só idea de deixar de vêr assiduamente o amante emparvecia-o. Esta frequentação aviltante com o ephebo tornára-se-lhe imprescindivel. Era indispensavel como um alimento e absorvente como um vicio. Sem o amor de Eugenio sentia que não poderia viver... Havia um meio de conciliar as cousas: — leval-o comsigo para a Figueira. Porêm como mascarar decentemente perante o mundo esse sujo expediente?... E o dinheiro que tudo isso lhe ia custar! — Não podia... — Por isso recusava sempre.

Então Elvira soffreu e definhou, como uma planta contrariada, e debateu-se na quebra da sua vontade, constrangidamente. Levava os dias taciturna, amalhoada, triste, fugindo á convivencia, amarfanhada n'uma especie e mortal misanthropia. Emmagreceu. Tinha retrahições de freira e choleras de epileptica. De hora para hora o seu

espirito escabujava, versatil, louco, nas mais abstrusas regiões da incoherencia.

Tornou-se notada esta transfiguração alarmante da azougada e gentil creaturita. Sobre a causa os animos divergiam. Soffria dos nervos, talvêz... Ou, então, principios de anemia. Mudança de ares, — aconselhavam. Boquejavam-se crueldades, maus tratos do marido. E todos sinceramente interessados. Todos, com a familia á frente, de roda do barão, fazendo sua a causa da doente, intercedendo; todos tornando-o amigavelmente réu do mal-estar da esposa. Por fórma que, um dia, viu-se elle finalmente obrigado a assentir:

— Bem... vamos quando tu quizéres.

Descêram á *gare*, a despedir-se, os intimos de S. Christovão; e collados a um ponto da linha de *wagons*, formando cauda e interceptando o movimento, premem-se todos á portinhola da carruagem para onde entrára Elvira.

Um pouco ao lado, abstracto, quente, com a mão n'um dos varões da carruagem, conversa com Eugenio o barão.

Noite. Quasi horas de partida. A gente é compacta. Anda-se com difficuldade. Cresce este atropellamento gritado e confuso de multidão que tem pressa. Pregôa-se agua e jornaes. Ouve-se uma confusão de idiomas. Homens de blusa arrastam zorras com bagagem, n'um chilrido pêrro. Ha olhares longos de saudade, desesperos, lagrimas, felicitações, invejas. E do grupo que rodeia a baroneza sóbe a espaços um crystal de risadinhas femininas, a retinirem alacremente sobre aquelle borborinho, que a immensa cobertura de ferro e vidro da *gare* alarga n'uma ampla resonancia.

Já a sineta tinha dado o signal da partida. A baroneza beijára mais uma vêz as amigas; e por

ultimo á D. Leonor, em segredo:—que não lhe esqueceria trazer as costumadas *gargantas de freira*, da Luiza... contasse com ellas.—A massa dos que ficavam tinha recuado um pouco, de modo que entre elles e o comboyo, á beira do caes, ficára a descoberto uma estreita fita de asphalto, ao longo da qual um homem seguia, de *bonnet* agaloado, batendo com força as portinholas. E o barão continuava em baixo, a alma toda nos olhos, inteiramente alheio ao que se passava em tôrno, dialogando com Eugenio.

Gritou-lhe a baroneza:

—O' Sebastião! que ficas em terra!

Era tempo. O monstro gemeu, arfou, n'uma sonora inspiração, a preparar-se para a caminhada; e logo deslocou-se e moveu-se sobre os *rails* com um estrondo ferralhado e cheio. Ergue-se de ADEUS um saudoso *smorzamento;* esfusiam acenos de mãos, de chapeus, de lenços; cruza o ar uma ou outra phrase perdida.

O barão debruçou-se. N'um segundo, está refeito o silencio, o asphalto é deserto, e o grande reptil de aço, vae já com seu pennacho de fogo serpentinando longe. E, já tambem longe, o barão não desfita a fieira luminosa do gaz da *gare*, que elle vê apequenando e fugindo rapidamente, —sempre debruçado, emparvecido, immovel,— a olhar, a olhar.

X

Na Figueira a breve trecho entrou de sentir-se entaliscado o barão. A futil vacuidade do viver elegante das praias causticava-lhe de tédio o espirito, a par e passo que a alma, poleada de angustia, lacrimava por Eugenio as mais acres e ferventes instillações da saudade. Longe do seu idolo, aquelle temperamento subtil de emocionista exacerbava-se; falto de applicação immediata, aquelle coração hypertrophiado de amorumes desatremava, como falta de apoio desatrema na ruina uma floração architectonica archipujante de lavores.

Dia sobre dia, ganhava-o a tristeza. Varrêra-lhe o cerebro a amnesia de tudo quanto fôsse excentrico ao seu amor. E, assim, gradualmente, foi marasmando n'um como estado de passividade organica, n'uma inania de imbecil ou de selvagem, n'uma alheação, n'um desdem, n'uma reserva, n'uma transcendente e muda hostilidade, que lhe davam a apparencia imponderavel d'um

somnambulo e quasi por inteiro o separavam do conflicto da vida exterior. Eram, horas e horas, parenthesis duros de meditação e recolhimento, de incendio íntimo, de devastadoras regressões ao passado, — essa patria da alma, — pela divina tortuagem de cujas volutas luminosas elle largava a escabujar doridamente a phantasia, emquanto, de olhos cerrados e mãos sobre o ventre, hypocritamente perreava o corpo n'uma immobilidade absoluta. Era um systematico fugir ao convívio mundano, um timorato evitar dos homens, um vergonhoso receio da grande luz do dia, um asco mortal da sociedade. Era para com a baroneza o dialogo todo em monosyllabos, e opposições de vontade, repentes de genio, ralhos. Eram pelo campo, sobre a tarde, até horas mortas da noite, solitarias, interminaveis caminhadas.

Ahi, uma forte corrente de sympathia se fechava entre as agonias da sua alma e a sombria e profunda tristeza da paysagem, que fórma com a apparencia graciosa, lavada e garrida da cidade um tão flagrante contraste. Aprazia-lhe sobretudo o passeio arejado e amplo ao longo da costa, deixada a estrada, sobre a direita, pela cima dos cabeços fóra, confundido com aquella natureza terna e soffredora, toda feita de resignação e soledade, em que ha manchas verdenegras de pinheiros, mesquinhos, torturados, arripiados, mancos, tuberculado o tronco e a rama da furia dos vendavaes; em que se rasgam cavidades lineares de argilla, rubras e humidas como palpebras inflammadas de chorar; em que o rastolho é lívido, a herva rara e aspera, a areia amarellenta; e onde em baixo, lambida do mar, na falda anegrada da serra, a aldeia de Buarcos apparece na distancia cinzenta, architectural, grandiosa e lugubre como uma necropole de ha mil annos.

Era de ordinario sol posto. Lá muito alto, a cavalleiro sobre a estrada, o barão sentava-se. Na vastidão em frente diluia-se, marinhava para o horisonte o mar, — espesso, preguiçoso e frio, côr de chumbo, — como uma tampa immensa de sarcophago; pela raiz do céu escampado a luz, n'uma amarellidão de cirio, esmaecia; como apagadores negrejavam sobre os montes os moinhos de vento; o crepusculo seguia na sua hecatombe da côr, dava ás coisas um ar confidencial, macio; e, mal alvejando em tôrno, a grande bacia incurvava-se como um zero de cinzas. Nem um rasto de vapor pelo largo, nem uma vela de barco pannejando. Era a annullação universal polo silencio e pola sombra. Providencial concretisação do *nirvânismo*. E a todo o momento o barão, identificado, esperava beatificamente, olhos cerrados, que n'essa diluição progressiva, n'esse morôso aniquilamento do real e do tangivel alcançasse tambem o supremo refrigerio do aniquilamento o seu desgosto da vida, o seu mal-estar, a sua dôr.

Mas bandadas de raparigas, sonoras como estorninhos, vinham retirando da labuta da cidade; e então, escarninhamente, n'esta negra pacificação de cemiterio, o seu canto sôava arreliador e profano, n'um repellão de antithese, estrillante:

O teu amor é doirado,
Mas sem firmeza nenhuma:
E' como a nevoa do rio,
E' uma bola de espuma...

Oh, maravilha, oh, maravilha, oh, maravilha
Eu sei qual é...
E' ter um anjo, é ter um anjo, é ter um anjo
Aqui ao pé!

A's primeiras notas, a crystallina vibração do canto e a alta estridulêz das vozes, arrogantes de vigor e de saude, despertavam rudemente o barão do seu sonho merencorio, abalavam-n'o de indignação e de susto, accendiam-lhe no espirito desnorteado e tôrvo o mesmo clarão de surpreza apavorada que um punhal de luz, rasgando supito, põe na confusa negridão d'um subterraneo.—Quem diabo vinha assim perturbar...!?—Erguia-se a meio, irado, confrangido e aspero, sobre o seu rustico pedestal de agulhas sêccas de pinheiro. A bocca vincava aos cantos; fuzilavam-lhe os olhos; corria-o um tremor de cholera, momentaneo; e as longas mãos, abertas no espaço inerte, aduncas, nodosas, descarnadas, vermiculavam. Porêm, manso e manso, eloquente da insistencia, dulcidamente, aquella melopeia solta e facil, desinvolta, ingenua, que a proximidade da agua amplificava, trespassava-o, espontava-lhe as resistencias, ganhava-o, amaciava-o... dulcidamente lhe infiltrava na alma as effusões cariciosas do seu rythmo sincero. Transportado e vencido, o barão gostava, habituava-se. Cada tarde vinha, gostosamente, pedir á rude cantilena das filhas robustas do campo um derivativo a seus males. Agora attentava na lettra, deblaterava o estribilho, demorava-se na analyse das cadencias. E levemente distrahido, n'um flammejo vago de prazer, ia escutando.

Os ranchos das cantoras succediam-se estridulos, cheios, n'uma abundancia garrula e forte. De bandas da cidade surdiam, e com ellas, crescendo, aproximando-se, o seu bello canto agudo; passavam em baixo, á raiz do monte, esturdias, breves,—cestos á cabeça, troixas no braço, infusas, encinhos, foices,—vivamente, nobremente ajunta-

das em grandes grupos pagãos; e seguiam a sumir-se e perder-se na distancia, progressivamente, pelo ambito das aldeias proximas, cantando sempre:

Oh, maravilha, oh, maravilha, oh, maravilha
Eu sei qual é...

Ao cabo, mal soprava já, das bandas de Tavarede ou de Buarcos, amortecida na calma aragem do norte, esperdiçada em raras, salteadas notas, — incompleta, fugaz, agonisante, — uma flebilissima toada. O barão, de bruços sobre a terra, em concha a orelha, e a face estirada e sofrega, apprehendia-lhe com avidez os mais fugidios sons, os ultimos accentos. Soffria da extincção gradual da limpida melodia, cujos ultimos arpejos se empenhava em guardar no ouvido, demoradamente. Com elles se alava, se evolvia, esfolhaçada pelo espaço, a sua morbida tristeza... E então ficava-se, horas, amnesiado polo effeito cordeal d'aquella musica tão simples, n'uma quebreira morna da vontade, adormentado, etherisado, inerte, amollentado de dulcidões, embalado de suavidades, perdido n'um scismar de que não era senhor, que não dirigia, a alma deliquescendo em não sei quê de fluido e internecido, — e sempre fortemente reclamado, n'uma solicitação, n'um estiramento, n'um arranque de todos os seus nervos, tensos e accordes como fibras gementes d'uma harpa, na invariavel direcção onde deixára o seu amor.

Ao contrario do marido, a baroneza nunca na sua vida se sentíra tão alegre e tão bem. Com a mesma facilidade com que um encrespamento de onda escorrega, a perder-se, pelo verde liso e vario das aguas, assim na fatua inconsistencia do

espirito de Elvira a imagem do ephebo lisamente escorregou e se perdeu.

Nos primeiros dias lembrára-lhe elle bastante, mas apenas em mansos claros do desejo, sem persistencia, sem calor, sem vivacidade; que esta era toda gasta em enrodilhar-lhe nas saltantes diversões da quadra balnear a sua fresca e alada juventude.

Organisára-se a pandega culta. Superabundavam festas. Raiava no zenith essa temporada patusca de doutores em férias, que annualmente vão desemburrar seus sapientes ideologismos da algidez dos mêzes lectivos n'um espinoteio galante de folganças. Succediam-se as regatas, os *pic-nics*, os bailes, os bazares, as tombolas. Um deboche a fiambre e torradas. Coimbra em peso a retoiçar, pelintra, empavonada. Nem faltavam os nadadores bem contornados, os guapos cavalleiros, os admiradores de olho em accento circumflexo, os lamechas com mau halito, os *walsistas* de juba fatal e joanetes. Para mais, ia o tempo de feição, o peixe abundava e as casas estavam baratas. De fórma que, a grado e grado, naturalmente, o perigo passou, o rapaz ia esquecendo.—Como ella estivéra a pique, por uma creancice, de sujar a sua reputação, enlamear o nome do marido, perder a tranquillidade e arriscar a propria vida!... Pedaço de tola! Valia lá a pena... Rapazes bonitos era o que mais havia, afinal... e era muito melhor levar a vida brincando com todos, como agora, a ouvir d'um, a ouvir d'outro, e d'outro... mas sempre trocista, esquiva, livre... sem dar preferencia a nenhum!—Assim a almita estouvada e leve da baroneza ia correndo n'esse *Eldorado* de goso, embriagada. E a lembrança de Eugenio mal vinha agora, só já pelo tarde, n'uma pregui-

ça de calor somnolento, vagamente, n'um mixto de saudade e de allívio que a segurança do presente assucarava, e que era quasi um prazer.

Vogando n'esta *kermesse* undante de felicidade, não podia a baroneza atinar com uma causa razoada á misanthropia do marido. — Com tanta distracção, tanto divertimento, tão bôa sociedade, — parecia impossivel! — sempre assim de continuo aferrado, como uma lapa ao rochedo, ás insupportaveis seccaturas do seu mau-humor! — E como não conhecia, não podia medir os latrinarios desvãos d'aquella alma excepcional, ia Elvira deitando á conta de risiveis mesquinharias domesticas a displicencia do barão.

D'uma vêz repontou ella, posta em prova, o sangue rôxo a fremer nas veias tumidas da face:

— Como viéste de má-vontade, — intendo-te! — toda essa bisarma de carantonhas, todo esse aranzel de palavras duras são para me agorentares o pouco ainda assim que eu aqui poderia gosar... Desforras-te em arremessos e suspiros da violencia que fizéste... Olha, caro favor!

E assim, voluntariosa e insolente como era, a miude acontecia quezilar, exasperar-se, rebellar-se e de improviso armar alguma d'essas futeis tempestades que no seu odio implacavel de casta a Dorotheia saboreava, alargando o nariz e aprumando o queixo, regaladamente.

Mas d'outras vêzes tambem, avisada e paciente, amolando, accommodava-se. — Alterar-se p'ra quê?... Era asneira, e fazer-lhe o gostinho, ainda em cima... — Um pouco para distrahir o marido, um pouco para justificar a sua insistencia em vir á provincia, resolveu-o mesmo ella a irem os dois, passado o rio, visitar a Lavos e á Murraceira os seus rusticos dominios, cuja administração andava

per mãos de caseiros broncos e procuradores ladinos deploravelmente esbandalhada. Eram rendas em atrazo, demarcações contestadas, desvios de aguas, fóros duvidosos, um *dificit* constante. Era a logica aluição d'uma fortuna que o dono ia deixando desaggregar progressivamente, longe da vista e do cuidado. Urgia acudir ao desbarato imminente. Fôram; mas demoraram-se pouco. Não tinha ali a baroneza bailes, e o barão apathico, dormente, não achava palavras para inquirir, nem olhos para vêr, nem rigores para castigar. Fechado n'uma anorexia absoluta de tudo quanto fôsse á sua paixão alheio, deixavam-n'o frio, inerte as suggestivas careações da paysagem:—tufamentos druídicos de florestas; largos campos de milharaes, cerrados como pelotões, empennachados, firmes; a epilepsia verde dos vinhedos; as ruinas d'um mosteiro ensilveirado e negro, incapuzado de hera, resignado, pensativo, humilde, idealmente escalavrado; e horisontes frescos de marinhas, placidos, suaves, verdadeiros céus de esmeralda, em cuja terna e diaphana immensidade os montõesinhos de sal scentelhavam como estrellas.

Para mais, abominando escripturações, grangeios, róes de jornaes, e penhoras, demandas, tribunaes, alicantinas, papelada. Para mais, sem interesse polos meios materiaes de agenciar a vida; sem coragem para despedir, reformar pessoal, para empunhar com energia e tino o timão das coisas. Eis porque elle:—Não são maus, deixa lá!...—explicou á esposa.—São uns pobres-diabos. O tempo é que vae mau para as terras... Se os pobres mal tiram para comer, como é que me hão-de pagar?

E d'este modo atamancando o presente, ali-

jando covardemente os cuidados, illudindo a responsabilidade, descurando a fazenda; assim forte n'este desapêgo inverosimil, n'esta criminosa e bestial indolencia, voltou com a mulher para a cidade.

Raro a acompanhava ao banho, de manhã; e, se o fazia, jámais descia á praia. Mantinha-se mudo, em pé, hostilmente retrahido ao alto do talude, — os olhos meio cerrados, a expressão concentrada, o pensamento longe, — colhendo em globo as coisas, vagamente, n'um fumo de indifferença; mal vendo a multidão que em baixo formigava, per entre o vasto deslumbramento branco das barracas, na areia fina de arminho; mal apprehendendo, espreguiçado, manso, o ronronar bonacheirão da agua, que com a brisa vinha, hilaremente picado de risinhos, gritos, expansões, casquinadas de troça.

Dia nenhum deixava de escrever para Lisbôa. Tinha até combinado entreter com Eugenio um cartear quotidiano constante. Mas o ephebo, como era de suppôr, não cumpriu: nem o coração lhe poderia fornecer emoções, nem o cerebro ideas que bondassem a tão estonteador dispendio de tinta. Como escrevêsse pouco e de largo, reprehendido, logo á terceira ou quarta missiva se desculpou com a falta de assumpto. — Tudo velho... Não sabia de que lhe havia de fallar. — Ao que o barão, apaixonadamente:

Embora. Escreve-me, escreve sempre... De tudo, de tudo, — seja o que fôr! Qualquer assumpto, ainda o mais trivial, exalça-se n'uma aureola de prestigio ao ser tratado por ti.

As cartas succediam-se, pontualmente infalliveis, implacaveis, longas, furiosas de dôr e de ter-

nura. O mesmo fogo interior as requeimava. Grilhetava-as ao mesmo objecto uma insistente propulsão de monomaniaco. Escriptas ao cachoar da paixão, aos saccões da nevrose, ao tarantular da febre, soffriam todas do mesmo estylo paroxysmico, brusco, esfarrapado; clownisavam em irritações de antitheses, em saltos pavorosos; esquartejavam-n'as fundas, brutaes antinomias. Ora se contorcia a phrase, desvergonhada, em aravias impudicas de hysterica; ora timida se rebuçava n'uma candidêz virginea, immaculada. Aqui sublimava-se em olympicos, frescos idealismos; para logo estadear bordelescamente uma nudez esbagaxada e torpe. E sempre, uma por uma, a dançar n'ellas a mesma incoherencia de delirio. Sempre todas rubras n'um calor de incendio, que o impulso trazido mais e mais oxygenava; todas paraphraseando a pathonomia moral d'um degenerado, todas syndromatando o descalabro progressivo da mais ascuante, da mais sinistra e feroz androlagnia.

Como esta.

Meu amigo.

São duas horas da manhã. Acabo de chegar, mal humorado, vasio, estupido, de mais um d'esses supplicios galantes, chamados bailes da Assembleia. *A Elvira riu, comeu, fallou e dançou despropositadamente. Ridicula de frivolidade e tolice, coitada! a ponto de fazer pena. Havia mais uns franchinotes pommadados e esguios, com todo o ar de se divertirem, e uns graves doutores grisalhos trazendo comicamente para a luz das contradanças a mesma classica investidura e a mesma mimica solemne com que de fresco ainda tinham pompeado no doutoramento do ultimo bacharel.*

Eu, como deves imaginar, arrastei a noite penosamente, alheio a toda essa bambochata, sumido n'um canto de salão, arreliado, sombrio, taciturno, pensando só e sempre em ti... Não sei a que attribua a tua falta de noticias. És inverosimilmente ingrato. Por mais vehementes, por mais vulcanicas que irrompam das profundezas d'esta pobre alma, chagada de saudade, não logram as minhas exorações mover-te a communicares comigo por escripto mais amiudadamente, preguiceiro!... Do exaggerado mimo te resentes. Por te amar demasiado é que demasiado sóffro tambem. É condição do amor ter como reverso a tortura. Ingrato! Porque assim te obstinas, mau, teimoso, n'esse largo, n'esse implacavel silencio?... Fazes-me tanto mal! — é de metter dó ás pedras. Todas as manhãs eu aguardo impaciente, relogio em punho, — se tu visses? — a hora do correio, e, mal que elle toca, eu proprio vôo logo á porta e còrro n'um relampago a correspondencia, a vêr se d'esse frio empilhamento de coisas indifferentes um papel qualquer me salta, illuminado, quente, regrado pola tua mão! — E isso é tão raro!... Que horror de decepção, quasi de continuo! Nada, pola palavra nada!... Ingrato! Eu então exaspéro-me, sinto espuma nos labios, páro de respirar, ensurdeço, inflammo-me... e tudo me irrita: os moveis crescem desmesuradamente, a Elvira sécca-me, os jornaes figuram-se-me impressos a vermelho, o sol parece fazer-me uma troça pegada. E vou e fujo e refugio-me no meu quarto, onde para não commetter alguma loucura tenho de amparar-me a toda a minha coragem, — que é já bem pouca! — e concentrar-me fervidamente na recordação dos nossos prazeres passados, na antecisão dos nossos prazeres por vir... É isto o que me sustèm, me alimenta e me dá a razão da propria vida. Oh! se me vejo novamente ao pé de ti, — junto, bem junto! — sabedor

dos teus pensamentos, fiscal das tuas acções, senhor da tua carne!... electrisa-me todo esta esperança n'um spasmo voluptuoso e terrivel... põe-me até medo, acobardo-me de a imaginar, tamanha felicidade.

Porque eu sinto-me, como nunca, tributario do teu corpo, escravo da tua presença, faminto do teu calor, do teu halito de velludo... Este meu amor por ti é solemne como a morte, e indefectivel, fatal como a fatalidade. Em todas as horas do dia e da noite, esteja só ou acompanhado, em casa ou no campo, acordado ou sonhando, são ou doente, — e não é isto uma doença? — tudo quanto se não relacione com esta minha paixão diabolica é como se não existisse para mim. Pódes crêr, Eugenio, — nunca ninguem tanto como eu porfiou na vehemencia d'um desejo; nunca um coração de homem vibrou de tão calido furor, de tão voraz energia! A minha alma pertence-te, polarisou nos teus olhos, involve-te como uma corolla de beijos, é-te inseparavel... Tanto que, quando eu morrer, ella ha-de ficar acorrentada á terra para te não largar um instante, para te inundar de meiguice... e só juntamente com a tua é que subirá ao céu!

Escreve.

SEBASTIÃO.

Eugenio, de as lêr, emparvecia. Amalhoava-o este avatar formidavel de baixêzas, este esfuseio de abjecções, esta odysseia de vergonhas. As primeiras ainda ensaiou leval-as de chalaça, de animo leve, commentadas a pilheria e a riso, de pagode com a Esther; mas acontecia que na mais desprevenida altura da troça uma idea, uma phrase saltava de repente, — inesperada, extranha, — e desconcertava-os. Ora um conceito fulvo chispava, cegando-os, coriscante; ora uma rasa obscenidade estralejava, crua, audaciosa; ora um pensamento

alado e profundo, de larga envergadura, de alcance inattingivel, vinha e caía-lhes com um peso de marrêta sobre os craneos broncos, esmagadoramente. E a essas passagens arduas, o rir gelava nos labios, tomava-os um estonteamento de pasmo e de vertigem. O que quer que era de exotico, de intempestivo e grande reçumbrava do papel ante o seu espirito tacanho, pavido, e intimidava-os. Ainda era para as suas consciencias de lama inconcebivel tamanho aviltamento. Aquillo era um corrimento acre de vilèzas, em cujo cynico impudor vinha fluindo, trescalante, a desintegração d'um character, a podridez d'uma razão, o esphacelar d'uma vontade. Ficavam-se então a olhar um para o outro, azoinados, acabrunhados, mudos; ou abriam-se em monosyllabos de alarme, commiserativas interjeições, incredulidades, espantos, duvidas.

Era quando a Esther interrompia a leitura e — Safa! — analysava. — E' de escaldar! A's mulheres nunca vossês dizem tanto... — E que não queria mais... Muito fina para ella aquella solfa... ourava-se-lhe o juizo.

Uma vêz mesmo repellou para Eugenio, indignada:

— Tem vergonha!

Eugenio córou, vexado. Sentiu que aquella epistolographia immunda, aquella paixão contranatural, aquelle amor ao arripio o humilhavam soberanamente; que o cerceavam perante a amante nos seus attributos de homem, — como se o castrassem moralmente; e d'emparce com o barão o envileciam. Veio-lhe uma reluctancia, uma reacção, um nojo. Demasiado caustica, a homilia indecorosa arrancou-lhe do impaludismo da alma uns laivos de pundonor, uns vislumbres de pejo.

De certo ponto em deante, as cartas do barão desviava-as dos olhos, punha-as de banda, abafava-as, queimava-as sem as lêr.

Mas nem assim, n'este jorrante derivativo epistolar desangrada e revulsa, lograva normalisar-se a degenerescencia psychica do barão. O allucinamento mantinha-se, impetuoso e rebelde: a virulencia do atavismo morbido alimentava-o. Por isso, extenuado de sentir, de frequencia o barão recorria ao castigo animal das grandes caminhadas. Essas tinham, sim, uma limitada mas segura efficacia. Vencidas do cansaço physico, adormecidas na violencia do dispendio muscular, da combustão funccional dos orgãos, as turbulencias da sua alma enferma amadornavam, debeis, impotentes, n'um somno de fadiga, anesthesiadas. Era então, durante essa monotona insipidez dos longos passeios solitarios, que para illudir o tempo e captivar o espirito o barão se entregava, n'uma inconsciencia infantil, aos mais ôcos exercicios, aos mais idiotas e puerís entretenimentos. — Dava-se a notar de dia para dia, com uma exactidão de segundos, escrupulosamente, a differença do instante em que o sol deixava tal arvore; em que a fabrica de tijolo apitava para a leva do trabalho; em que o fumo irrompia de tal ou tal chaminé, desinrolado e branco. Ou todo se applicava a ir pisando, passo per passo, cabisbaixo, attento, as pégadas d'um labrêgo qualquer que de acaso descortinára, nitidamente moldadas na poeira, ao longo do caminho. Ou lhe appetecia assignalar, n'um recesso de valle, n'uma clareira de bosque, n'uma volta de riacho, n'um mamelão, n'um êrmo, algum cantinho de mundo, sympathico ao seu estado, ignorado, aprazivel, triste: para isso, escolhia um pinheiro, fixava-lhe

na mente a situação, o *facies*, as relações de fórma e posição com os visinhos, e depois partia-lhe um ramo; no dia seguinte, voltava, e logo obstinando-se, ainda de longe, em reconhecel-o... vinha, vinha mais perto... abeirava-se... e sentia um incanto singular ao vêr que da ferida vegetal suppurára, translucida, redonda, uma lagrima de seiva.

Irritava-o no mais alto ponto a frivolidade louçã da baroneza. — Per via d'ella tinha vindo... per via d'ella soffria... E o pago era aquelle!... Tonta! egoista! Bem lhe importava... Inferno de sujeição! — E em segundos perversos de demencia, — que o desgraçado repellia com pavor, — chegou a pensar na libertação, pola morte da esposa, d'aquella sua tortura de vida, contrafeita e velada.

Consequentemente, a misanthropia aziumava; as resingas acceleravam-se, crescentes, insoffriveis. A termos que ainda antes d'um mêz contado regressaram á capital.

Declinava rapido o sol, n'uma d'estas agonias de tarde de outomno, cheias de expressão, espelhentadas, lentas, que são d'uma tão tocante melancholia e d'uma tão córdeal serenidade.

Tinham voltado.

No escriptorio do barão, a S. Christovão, Elvira sósinha, em pé contra a vidraça d'uma das saccadas, olhava distrahidamente da cidade o vasto panorama. — Como se de ha muito o não tivéra visto. Desconhecia-o. Afigurava-se-lhe tudo mais pequeno; tudo em remendos, acanhado, triste; tudo mesquinho, poeirento e sujo. Uma caliçagem musgosa e humida carunchava os predios, e ao alto das torres d'uma carie infarruscada e funda

esboroavam as cantarias. Nem uma pontinha de verde adoçando d'este empilhamento esmagador de velhos marmores a aridez desesperante. O ar sem limpidez, sem movimento as ruas, a gente sem côr, sem brilho; e o Tejo, quasi deserto, parado, gordo, n'uma pacatez de vida vergonhosa e réles.—Profundamente dissaborido, nauseabundo tudo aquillo... Oh! seguramente, na Figueira havia mais cal, mais luz, mais vida e mais saude. —E, como isto pensava, a vista erguia-se agil, n'um desgosto, d'essa tediosa contemplação de feias coisas que atropelladamente a assaltavam, n'um vago de incerteza.

Uma perturbadora agitação picava-lhe nos nervos... um não sabia bem quê de sensual e aspero fazia-lhe bater o coração e turbinar inquieta a phantasia.

Haviam chegado n'aquella madrugada mesmo, sem prevenir ninguem, inesperadamente. Os paes e a irmã, mal que o soubéram, tinham vindo logo abraçal-os, entre admirativas interjeições, n'uma ponta de surpreza, censurando:—Assim tão de repente!... Com effeito!... Quem havia de futurar?... Quasi que nem valêra a pena, para aquillo, têrem arredado pé da capital.—E D. Jacintha ajuntava, esculdrinhando a expressão da filha, minaz, desconfiada:—Ou acaso vossês...? hein! aguaceiro telhas a dentro?...

Porêm a baroneza attestára—que não,—e o marido assegurára tambem, sorrindo complacente,—que se tinham simplesmente aborrecido... Cada vêz mais seccante a provincia... No fim de contas, convencêssem-se, ainda era Lisbôa a melhor terra para passar o verão.

Os Paradellas,—já tinham tambem recado,—eram certos á noite. Faltava Eugenio... Esse não

devia per ahi tardar. — E esta idea aquecia, perturbava a baroneza, erguia-lhe empolas na alma, assustava-a, estheniava-a, arrepellava-a n'um pique de emoção, banhava-a n'um terno amollecimento.

— Mas, por amor de Deus! que tolice de commoção era aquella?... Recaía no antigo?... — inquiria-se, a reagir, mortificada. — Um sobresalto assim por ir vêr de novo uma pessôa indifferente... sim... pois não lhe era elle indifferente, a fallar a verdade? Um ente nullo, ordinario, estupido, que ella tinha visto e aborrecido tanta vêz?... Não era elle afinal, a despeito dos seus olhos em amendoa e da covinha da sua barba côr de rosa, um typo vasconço e grosseiro, infinitamente mais grosseiro do que esses bellos rapazes, perfumados, *dandys*, com quem ella vinha regalada de *walsar*?

— Ah! que não era! — alarmava do fundo da consciencia, indominavel, brusca, a pyrexia do desejo. E a baroneza visionava apaixonadamente o ephebo, recordava-se... quando fôra da primeira vêz que o tinha conhecido... ali, n'aquella sala mesma... estava a vêl-o! com a chavena do café na mão, pennujoso, macio, alvo, nos movimentos a flexibilidade propria dos sêres cujo equilibrio vital é perfeito e cuja distribuição de força é egual e completa, e o riso franco e o gesto facil, e a face córada e luzindo como um pêro creado ao sol... Estava a vêl-o. Fôra ali mesmo... Como saltava, como quadrava bem n'aquella escovada e lucida moldura de coisas de preço a sua impetuosa e viva mocidade! — Então a pobresita sentia que o rapaz tardava; então da sua alma alevantava-se, tyrannisante, calida, a incombativel febre de o tornar a vêr.

Quando das salas da frente veio um crescer de

pés apressados, e logo o reposteiro, colhido, deu passagem á figura gentil do ephebo, — sorridente, magnifica, desempenada e forte.

Um arripío trotou nos nervos da baroneza e passou-lhe pela nuca um sôpro quente. Estremeceu, crispou os olhos. Foi como se com elle tivésse entrado uma grande claridade. — Era o mesmo rapaz soberbo, gracil, valente e bem plantado, com uma desinvoltura infantil nos modos e uma harmonia cantante no andar. O mesmo cabello crespo, sêcco e revolto; a curva ideal do rosto osculada pola mesma covinha tentadora; e na sombra dos grandes cilios o negro velludoso dos olhos golpeava-se-lhe de luz.

Adeantou-se expansivo, lesto, risonho, o busto lançado á frente como no impulso de dar um abraço; e logo contendo-se e beijando a mão de Elvira, n'um galanteio respeitoso e convicto, aventurou:

— Como vem bonita!

A baroneza, fria nas mãos, fugindo á luz do exterior, confusa, tremula, gaguejou ruborisada, n'um impeto inconfessavel:

— Bonita?... Ora e o senhor... que direi eu então?

E n'um prompto a corrigir o instinctivo desmando, grave e familiar, acrescentou:

— Vá de lisonjas... Entre velhos amigos, não é proprio.

— Qual lisonja! — exclamou Eugenio, abrindo os braços de impeto. — Mas se é a pura da verdade!

Plantou-se em frente de Elvira, e inlevado, hypnotisado, n'um spasmo admirativo os olhos e as mãos agora juntas n'um abandono extatico dos braços, tudo era monologar:

— Como ella vem! como ella vem!

Depois desandou rapido pela quadra, a desviar-se do perigo, na simulação feliz d'um proposito honesto, e suspirou:

— Raío de coisa!... Mais me valêra não ter olhos, palavra!

— Ai! meu Deus, como elle está!... — reprimendou graciosamente Elvira, com um peguinhar symptomatico na falla innovellada. E, dando costas ao ephebo, tornou breve, esquiva para o vão da saccada, d'onde continuou, sem vêr Eugenio, mocanqueira: — Ouviu?... n'essa afinação nem mais palavra, percebeu?... Prohibição formal. Não estou para o aturar!

Logo Eugenio condescendeu, todo urbano:

— Bem... já aqui não está quem fallou.

E foi deixar-se caír n'uma das cadeiras *Luiz XV*, resignadamente, com uma acquiescencia muda de hombros, baixa a cabeça, annullando-se.

Transcorrêram segundos de silencio... largo silencio, difficil e molesto, pêrro de hesitações, gorgolejante de audacias, cavado de incertezas. Cortou-o Eugenio interrogando, manhoso, frialão, n'um exaggero arrastado de indifferença, quasi n'um bocejo:

— Deu-se então muito bem por lá?

— Passámos perfeitamente, — acudiu no mesmo tom, sem desabaluartar da janella, a baroneza.

Eugenio, insoffrido, alevantou-se, foi mansamente, devagar, caminho da janella, e ahi muito junto de Elvira, fitando-a nos olhos, scintillante, varonil na grande luz do dia:

— Já nos faziam falta... — insinuou.

Ao que ella, abroquelando-se na mais bronzea reserva:

— Está uma tarde tristonha, não está?

— Não acho.

—Será dos meus olhos...

E ficou-se a querer fazer de fria, concentrada, séria, mas toda tremicullando n'um arripio de susto, toda álerte na afflicta previsão d'um momento grave e decisivo,—os olhos errantes cravados avidamente pelo espaço, e as mãos, fervorosas, breves, marinhando a vidraça n'uma ancia de avesita que irrequieta esgratinha ás grades da gaiola, pellidando a liberdade.

A tarde tocava o seu termo, n'um doce esmaír de luz, repoisado e branco. Já se amalgamava na sombra o pardo amontoamento da cidade. Pela angusta caleira do valle, á direita, o grosso irregular da casaria protuberava, confuso e macisso, adelgaçando, em pulverulosas manchas, em extensos carvoamentos, em titanicos borrões de argila e de calcareo. O rio era de nickel, o céu lilaz, as mansardas côr de cinza. Para lá da negra franja irregular dos predios, o sol, deixando as ruas em lucto, agonisava. Sómente em baixo, sobre o Tejo a *Gloria* monumental do Arco da rua Augusta vivia d'um côr de rosa macio e leve, um como rubor humano; e no Moinho de Vento, ao alto, uma claraboia, accêsa como um pharol, reverberava. Réz dos telhados um grosso vapor pairava, algodoando as coisas, immovel, deleterio; e para cima o infinito espraiava, diaphano, enxuto, escarolado e luzente como uma *faille* de preço. Nem uma nuvem esgarçando a setinea limpidez do ar distante. Apenas no occaso, sobre os Martyres, uma nuvemsita de bistre se formava,—como um charuto, —horisontal, afilada e tenue. Das ruas um vago rumor crescia, surdo, fatigado. E n'esta luz breve e saudosa as ruinas lendarias do Carmo, erguendo as finas ogivas, resavam *trindades*, piedosamente.

Não se sentia segura a baroneza. Ladeirava ao

adulterio. Undava n'uma fluctuação quente de volupia, uma angustia sensual arrepanhava-a, larvas de tentações formigavam-lhe nos nervos. Debatia-se n'uma d'estas alarmantes situações, predecessoras d'uma falta, que abominamos, mas a que nos arrasta implacavelmente uma onda de desejo. Incerta do que fazer, perturbada, languida, deixou a janella e foi sentar-se ao canto, na poltrona de coiro, mordida polo olhar insistente de Eugenio e demorando o passo, lenta, meditando.

Mal que a viu ahi, o ephebo arrastou para o mesmo canto um tamborete e amarfanhou-se sobre elle aos pés da baroneza, astutamente, n'uma delicada submissão de pagem, humilde, timorato. Depois, meigo, achegando-se, a cabeça quasi nos joelhos de Elvira, as pernas colleando, e nos grandes olhos a mesma ternura dominadora e insistente, murmurou:

— Conte-me então alguma coisa... do que viu por lá, do que gosou.

— Que lhe hei-de eu contar?... — disse ella, sem olhar, com a voz molhada. — Fôsse até lá ter comnosco.

Dissimulava desenriçando com as mãos, sobre o regaço, uma meada de velhas sêdas que de acaso poisava sobre a mesa ao lado. Esta attitude pendente de attenção avolumava-lhe a amojadura crassa do seio; fazia-lhe refêgo no pulso a carne redonda do antebraço; e a moribunda luz do crepusculo doirava-lhe ao de leve sobre a orelha as mechas do cabello côr de cidra.

Eugenio, ganhando terreno, confiado, enardecido, arriscou um dedo no alcance d'um dos fios da sêda, repuxando... outro depois, e outro, e outro. — Queria ajudar... — Breve, tinha as duas

mãos entre as de Elvira, bedilhando. Então os dois applicaram-se, todos solicitos, n'um mutuo ingano, interessados, tremulos, a deslaçar a innocente meada que aquelle garatujar febril mais enredava. Juntava-os a mesma attracção physica; o mesmo pensamento criminoso e horrivel revolvia-os. Onde a onde, a baroneza, mimadamente, batia na mão de Eugenio, censurava: — Largue, largue, desageitado... ainda me atrapalha mais.— E d'ahi seguiam intimos contactos, gestos d'uma ousadia hypocrita, aproximações lascivas. Ou fitavam-se, paravam... um novo silencio se espaçava, eloquente, oppressivo e mórno, embaraçado... e os dois ficavam-se longamente, suspensa a vida, esquecidos, mudos, felizes... os olhos nos olhos, as mãos entre as mãos.

De repente, acordando, a baroneza arremessou longe o fio, endireitou-se, e n'um suspiro que era ao mesmo tempo um appetite e um remorso, observou:

— Demora-se o barão...

Um sorriso machiavelico franziu o bello rosto de Eugenio, ao explicar:

— Ah! esse não vem senão lá per essa noite fóra.

— Como assim!? — exclamou n'um sobresalto a baroneza.

E Eugenio insistiu, victorioso, perverso:

— Janta com o marquez... Encarregou-me até de o participar a v. ex.ª

— Palavra!?...

— Palavra de honra... — jurou o ephebo, unctuoso, o olhar insistente, muito de manso, porfiando com a sua cariciosa malicia em ateiar a perturbação, já visivel, dos sentidos de Elvira.

Ella ergueu-se de repellão, contrahindo as

mãos, alvoroçada, afflicta, o olhar metallisado e as veiasitas muito azues na face branca de cêra. Teve no emtanto a força de dominar-se; e chamando-se a todas as suas energias de burgueza, repetindo-se os dictames da honra conjugal, entrincheirada na rigidez dos velhos preconceitos, perguntou ao ephebo com um ar quasi offensivo de enfado, distrahidamente:

— E o senhor aonde vae jantar?

— Se me não puzérem fóra, — arriscou, levantando-se tambem, o perfido, com melluria, — farei aqui companhia á priminha...

— Como quizér... — deixou caír dos labios friamente a baroneza, n'um desprendimento calculado, n'uma desdenhosa e sêcca hostilidade.

E entrou na salêta dos serões, ao lado.

Fóra d'uma deploravel inefficacia aquella temporada na Figueira com o barão. Insufficiente para lhe delir por completo a lembrança de Eugenio, estava dando terriveis resultados o seu effeito contraproducente. Prolongada per mais algumas semanas, talvêz se tivésse a milagrosa cura operado. Assim, não: demasiado escasso, não tivéra o tempo ensanchas de affirmar a sua acção destruente. Em vêz de operar como antidoto, antes viéra reforçar o veneno. A fatal impressão amorosa resistia ainda, lá fundo, nas ultimas dobras da alma, vagamente debuxada: por fórma que agora, forte da regressão ás mesmas causas e reavivada da surpreza, ella ahi se erguia, irresistivel, com uma tyrannia perigosa e calida.

A baroneza sentára-se ao piano e corria o teclado com os dedos, atabalhoadamente. — Fraca valvula, impotente derivativo mechanico á plena agitação da sua alma. Não havia meio de uma melodia qualquer saír, distincta, nitida, d'esse

atoado picar das mãos entarameladas. Era abominavelmente deliciosa a commoção que a estrangulava. — Jantar com o marquez?... Oh! mas então tinha-o seguro... longe... até altas horas! — Applaudia-se e apavorava-se... Agitado, impetuoso e quente, systolava-lhe o sangue pesadamente no coração congestionado. Todo um mundo de ignoradas, de preadivinhadas e bôas coisas lhe fervia na idea, tumultuando. Um vivo e corrosivo sentimento a causticava, mixto de voluptuosidade e de susto, de medo e de prazer.

Eugenio, sem fallar, aproximára-se. Sentia os membros pêrros, corria-lhe uma nevoa ante a vista, ringia os dentes n'uma pontinha de saliva, imperceptivelmente, e doía-lhe nos musculos dos braços uma vontade de espreguiçamento. Subito, n'um impulso de tentação diabolica, aproximou-se mais e tocou com os labios em fogo a nuca da baroneza.

Elvira teve um salto electrico; e com a voz embargada e um zumbido estonteador no cerebro procurou voltar, fugindo, para o escriptorio. Mas já Eugenio lhe caia aos pés, tomando-lhe o passo, e inflammado, pequeno, murmurava:

— Perdão...

E ella, entre agastada e sorridente:

— Está doido!... Que quer o senhor fazer?...

— O que quero fazer?... Sei lá!... Quando muito, se o sei, a prima sabe-o tanto como eu...

— Socegue!... — aconselhou Elvira, evitando-o.

Porêm Eugenio insistiu, entrando empós d'ella no escriptorio:

— Sabe, sim, que lhe quero muito! immensamente!... com todas as véras do meu coração, com toda a soffreguidão da minh'alma, com todo o invencivel furor dos meus dezeseis annos!

— Então!... É o que eu digo, está doido.

A baroneza, agora a distancia do ephebo e parapeitada com o bufete, julgando-se segura, tinha gestos graciosos de incredula, abria o rosto em mômos provocantes de troça, e torcendo os braços e balanceando alternadamente o tronco sobre os pés irrequietos, casquinava risadinhas loucas.

Eugenio proseguiu, adiantando-se:

— Mas o que eu sei melhor que tudo isso... o grande segredo que me interessa e de que eu tenho a plena certeza, a inteira evidencia, é que tanto ou mais do que eu a desejo, me deseja a prima tambem a mim!

— Que idea!

— Ah! não pretenda negal-o... É bem manifesta, bem transparente a sua commoção!

Tinha torneiado habilmente o bufete, n'um pulo rapido, antes que Elvira achasse o tempo de se lhe escapar; e segurando-a polos pulsos, que beijava com furia, continuou n'um tom de voz cavado e ardente, n'uma energia recalcada e funda:

— É tempo, Elvira... Vamos!... Se assim é, se tão poderosamente um ao outro nos queremos, para que hão-de tolher-nos tolas considerações, melindres d'outro tempo?... Vamos! sejamos felizes um momento... Ambos novos, amando-nos... porque esperamos?...

A baroneza, sinceramente atterrada, debatia-se nos braços de Eugenio,— os olhos pavidamente abertos, uma humidade fria nas fontes, a testa ranilhada, os labios lividos.

— Por alma dos seus, Eugenio!... É horrivel!... Deixe-me!

N'um violento saccão de desespero, conseguiu soltar-se; e então, de longe, toda tremendo, implorou de mãos postas, offegante, espavorida:

—Tenha pena de mim!

—A prima é que ha-de ter pena de mim primeiro... É mulher...

E furiosamente perseguia-a pela sala, n'um incarniçamento selvagem, arredando, saltando os moveis, salvando os obstaculos, desfazendo as inoffensivas barricadas que a baroneza armava, n'um atropello de pressa e de receio, emquanto ia protestando:

—Deixe-me! deixe-me!... Quer-me obrigar a chamar alguem?

Mas não admittia delongas o despotismo viril d'aquella rubra mocidade. A caça á femea seguiu, sem tréguas nem quartel, em tortuagens de febre, implacavel, doida, n'uma gula de canibal, n'uma cega intransigencia, n'um sanguinolento furor de besta-féra.

Minutos durou assim, espiralando bizarramente o aposento a impulsos de fome e de pavor, este *steeple-chase* phantastico de duas sombras, desmesurado e incerto na penumbra do crepusculo. Por-fim a baroneza cedeu, vencida do sympathismo sensual, prostrada de fadiga. O ephebo alcançára-a novamente e adstringia-a contra o peito n'um fervido, n'um inclemente abraço. Dava-lhe aos musculos uma tempera de aço a rigidez impetuosa do desejo.—Inevitavel! —Elvira abandonou-se... Os olhos molharam-se-lhe, o rosto fêz-se mais pallido, os pés tartamelearam um instante na alcatifa, desfallecidos. Doíam-lhe os bicos dos peitos, tinha frio nas fontes, o coração parava-lhe... Cingida sempre por Eugenio, languidamente recumbiu sobre a *causeuse*... e supplicava ainda:

—Não! não! Eugenio... isso não!

Fóra, pela cidade, accendiam-se as primeiras luzes. O anonymo resfolgar da multidão resoava mais alto e mais limpo, como uma troça, na fresquidão da noite. No immenso empilhamento irregular dos predios as ruas cavavam-se como valas, — negras, direitas, fundas. E pela enxuta limpidez do céu, no occaso, a nuvemsita afilada e tenue avolumára, alastrando, opaca e rôxa, como uma grande nódoa.

XI

Desde esse dia uma phase nova se abriu, de commoções e turbulencias, na vida regrada e simples da baroneza. Como um golpe de luz, n'uma tela de Valasquez, chispa de repente a dar valor ás cahoticas confusões do claro-escuro, assim a ousadia mascula de Eugenio veio aquecer, pôr em pé, estramachar e tornar ferteis, vibrantes as modalidades d'aquella alma complexa mas baça de burguezita, cujos valores sensoriaes e affectivos, mercê das condições de educação e convivencia, se tinham té'li conservado nullos, espatinados, surdos. O ephebo foi da ancia latente de gosar d'essa branca mocidade o Galvani afortunado. A sua amorosa investida foi o revelador de quanta sêde de prazer bravejava ignorada na carne e no espirito da mulher do barão.

Porêm as primeiras horas que seguiram aquella brutalidade quente de adulterio amargou-as cruelmente Elvira n'uma passividade de assombro, n'uma oppressão de asco e de vergonha, n'um

parenthesis negro de tristeza. Media a pavorosa altura do abysmo a que havia resvalado, sentia-se desaprumada e rasa no charco da deshonra, criminava-se, odeiava-se... obsidiava-a de duras, de ferozes imagens, de tremendas retaliações tresnorteada a phantasia.

Depois, seguidamente, nos primeiros dias, o arrependimento, a afflicção e a dôr preponderaram.—Mas, santo Deus! como fôra aquillo?... Que coisa tão vil, tão sem razão, tão animal, tão torpe!... E agora eil-a ahi estava, acorrentada á vontade d'aquelle homem... e indigna dos seus, marcada, suja, perdida para sempre!...

A sua consciencia pautada e estreita de burgueza condemnava-a; as proprias solicitações, mediocremente sensuaes, do seu temperamento e a equilibrada abstenção do seu passado não se compadeciam com aquelle esfuseio de capricho adulterino, esmagavam-n'a de censuras, eram incapazes de comprehender, e de absolver portanto, o esoterismo implacavel da paixão, nem as vehemencias calidas do desejo. Por isso Elvira queria-se mal da cobardia dos seus sentidos, da sua acquiescencia criminosa. Não dava com os olhos no barão de frente; flagellavam-n'a crises pungentes, terrores, insomnias, frios, angustiadas convulsões de pesadelos. E cheia de remorso e de tédio, via a vida dos outros como do fundo d'um subterraneo moral, muito acima da sua, illuminada, longe...

Porêm tambem, a cada passo, a porção de azul e de primavera a que a sua mocidade tinha direito, crescia a litigar por ella. As inclinações naturaes absolviam-n'a. O goso, que anteriormente dormia em cada cellula, agora desperto e vibrante, reclamava exercicio, applicação, dispendio, vida.

No plebiscito inflammado de todos os seus nervos o amor vencia. Mal que o ephebo, a horas proprias, apontava junto da baroneza, ella atirava-se-lhe, tremendo, contra o peito apollineo, n'uma como ancia victoriosa e exultante, e collava os labios aos labios, sorvia-o, cingia-o, estrangulava-o, a desforrar-se, na cachoante exultação d'um magnifico instante de loucura, d'essa chateza dissaborida e mesquinha do seu viver anterior. Gosavam... E depois, dormente no abandono languido, feliz, na complacente lassidão em que os paroxismos do prazer nos amollentam, a baroneza tinha um sorriso doce, fatigado, demorava as mãos entre as mãos do ephebo, sentava-se-lhe no collo, afagava-o, olhava-o longamente, e a translucidez enxuta dos seus olhos apagava-se, deliquescia n'uma expressão empanada e humida, mixto de gratidão e de ternura.

Quando voltava a ficar só, passada a cegueira da excitação, mordia-lhe no coração a falta, pungia-lhe na consciencia, pesava-lhe no espirito.— Oh, era vilissimo!... Estava abaixo da infima rameira... Nunca mais! nunca mais! — Então afervorava n'um proposito firme de emenda. Chegava a pensar, na sincera impulsão do seu remorso, em adoptar qualquer meio de cura heroico, infallivel, subito... pedir, por exemplo, ao marido que não mais consentisse em casa o rapaz. Era até talvêz este o unico modo de esquecel-o e escapar-lhe: não o tornar a vêr...— Junto d'elle, era d'elle... não tinha vontade! — Mas logo, especiosamente, a sua forte paixão, estimulada, engatilhava duvidas, alevantava inconvenientes, avolumava perigos: — Como justificar um pedido d'esta ordem?... que imaginaria o Sebastião?... Podia levantar suspeitas... aclarar-se a verdade.

E forte n'esta sonsa dialetica, a baroneza hesitava e tornava-se a ficar, ventoinhando, entre a temeridade e o receio, entre a demencia e o dever. E de cada vêz que um d'estes parenthesis lucidos se fechava, com dobrada furia ao amante se entregava depois.

Déram mesmo em vir, com o tempo, mais e mais raros estes propositos salutares de emenda, estes nobres avisos de contrição. O amor da baroneza por Eugenio inraizou, converteu-se d'um accidente n'um habito, d'uma allucinação eventual n'um estado d'alma, enkistou-lhe no sangue e no desejo. Ella já quasi não reagia.— Estava-se deixando atascar, era uma verdade, n'um pégo de incommensuravel vilêza, na lama da ultima ignominia... mas, que remedio! Era o destino... O mal estava feito. Resvalava, sim... deixar lá!... Sabia-lhe tão bem!... Era um resvalo voluptuoso, facil per uma rampa de velludo.

Eugenio foi gradualmente, de sua banda, aquecendo e renitindo na frequentação amorosa da baroneza. A's audacias e appetites, proprios da sua fresca juventude, juntava-se a acicatar-lhe o desejo o irritante prazer d'estes amores clandestinos, o receio, a precipitação, a incerteza, o acirrativo travor da difficuldade. Sempre que podiam, os dois amavam-se sem reserva, dias e dias de seguida, afastando o barão, distrahindo os creados, de dia ou de noite, no primeiro minuto que podéssem subtrahir ao chorrilho habitual da vida, —com uma frequencia, um furor, uma plenitude e uma audacia que passavam as raias da demencia.

Já saboridamente os jungia a mesma cumplicidade adulterina. Para desviar suspeitas, nem sempre o ephebo vinha, —havia concertado com

Elvira, — lisamente e a descoberto pela porta principal. Mandára fazer uma grande chave, que servia no portão de ferro do jardim, abrindo para o largo do Caldas. E nas noites em que o barão dava indicio de que recolheria sobre o tarde, logo Eugenio, avisado, entrava cavidamente, á surrelfa, per esse lado. A baroneza haveria tido préviamente o cuidado de ir tirar ao portão, do lado de dentro, a chave, para que a do amante podésse ser introduzida e servir. Egualmente haveria deixado cerrada, ao entrar em casa, e apenas co'a tranqueta no descanço, a porta envidraçada, que dava para um corredor estreito, aberto entre a sala de jantar e a copa, inferiormente aos aposentos de Elvira. D'ahi uma escadita em helice communicava com elles, pela qual o ephebo então subia d'escape, surdo, veleiro, a respiração suspensa e os pés aflorando n'uma aphonia d'espectro a passadeira de *juta*, mandada deitar de proposito.

Eugenio não largava assim pé de casa do barão; tornára-se em S. Christovão d'uma assiduidade compromettedora, que seria alarmante para olhos menos cegos que os d'um marido. A Esther queixava-se... E Elvira, torvelinhando improvidamente na espiralagem do vicio, cada hora parece que mais se inflammava no amor por Eugenio. Não era só a logica attracção carnal de duas mocidades; era principalmente uma fascinação diabolica, irresistivel, effeito d'esse embriagante mundo de ignoradas delicias, de extranhos refinamentos, de finos preludios de deboche, que o ephebo lhe viéra ensinar.

Por forma que Eugenio tinha agora sobre ella um imperio de tyrannête imprescindivel.

Predestinadamente collocado entre estas duas manifestações esthesiantes de ventura, tambem o

corno do barão rejubilava. Elle incontrava sempre agora Eugenio bem humorado, e mocanqueiro, alegre, complacente como nunca; via por egual Elvira alegre, estouvadita, facil... comendo bem, mansa de genio, permittindo-lhe contactos demorados; via-a feita uma exemplar dona de casa e uma esposa intelligente e carinhosa, já sabendo dar a tempo o valor a um abraço, já sublinhando a primor a intenção d'um beijo, e dispensando-lhe graças, afagos, mimos que positivamente o incantavam pola spontaneidade e polo desuso. Era o essencial, este ambiente luminoso e tranquillo, ás suas preoccupações de sybarita. — Um viver de principe! se arreliadoramente lh'o não agorentasse de quando em quando a falta de dinheiro.

E assim n'este triplice commercio de amor, clandestino e commodo, as semanas, os mêzes fôram correndo, paradisiacamente. Eugenio liberava aos dois esposos com fartura, por seu modo e cada um, a capitosa guloseima da sua mocidade. Contrariado um pouco, ás vêzes: as ternuras acres do barão eram-lhe em certos dias insupportaveis; a propria baronezita, cujas propriedades estimulantes se tinham com a frequencia embotado, massava-o tambem um tudo-nada; e, para mais, ainda havia de supprir depois em casa, quer quizésse, quer não, ás exigencias calidas da Esther. — Demasiado trabalho, para um homem só... Embora! Não lhe ia assim mal a vida. Todos temos de soffrer alguma coisa... Nem tudo podia ser pão com mel.

A' baroneza não raro acontecia rebellar-se contra si mesma. Não quadrava esta vida de sobresaltos ao seu temperamento pacato de burgueza. — Queria o amor, sim, mas um amor pautado, cadenciado, á hora, um amor militarmente regu-

lamentado como as horas da comida, prudencial, discreto, hygienicamente intervallado de repousos Aquella trapalhada assim de incontros subitos, ao acaso, pelos cantos, agarrando a occasião pelos cabellos, não era para as suas forças, dava cabo d'ella... Nada! assim, não queria mais. — Mas aqui comparava a pelle arida e os modos sêccos do marido com as dengues mimalhices e a epiderme pennujosa do ephebo, e logo mandava ao diabo a hygiene, a prudencia, a moral e o dever.

Chegava Eugenio; tinham uma scena de amor, de cuja vibração a resonancia ficava tinindo longamente, e cuja despotica impressão, cuja impressão ardente a baroneza todo o dia guardava na medulla dos nervos, religiosamente, fugindo de fallar e de pensar, na meia luz do *toilette*, innovellada nos sophás, cerrando as portas; e á noite, quando recolhida á alcôva, ella despia-se de manso, com geitinho, os olhos meio cerrados n'uma concentração voluptuosa, e poisava a cabeça muito ao de leve no travesseiro... não fôsse algum movimento mais forte desarranjar a graciosa filigrana de amor que lhe afestoava a alma.

Depois vinha o barão, mais tarde, tambem de ter estado com Eugenio. Deitava-se, sem dar palavra á mulher, todo na galvanisação do goso recente. E então, no silencio tepido da alcôva, sôb a luz topazina da alampada, os dois esposos, a cem leguas um do outro, adormeciam, emquanto as suas imaginações galopavam parallelamente no impulso das commoções do dia, e cada um visionava no escuro das palpebras trementes a mesma imagem loira do ephebo, subjugando-lhes a carne e illuminando-lhes os sonhos, radiosa, divina e quente, obsessiva.

De breve duração foi porêm para a baroneza este *halo* de prazer, esta lua de mel do crime, este como que estado de graça no peccado. Asinha entrou com ella o fastio cruel da dissimulação imposta. Soffria a torturada existencia dos casamentos cincados, da polymutuação amorosa, das ligações trahidas. Era uma ininterrupta successão fatigante, subversiva, de expedientes, ardís, infamias, dolos; de burlosas mascaradas de virtude, perante o mundo, e, no mysterio môrno das alcôvas, de estadeações de luxuria crapulenta. Entre a hypocrisia tediosa da sua affabilidade em publico com o marido, e os criminosos desvarios a occultas com o amante, a sua natureza imprevidente e frivola ia-se amparando claudicante; ia arriscando instaveis, falsos equilibrios, cortada de sobresaltos, picada de extranhos gosos, atropellada de receios.

A sociedade murmurava... D. Leonor tinha aventurado, entre *ukases* de modas e novas de theatros, a sua aresta de conselho: — não désse tanta confiança ao rapaz... não era bonito... tornava-se reparado. Podia ser amiga d'elle, conservando sempre as distancias. — Horacio Martins exaggerára sensivelmente o seu mutismo de mollusco. A sr.ª Reodades deixára de ir, com a filha, visitar a baroneza. Xavier da Camara, não obstante os melindres da sua situação com respeito á familia de S. Christovão, fazia gala em pregoar — que não havia duvida, via-se obrigado a confessar, fôra supplantado... e por um biltre *que lhe fazia vergonha!* — A D. Placida tudo era fallar muito agora em Alipio, deante de Elvira, de cabeça alta e risinho esperto, no claro proposito de confrontar situações. A propria sogra do barão sentia crescer-lhe o odio instinctivo que sempre

desde o começo votára ao ephebo, e com o seu olhar de mãe experiente como que ia soletrando, aterrada, nas feições e nos modos, a patente viciação da filha.

Fóra da roda dos intimos, pelos theatros, pela rua, nas praças, na selvageria ingravatada e mesquinha dos salões, não era raro que, propositalmente ou de acaso, alguma ponta de phrase hervada viésse alfinetar Elvira, azulando-lhe as arteriolas da face e fazendo-a córar. Portas a dentro, não largava os dois de vista o pequenino olho esculdrinhador da Dorotheia, cerbéro terrivel, cujo peregrino instinto de alcaiota desde logo fariscára o escandalo e toda a concomitante mina de fortunas que da sua bem regulada exploração poderiam advir-lhe. — Que rica coisa, *se adregasse de os pilhar* com a bocca na botija!... Tinha pão para o resto de seus dias. — D'ahi a insistencia feroz na espionagem.

Tudo isto trazia a baroneza n'um destrambelhamento exasperado e morbido; tudo conspirava em pól-a cada vêz mais deploravelmente á mercê dos caprichos e imposições do amante.

Bem o conheceu elle. — Servia-lhe.

Por um esmaír de tarde de dezembro, lutulenta e fria, conversavam os dois, sentados na *chaise-longue* da saleta, muito juntos, n'um largo abandono, macio e confiante. O dia ia findar, carrancudo e aspero. Chovia. Bastas cordas de agua zimbravam do sul contra as vidraças, ouricando os flancos da nevoa opaca e baixa, que fundia a claridade do alto, mais tenue tornada ainda no recinto pola sombra da grande magnolia do jardim. — Hora confidencial e conchegada, hora amiga, hora tolerante... hora a escorrer, como a nevoa que a rua envaginava, melancholia e ter-

nura... hora convidando á confessiva expansão das coisas mais intimas e ás molles dulciturras do prazer.

Eugenio, meditativo e curvado, a cabeça entre as mãos, amofinado, mudo, parecia debater-se n'um embaraço, vergar a uma tristeza. Elvira observava-o com interesse.

— Mas que tens tu hoje, meu tonto? — interrogou ella, com meiguice, levantando com a sua pequenina mão, repolhuda e alva, a testa do ephebo.

— Nada... — murmurou elle arteiramente, recalcando para entre as mãos a cabeça, n'um suspiro largo de reticencias.

— Não és franco... — insistiu Elvira com amor. E, afagando-lhe os crespos do cabello: — Anda, dize lá...

— Acanho-me...

A baroneza ergueu-se e afastou-se, a pôl-o á vontade; e já longe, fechando o piano:

— Tens precisão d'alguma coisa? — inquiriu, sem se voltar.

— Talvêz...

E como a baroneza désse em vaguear alheadamente pela quadra, n'um tacito incitamento á confidencia, o rapaz arriscou baixinho, depois d'um silencio, n'um bem simulado gaguejo de confusão, suspirando sempre:

— Não vês o tempo que está?... E eu sem um agasalho!

— Pois é só por isso!? — chilreou alto, batendo as mãos de contente, a baroneza.

N'um pulo estava junto ao contador de téca, do qual abriu uma das gavetinhas. Saccou de dentro algumas notas do Banco, e passando-as disfarçadamente, entre dois beijos, á algibeira do ephebo:

— Por tão pouco, não vale a pena amofinar!

Depois fugiu logo, leve, afogueada, ás consequentes effusões do agradecimento, e, tocando uma campainha:

— Dorotheia! traga luz.

Quando, horas depois, a sós, ella reconstruia a scena saborosamente na imaginação alvoroçada, um nobre enthusiasmo ideal a calafriava, aquecia-a um rubro e largo invaidecimento, latejavam-lhe no coração perspectivas sideraes, poemas de dedicação, energias novas, e n'um delicioso insopamento a alma lhe deliquescia, transfundida e grata. — Grata, sim... porque, positivamente, ella nunca em toda a sua vida, — fizésse o que fizésse! — conseguiria agradecer capazmente a esse bello rapaz o ter-lhe assim fornido um meio, tão insignificante, tão simples, mas, em summa, um meio incontroverso e pratico, de ella lhe mostrar quão incondicionalmente lhe queria, e de como sem medida o amava... inteira, absoluta e desinteressadamente! — Com diamantina evidencia Elvira sentia que, na dobrada proporção do beneficio, a sua paixão polo rapaz crescêra. Vae tão bem com o amor a generosidade!... Esta primeira impulsão dadivosa annunciava-se o prodromo d'um degradante resvalo de passivismos, renuncias, sujeições, baixêzas, que a propria etiologia d'aquellas relações gestacionava, e que já no intimo afagava, a formigarem-lhe no desejo, a baroneza. Ia a vida exsolver-se-lhe n'uma quéda de meteóro, brilhante e ephemera. Rojamentos de reptil e altaneios de aguia. O sentimento mais e mais a sublimar-se, e a arrastar-se-lhe cada vêz mais charramente o nivel da vontade.

Da sua parte o ephebo, enardecido polo resul-

tado excellente d'aquelle primeiro saque, para logo resolveu continual-os. Para mais, o barão déra agora em somitego, — o raio do diabo! Apanhar-lhe uma *lamira* era negocio de costa acima. Já tinha chegado a dar-lhe só *chelebre,* [1] o indecente!... Mas não tinha duvida; lá estava a mulher p'ra pagar as differenças. — E com o mais lascarino, o mais turpuroso e infame dos cynismos, ahi se deu este devasso trampolim, astuto biltre sabido em manhas de *souteneur,* em alcavalas de bordel, a pedir a miude dinheiro á baroneza.

Estava-lhe o papel bem na corda. Antigo rufião da Mouraria, cobardoso chatim de carne branca, esconso explorador de prostitutas; não conhecendo do amor senão o lado mercenario; afeito a pelintrar forrageando nos harens carimbados do Bairro-Alto e a lamber ás amantes o dinheiro dos freguezes, ia naturalmente e de instincto este escanzello moral forrando-se em bom dinheiro de contado dos fumegantes regalos que ao seu sangue florescente aprazia liberar co'a mocidade incauta e frivola da pobre creatura.

E a dulcerosa labia, o fino machiavelismo, o melado aranzel de artimanhas e mentírolas que o patife desperdiçava no desdobramento canalha da sua industria! Valia vêr como exuberava de prodigiosos recursos, de lampejos geniaes, de demosthenicos raptos a sua strategia lasciva. — Eram solertes invenções, mimalheiras, supplicas, amuos, preces; caricias ineditas, esquivanças a tempo, syllogismos de beijos, dilemmas de fogo; eram agastamentos adrede preparados para fazer valer o effeito da reconciliação; era o franzino carcaz do amor tornado ao manejo d'este presti-

[1] *Cobre,* em calão.

mano insigne uma copa inexhaurivel de captivantes eloquencias, um demoniaco arsenal de blindadas seducções, de persuasivas e adstrictoras garras.

Tudo isto ao desbarato, por luxo, no fim de contas; porque Elvira, desnorteada, feliz, n'uma facilidade manante, n'um desprendimento sem jaça, n'uma alegria passional e ingenua, ia dando, dando sempre.— Primeiro o producto das suas economias: massinhos de notas do Banco, velhas moedas de oiro, pequenas pilhas de libras, de corôas, de meios tostões novos, que ella conservava disseminadas ao acaso, com as joias, pelos moveis, em cofresinhos perfumados; depois, successivamente, o producto da venda de coisas suas com uso,— vestidos, abafos, corpinhos, saias, sapatos com uma engelha, chapeus fóra da moda, —coisas que ella já não vestia e que com certas reservas ia curando de mandar vender.

O proprio Eugenio se dava solícito a suggerir-lhe o desfazer-se de tal ou tal objecto. Acontecia, uma ou outra vêz, elle censurar para a amante, com o ar desgostado e frio:

— Ainda põe esse vestido?... Fica-te tão mal! p'ra que queres tu isso?...

E o vestido no dia seguinte era vendido, e o ephebo colhia o valor gafo que lhe arbitrára o mercado.

Mas esta segunda mina esgotou-se tambem a breve praso; correu rapido este *index* summario nas roupas de sobrecellente; deu quanto podia dar a pelintragem d'essa romaria offertoria de coisas gastas, destinctas, sujas, per lojas de adelos, caixas de theatros, pateos de fabricas, e escadas de lupanares. E aqui a baroneza a vêr-se desesperadamente empalada entre as exigencias

do amante e o aperto de satisfazel-as, entre a vehemencia incondicional do seu desejo e a difficuldade summa de o realizar! A termos que um dia chegou finalmente em que ella metteu mão, para aquietar Eugenio, no dinheiro que o barão dava para as despezas da casa.

Foi este para a baroneza um dia atormentado e negro, um dia de expiação, um dia de remorso. Ré convicta do roubo, e roubo feito nas mais odiosas condições, Elvira tudo era increpar-se, invectivar-se, ciliciar-se moralmente, e de seguida afervorar n'um liso programma de castigo, n'um claro plano de correcção futura.—Seria sem exemplo!—Mas o ephebo era cruel, egoista e teimoso, insaciavel; accendia-lhe, para mais, a audacia e açulava-lhe a gula esta mesma satisfação, facil, prompta, dos seus crescentes appetites.—Se elle nunca apanhára tanto dinheiro junto! Assim, as exigencias amiudavam-se e atropellavam-se, n'uma serie atordoante e acre, n'um catadupar de febre inflexivelmente; era pavorosamente larga a sofreguidão do ephebo; e a baroneza submettia-se.

Vinham de occasiões sacudil-a, nos raros momentos lucidos, furores de emancipação, impetos de odio, flammejos subitos de revolta. Então resolvia correr de vêz com esse pulha, esse carraça, esse infimo cobardão, o mais desprezivel typo do *chupista!*—E acontecêsse o que acontecêsse... estava farta!—ella assentava, prompta a arrostar o escandalo, na arrogante imprevisão das consequencias, corajosa, despejadamente. Porêm, na primeira entrevista, a virilidade robusta e gracil do ephebo subjugava-a de novo; n'esta mesma sujeição, acidula e aspera, a sua feminilidade achava um bom motivo voluptuoso; consequente, voltava a atonia da vontade, e a adultera recaía na

sua bruta resignação de escrava, na sua dôce submissão de cadella contrariada, na sua passividade de irracional, dolorida e mansa. E ahi tornava a verter tresloucamente a mãos plenas o dinheiro, arranjado fôsse porque fórma fosse, para dentro d'esse abysmo incogulavel, que tinha a porosidade inverosimil da esponja e a estonteadora vastidão do mar.

D'onde, as falhas, os embaraços, os alcances, as pequenas economias ridiculas, — manteiga nacional em vêz da ingleza, os ovos comprados fóra de portas, o assucar mais barato trinta reis em kilo, — e debitos nas lojas, atrazos aos creados, questões com a lavadeira, pedidos de dinheiro antecipados, incessantes ao marido, fóra de tempo e de proposito.

Como visse crescêrem assim d'um modo inusitado e illogico as despêzas da casa, o barão repontou um dia:

— Que diabo fazes tu ao dinheiro?... Entráste p'r'alguma Sociedade de beneficencia, ou subscreves tambem com tua esmola mensal p'r'o Papa?

Elvira torcia-se de dôr e de vergonha, sem responder, confrangida, em brasa.

Ao vêl-a tão manifestamente incommodada, logo o marido acudiu bonacheiramente: — que não a queria mortificar... porêm a verdade era que, polo mais estupido dos azares, vinham agora incontrar-se as velleidades perdularias d'ella com um deplorabilissimo estado economico da sua casa! — E serenamente, risonho quasi, n'uma resignada ironia, sem a mais leve suspeita da torpissima voragem que lhe tragava os rendimentos, o barão aclarou:

— Devo contos de reis... Estão vencidos juros

e juros das hypothecas dos nossos predios, aos Anjos... o Banco inabalavel... e eu sem um real para os pagar!... Nem vejo furo nem meio de arranjar decentemente as coisas.

—Têem então de ir á praça!?

—É provavel... De mais a mais, da provincia não vêm um chavo!

—Pois ainda não é tão pouco o que devem!

—A quem o dizes! Mas então o que queres?... Os meliantes não só não pagam rendas nem fóros, mas ainda em cima me estão constantemente a fazer requisições de dinheiro!

A baroneza ouvia pavidamente, agora lívida, fria, grossa a lingua e os labios hirtos, tetanisada de remorso. N'um exforço, observou:

—Tens tanta confiança no sr. procurador...

—Ah, não! foi tempo...

—Bem t'o tenho eu prégado!

—Esse patife ou é um imbecil completo, ou um desaforado gatuno!

—Porque não vaes lá?... porque não escreves, ao menos?

E o barão, contente de illudir o seu desleixo n'um assomo de brio fidalgo:

—Eu não me correspondo com ladrões!

A implacavel nitidez d'esta revelação deixou ferida do mais agudo terror a baroneza. — Estavam portanto a dois passos da ruina! A logica das cifras era inexoravel... Mais dia menos dia, em breve iam vêr-se fatalmente sem recursos, sem credito, sem capitaes e sem dinheiro!... E o seu nome pregoado em leilões, feito almoeda... o seu nome grotescamente appenso ao pelourinho da miseria! E isto tanto por culpa do desmazêlo, do abandono, da inercia, da incorrigivel feição dis-

sipadora e da absoluta insciencia administrativa do marido, como tambem, e em bôa parte, mercê das suas nímias condescendencias, das suas quantiosas e repetidas dadivas, dos seus esbanjamentos vergonhosos... Mas isto podia lá ser!... Que enormidade de escandalo! que alegrão, que festa, que troça, que debandada dos amigos! que falcatruoso desabar perante a sociedade!... Nada! antes a morte!... Era preciso marchar afoitamente de incontro ao perigo, soffrer pequenas privações, abafar appetites, supportar contrariedades... tudo para resistir á bancarrota, para travar a quéda, para conjurar a miseria imminente do dia de amanhã... Oh! certamente, ella agora ia fazer-se poupada devéras, — d'esta vêz era uma resolução inabalavel, — ia fazer-se uma *unhas de fome*, — veriam! — como um prégo! a começar nos gastos comsigo e a acabar nas dissipações ao amante.

Passados dias, veio este e pediu-lhe com instancia duas libras. Elvira escusou-se: — na occasião não tinha... nem lhe era possivel obtêl-as assim de prompto. — E ante a dura incredulidade do ephebo, ella insistia na negativa: — Pola sua saude! não tinha... podia acreditar. Acaso já alguma vêz a tinha apanhado em mentira?... — A justificar a recusa, gesticulava, aquecia, improvisava, amparando no artificio o seu proposito leal de resistencia; ia buscar bolsinhas, bocêtas, cofres que abria á vista do ephebo, estoica, resolutamente; inventariava róes, caçava pormenores, detalhava despêzas, esvasiava gavêtas, puxava o fundo ás algibeiras; e — Não te dizia eu! — epilogava ao cabo do abjeccional varejo, afogueada, séria, admirada e contente do seu animo.

Ora Eugenio havia para aquella mesma noite combinado uma *frescata* ao Dafundo. Ia a Esther,

e umas hespanholas c'os amigos. Não queria fazer de pelintra; tinha absoluta precisão do dinheiro. Não desistiu, portanto; antes mimadamente recorreu a toda a casta de sortilegios galantes, no fim de vêr se lograva deferição ao seu pedido.

Baldo empenho! Hermeticamente fechada no seu bronzeo plano de defèza, Elvira foi inflexivel. O espectro da fome vigorava-a. Digna filha agora do Migueis mercador, ardilosa e sovina, recusava sempre. — Não pósso! hoje não pósso! já te disse... — tornava ella, a cada novo assalto de Eugenio, já n'uma ponta de exaspero. — Não tenho, bem vês... tem paciencia... Arranja-te como poderes.

Então, ante esta renitencia arreliadora e imprevista, o ephebo, corrido de ira, picado no seu orgulho, mudou de tactica: veio e estacou, de pé, á frente da baroneza, e bamboando cynicamente o busto sobre as pernas em compasso, as mãos juntas no ventre, o olhar acerado, hostil, e nos labios uma leve crispação de ameaça, insinuou:

— Que remedio tens tu, senão dar!

O effeito foi fulminante. A' infamissima intimação, Elvira cedeu, estarrecida; tomou-a uma cobardia indominavel; toda a sua coragem tombou, como a um vento de neve, inanimada, fria. N'um momento de allucinação terrificamente visionou a sua falta, gritada ahi, bem alto! aos quatro ventos... e o escarneo do mundo, e o desprezo dos paes, e o odio e a maldição do marido! — Então ergueu, a tremer, para Eugenio um olhar implorativo e humido; e como lêsse nas feições do ephebo a mesma dura expressão de intransigencia, n'um salto esfusiou da *chaise-longue*, entrou no *toilette* ao lado, d'ahi a instantes voltou

com um pequeno escrinio de velludo, e atirando-o para cima da mesinha de xarão, n'um arremesso de insulto:

— Toma, anda! vae-o empenhar.

Logo o ephebo colheu na algibeira o cofresito, rodou vagaroso, altivo, e saíu monologando: — Hasde dar tudo! — com um sobrecenho de imperio e um risinho triumphante.

D'ahi a instantes entrava D. Jacintha; e como incontrasse a filha ainda toda vibrante da scena anterior, n'uma d'estas desordens moraes, n'um d'estes desconcertos de alma que as expansões mitigam e que docemente reclamam sempre um derivar de confidencia, então deu-se arteiramente a assedial-a, colhendo-a n'uma intima inquirição, entre aspera e affavel, habilmente intervallada de conselhos, bravatas, interrogações, censuras, e toda lisamente apontada ao proposito de apurar a verdade sobre essa lenda escandalosa de adulterio.

— Ha muito que andava para lhe fallar em certas coisas, e sempre a addiar, a addiar... tinha repugnancia... Mas, já agora, alguma vêz havia de ser... Per ahi rosnava-se... com o Eugenio... Não lhe dava novidade nenhuma... E ella achava-lhe sua differença... mais magra, tristonha, distrahida... Mas não acreditava! Ou ella não fôsse sua filha! ou não tivésse sido educada por quem foi... Infeliz, era o que era... Já com o Camara... Nem esses disparates tinham geito nenhum! Era feio; e p'ra quê?... Isto os homens, peralvilhos, velhos, garotos, ricos ou pobres, gordos ou magros, com franqueza, na cama eram todos a mesma coisa... Uma mulher podia ser o seu bocado tolêta, gostar de agradar... mas sem esquecer nunca o que deve á sua decencia.

Isso nem o mundo o consente, nem vale a pena... Que elle, ás vêzes...

E assim n'este palavroso apontoado de insidiosas estimulações á confidencia, quando D. Jacintha viu que a filha, anesthesiada do aranzel, escutava já passivamente, aventurou:

— E' verdade, ou não é?...

Por unica resposta, Elvira atirou-lhe contra o collo a face, n'uma explosão de soluços.

Então a mãe a lamuriar:

— E's os meus peccados, filha!...

E opprimida e transida por esta tacita revelação, a bôa da matrona tudo era suspirar, impar, persignar-se... e acariciar com as mãos sapudas e afogar na immensidade molle do seio o rosto da baroneza, que chorou longamente.

Parallela com a mordente agitação e a torturante angustia moral da baroneza, uma outra febre de tortura se desdobrava em S. Christovão, atormentada e sofrega, em cujas tortuosas volutas rabidamente esfuriava uma tragi-comica epopeia de astucia, de calculo e de crueza.

Coherente na actuação dos seus odios de casta, movida d'uma curiosidade insalubre e esperta ao aguilhão do interesse, Dorotheia perseverava ardidamente na perscrutinação do escandalo, na devassa incessante, pertinaz, d'esse desaforado crime de adulterio, que ella ali presentia pompeando, regalado e impune; resfolgando, vivo, seguro e quente, sôb o mesmo tecto aonde se arrastava a sua vida de serviçal, escravisada e mesquinha. Queria apprehendel-o, caçal-o, segural-o, havel-o nas mãos, bem obediente e bem palpavel, de fórma que lhe fôsse então facil e util ma-

nejal-o, como instrumento e como industria, como titulo commercial e como arma de vingança.

Por isso ella não desatremava da pista, insistente, marruaz, sempre á espreita; firme e impassivel como uma sentinella, e implacavel, muda e tenaz como uma sombra; fertil em manhas de raposa, em serviços e attenções com fundo falso, em expedientes insidiosos; cingida em colleamentos de cobra aos mais intimos detalhes do viver da baroneza; seguindo a vida commum dos dois quanto podia, entrando supito nos aposentos onde elles estavam, pondo signaes nos moveis, revistando roupas, vasculhando os cantos, escutando ás portas; atravessando-se, intromettendo-se, impondo-se, affirmando-se, com um apêgo, um descaro e uma audacia que chegava a impudencia. Por isso ella aferradamente lidava no empenho de alcançar qualquer indicio, — uma ponta de cigarro, um fio solto de cabello, uma nódoa, uma préga suspeita, um molde de cabeça n'um travesseiro, uma engelha na colcha da cama, a deslocação d'um movel, o arrastado d'um tapete, — um signal qualquer, em summa, embora mínimo, certo e evidente, que lhe assegurásse o exito, que lhe garantisse a victoria no presente e a subsistencia no futuro; cuja posse a habilitasse a formular as suas exigencias com imperio e a fundamentar com altaneria o seu desprezo.

N'esta faina de inquirição chegava mesmo a sua strategia odienta a improvisar ardís, a tecer armadilhas, que, estalando desprevenidamente no suspeitoso cuidado da baroneza, de relance a levavam a instinctivas aclarações, a irreflexivos trahimentos, a ingenuas pontas de revelação, denun-

ciativas, graves, de que breve lhe vinha a cognição e o arrependimento.

D'uma noite em que a creada desconfiára que Eugenio se tinha occultado,—e era verdade,—n'um dos quartos da casa, não sabia qual, ao entrar com a baroneza no *toilette*, soltou de repente um grande grito de susto, com os olhos pavidamente apontados á orla d'um reposteiro.

—Ai! credo, senhora! aquillo que é?...

—O quê, mulher!?...

—Pareciam-me uns pés de homem...—explicou, tendo-se affirmado, fazendo já de tranquilla. E, dizendo, notava que Elvira se incostára, livida, ao marmore do toucador, e continha n'uma ancia o coração dentro do peito.

Manhã em que fariscasse, nô esmero galante do vestir e no festivo garrulejar da baroneza, que havia entrevista aprazada, então ella fazia gala de por sua conta e risco lastimar, com um soberbo ar merencorio:

—Ai! senhora... não é hoje que temos por cá o sr. Eugeninho.

—Então?...

—Mandou dizer que não podia... Está muito doente!

A baroneza ennublava, arrefecia; crispava-lhe, humedecia-lhe os olhos um dolorido espanto. E mais d'uma vêz aconteceu depois, no momento justo em que ella ordenava fôssem saber do ephebo, entrar o rapaz, sadio, alegre, e logo a Dorotheia gaudiosamente registrar um bello sol de alvoroço e de jubilo balhando nas feições da baroneza.

Mas nada d'isto bastava, nada a satisfazia. Faltava-lhe um testemunho concludente, uma prova de fé, um pequenino signal que fôsse, mas pre-

ciso, cabal, inconfundivel, que lhe entregásse nas mãos a trama do segredo e lhe espalmásse sôb o chinello a honra da patrôa. — E os dois manobravam que era uma raiva!... Não havia meio!... Com que destrêza, que sorte lhe frustravam os manejos, lhe davam em terra com os planos, lhe torneiavam as emboscadas! Eram dignos d'ella os taes meninos.

D'ahi, teimava, dava-se a pêrros, desesperava-se... ao par que Elvira, n'um desassocego mordaz, se desesperava tambem, parallelamente.

Entre as duas amiudavam-se as contendas, estalidavam os conflictos; frisavam-se, a proposito de nada, constantes ralhos, incompatibilidades, crises; minazmente se incastellavam os prenuncios d'uma ruptura perigosa, imminente, inaddiavel. E as contingencias de risco amontoando-se. — D'um instante p'r'o outro, vinha aquella atrevida, apanhava-os... e estavam perdidos!

Com Elvira, assim o receiava tambem Eugenio. A ponto que os dois accordaram que seria prudente, quanto antes, despedir a mulher.

Isto propôz a baroneza ao marido, a pretexto de economia.— Podiam muito bem passar sem ella... e sempre se poupava alguma coisa.

O barão, que nunca pudéra afazer-se á fealdade e ao mau feitio da repellente creatura, acquiesceu promptamente.

— Ora até que emfim te vejo farta d'essa megéra! — acudiu radioso, n'um allivio de artista que se sente fôrro de tornar a vêr uma coisa aborrecivel.

E acrescentou: — que sim, que estava de accordo em despedil-a... mas havia de ser p'ra já!

Intimada a deixar a casa, adolesceu de puro enraivada e surpresa a Dorotheia. Ia tendo uma

syncope. Na subita violencia do pasmo e do sobresalto, baralharam-se-lhe as ideas, uma onda de cholera engurgitou-lhe o animo, um vento de insania lhe varreu o espirito tacanho e sordido. Viu-se no momento impotente, lograda, desarmada; sentiu a fortuna escapar-lhe, escorregar-lhe das unhas, irreparavelmente! Então teve um rugido de fera colhida no laço... e o coração ascuando n'um fogo de exterminio, e a subir-lhe uma osga indomavel, verde de pôr p'r'ali tudo em pratos limpos! perder o medo e desmascarar, afocinhar, achatar bem na lama essa lambisgoia descarada.

Reflectindo, porêm, não tardou que não visse no acontecimento a acção defensiva da baroneza. Contraminava-lhe a obra.—Era de esperar... Salvava-se a tempo, o *estepor!* Só c'um diabo!... Raio de farcista!—Reconsiderou, conteve-se.—Fallar, agora, p'ra quê? que ganhava ella com isso?... A *moinanta* havia de ter tomado as suas precauções... Não a acreditavam; não lograria mais que o gostinho do estardalhaço... E o garoto era capaz de lhe dar uma sova!

Mandou-lhe a baroneza offerecer—que podia continuar a estar, até que arranjásse outra casa. —Não acceitou.—Queria-se ir no mesmo instante!—E emquanto arrumava o magro espolio no bahu, a trôxe-môxe, toda aos suspiros, espremida em silvos de reptil espesinhado, gemendo lamentações, regougando improperios:—Não as perdia! —accentuava; ia meditando vagamente o seu plano de desforra.

Já no escriptorio o barão, ao fazer-lhe as contas, explicava:—que a mandavam embora, não porque contra ella houvésse qualquer motivo de queixa ou de desgosto, mas simplesmente porque não

era indispensavel... podiam por agora prescindir dos seus serviços.

A matreira, que ouvira, de labio pregado e olhos baixos, o tuberculo gretado do nariz branco de cêra, então gaguejou docemente, recalcando a primor a onda que lhe bravejava lá dentro:

— Faz muito bem, sr. barão... Olhe, costuma-se a dizer, e é uma palavra muito direitinha, que isto n'uma casa, quanto menos olhos, melhor...

E dardejou d'esconso um viperino olhar para Elvira, que, amalhoada de terror, vergou nas pernas, tremulando.

— Que quer vossemecê dizer com isso? — interrogou o barão, intrigado.

E ella, sem responder, como se não tivera ouvido, muito cortêz, toda humilde, a cuia em riste sobre o *occiput*, seguiu caminho da porta, apenas resmuneando velhacamente, com um compungido pendular de cabeça, n'uma simulação theatral de piedade:

— Mal empregado senhor!

XII

Deu a insinuação seu natural effeito. Destramente exgregada e vertida na desabusada confiança do barão, achou facil e ageitado campo ao seu veneno a babugem roaz da alcoviteira.— Mal empregado, elle?... E aquillo dito com que modo! com uma tão compassiva expressão... como que a avisal-o... Era singular! Mas avisal-o de quê, no fim de contas?... Tolices! — E o barão, contrariado e frio, diligenciava esquecer o incidente, cerrar ouvidos á cavillosa cantilena, restabelecer-se, tranquillisar-se; e com a sua versatilidade egoista e o seu systematico fugir a coisas pondorosas teimosamente lidava em afastar essa arreliativa nevoa de suspeita.

Mas a maligna insidia tinha caído a proposito. Minuto a minuto, mau-grado o exforço em contrario, a suspeição voltava; e a sua acção corrosiva ia no animo do barão causticamente esfervilhando. — Nada, seguramente ali havia alguma coisa... Só pola raiva de se vêr despedida, não se explicava que a velha se pozésse agora ali

assim, que diabo! a improvisar uma calumnia qualquer. O caso era mais sério... Pensando bem, para lá da aggressiva feição d'aquellas phrases problematicas entrevia-se pulsando uma intenção excellente, o bom empenho de lhe abrir os olhos, uma advertencia salutar, um limpo e generoso conselho. Era isto, por certo... Nem d'outra forma podia decifrar-se o olhar enviézado com que ella, ao fallar, trespassára Elvira. Aquillo não era odio, era indignação... não era uma desforra, era um castigo... não era um rancor, era uma reprimenda... Claramente... A mulher vergára!... —E, já rapidamente seguindo uma outra ordem de ideas, o barão reflexionava: — A mulher... E' verdade, sim, elle afinal ninguem diria! mas era um homem casado... tinha lar, tinha mulher, tinha obrigações moraes, tinha familia... Havia uma fragil e gentil creaturita, de cujo viver se apropriára, cujo destino fizéra comparte do seu, cuja alma, cujos affectos, cujo coração assimilára... creatura graciosa e fragil, desarmada, ingenua, para quem elle se constituira no dever, perante a Egreja e perante o mundo, de ser sempre um bom companheiro disvelado, um protector, um pae, um amante e um amigo. E comtudo, ignobil coisa! eil-o que ahi levava a mais solta e escandalosa vida de celibatario! uma vida descozida, infructuosa, desprezivel, porca... toda em dissipações da peior especie, toda em canalhismos obscenos, em crapulosos desvarios, vida inconfessavel, sordida, vida de animal, vida de vadio... só em casa para comer e domir... e isto mesmo sempre mudo, sombrio, desdenhoso e arido... cego a mimos e attenções, ingrato a caricias, surdo a galanteios, alheio a ternuras... tendo esquecido devêres, tendo abjurado promes-

sas, tendo votado a pupilla da sua alma a um desprezo humilhante... a tudo e a todos sempre antepondo os seus prazêres, odeiando tudo quanto fôsse ás suas predilecções excentrico... sempre ardidamente rodopiando na vertigem das suas paixões de lama, sempre tudo ferozmente immolando ao seu sybaritismo insaciavel, sempre doido e fogoso a trupar na ala ardente das suas phantasias!... Ora a mulher era nova, bonita, pretendida, frivola... Que muito de admirar, então, se...

E aqui concluiu, mortificado, n'um relampago de evidencia e de receio:

— Tinha a Dorotheia razão!

Dava-lhe uma furia, uma raiva, um desespero impotente, enorme, de a não haver na occasião demorado, interrogado com arte... ladeal-a, obsidial-a, têl-a por força ou por manha obrigado a fallar. — Então é que era!... mas, que raio de molleza! deixára fugir a occasião estupidamente!... Sempre assim, emparvecido, atado... Nunca em sua vida houvéra meio de lhe occorrer uma resolução a tempo! Bonita lesma! — Queria ir ter com ella; porêm como? de que modo? aonde acertar-lhe com o paradeiro, agora, n'esse pandemonio immundo da cidade?

E, assim a venenosa baba da alcaiota proseguiu lavrando, roaz, destruidora. Gemia a consciencia do barão poleada entre o constrangimento aspero do cuidado e a devastadora flagellação da duvida. Aquelle sibilo de voz assucarada e ironica troava-lhe sempre no ouvido, com uma insistencia de troça, insupportavelmente! Não podia mais!... Urgia abafar-lhe o echo, matar-lhe a intenção, parar-lhe a implacavel resonancia... O seu genio fraco e violento escabujava, n'um

exaspero de cansaço. Lembrou-lhe, para pôr termo ao tormento, provocar uma scena com a mulher, ser imperioso, franco, exigir de chofre uma explicação, arrancar de assalto o rebuço ao mysterio. Porêm logo, reconsiderando... melhor seria aguardar, soffrer mais um pouco e operar como strategico habil, devagar, occultando o seu jogo, mascarando o objectivo, manso, placido, sem precipitações nem demasias.—Mesmo estava-lhe mais este processo no temperamento e nos habitos.— Então, assente no plano, ahi se entregou elle a pesquizar inquisitorialmente o viver da esposa,— sereno e confiante na apparencia, no intimo devorado d'uma cruciante e irritada incerteza.

Evidentemente, Elvira já não era a mesma.

Aquelle espirito lavado, loução, virgineo, caliginára. Marmoreavam-lhe a crassa alvura do rosto, antes tão escarolada e tão fresca, tristes opalinidades, maguas, macerações, cuidados, sombras de mortificação, esbatimentos de cêra. A antiga lisura de esmalte da pequenina testa sulcavam-n'a agora teimosos, fundos ranilhamentos. Havia subitas borrascas de humor, improvidas mutações, brusquerias, impetos, inconsequencias, tédios. E a despreoccupação, a levêza, a alegria, a serena e bondosa conformidade de outro tempo tinham cedido o passo a um explosivo tumultuar de inexplicaveis caprichos.

Alguma coisa havia, evidentemente...

Pola primeira vêz ao cabo de quatro annos transcurridos de vida conjugal, o barão incarou bem na luz da realidade e da evidencia os melindres, os contras, os devéres e os obices da sua situação.—Elle casára atoada, friamente, por curiosidade em parte, em parte por desfastio. Um incidente pittoresco a mais na charra insipidez

da existencia. A vêr... Queria no rol dos seus prazêres de impressionista inscrever mais essa novidade. Simplesmente... Que de resto, nem o mais fugidio alôr de idealismo, nem o mais elementar movimento affectivo, nem o minimo vislumbre de instigação moral. Pensára tambem um pouco na occasião,—era certo,—em refugiar-se, no casamento, das grossas dissipações em que ia tolamente gastando a mocidade e a fortuna. Um correctivo, sim, um freio... Ingenuas balelas, manhas! Nada d'isso no fundo era sincero; nunca tal voto lhe descêra do pensamento ao desejo. Se acaso essa intenção lhe bruxuleou no cerebro, faltou-lhe o alento para descer a firmar-se na vontade... Tanto, que em nada com o casamento alterára o seu anterior modo de viver. Depois como antes da solemne osculação da estola abbacial, dias e noites continuára levando na mesma indolencia podre de bohemio, largada a vida aos pedaços nas arestas do acaso e a imaginação sempre allucinada e sofrega em cata do imprevisto!

Ora não tolerava isto assim o mundo; obrigava a sérias e ponderativas coisas o titulo de marido... Todo o homem jungido maritalmente aos requindins e paquifes d'uma femea, havia de por força tornar-se um pouco podengo e um pouco martyr; ir na corrente do vulgar, do commum; abdicar da vontade, borrar sonhos, ambições, tolher a iniciativa; amoldar o feitio, a indole, o proceder, as inclinações, os habitos, aos usos, habitos e inclinações de toda a gente... Havia de inraizar largo e fundo no prosaismo da vida; havia de engrenar de geito e feição na rodagem banal da sociedade. Tinha de forçosamente empalhar a individualidade na crassa obtusidez d'esse manequim engraxado e anonymo, que se chama

um cavalheiro. Ar grave e pata redonda. E o olho álerta!... Podia avolumar lambazmente o abdomen... mas que não desaprumásse da lisura antenupcial a testa! Que não apontásse a afurar-lhe o frontal alguma protuberancia suspeita, orographassem-se-lhe embora de cardumes de callos os ossos do metatarso.

E o barão indignava-se.

— Podia lá ser! Era porventura sensato, admissivel, justo que a suzerania, a independencia, a força, o poder d'um homem,—que tem o mundo todo por seu!—os esterilise assim um parvo preconceito?... que o seu indisputado logar á testa das coisas creadas, o seu innato dom preponderante, se inutilisem rojados na servidão e na guarda da primeira mulher a quem para todo o sempre o hajam singelado?... Estupida prisão! Para um, como para outro... Importára-lhe lá nunca nada d'isso! Massada!... Nunca lhe déra para pensar, se quando o marido deixa vasio o seu logar no thalamo, não está logo um mau gnomo á espreita para suggerir á esposa que o faça por outrem preencher... nem se na structura osteologica do seu craneo não iriam acaso escarninhamente bracejando esses taes anomalos alongamentos, que a pathologia não destrinçou ainda, mas cuja hilariante arborescencia logo a sociedade marcava a ferro em brasa, n'uma apupada implacavel, n'um gaiato estrupir de infamia e de ridiculo... Pois era talvêz o seu caso!...

Ao demorar na exulcerante conjectura, o barão congestionava. Uma lavrante e surda flamma trabalhava-o. Vinham-lhe acumes, brios, choleras, rebelliões, desvarios. Fumavam-lhe no coração instinctos novos. Assaltavam-n'o rebates de indignação e esfuriadas de sentimentos a que elle se não

julgava attreito, e cujo alto, cujo destemperado fragor o azamboava. Então, no violento orgasmo da crise, um baralhado vento de confusão empanava-lhe as ideas, fuzilavam os olhos, as mãos vermiculavam, nodosas, entrezilhadas, grandes, o espirito intanguia, arripiado, frio, n'um tremulo de pavor, n'um gelo de receio... e logo, n'uma reacção relampeante, um nobre e calido desejo o sacudia de fazer luz no diluculo mysterio da sua alcôva, trazer a limpo a duvida, escanhoar a reputação, aclarar a verdade.

— Trahil-o-hia com effeito a mulher!?... E com quem? e como?... Não via... Ligar-se-hia com este ignominioso desastre o tresvario caudal dos seus esbanjamentos?... Possivel!... Para cumulo de vergonha,—estavam dando muito n'isto as mulheres,— havia de ir esbarrar com um *monsieur Alphonse* qualquer! um pulhastrão, um réles, cuja vilissima estôfa mais dolorosamente infame lhe fizésse o adulterio... e que a um tempo o bigodeásse e o roubásse! lhe escarrásse na honra e lhe comêsse o dinheiro!

E arrepêso, doido, em febre:

— Casar, casar. Que asneira!... Fôra o erro capital da sua vida!

Com este constante martellar no mesmo assumpto e este flagelloso incidir no mesmo cuidado, pouco e pouco, esmoitaram-se as iras; as impaciencias, as furias, as mortificações e os brios enfraqueceram. Nem para mais lhe dava a planturosa adynamia do temperamento, nem o genero de sentimentos que votava á esposa. Então, apaziguado e inconsequente, extenuado, cynico, foi epicureamente philosophando o sodomita: — Isto o marido, se em face da ethologia humana é uma

entidade assaz prestimosa e respeitavel, considerado em absoluto é de todos os productos da civilisação o mais absurdo, o mais tolo, o mais artificial e o mais grotesco... Assim como um idolo exotico, um manipanço, um *budha*, que desprevenidamente ninguem toma a sério, e cuja alta ideologia, cujo transcendente symbolismo, cuja significação sagrada só a poder de convencionalismo, de cegueira e de fé se consegue a custo prestigiar, manter... Um absurdo, em summa! Elle na algebra do amor fôra sempre polos polynomios... Era a lei natural. A vida era para cada um gosar o mais e o melhor que pudésse, em amplas tarraçadas de oiro, como um nectar, franca, liberrima, perdulariamente! Para que nos deu o bom Deus sentidos?... O seu cuidado eram as suas paixões. N'ellas renhindo procaz, nunca lhe déra para atinar que levava arrastada e presa no flanco, maniatada, humilhada, esquecida... brutamente sacrificada ao seu egoismo barbaro, uma mulher nova e bonita, feita como elle de carne e de sangue, como elle tendo direito á vida, tendo espirito, alma, coração, appetites, nervos... mulher a quem elle se dispensára de liberar a parte de felicidade a que se tinha obrigado... e a quem parallelamente portanto fazia o tacito convite de ir descuidosa e leve ventoinhando pelas dulcidas regiões da falta e do delirio... Era fatal! — concluia, amalhoado. E logo, transigindo: — A Elvira inganava-o... Bem, e então?... De quem a culpa?... No deserto escampado que elle lhe fazia da vida, que admirar se a pobre se atirásse lascivamente a cabriolar?... Não lhe havia de querer inteiramente mal por isso... Elle não fazia outro tanto?

E agora já manso e resignado, sem ciume nem

odio, o barão persistia na devassa do escandalo unicamente de industria para aclarar a situação, para arredar de si o ridiculo, se motivo d'elle houvésse; a vêr no que havia de ficar, para saber *em que lei vivia*. Sorria-lhe até, como libertação, n'uma ponta de desejo, a hypothese de ser corno.

— Corria com a mulher... Acabou-se! E seria todo, todo do Eugenio, depois!

Porêm, por mais que insistisse na perscrutinação da falta, por mais arteira e solertemente que cerrasse o liame das suas pesquizas, — espionando-lhe a falla, o gesto, seguindo-lhe na sociedade, no theatro, na rua a direcção dos olhos, decifrando-lhe as *toilettes*, abrindo-lhe a correspondencia, esquadrinhando nos moveis, nos livros, nas gavetas, — não havia modo de descobrir a verdade, de apanhar o fio á intriga, de atinar com a certeza! Mantinha-se essa desesperante ameaça de adulterio teimosamente escorçada apenas, recuada no vago, incoercivel, longe... n'um brumoso indeciso de paysagem matutina. Nem um traço firme, um testemunho, um indicio! Só receios, suspeições... E o seu espirito de atalaia a uma chimera! e a sua honra a esgrimir com moinhos!

Elvira continuava molle e passiva, sim, o ar fatigado e a têz sem brilho, amarfanhada, pallida... como que a devastavam subitos repellões de angustia... mas logo ao mesmo tempo tão serena, tão calma... e sempre affavel, sempre carinhosa e bôa... e os olhos sempre brilhando d'esse claro brunido e enxuto de consciencia que não teme... — Não sabia que pensar!

Quando uma manhã, sobre o almoço, na casa de jantar, — vinha apontando na loira limpidez do

sol a nova primavera, — o barão contava á mulher o dinheiro para as despezas do mêz que ia seguir. Na luminosa tepidez da quadra, entre um levantar de loiças e um chilrído de aves, o oiro ia tinindo, espelhento, rutilo, e fulvamente desparzia-se pela toalha alva de neve, de linho adamascado. Depois do oiro, a prata; e depois, tendo o barão consultado: — Não te faz differença, hein?... Gasta-se... — fluiu algum cobre tambem.

Ao cabo:

— Verifica, — disse para Elvira o marido.

Ella agora por seu turno se pôz contando, devagar, — primeiro as notas e depois o metal, pela ordem decrescente do seu valor, — demorando e afagando as moedas nas mãos, n'uma avidez adunca de agiota, voluptuosamente, o sobr'olho vincado, unidos os labios, a expressão endurecida.

Tendo terminado, esboçou na sofrega dilatação do rosto uma contrariedade, voltou a contar, e no final disse ao marido, com a serena firmeza da evidencia, erguendo os olhos:

— Aqui falta dinheiro.

— Ora...

— E' pouco, mas falta... — ella insistiu, a sorrir. — Não te perdôo um real.

— Quanto é então, dize lá?

— Falta uma *corôa mulata*.

— O quê!? — fêz o barão, sem perceber, n'um pasmo.

E Elvira, estralando uma gargalhada travêssa:

— Não sabes o que é?... Estes litteratos! não pescam senão de palavras finas!... E' um vintem!

— Essa agora!... Sabes mais do que eu!

— São favores, meu charo... Não me invergonhes! — E, n'um leve gingar do braço, com uma moeda de cinco tostões suspensa da ponta dos de-

dos, acrescentou: — Aposto que tambem não sabes como se appellida isto em vulgar?

Moveu o barão negativamente a cabeça. E logo ella, com um ar superior, deixando caír a placa:

— E' uma *camisa lavada!*

Agora erguia uma moeda de dois tostões:

— E esta?

O barão, instinctivamente vexado, encolheu os hombros.

— Sei lá...

— E' um *penteado!*

— Com effeito!... Mas aonde diabo...!?

— Lições do teu amigo Eugenio... — aclarou, n'uma inconsciencia infantil, a baroneza.

E como n'uma aspera retracção de surpreza e de despeito se contrahissem as mãos e fuzilassem os olhos do marido, a estouvada, caíndo em si, córou rijamente... e tudo era disfarçar colhendo ás mãos ambas o dinheiro e insistindo alto, n'uma grande abundancia de gestos:

— Vá, vá! o vintemsinho p'r'aqui... não te faças esquecido.

O caso era que a phraseologia de calão vinha agora aos labios da baroneza com uma insistencia, uma predilecção e uma propriedade, que as suas simples relações de sociedade com o ephebo não podiam explicar bastantemente. Seria latitudinar demasiado o instincto da imitação. — Como que se revia, se comprazia no termo chulo. A cada instante. Essa vasconça aravia da escumalha parecia ser a que melhor lhe dizia ás plebeias condições do temperamento e ás tacanhas solicitações do espirito. Aclaravam-lhe o cerebro, adoçavam-lhe a lingua.

Leu-lhe o marido no jornal, — não fôra ha mui-

to, — o caso d'um rapazito, um fraca-figura qualquer, que em combate singular tinha conseguido sahir triumphante do *Largueza*, uma especie de hercules typico de feira, por demais conhecido e temido na cidade. O garoto vencêra na lucta o colosso, — explicava a folha, — porque o esfaqueára á falsa-fé, pelas costas. E logo a baroneza:

— Muito obrigada! assim não admira... Deu-lhe *á carunfa*.

E uma tarde, ao jantar, olhando para a mão esquerda, sem anneis, já ella considerava:

— Então, não me deu hoje para andar todo o dia sem *arcozos!*

E, n'um dos ultimos dias, como passássem os dois á montra do Mourão, no Chiado, ella exclamára, incantada, apontando um bello par de *solitarios:*

— O' Sebastião, que ricos *penduros* aquelles!... Muito gostava...

Isto de longe em longe aggravado com uns *quiebros* de cinta, um largo bolinar do braço e uns meneios gingões de furta-corpo, claramente accusando com algum pratico *faia* a mais solidaria e contagiosa intimidade.

Então ao pederasta occorreu, n'um calafrio, que o bigodeava talvêz com o ephebo a baroneza.

— Seria possivel!?...

Rasgou-lhe a alma, gelou-o de pasmo e de terror, pregou-o hirto e pavido na alcatifa esta horrorosa suspeita. — Com Eugenio! o seu querido amor!?... podia lá ser!... Pois elles haviam de ter cynismo, desafôro, audacia, impudor para tanto?... — Um frio de susto arripiava-lhe a espinha; galvanisava-o um aspero, um inflammado rancor; uma devastadora subversão moral destemperava-o. — Com Eugenio!... — tornava. — E, com-

tudo, porque não?... Dadas as suas licenciosas theorias de emancipação, de alforria conjugal, os seus commodos e latitudinaes epicurismos; concedido que á mulher assiste um certo direito de encher como podér de variedade e de goso a monotona vacuidão da sua vida, que muito extranhar se esta sua tivésse attrahido para amavel cyreneu do seu calvario esse bello e appetitoso rapaz, gracil, robusto, que o proprio marido alarvemente lhe enfiára pela porta dentro; cujas perfeições e amoríos se puzéra no cargo de lhe evidenciar solícito; que obstinadamente lhe mettêra á cara, lhe trouxéra para junto do leito, e ahi como que bem nú e bem tentador lh'o despira, a poder de enthusiasmo e de descaro?... Podia muito bem ser! Era até natural... Que infamia!

Uma bravia onda de cholera afogava-lhe, assolava-lhe o espirito; uma angustia mordente, subtil como uma vibora, lascava-lhe o coração.

— E não se ter elle nunca lembrado d'isto!... Não ter nunca visto, futurado o perigo!... Confiança de camêlo! monumental parvoeira!... E elle rabidamente por fóra á caça do crime, e o crime a refocilar ali á beira d'elle, a todo o instante, protegido e a salvo, tranquillo, impune! Protegido, sim... Se elle proprio fôra quem ordenára as coisas assim ao melhor geito e sabor dos dois!... O puro do *cabrão*, nem mais nem menos! — confessava, n'um impeto. E da subita ulceração do golpe todo o fel da sua dôr manava, esvurmado por um fatal receio. — Mas isto era impossivel! Eugenio e Elvira amarem-se... com mil raios! seria para elle um tombo, um ferrête, um escarneo pyramidal, — era impossivel! significaria por banda dos dois malandrins o ultimo grau da ingratidão, a suprema perfidia, a mais crua e

mais perfeita integração da villania e do despejo!

Agora o barão, inleiado nas malhas infernaes da duvida, ferinamente esmigalhado nos tentaculos da mais cruel perplexidade, tinha horas mortaes, atormentadas, longas... d'um sobresalto inarravel, d'uma continua mortificação, d'uma agrura vasquejante, d'uma voraz, d'uma esmagadora tristeza. Ante a ameaça terrorisante, todo o seu scepticismo de frascario recuára, espavorido; todos os seus gafos ideaes de tolerancia haviam, n'um saccão de terremoto, esbarrondado. Dançavam-lhe na retina farrapos de sangue, perreava-se-lhe o thorax em constricções de asphyxia, anciava, tressuava... e a duvida sempre na sua moenda implacavel... e as noites em claro, trituradas, infindaveis, e os dias negros, sem comer, longe de casa.

Mesmo os seus paroxismos de goso com o amante eram agora selvagens, incoherentes, rábidos; participavam do amor e do odio; tinham afervorações brutaes, iras, reversos, choleras. No mais absorvente momento do prazer, quando era natural que os nervos do sodomita dormissem paralysados n'uma suspensão de todos os sentidos, de repente picavam-n'o guinadas de atrabilis, vinham-lhe appetites de estrangulamento, furias assassinas, febres de exterminio, sêdes de torturas. A ponto que mais d'uma vêz o ephebo, amedorentado e sem ar, houve de descravar do pescoço, a poder de pulso, os longos dedos do barão, fincados cerces e griffos como garras de aço, nodosos, avidos, e cujo vicioso desenho a violencia feroz da contracção, o rijo exforço do escorchamento, exaggerando a anatomia, mais repulsamente nojoso tornava ainda.

—Ahi, tratante! O que tu merecias...—amea-

çava o facinora, apertando e rugindo, enardecido.

O ephebo queixava-se, luctava. Mas já o barão era doce outra vêz, e — Não é por mal... perdôa! — explicava.

O caso é que o amor do pederasta, agora bastamente inquinado de raivas e azedumes, por effeito d'esta mesma nova e acre tensão, avolumára. Do mesmo passo que crescêra a má-vontade, o desamor, té desfechar em aversão, á baroneza. Esta agora o barão abominava-a. No seu espirito a noção da mulher, da esposa desapparecêra, para só vêr n'ella, em rodilhões de ciume, um trambolho, um rival, um estorvo odeiado, um empecilho irritante, um competidor terrivel, que assim vinha, traiçoeiro e impudente, tomar-lhe o passo, — com que direito? — roubar-lhe o amor do ephebo, — que era só d'elle! — estorval-o, desbancal-o, atravessar-se... impedir a sua regalada e solta fruição da vida!

A participação carnal do amante com a Esther e outras mulheres de acaso nunca lhe déra cuidado. — Não as conhecia... não ia lá vêr... Mas com Elvira! a sua companheira, a sua mulher, a sua unica familia... o que de mais respeitavel, mais charo e mais intimo possuía!... era inacreditavel! tomava proporções de incesto... não podia ser!... Pois então ella, a propria mulher, ella é que havia de vir disputar-lhe?... Ah! mas qual dos dois levaria a melhor é o que ainda se estava p'ra vêr!... Se é que effectivamente... — E desesperava. — Nada! a verdade ia elle agora certo e breve topar com ella, custásse o que custásse, era inaddiavel! sôb pena de insandecer, de estoirar p'r'ahi como um sapo ao fogo, de impaciencia, de zêlos, de raiva e de vergonha!

Para esse effeito anciado déram os indicios em sommar-se e convergir precipitadamente.

Mais já que uma vêz julgára o barão ter surprehendido a denotar nos olhos dos dois, simultanea e rapida, a mesma electrisação ardente. Não era raro tambem a macerada pallidez da face de Elvira aurorar-se subito, com a entrada de Eugenio, d'um rubor confortativo e quente,—como um marmore de fogão á flamma do reverbero. E quando o rapaz entrava, pela tarde adeante, e distrahido, natural, nem estendia a mão nem fazia o menor comprimento á baroneza, tal como se já no dia se tivéssem antes fallado?

Iam cumulativamente na mesma escala progressiva as dissipações da esposa. A proposito de tudo. Não tinha fundo a voragem, não tinha termo a loucura!

Como a estação quente avisinhava, fallou-se em *toilettes* novas, e Elvira pediu com instancia dinheiro para um vestido.—Precisava, p'ra já, d'um, polo menos.—E queria ella mesma comprar a fazenda, escolher á sua vontade. Na modista, tinha de se sujeitar... e roubavam muito.

Apromptou-lhe ingenuamente o barão, com difficuldade, a quantia. Depois passaram dias, semanas, e nunca tal vestido vinha.—Aquella modista!—atrapalhava Elvira, a cada nova questão do marido sobre o assumpto.—Parece que a encarreguei de ir buscar a morte! Não ha meio de a fazer despachar.—E que era por despique... por não ter comprado lá. Mas não tinha duvida...

Porfim, ao cabo do tempo mais que sufficiente para se ter obtido um enxoval completo em cada uma das melhores e mais difficeis tesouras da cidade, quando a mentira era já, por absurda e escampe, inprotelavel, a baronezita atamancou:—

que tinha reconsiderado... não valia a pena. Os do verão passado, amodernados, podiam servir. O dinheiro fôra para outras coisas precisas...

E persuasiva, mimalheira:

— Andava ahi sempre a resingar... Visse lá se ella não era poupada!

Veio um convite para grande *soirée*, no palacio d'um dos principes da finança. — Sabbado de alleluia. Milhares de adhesões, de pedidos. Annunciava-se a derradeira festa *fashionnable* da estação. Conveniente que a mulher do barão de Lavos, apparecendo, justificasse e firmasse mais uma vêz, n'um testemunho minusculo que fôsse, a fama de original e de artista que aureolava o marido. Por isso elle ensaiou resolvêl-a a pôr n'essa noite o seu bello adereço *pompadour* de perolas, — collar, brincos, broche, cocar de plumas e bracelete, — velha reliquia de familia, primacial, perfeita, profusamente bordada a gemmas de todos os feitios, côres, tamanhos, toda embrechada e revolta de folhas, plumagens, lizes e volutas caprichosas, peça exuberativa e rara, notavel polo seu preço intrinseco e pola convulsionada e fina trama do seu lavor.

A baroneza oppunha-se, contrariada, gaguejando, inquieta, n'um atoado embaraço, n'um pavor evidente, — Que idea! Era pretencioso, pesado... Não tinha geito! — E censurava:

— Tens mania por perolas!

— São o genio das joias.

— Ora adeus!... É tão antigo!

— Por isso mesmo... tem *cachet*. E fica-te maravilhosamente!

Deu ainda a baroneza em soccorrer-se a toda a casta de ardís e subterfugios que quebrar podéssem a cruel insistencia do marido. Tudo de-

balde. Não houve remedio senão ceder; que elle teimava e afervorava sempre no capricho, implacavelmente.

— Pois bem! levo as perolas, descança... — annuiu por fim a mulher, com enfado. E depois d'uma curta pausa, reflexionando: — O caso é saber onde ellas páram...

Então desandou a procurar a famosa reliquia per toda a parte, — como por demais, ao acaso, perdida a reminiscencia, — pelos cofres, guarda-joias, estojos, pelos bahus, pelas gavetas, n'uma bem simulada atrapalhação, n'um terror crescente, n'uma afflictiva anciedade. Ao cabo, veio, desorientada, confessar — que não dava com elle!

Foi um espanto, uma desolação, um alvoroto, uma desordem. Agora procurava, vasculhava tambem o barão, furiosamente. E de banda a banda jogadas, n'um furor de insania, injurias, retaliações, gritarias, ralhos. — Que tinha uma cabeça de avellã!... despegada! palerma!... em que é que ella pensava?... — E ella: — Que não! que toda a culpa era d'elle!... porque, lembrava-se muito bem, ia jurar! elle é que o tinha arrecadado. — Revolveu-se, de cima a baixo, a casa, nos mais lobregos desvãos, nos mais invios escaninhos... revistada a creadagem, (o guarda-portão, offendido, despediu-se)... malsinada de ladra a Dorotheia. E o adereço não appareceu.

Entretanto, germinára e crescêra fabulosamente em Eugenio o amor das joias. Era a sua mania, o seu *tic*, a sua paixão, a sua telha. Certo e constante vêl-o agora, todo em berloques, deslumbrante, bogudo, joalhado; magnificente como um *rajah* e alvar como um *brazileiro;* todo accêso em sumptuosos lampejos, em fulvas irisações de montra ambulante; pomposo e soberbo carreando

uma fortuna em botões, em anneis, em alfinetes de gravata, em castões de bengala e pingentes de relogio.

Punha na exhibição e no manejo da estonteadora riqueza um garridismo infantil, uma voluptuosidade casquilha e nobre, uma dengue molleza de harem, uma vaidade feminina. E todos os dias trocas, novidades, variações, surprezas. E o pulso esquerdo sempre invariavelmente afogado por uma fina arula de oiro.

Um desproposito, uma tonteria, um cumulo. D'onde provinha a maravilhosa caudal de tamanha opulencia era para o barão um enigma; intrigava-o grandemente o mysterio. — Queriam vêr que os desperdicios da mulher e as flammancias do amante se ligavam!?... Mais que provavel... Não tinha remedio senão crêr: mettia-se pelos olhos... Mais esta!—E como um ferro em brasa rechinava-lhe na alma esta hypothese de ignominia.

Mas havia mais e melhor, mais compromettedor, mais nitido.

Uma manhã, ao entrar, antes de almoço, no escriptorio, viu o barão que n'um dos cinzeiros, ao bufete, havia cinza de charuto. Ora elle tinha ainda na vespera mandado fazer a limpeza do aposento. Desde então, nem elle, nem ninguem que elle soubésse, tinha lá fumado. Irrecusavelmente, alguem a occultas do dono da casa havia demorado ali. — Como diabo?...

Pois n'essa mesma data, como elle recolhêsse á noite mais cedo do que tinha annunciado, succedeu vir Elvira pressurosamente recebel-o ao corredor, toda expansiva e loquaz, n'um garrulejo de ave, um tudo-nada alvoroçada. E, ante a surpreza do marido: — Não o esperava tão cedo,

simplesmente... Mas, ainda bem! E a demoral-o, a afagal-o, a cingil-o, a prendel-o mimadamente n'uma caricíosa trama de questões e de doçuras. — Extraordinario!

Entrados na salêta dos serões, nada de suspeitoso ou alarmante notou o barão. Tudo no seu logar, tudo como de costume afinado, escovado, ordenado e frio. Todavia, passavam nos nervos da esposa, — parecia, — as derradeiras vibrações d'uma animação extranha; afagava-lhe, hilariava-lhe o rosto um como ar de difficuldade vencida... e no ambiente accentuava-se um aroma capitoso e acre de *corylopsis*, o perfume de que ao tempo abusava Eugenio.

— Não lhe consentia mais duvidas! — A mulher continuava observando-o, animada, viva, sem socego. Soube elle porêm recalcar a primor toda a suspeita, e, passando á alcôva, ia mudo e sombrio, sim, mas descuidoso, tranquillo na apparencia.

Quando se despia, junto ao leito, da sua mesinha de cabeceira uma vaga scentelhação lhe feriu a vista. Olhou. Era um annel, e um annel, — por Deus! — muito seu conhecido! uma grossa rosca de oiro, em helice, macissa, fulgurante, reboluda, basto-folhada de brilhantes, como uma custodia, e no extremo superior, achatado como uma cabeça de ophidio, ardendo-lhe um grande carbunculo.

O annel com que elle de fresco presenteára o ephebo!... Estava tudo explicado! — o alvoroço, a perturbação, a solicitude, o interesse da mulher em demoral-o. Acudia polo seu *mignon!* Era a cobrir-lhe, a proteger-lhe a saída! assegurava-lhe a retirada!... — Sem querer, olhava o annel. — Era o mesmo! não havia duvida... Evidente, o

infame tinha estado ali, poucos minutos antes... O annel esquecêra-o na precipitação da fuga... Mas, — considerava, — para o esquecer, é porque o tinha tirado... P'ra quê?... — n'um estonteio de fogo, interrogava-se. — Oh! provavelmente, no fim, p'ra se lavar!

Aqui foi mistér ao barão amparar-se a todas as sinistras ribaldarias do seu animo, escavar bem fundo e de vontade no pavoroso filão da sua hypocrisia, para se dominar e não desatremar de repente, não estalidar um conflicto, não desfechar n'um crime. — Prudencia, prudencia e socego... não deitar a perder as coisas... Apanhal-os em flagrante, era o caso! E ser-lhe-ia facil! por desgraça.

Resfolgando surdas iras, deitou-se, vagarosamente, e de olhos fechados enrodilhou-se nos lençoes, pequeno, immovel, a procurar dormir, forcejando esquecer, querendo salvar n'um segundo a noite. Mas impossivel de todo o ponto dominar-se! Tumultuosa e ardente, vinha instante a instante escabujar-lhe na idea, sem compaixão, sem treguas, a infamia irrefragavel da sua situação, a desamparada ruina do seu nome. — A prova tinha-a ali assim, ao alcance da mão, fatal, implacavel! E, sem querer, abria os olhos, procurava o annel, fitava-o, detalhava-o... sem querer causticava com o seu rubro scintillar a retina espavorida.

E logo de reagir, concertando com firmeza e afinco o seu plano de vingança. — Havia de ser já no dia seguinte!... um laço qualquer... fingia ir para fóra... E aniquilava-os!

Mas nem assim, apoiado na segurança d'uma vindicta inilludivel, proxima, firme na certeza d'um grande e modelar castigo, conseguia aquie-

tar. O grande carbunculo via-o sempre, flammante, enorme... sentia-o, tinha-o nos nervos... cada vêz mais arreliativo e mais rubro scentelhava. Furava-lhe as palpebras, furuncava-lhe a epiderme, ardia-lhe na retina! — Tapou com o lençol o rosto; sem resultado! Vinham-lhe ondas de cholera; a roupa da cama escaldava-o. — Que mais esperava?... Não tinha ali a prova, cabal, concludente?... E a mulher dormindo ao lado d'elle, incauta, desvergonhada, impune?... Era já, já vingar-se!

Tres vêzes foi a erguer-se do leito, para a estrangular, n'um desespero; tres vêzes, a poder de obstinação e cautela aplacado, voltou a socegar.

Mas sempre o carbunculo!

Enrodilhou-se mais, amarfanhou-se, annullou-se, capaz de abafar, entre os lençoes. Baldo trabalho! Atravéz de mais esse obstaculo, ardente, inexoravel, o annel scentelhava sempre! — Era a espaços um enorme, um insoffrivel brasido, cujo calor lhe afogueava as faces e lhe crestava o cabello.

Lembrou-lhe virar-se na cama, de rosto para o leito da esposa, a vêr se assim, dando costas á visão infernal... Mas não achou forças para tão simples, tão elementar movimento. A raiva pregava-o. Defendia-lhe voltar-se para a mulher uma repugnancia, um odio, um asco insuperavel.

Amontoou, ergueu entre elle e a maldita fogueira, repuxando os cobertores, uma trincheira de roupa. Inutil! Agora a implacavel gemma fendêra-se: — eram dois grossos labios de satyro, avinhados, sensuaes, sarcasticos, que em altas vozes cornamusavam a aria picara de *D. Bartholo*, na opera celebre de Rossini... E tão intensa feição de real esta allucinação tomava, que o barão des-

cobriu e voltou a cabeça, e abriu os olhos, a vêr se de acaso a esposa não estaria a escutar.

Agora na mechanica anormal do seu cerebro, que o cançasso e a dôr destemperavam, os planos, angustias, raivas, as sensações e ideas baralhavam-se ao vento doido da nevrose. Caldeadas na chamma d'um incendio congestivo, perdida a proporção, misturavam-se, oppunham-se, renhiam, dilaceravam-se... riscavam na tumultuaria agitação d'esta cabeça em delirio, tresvarios de farças, o grotesco a blocos, illusionismos chulos, abstrusas e crueis bufonerias.

O annel eil-o a desdobrar-se, a deslaçar, a afusar e a crescer, — elastico, elançado e fino como um estame de *nymphea*... eil-o rabejando e estendendo ao alto a sua helice lampejante, longa, vibratil, mosqueada, como uma escama de saurio antediluviano, de irisações colleantes, de monstruosos arabescos, de fugazes crispaturas, de inusitados brilhos. E deslocava-se de cima do marmore da banquinha, ia a escorregar para a alcatifa, — o barão estendeu a mão, a querer segural-o... balanceava-se como um ébrio, pendulava, oscillava, corriam-n'o titillações de vida, attitudes patuscas, estremeções de febre. N'um salto, eil-o no chão, — immenso, gracil, rutilo, — obliquamente esfuriando entre a alcatifa e o estuque, a toda a altura do aposento. Apoia-se na ponta inferior, e ahi larga agora a remoinhar rapidamente, alongando e incurtando, ora perfurante e hirto como um gladio, ora inrolado e concho como um sacca-rolhas, n'uma velocidade allucinadora de turbina, cuspindo um chuveiro de coruscancias, desfeito n'uma coma de estrellas.

Com tão bravo redopiar, partiu-se, estilhaçou em mil fragmentos, cada um dos quaes agora,

solto, sobre si, e projectado longe, largou tambem a remoinhar com furia. Na vertigem do volteio, espiralavam, incanudavam, retorciam-se... Então uma chusma de diabinhos veio, esvoaçando, e afilou-lhes uma das pontas, com as unhas. Breve, ahi cabriolava no ar espesso e quente uma legião phosphorejante de chavelhos, pinchando, cascalhando, guinchando, cavalgando-se... dançando em volta do leito do barão uma grande ronda macabra. E o magico do carbunculo fragmentára-se por egual ao infinito; e cada chavelho tinha na ponta uma lasca, rubra, aggressiva; e todos á uma se mexiam escarniceiramente, como garotos tirando a lingua de fóra.

As dimensões do quarto haviam alargado desmesuradamente. — Nem cantos, nem roupas, nem moveis, nem a lampada topazina, nem os leitos. Tudo redondo: um circo. Na arena, em baixo, elle, samarrado de *clown*, e de funambula Elvira. Luz a jorros; cheio a transbordar o amphitheatro; e a legião dos chavelhos virgulando pelo ar, endemoninhada.

Ia-se a um intermedio comico. A orchestra calára. Pregados são os espectadores n'uma attenção unanime. — Veio para elle a mulher, desinvolta, escarninha, — que bella côxa! — trazendo á cauda occulto um outro *clown*, o qual passou os braços por baixo dos sovacos d'ella, e com uma admiravel pericia *jongleur* apanhava no ar, por pares, os chavelhos e ia-os applicando successivamente na testa do barão, a modo de ensaio.

O que a baroneza ria! — Era bem feita a valer, com presteza e arte, a achincalhante pantomina. O amphitheatro applaudia, n'um estrupido delirante. E elle a querer furtar-se á ignominia, e os pés collados á arena solidamente!

A mulher ria, ria sempre, sem tino, nem medida; redobravam no seu *can-can* os chavelhos de oiro; e — coisa extraordinaria e dolorosa! — era Eugenio o seu verdugo, e todos os assistentes tinham o rosto de Eugenio!

N'um repellão de pesadelo, sacudiu-se e levou afflictivamente as mãos á testa, emquanto soltava um rugido cavo de oppressão, um brado raspante de angustia.

Sobresaltada, Elvira acordou e inquiriu do que elle tinha.

— Não é nada... um pesadelo... Este meu estomago!

No dia seguinte, de manhã, ao abrir a correspondencia, e como tivésse carta de Lavos, logo o barão, agarrado ao pretexto, annunciou:

— Vou a Lavos... não ha remedio.

— Vaes?

— Olá!... E hade ser hoje mesmo.

E forte n'esta subita resolução, que a mulher soube muito de industria afervorar-lhe, o barão deu ordem para que ella lhe mandásse á noite, ao comboyo, uma das malas pequenas com alguma roupa, — a indispensavel para uns quatro ou cinco dias. E alguma coisa de agasalho.

— A que horas?

— O comboyo parte ás nove; mas á cautela, manda o creado uma bôa hora mais cedo.

— A's nove?... Tinha idea que partia ás oito.

— Isso era no inverno. Houve alteração no horario, agora, ha poucos dias.

— Está bem.

Despediram-se. Pretextou elle que precisava ir munido d'uns certos documentos; que tinha passos a dar no tabellião, uma conferencia com o

advogado, inquirições, consultas... todo o dia pequeno para tão arreliante estopada! e que por isso nem viria jantar a casa.—Se queria de lá alguma coisa?...

—Bôa viagem!

O que o pederasta pretendia conseguir, a todo o custo, era não vêr, durante o dia, Eugenio. Receiava que ao subito conspecto do pulhastra, a facil virulencia do seu temperamento, explodindo, o lançásse n'alguma scena violenta e ridicula, que cavásse entre elle e o ephebo um negro parenthesis de conflicto e ao mesmo tempo lhe frustrásse os planos, baldando o unico meio radical e seguro de surprehender a verdade.—Colhêl-os em flagrante era o melhor, o mais decisivo, o mais prompto.—Já por lembrar-se que, segundo toda a probabilidade, Eugenio havia de apparecer, sobre a tarde, em S. Christovão, é que elle se esquivára a vir jantar; já com o fim de evitar que o rapaz lhe fôsse ao *bóta-fóra*, déra propositadamente á mulher, para uma hora mais tarde do que era real, a partida do comboyo.

E frandunamente, ao acaso levou o dia, preguiceiro e lasso flanando per *ateliers* de pintores, officinas de estatuarios, redacções de jornaes, bibliothecas, museus, livrarias. Entrava risonho, familiar, cortez; de largo taramelava, expondo theorias, analysando as obras, louvando, estimulando; armava ditos, suggeria composições, planisava estheticas, cinzelava paradoxos, informava de novidades. E como trazia o dynamismo passional da alma todo suspenso, paresiado, inerte no injaulamento absoluto d'um cruciante cuidado, acontecia, que a remanescente porção espiritual do seu ser saltitava, solta e leve, n'uma bonhomia alheiada e inconsciente, n'uma tranquilla compla-

cencia, n'uma cordeal e soalheira affabilidade. Nunca tão captivante, tão expansivo, tão lesto se amostrára o barão. A seccatura habitual amaciava-lh'a uma quente e persuasiva eloquencia, uma formosa e loquaz jovialidade. A ponto que quando elle, por fim, mordido da sua dôr, se despedia, rubricavam-lhe os restantes, incantados, a saída, todos á uma concordando em que era um homem feliz verdadeiramente.

Em Santa Apollonia, á noite, no instante preciso em que a grande sineta bimbalhava o signal da partida, viu o barão apontar a uma das portas e crescer, açodado e vermelho, para a linha dos *wagons*, o perfil de Eugenio. N'um instante o avistou e alcançou-o de salto.

— Ah! ainda bem... Por um triz!... Vinha despedir-se... Então aquillo fazia-se? partir assim, sem ter dado cavaco?... Bem tinha elle dito á sr.ª baroneza, que decerto havia ingano na hora. Tanto que, como via, viéra mais cedo. E ainda bem, que, felizmente, ainda tinha tempo de lhe apertar a mão!

O pederasta, debruçado da portinhola, agradecia, breve, frio, monologando interjeições, ringindo os dentes, com a mão do ephebo retida nas suas. Tinha um brilho amargo na pupilla e soerguia-lhe as bastas sêdas do bigode um *rictus* de sarcasmo.

Para mais, ahi voltava a injurial-o, a escarnecel-o o implacavel, o terrivel, o denunciativo annel! No annular esquerdo do ephebo lá coriscava, escarnica, impudente, o formidavel carbunculo.

Então veio ao barão um appetite furioso, canibalesco, louco, de empurrar o traidor para debaixo das rodas. — Era o castigo! — Queria vêl-o debater-se ali, entalado entre o marmore do apea-

deiro e a rijura cortante dos *rails*, desfeito, em massa, espostejado! queria sentir-lhe debaixo dos pés o estralido dos ossos, na passagem! queria gosar o instantaneo amaciamento que ao attricto do monstro devia de fazer o empaste das suas carnes trituradas!

Já o comboyo a arrastar-se, aos primeiros haustos do vapor, n'um fragor pesado; e o barão segurando sempre o ephebo, prendendo-o, puxando-o, attrahindo-o a si, levando-o pendurado... Por forma que, quando Eugenio, atolambado e pavido, conseguiu soltar das mãos do barão a sua, por bom espaço ficou redopiando, a cambalear, sobre o asphalto, como um ébrio, em riscos de caír, desamparadamente.

Em Sacavem, o barão apeou; e, n'um trem que ali tinha mandado ir esperal-o, de seguida bateu para a cidade.

Saltando no estribo, ás portas, agora veio seguindo, demorado, a pé, pela viscosa tortuagem de Alfama, caminho do seu bairro. A fazer horas. N'um vagar negligente de bohemio, sinuoso e á tuna, arrastadamente, elle ahi vem a espatinar a sua dôr pelo embricamento estrangulado e sordido d'esse velho trecho de burgo inverosimil.—Pisava o berço, a medulla, a origem, a porção atavicamente nobre e heraldica da cidade. Como era interessante!—Vadiando e torcendo, inredava o passeio, aqui e ali parava, demorava-se... permittia-se pesquizas de archeologo, investigações de sabio, impressionismos de artista. Emquanto no fundo d'alma concertava e afagava com calor o seu plano, iá na apparencia, tranquillo e indolente, deblaterando a apagada hieroglyphia d'esse carunchoso montão de ruinarías:—as casas em

mólho, á cunha, galgando-se, penetrando-se; as ruas perpendiculares, viellas inviaveis, bêccos subterreos, frentes de casebres tocando-se pelos telhados, varandas medievas, em resalto, escadinhas cavadas em muralhas, ermidas no ar, terraços sobrepondo-se; e ogivas golfando podridões, a carie esmadrigando as madeiras, o bolor eczemando as caliças; e nichos gothicos, lapides, rosaceas, cunhaes, arabescos; troços de portaes que são poemas, florões de gelosias que são maravilhas.

Vagaroso e attento, o barão parava, examinava, voltava atraz, perdia-se... mergulhava a vista na noite nauseabunda das possilgas, colhia dolencias de guitarra á bocca das tabernas, fixava, pegado ao muro dos telheiros, as canções das lavadeiras.

E a pittoresca diversão amollecia-o, trazia-o já um pouco longe do seu mal, indeciso, adormentado. Quando, vencido, aos Loyos, o alto da montanha, subito na frente se lhe desdobra, a vôo de passaro, n'uma presteza de magica, e picado de lumes, rumoroso, immenso, o amontoamento cyclopico da cidade.

Esta brusca apparição do vasto e pintalgado amphiteatro lembrou-lhe o rabejamento lucido, na vespera, das mil arestas do carbunculo. E logo a causa da sua vagabundagem per ali, áquella hora... e o testemunho proximo da sua desgraça, e a ruina completa e imminente da sua vida!

Então, com um peso de arrobas na cabeça, derreado e vacillante, o barão proseguiu no seu caminho. Um faia, com quem elle embarrou, teve a phrase:

— *Eh n'a* que *tachada,* pae da vida!

Descendo a calçada do marquez de Tancos, o

barão, em vêz de tomar ao longo d'ella toda, até abaixo, a S. Christovão, cortou logo, á esquerda, pelo invisivel estrangulamento da Travessa Nova da Parreirinha, seguiu a ladeira a prumo do bêcco da Atafona, e veio romper ao fundo, no largo do Chão do Loureiro, rente á propria casa, collado ao muro do jardim, de ouvido á escuta, esconso como um conspirador, pequeno como um facinora.

Entrado no largo do Caldas, marchou direito e rapido ao longo d'elle, cingido ao lado oriental, dando costas á casa, sem se voltar, quasi fechando os olhos; e assim enfiou pela rua de S. Mamede. Dois motivos o tinham levado a este rodeio cavido do seu objetivo: o cuidado em não ser visto pola visinhança, e um doloroso receio de dar de rosto de repente, sem preparo nem defêza, com algum testemunho irreparavel da sua deshonra.

Tendo-se internado bastante na rua de S. Mamede, então voltou-se, todo de frente para o seu largo, tacteando e affirmando-se, com este rasgo de vista do pintor que procura o ponto de vista á perspectiva.

No pequeno espaço em frente, negro e marmoreo como um tumulo, o socego e a solidão eram absolutos. Não rastejava um noctambulo, não rodava um trem, não trotava um vadio, nem a sombra d'um gato flanava, não palpitava uma alma. Dos dois lados erguiam-se, altas, as grandes massas dos predios, escaioladas de sombra, massiças, hirtas. A funebre rigidêz das fachadas regrava-se em renques negros de janellas, cavados e alinhados como as gavêtas d'um carneiro; da fria immobilidade do espaço a escuridão e o silencio caíam, como crepes, em fartos pannos, pesados, molles; e pela aresta dos telhados a luz sideral sinuosava em *cancans* de fogos fatuos. —

Apparatosa eça armada para a derruição formal da sua felicidade, para a irremediavel inhumação do seu amor! — Lá tremulinava á esquina uma luz de lampião, macilenta como um cirio, reduzida, escassa, fluindo longe em salpicos friorentos pelo basalto invernizado.

Na mortal absorpção, na inerte algidêz d'este scenario de lucto, a mancha do seu palacête mal se escorçava ao fundo, côr de cinza, vulgar, na indecisão anonyma da penumbra. E tão sem nobreza, tão chato, tão pequeno! Comia-lhe as dimensões a noite; esmagavam-n'o, a cavalleiro, as torres de S. Christovão; a incosta da montanha alcachinava-o; a côr da frontaria apelintrava, escabiosa, enfarruscada, ardida, como de um gêsso de seculos. E, carvoada a toda a altura da parede, como um grande ponto de interrogação, a fronde robusta da velha magnolia, recurva e negra.

Tudo apagado. Apenas na ultima portada da direita, no primeiro andar, proximo da esquina, se abria um rectangulo luminoso. Era no quarto de *toilette*. Ahi vinha do interior, atravéz do *store*, uma claridade loira, immovel, tenue, d'um loiro de pergaminho, macerado e discreto. — A mulher de vigilia... Só ou acompanhada!?... — Com a pergunta, o barão estremeceu, os olhos scintillaram, coseu-lhe o esophago e rechinou-lhe nas entranhas um lume ciumento. — Ia já saber! — E avançou quente, rapido, sem precauções, em linha recta, atravessou o largo, e correu a examinar o portão de ferro.

Fechado... mas sem chave polo lado de dentro! Applicando o olho, a pequenina rosca da fechadura vasia ia projectar-se inteira, ao longe, como um corninho branco, na fachada cinzenta

do palacio.—Era o caso! Tudo previsto... O caminho aberto, facil á gazua do gatuno!... Quem sabe se elle não teria já entrado?... A vêr!

E, desvairado, o barão ia, n'um impulso insustavel, para entrar tambem.

Mas, já de mão no ar, com a chave:—Não seria ainda cedo?... reconsiderou.—Nada de precipitações... prudencia! Por antecipar uns segundos, podia deitar tudo a perder. Ia alvorotar estupidamente a casa, afogar-se n'um poço de ridiculo... e continuaria ficando por dilucidar a verdade, e o seu plano raso na areia, e a mulher precavida, e elle penando no mesmo inferno de incerteza!

Cauteloso, manso, tornou para o seu posto de observação, defronte. Acolheu-se na sombra d'um portal. Uma tremura nervosa abanava-lhe as pernas; ardia-lhe nas entranhas um lume de anciedade; e n'uma insistencia feroz, n'uma attracção indominavel, os seus olhos piscantes de myope cravavam-se, obstinados, grandes, na loira e tenue luz da janella.

Elle agora com fervor madurava, aperfeiçoava o seu plano.—Não perderia o tempo... Bem! O biltre não tinha ainda entrado... mais que certo. Era cêdo... E havia de vir, seguramente... P'ra que fôra elle á estação, senão para se assegurar da sua partida?... Eu te direi! Idiota!... Elle havia de vir... E de certeza tambem que não cafria em ir bater ao portão da frente... havia de saber insinuar-se pela grade do jardim, surdamente,—a coisa estava preparada,—quando o descanço da creadagem e a somnolenta pacificação do largo lhe assegurassem á infamia do assalto a impunidade do mysterio... Ah! mas por isso elle tinha vindo postar-se ali, vigilante, fir-

me e álerte como as sentinellas de cima, do Castello! por isso elle espreitaria a coisa, com todos os seus sentidos... e, apenas presentisse o patife... elle ali estava!... deixal-o-hia entrar e correria logo empós do maldito... depois cairia sobre elles, como um raio! e, era um prompto, então fulminaria, estrangularia os dois!

Gradualmente, a noite arrefecia. A desintorpecer os membros e a espertar o sangue, de quando em quando o barão deixava o portal e vinha dar fóra uns passos, na rua, ao longo do passeio. Então, perdendo de vista o rectangulo aloirado da janella, variava, acalmava, esquecia-se... — Que fazia elle ali?... Trahirem-n'o logo os dois, um com o outro!... Parecia-lhe impossivel, não podia crêr! era monstruoso, inimaginavel, unico!... Estava sendo talvêz victima d'uma fatal illusão, d'uma absurda série de equivocos... alguma pura mystificação do acaso. Averiguar bem, primeiro... — Mas, como se voltásse, lá lhe tornava o olhar a fixar-se, interrogativo, ancioso, no rectangulo luminoso da saccada. — E então aquella luz... aquella luz, até tão tarde accêsa?... Não era costume... Nada, esperava alguem, indubitavelmente!

E o barão, outra vêz ciumento, agitava-se, impacientava-se... ardia-lhe o estomago, aquecia, brandia os braços, e desesperado verificava que não tinha comsigo uma arma.

Lentamente ia a noite seguindo a seu termo, preguiçosa e longa, infindavel, negra. Uma glacial mudez paresiava a vida nocturna das coisas. Floconava pelo ar, descendo, algodoada, a glacida poeira da cacimba. Algum par tardigrado passava, n'um esbatido de sonho, veleiramente. Raro estrupia ao longe, no fundo da calçada, algum ralo

obsceno de rameira; ou vinha um silvo de vapor do rio; ou bocejavam no Castello, em cima, seu pregão somnolento as sentinellas.

O barão tinha frio. Uma humidade hostil perolava-lhe o bigode, molhava-lhe as espaduas e trespassava-lhe a espinha. A fadiga, a molleza, a impaciencia, a duvida acobardavam-n'o. O olhar, cançado e estimulado, não desfitava da janella; mas com repugnancia mantido, a custo, n'um exforço dolorido. Falseava-lhe mesmo, desvirtuava-lhe a sensação, aquella obstinada fixidêz, continua, interminavel. Allucinativamente, agora essa aberta de luz tenuemente doirada apequenava e crescia, girava, deslocava-se... ora se lhe abria n'uma visagem atormentada, ora era um riso farcista, ora era uma grande fogueira. E para onde quer que elle arredásse, n'um confrangimento, os olhos, logo lhe saltava na frente o implacavel rectangulo, dançando, rôxo, côr de sangue.

A ponto que um momento houve em que o barão, desmoralisado e inane, sem resolução, sem vontade, ao destino supplicou ardentemente que essa breve mancha loira fôsse para a mulher e para o amante um *kyrie* de innocencia.

N'isto, pareceu-lhe que um vulto de homem apontava, surrateiro, das bandas do bêcco da Atafona, e lentamente vinha avançando, manso e deslise como uma sombra, pelo mesmo itinerario que elle proprio, horas antes, havia feito, cosido ao muro do jardim.

A indecisa figura parou um instante, á orla do largo, a certificar-se de que não era vista... depois caminhou para a grade... abriu... entrou.

O primeiro impulso do barão foi largar logo atraz d'elle! d'esse mysterioso intruso do seu lar,

esse infame salteador da sua honra! Mas uma lucta se abriu entre a expluição subitanea dos seus brios e a fundamental cobardia do seu animo. — Esperar um pouco... a dar-lhes tempo.— E a meio do largo estacou, anciado, leve, latejando, os olhos fervidamente postos na tenue luz da' janella.

D'ahi a instantes, na loira amarellidão do *store* um monstro vago a crescer, a crescer a affirmar-se, cada vêz mais nitido... Um homem!... Ergueu dois braços... duas mãos avançaram, grandes, grandes, enormes... Cerrou as duas portadas da janella.

A subita eliminação da froixa claridade teve no craneo do pederasta uma repercussão de terremoto.— Era a derradeira amarra da sua esperança, partida! a sua unica tabua de salvação, no fundo! o ultimo sol da sua vida apagado! Era o signal fatídico, formal... era a deshonra irreparavel! — N'um relampago investiu com o portão, atravessou o jardim, subiu a escada em helice.

Em poucos minutos, estava em cima, á porta, a escutar.

O ephebo ria como um perdido. E Elvira, a meia voz, agastada e mimalheira, obtemperava:

— Mau! então... tem juizo... Pódem ouvir lá em cima... Acordas os creados.

— Tens razão,— annuiu o ephebo, moderando a sua esturdia alegria. E, n'um tom imperioso e escarninho: — Bem, mas vamos á coisa!

— Ora, mas que telha! — observou, n'um ligeiro enfado, a baroneza.

E o amante, perseverando:

— Vá! vá! como eu te disse...

— Teimoso!

Ouviu-se um breve ringir de roupas repuxa-

das,—como de coisa que se despe; depois um som molle de estofo vergando a um peso... alguem que se sentára n'um dos *fauteuils*. E o ringir das roupas continuou, recalcado, aspero, insistente. Como que se procurava uma posição... O *fauteuil*, premido, arfava e gemia por todas as suas molas, rodiziando na alcatifa. Porfim, aquietada, a baroneza interrogou, com um voluptuoso peguinhar nos labios:

—E' assim que queres?

—Exacto! Muito bem!—applaudiu, n'um gaudio, Eugenio.

Este agora sentára-se tambem, longe da baroneza,—parecia; mexia em papeis; e, com uma solemnidade comica:

—Vamos, minha senhora, attenção! Essa cabeça mais descaída um pouco... apoiada na mão... Assim.—Havia um arremêdo intencional da voz do barão: era evidente.—Mais denguice n'esses olhos... Bravo! Vou *prrincipiar*... Está muito bem. Está mesmo como *paxáste!*

E voltava a rir, a rir n'um riso alto e sonoro. lascarinamente.

Garrotado n'uma tenaz de fogo, o barão adeantára-se a espreitar, por uma fisga da porta entreaberta.—O que elle viu!—Na sua frente quasi, junto á parede opposta, esbagaxava cruamente sobre um *fauteuil*, desgorjada e lasciva, a baroneza. Desmanchada e estendida, n'esta attitude facil e complacente de mulher que se entrega, ella tinha o peito, o collo e os braços nus, n'uma avidêz os beiços, a narina palpitando, a maravilha do cabello jorrando, farta, loira, pela espadua... e eloquencias quentes vibrando, por entre as rendas, na crispatura erectil dos seios, e no ambar electrico dos olhos ardendo um brilho de luxuria.

Demoniacamente bella, assim! magnifica, irresistivel! — Deslumbrado, o barão affirmava-se, emparvoava, desconhecia-a... Nunca sôb este aspecto canalha e cynico tinha visto a mulher... nunca a tinha surprehendido assim, animal, picante... assim pola acre perversão do vicio deliciosamente transfigurada!

E inlevado na captivante figura, por momentos distrahia-se, gosava, esquecia a atroz realidade.

Defronte d'ella, afogueado e risonho, estava Eugenio, de banquinha na frente, papel, e lapis na mão, — como quem copiava o adoravel modelo que tinha diante de si.

Sem interesse nenhum por este jogo, cujo alcance não podia attingir, a baroneza tornou, impaciente:

— Não me dirás p'ra que serve isto, afinal?... Não percebo nada.

E o ephebo:

— Deixa: percebo eu... São manhas d'um sujeito que eu cá sei!

— Não tem graça nenhuma! — fêz Elvira, aborrecida. E, tendo rodado na direcção da porta os olhos: — Oh, meu Deus! — exclamou de repente, erguendo-se de salto, apavorada, lívida.

Déra com a vista no marido, que tinha aberto de par em par a porta.

Então houve um silencio de terror; um horrivel silencio espectante, embaraçado, frio... A adultera, morta de medo, ficára-se pregada no mesmo logar, hirta e sem movimento, a bocca meio aberta, os labios brancos, e não desfitava do marido os grandes olhos pavidos. Eugenio desabancára, n'um relance, e fugíra para o extremo da quadra, aterrado e cabisbaixo. E sósinho em pé a meio do

quarto, o barão, fulminado d'esta dupla traição pola evidencia inilludivel, assim brutalmente ulcerado na sua condição de amante e de marido, permanecia immovel e branco tambem, petrificado, cego, e não atinava com um castigo bastante á enormidade da offensa, não achava a formula do seu desforço, a medida da sua vigança, o estalão do seu desprezo.

N'um impeto, cresceu dois passos para Eugenio, com o punho brandido ao ar e a pupilla em fogo, e regougou:

—Puto indecente!

Depois, novamente perplexo, torturado, circumvagava como um doido a vista, varava agora a mulher com os olhos coriscantes, e no ar espesso e parado enclavinhava os grandes dedos, grossos de ameaças.

O mesmo silencio espectante pesava... um silencio frio e de embaraço. A baroneza, gelada, immovel, n'um spasmo apavorado, não despregava os seus olhos de morta dos olhos do marido, e vagamente baixava a mão a procurar qualquer coisa com que tapar o seio, que galopava na furia do sobresalto e do mêdo. Mais senhor de si, o ephebo seguia cautelosamente todos os movimentos do barão com a vista, n'um instinctivo receio, e simultaneamente procurava um objecto que pudésse ser-lhe bom instrumento de defêza e do qual elle lançásse mão, na contingencia d'uma lucta. Emquanto o barão desandára a passeiar ao longo do aposento, esbraseado, fumegando, e, pêrro n'uma irresolução, rugia a miude:

—É incrivel! é incrivel isto!...

Marmoreava-lhe a face uma sêde de brutalidade, tinha os olhos orlados de negro, e os punhos fechados molinavam no ar, raivosos, n'uma

pressa de esmigalhar os dois pulhastras, de seguida.

N'um traiçoeiro instante de desfallencia, deixou-se tombar sobre um *fauteuil*, enterrou a cabeça nas mãos e:

—Que sorte a minha!—lamuriou, desalentado.

Mas logo, vergonhoso de si mesmo, levantou-se, resoluto, illuminado por um prazer cruel.

— Eu já os vou! Esperem!

Saiu de gôlpe, fechando sobre si a porta, á chave. E de carreira marchou para o escriptorio, titubeante e incerto no escuro, guiado apenas polo tacto, vacillando, apalpando, tombando moveis, abalroando com as portas, escoriando-se nas esquinas.

Quando voltou, armado d'um *rewolver*, a mulher inroscou-se-lhe aos pés, de rôjo, implorando e chorando, fazendo-se pequenina.

— Perdão! perdão!...

Mas o barão não a via, não lhe importava aquillo. Arredou-a como a um trapo que lhe embrulhasse os passos. Nem a sentia... Todo o seu rancor, toda a sua attenção, todo o seu odio eram contra o ephebo.

—Que é d'elle? onde está elle?...—vociferava.

Viu então aberta a vidraça da varanda que dava para o jardim.—Escapulira-se per ali! queriam vêr?...—N'isto, um leve susurro tremeu nas folhas da magnolia... Correu á saccada. Um corpo saltou, em baixo, da arvore na areia.

—Ah! meu malandrim! eu te arranjo...

Avançou o braço na tréva e fêz fogo, ao acaso, duas vêzes, para a negra escuridão da noite. E logo no impulso da furia, deixando a janella, repellou escada abaixo, correu o jardim, saiu pelo portão, que já incontrou desamparadamente aber-

to, e largou, n'um instincto, pela calçada do Caldas fóra, emquanto em cima, em casa, no *toilette*, as creadas, n'um terror, faziam circulo á baroneza, desmaiada, e das bandas de S. Mamede vinha trotando acodada uma patrulha.

Então, tresvariado e arquejante, n'um começo de syncope que lhe funde o intendimento e lhe esperta as energias morbidas, ahi desata o barão n'uma carreira escandecente e rabida ao longo da cidade.

Na sua frente, umas em seguida ás outras, as ruas alargam, fazem-lhe praça, fogem... á sua aproximação rasgam-se e arredam-se, como se todas tivessem dado senha de o evitar, n'uma geral repulsão, n'um movimento unanime de asco e de desprezo. E a noite é negra, muda, implacavel; os predios, altos e duros, cerrados como esquadrões de enormes monstros fosseis, fogem, fogem sempre; e a caligem hostil da tréva dá uma tragica amplidão, uma grandeza epica e sinistra, a esta debandada colossal de marmores e argillas,— palacios, mansardas, torres, estatuas, templos,— voando na frente do sodomita, em massa, inflexiveis, sôb um céu de ferro... um céu distante e impassivel, mineral, fechado.

Era o abandono, o escarneo, o nojo da cidade! Era a Natureza toda dando-lhe as costas, n'um rancor, n'um chasco! — Aguçava-lhe a dôr, exacerbava-lhe o tormento este alvoroto, este pavor, este absoluto desdem das coisas pola sua desgraça. Na cruciante despolarisação moral que o descerebrava, o soffrimento, o espanto, a raiva multiplicavam-se. A receptividade passional centuplicára. Cada molecula dos seus nervos, revulsa da emoção, tomára vida á parte, cobrára auto-

nomia, opára, emancipára-se... a integridade sensorial do seu sêr decompozéra-se, como na véspera o annel carbunculo, em myriades de centros de tortura, de pólos dolorosos... por forma que agora a miseria da sua ignominia, assim ao infinito refrangida, per todos elles lavrando e minando, tresbordava, e n'um inferno de acuição mortificante fervorava em cravar-lhe na alma as invenenadas puas.

Adeus! adeus! prazer... adeus! largos sybaritismos, epicureas sestas, desmaios, extasis... adeus! divinos carmes de ventura! Adeus para sempre!... Impossivel gosar mais o seu bem amado ephebo! afagar-lhe a pennujosa frescura do corpo... lambêl-o, mordêl-o, trincal-o, absorvêl-o... impossivel misturar com o d'elle o seu sangue, assimilar-lhe o calor, beber-lhe o halito de velludo! Nunca mais! nunca mais!...

A acuidade da angustia era tão afflictivamente grande, que o seu alastramento doloroso não dava margem a especialisações de soffrimento. Mas, na leviathanesca agitação que o destrambelhava, esfuriando a trama da paixão, rasgando a causa principal do seu cuidado, vinham por lances dançar-lhe na retina, n'uma allucinação visual intensissima, n'uma especie de loucura lucida, phantasias sem nexo, bizarros grupos, anomalas imagens, visões extravagantes: — modelos de formas plasticas, aphrodisias grotescas, troças de quadris roliços, convulsões de coitos, stases nymphomanicas, virilidades em riste, virgens espeitoradas... — tudo isto em turbilhão, doido, convulso, tudo epileptisado de furores, tudo macabro de fulvos hysterismos, tudo a arder em tintas de delirio.

Correndo, correndo sempre! sem plano, sem vontade, cego e maluco, á tôa.

Agora as ruas, tortuosas e estreitas, moviam-lhe na frente as suas fieiras de lumes, em sinuagens lugubres, como renques de brandões accêsos, diluindo-se longe n'um vapor macilento... A sua felicidade morrêra! Ahi lhe seguia o enterro... Era o saímento do seu destino, eram as obsequias da sua vida.

Havia momentos em que, levando-lhe as reacções pundonorosas de vencida, o assaltava uma gula furiosa do passado! Não se afazia á idea de ter de resignar-se irremediavelmente a cortar com o ephebo. Á lembrança de que havia de passar d'ora ávante sem o seu Eugenio, amalhoava-o uma saudade insalubre; cresciam-lhe ferozes, cobardes appetites; tomava-o um espanto, um medo, um tédio, um horror mortal á vida. Então redobrava na carreira... esgueirava-se e arrastava-se pelos pannos de sombra, como um gato com cío... gaguejava phrases sem nexo, batia-se, castigava-se... agarrava-se com ancia aos argolões das portas, como se fôsse a despenhar-se n'um vacuo sem medida.

Felizmente para o pobre nevropatha não o macerava n'uma flagellação continua esta crua enormidade de tortura. A excitação a espaços amainava. E então, nas intercadencias da febre, n'uma ligeira amnesia do seu mal, por um instante acalmado, o pederasta, parava, tomava alento, dilatava feliz e thorax n'uma grande expiração de alivio. Mas ahi lhe chispava outra vêz na lembrança, brusca, irrefragavel, nitida, a scena de ainda ha pouco! — e elle de novo todo tremia, jurava imprecações, entrezilhava os dedos, arranhavam-n'o crises de raiva ciumenta, e com um bra-

sido no craneo ahi largava pelas ruas, crispado de raivas, doido, feroz, desesperado.

Passaram horas. Com o frio da madrugada e a forçosa quebreira do cansaço, a perturbação mental foi cedendo, gradualmente. Agora o barão, derreado, de vagar, ia subindo, e á medida que o dia avisinhava, ia pondo tambem no espirito sua claridade.

Quasi manhã. Já aquatinta e define as cimas dos predios uma aureola cinzenta, emquanto na funda penumbra das ruas vagamente passam longos perfis de operarios, — mãos nos bolsos, monotonos, cabisbaixos, com o tropear dos sapatos ferrados acordando os echos das collinas proximas.

Estava no largo das Amoreiras o barão. Caíra n'um banco, esmorecido, exhausto, e olhava em roda, sem fito certo, n'uma triste mansidão de convalescido, n'uma passiva resignação, n'uma mollêza... Toda a passagem insopada n'uma loira e ingenua frescura. O ligeiro *glu-glu* da agua da fonte rythmava com o despenhamento fresco e cheio da agua dentro do aqueducto. Os beiraes das casas já doirados; floridas as arvores; um rosto de *bambino* o céu; o ar em caricias de ninho... e os passaritos de ramo em ramo a pardalar, e a virem ablucionar-se e beber na grande taça do tanque, nimbados de perolas, leves, saltitando.

E o barão, tendo comparado a branca, a sagrada, a sublime e perenne ordem das coisas com a immunda desordenação da sua vida, desatou a soluçar.

Como estava proximo da morada de Henrique, — era cêdo, mas não poude resistir, — levantou-se para ir ter com elle.

Embaraçada e surprehendida, a creada informou — que o senhor estava ainda recolhido. Todavia, ante a urgente insistencia do barão, e sabendo-o intimo entre os intimos da casa, porfim accedeu a deixal-o entrar.

Quando, um bom quarto de hora depois, Henrique assomou á porta da sala, em roupão e chinelas, atrapalhado, e n'um admirativo interesse interrogou: — Ó Sebastião! então que temos?... — o pederasta atirou-se-lhe aos braços, exclamando, n'uma explosão internecida:

— Um desgraçado! Henrique... Sou um desgraçado!...

— Assustas-me...

— Tinhas razão, tu... tu e os mais que me avisaram tantas vêzes!... Vossês é que viam claro no lamaçal da minha vida!

— Mas então...?

— Obedecêram os factos á logica da infamia! déram-vos razão... razão de mais! — E, medindo n'um passo nervoso o aposento: — Sou um desgraçado!

— Explica-te, socega... — acalmava, de mãos afagando os hombros do barão, o Paradella.

E o barão, n'um desesperado arranque, estacando de repente:

— É verdade, sim! Minha mulher atraiçoava-me! adivinhas com quem...

— Sério!? — acudiu Henrique, suspenso, recuando dois passos.

E aqui desandava o barão a narrar-lhe, quebrado agora e inerte n'uma cadeira, sem paixão apparente, n'uma toadilha uniforme de machina, passiva, atropelladamente, a origem casual das suas suspeitas e o inferno subsequente da sua vida... as indagações, as conjecturas, as raivas,

os phrenesis, os zêlos... e a crescente convergencia dos indicios, o testemunho do annel, a supposta ida a Lavos, a surprêza, o laço, as violentas scenas da noite passada.

Á medida como elle fallava, o Paradella, contrariado, inquieto, — conchegando o *cache-nez*, as palpebras molles do somno interrompido, — ia e vinha no aposento, mudava de logar, coçava a cabeça, seguia a espreitar, n'um receio, á porta que dava para o interior da casa. Porfim, não podendo mais conter-se, interrompeu e segredou com intimativa á orelha do amigo:

— Sebastião... ouve, modera-te... Sou teu amigo, sabes. Comprehendo e sinto, como se fôsse minha, a enormidade da tua desgraça... E estou inteiramente ao teu dispôr; para o que quizéres! Mas esta conversa, aqui em casa... — baixava mais a voz, — bem vêz... A Leonor póde vir escutar... não percebe bem de que se tracta e assusta-se... Vamos nós saír ambos, queres?... Lá fora ao ar livre, estamos melhor... desabafas mais á vontade.

N'uma acquiescencia muda, o barão baixou a cabeça e esperou que o amigo voltasse de dentro, de tranquillisar a mulher, e lavado, arranjado, vestido e prompto para sahir.

Então os dois seguiram juntos, na frescura matinal do sol, pela cidade abaixo, indifferentes á luz e ao bulicio, vagarosos, incertos, preoccupados, fallando com calor, parando a miude. Insensivelmente haviam tomado caminho de S. Christovão. Mas, na aresta do largo, o barão parou nobremente e recusou-se... queria no mesmo instante retroceder. — Tornar a vêr a mulher!... de forma nenhuma! — O Paradella porêm, insinuativo, manso, — que tivésse prudencia... iam para

o escriptorio... ella ficava lá longe,—aconselhava.

Hesitava o barão. De repente, allumiado por um vago presentimento, avançou para o palacio. O guarda-portão perfilou-se e cortejou-o, fitando-o muito, n'uma interrogação pasmada.

—A senhora baroneza?...

Tinha saído tambem... alta noite. E ainda não tinha voltado.

—Foi ter com elle! Bem...—considerou o barão. E ao impulso d'um agudo sentimento, que era uma raiva e um allivio, subiu com decisão a escada.

Fechados no escriptorio, em cima, reprimendava com doçura Henrique:

—Meu pobre amigo!... Ahi tens! Não te disse eu, tanta vez, que te resolvêsses a ter juizo?

—E o que chamas tu ter juizo?...—acudiu ironico o barão, n'uma ponta de exaspero.—É ser-se por acaso manhoso e falso, dissimulado, frio?... É fazer do coração relogio? é ter um temperamento pastoso e molle, um temperamento algodão em rama, contra cuja flaccida maciêza a resaca das paixões se quebre e se annulle, silenciosamente?... Mas isso,—objectava com alma,—isso é a negação da vida!

—Dize antes que é uma garantia de felicidade,—retorquiu Henrique.

—Sim... como vós a comprehendeis, vá! homens cataplasmas...—commentou o barão desdenhosamente. E passeiando e fallando:—O juizo... É bom, é commodo... Pois quantas vêzes não tentei, não quiz eu... com um aferro de naufrago, pódes crêr, desesperadamente! quantas vêzes não tentei subordinar-me a esse juizo redemptor, que tanto me enalteces, e que inteiramente

me faltava!... Oh! luctei, luctei e porfiei muito! acredita... — confidenciava elle agora com calor, parado deante de Henrique, as mãos sobre o coração e um brilho sincero nos olhos muito abertos.—Sem nada conseguir, simplesmente!... sem que uma só vêz lograsse dirigir-me, dominar-me... accommodar n'esse messianico *édredon* as demasias da minha alma impetuosa!

— Porque nunca quizéste verdadeiramente.

— Não! porque nasci sem elle, sem o tal juizo... Está acima de nós... Não rias... — E com a voz molhada, os olhos humidos e nos labios brancos um sorriso escorrente de amargura: — Feliz homem!... Ah! é que tu não sabes, meu amigo, o que é uma pessôa conhecer, pesar, medir o mal e não ter a força de evital-o... appetecêl-o e temêl-o ao mesmo tempo, correr-lhe no encalço e fugir-lhe, desejal-o e aborrecêl-o! Não sabes o que é vêrmos o vicio apontar, crescer, formar o salto... já paira no ar, desceu, empolga-nos... enterra-nos, afoga-nos n'um mar de lama... e nós querendo reagir e abandonando-nos! transidos de aversão, de horror e comtudo gosando não sei que amarga voluptuosidade em nos deixar enterrar!

Uma expressão alvar e incredula sardonisava o rosto de Henrique, irritando asperamente o barão, que proseguiu com vehemencia:

— Não avalias, não... não sabes, e ainda bem! o que póde haver de tragicamente horrivel, de sobre-humano, de phenomenal, de grande! n'uma d'essas extenuantes e ignoradas luctas entre o coração e o cerebro, entre a razão e o sangue, entre os nervos e a vontade... E, principalmente, não sabes o que é ser-se, como eu, o residuo d'umas poucas de gerações, o fermento putrido da decom-

posição secular d'uma familia... Não sabes o que é vir a gente a este mundo furunculada de diatheses morbidas, inquinada de vicios, embostelada de fraquezas... por um fatalismo sordido votada a fossar em todas as fezes, a padecer todas as vergonhas, a vergar a todas as ignominias!... Eu havia de ser isto, por força! Trago a tatuagem da infamia. Estava escripto... A genealogia moral dos meus é edificante... Meu trisavô, inquisidor, era um verdugo e um mystico; meu bisavô, um sodomita incorrigivel, morreu aos dezenove annos, esgotado, tisico; um irmão d'elle, que foi cardeal, organisou com tiples castrados da sé e meninos do côro um harem para seu uso exclusivo; minha avó paterna, especie de Egeria mercenaria, debochada e hysterica, essa pagava os madrigaes e os sonetos com dormidas, por escala, ás noites, no seu leito, á choldra almiscarada dos seus preciosos thuriferarios; e meu pae... meu pae foi *mignon* de D. João VI... Tudo o mais assim... Ora com taes precedentes, que querias tu que eu viésse a ser, senão isto que tenho sido, — um escanzello, um pulha?

— Terias esconjurado a catastrophe, refugiando-te no verdadeiro amor.

— O amor, o amor!... E o que é o amor, senão um egoismo dos sentidos?... Abnegações, ideaes, platonismos, extasis... são outras tantas chimeras. O amor é uma paixão puramente organica, toda animal e de instincto. Esses bellos arrobos lyricos, de que os poetas nos fallam, são bonitos euphemismos inventados pela nossa vaidade, são simples lisonjerias do nosso orgulho... mas sem realidade, sem vida... pura toleima!

Henrique protestava, indignado. E o barão, insistindo:

— Ora, dize-me: como viste tu pola primeira vêz, em que condições te enamoráste d'essa senhora, D. Leonor, com quem viéste a casar?

— No theatro, uma noite... lembra-me como se fôsse hoje! — respondeu logo o Paradella, animado, erguendo-se, com uma chamma juvenil nos olhos. — Estava ella com um vestido côr de rosa e um ramo de lilazes na cabeça.

— Não preciso mais! — atalhou o barão, victorioso. — Vês como instinctivamente notas e conservas na alma, indelevel, o lineamento physico da tua fascinação? a vestimenta, a moldura, a objectivação, a causa exterior da tua impressão amorosa?...

— Explica-te...

— Que sabias, que podias tu saber, na occasião, do moral d'essa menina?... Coisa nenhuma! Fallou-te aos sentidos, — perdão... Mais nada! Na pureza luarenta dos teus sonhos, na dynamia ardente do teu desejo, era da imagem d'ella inseparavel esse vestido côr de rosa e esse ramo de lilazes no cabello.

— Não, isso não!... Que exaggero!

— É a verdade. Se a tivésses visto sem espartilho, sem luvas, despenteada, ao desmazêlo, acreditas que te tivésse impressionado da mesma forma?

— Sem duvida!

— Sem duvida que não... E é sempre uma impressão toda physica que nos move em geral a alma... que nos faz sympathisar com este, antipathisar com aquelle... preferir certos logares, escolher as casas, ter amor aos filhos... São pequeninos, tenros, côr de rosa! são *bibelots* que fallam... Um incanto! imagino eu... É isto!

Deu em silencio algumas voltas no aposento e proseguiu a meia voz, compenetrado e triste:

—Mas, em summa, a vida é assim... uma armação de theatro, falsa, ephemera... E é agradavel, no emtanto, é bôa... vale a pena... E eu podia n'esse pé gosal-a como ninguem! Estupido!...

Parára a contemplar saudosamente, com os olhos em agua e a face longa, o retrato a oleo da baroneza, poisado no cavallête, na salêta contigua.

—E a Elvira,—olha,—era bonita, miudinha, fresca! a um tempo doce e petulante, maliciosa e ingenua... Que suggestiva figura!... Podia ter sido feliz com ella... e deitei tudo a perder!... Eu bem via, bem via... Não me importei!... E, agora, ahi está... tudo perdido! perdido sem remedio!...

Caíu prostrado na *causeuse* e apertou nas mãos a cabeça.

—Ai! a minha vida! a minha vida!...—soluçando.

Aqui, pancadas repetidas soaram á porta do escriptorio, e franca e alegre estrugia fóra a voz abarytonada do marquez de Torredeita.

—Ó Sebastião, anda, *abgue* lá! avia-te... Sebastião, ouviste? sou eu... Diabo! *estagás* tu a *fazêg* moeda falsa?

Estremeceu o barão e ergueu-se de impeto.

—O marquez, a esta hora!... Saberá já alguma coisa?...

Acabrunhado e humilde como um réu, foi abrir a porta.

Logo o marquez entrou, ruidoso, theatral, festeiro, com um rôlo de papel na mão. N'uma grande prodigalidade de gestos, abraçou o barão, de-

pois Henrique, depois o barão outra vêz, sublinhando:

— Minha *flôg!* meu *aguetista!* — E tudo era pavonear-se, tossicar, dar-se á importancia, como quem é portador de bôas novas; tudo bamboar-se atrevidamente, n'este gingado meneio preambular de quem vae *fazer partida.*

— Muito cêdo, hein?... *admigas-te?*... Meu *guico,* — explicou, — nas occasiões é que os amigos se conhecem.

— Obrigado! obrigado!... — balbuciou o barão, abraçando-o, n'uma ternura fundente.

E o marquez, admirado, arredando-o:

— Que tens tu?... Ouve, *espega.* — Ergueu ao ar o cartão, na ponta dos dedos. — *Tgago-te* aqui um *pguesente* magnifico!

— Uma surpreza? — acudiu o barão, a sorrir, n'um grande allivio, socegando.

— Olá! papa-fina!... Apanhei-o de acaso, hontem, n'um *feggo*-velho. Apenas o vi, disse logo commigo: que *guica* coisa *paga* o Sebastião! Não descançava sem t'o *tgazêg.* Vinha com ella fisgada! E vae *pog* isso vim a esta *hoga*... *paga* te *apanhag* em casa.

— Meu amigo! meu amigo! — agradecia effusivo o barão.

O marquez continuava agitando no ar o precioso papel. Tinha o barão suspenso. Pinchava-lhe nos grossos labios uma provocação amistosa, clareava-lhe os olhos uma bondade captivante, e uma larga e sã ironia o hilariava, aquecendo-lhe as feições e purpureando-lhe o craneo.

O barão acercára-se, com interesse.

— Vamos então a vêr...

O marquez desinrolou com pausa o velho car-

tão, de longe, e expôl-o ao alto, tenso nas duas mãos, solemnemente.

— Um mimo de *pguêço,* vê! Conheces?... Tem mais de cem annos. É, ou não é, uma peça de *valôg,* um bello *pendant* ao teu *Ganymedes?*

Uma velha gravura amarellenta, de Cardon, reproduzindo a celebre tela caricatural de Rembrandt, que Dresde no seu museu archiva com orgulho. — A meio do quadro, Jupiter, feito aguia, e um mocetão de sete para oito annos, quasi nu, figurado de costas, gordachudo, lorpa. N'um desfastio de bom-humor, o brejeiro senhor do Olympo soergue ao rapaz com o bico a fralda da camisa, e o poltrão chora, bérra e esperneia com medo, e, na diurese do terror, vae fazendo em bichinha pelo ar o mesmo que os aldeões de Teniers bonacheiramente fazem, de perna aberta, em pé contra os muros. — Uma bella, fiel e classica reproducção d'essa admiravel satyra pictural, feita com uma veia poderosa, tocada por um traço de genio, magistral, eterna.

N'um salto, o barão apoderára-se da gravura.

— Sim, é... sim... — confirmava amargamente, examinando-a.

— Magnifica, hein?... E em muito bom estado. Sou, ou não sou amigo?

— Amigo, sim... — repetia o barão, sem consciencia.

Amarfanhado na *causeuse,* retinha o cartão nas mãos tremulas, e com um olhar embrutecido de dôr estudava-o, devorava-o... resignadamente padecia a cruciante ulceração do subitaneo epigramma.

Por cima do hombro d'elle, o Paradella, em pé ao lado, olhava tambem o papel, embaraçado. Nenhum dos dois fallava. E o marquez, intrigado

d'este silencio molesto, sem perceber, n'uma ponta de impaciencia, interpellou:—que diabo tinha havido n'aquella casa?... tudo macambuzio e sorna, tudo com cara de caso! o guarda-portão, a creada, o dono da casa, os amigos...

—Dono da casa! que irrisão!—suspirou o pederasta.

—Então não és?

—Ó filho! poupa-me...

—Mas que demonio de *mysteguios* são estes, afinal?... *Paguece* que *espegam* a *móguete!*

—Quem déra!...

—Homem, eu não sou *coscovilheigo*,—insistiu o marquez,—nunca vivi de *mexeguicos* nem de *intguigas*... mas, co'a *bguéca!* os desgostos dos meus amigos hão-de-me *sempgue integuessag*, ou eu não sou seu amigo!

E, para Henrique:

—Que foi isto?...

Henrique então, tomando-o a um lado, apontou-lhe rapidamente, em meias phrases, ao ouvido, o que se tinha passado. Aturdido e esmagado, não podia crêr o marquez. Em raptos de indignação, atalhava a cada instante:

—Isso é impossivel!

Mas o Paradella confirmava, esmiuçava, insistia. Mais que certo. A termos que, por fim, ante a esmagadora evidencia, já o marquez não fazia senão—Pobre barão! pobre barão!—lastimar, compadecido.

Um doloroso e aspero cuidado regrava-lhe a lisura da testa, empanava-lhe a fina coloração rosa da epiderme, afilava-lhe os labios, contrahia-lhe os punhos.

—Diabo! diabo!...—monologava elle, n'um embaraço, agitando-se e puxando da nuca para a

frente, com a mão direita, a sêda prateada do cabello. E, grandemente afflicto, para Henrique:— Como havemos de nós *agoga?*... E a *bagoneza, é vegdade?*... *Pguecisamos sabêg*... Não tenha ella ido *fazêg* alguma *asneiga!*

Depois, parado na frente do barão, com inexprimivel meiguice:

— Meu *pobgue* amigo!... Não sabia nada, *jugo-te*...

Mas o barão, aspero, hostil:

— Por amor de Deus! não me lastimes...— exclamava. E para os dois, n'um impeto:— Vão-se embora! afastem-se, evitem-me, deixem-me vossês!

Viéra-lhe o pejo do seu infortunio, a rebeldia do seu mal, a vergonha da sua miseria.

E recaía a devorar amargamente a gravura, amnesiado, estupido.

— É um rico *pendant*, é... á minha desgraça!

E as pelhancas da face pingendo em bagadas de lagrimas.

XIII

Serenado o alvoroto que na mudez cava da noite as detonações do *rewolver* do barão haviam acordado, não conseguia a baroneza, desnorteada e pavida, assentar ao certo no que devia fazer.

Com a explicação d'um caso qualquer de ladrões conseguira-se desviar a patrulha; a creadagem reaccommodára-se; e Elvira agora, só, no *toilette*, n'um desassocego de espanto, debatia-se entre a ordenança imprescriptivel do dever e as allucinadas visões d'um pavor indominavel. — O seu dever era ficar... bem o sentia... ficar e aguardar ali, n'uma passividade de ré colhida em flagrante, resignada e firme, o *veredictum* do seu juiz e senhor legal, a punição da sua fraqueza, o castigo da sua infamia. — E applicava o ouvido, assustada. — Mas assim, tão nova!... Elle matava-a! era o mais certo... E havia de ella sujeitar-se a esse horror, sem resistencia nem protesto... com a vida tão cheia de risos e de promessas... assim prematuramente?... — Vinha-lhe uma revolta. — Era talvêz excessivo! Quando mais

que para a lenta gestação do seu crime havia o marido concorrido tambem, em grande parte. O mais ferrenho cumplice, elle, do seu desvario!... Quem, senão elle, lhe mettêra o rapaz obstinadamente á cara?... porque era assim, porque era assado... Quem a aquecer-lhes a intimidade... a estimulal-os, a aproximal-os... a facilitar-lhes os manejos, a amiudar-lhes as entrevistas?... Seria bom metter tudo isto em conta!

E n'um rebate froixo de esperança, cobrando coragem, a baroneza serenava.

Mas logo, desolada: — Em todo o caso, por onde quér que ella encarásse a sua falta, por mais voltas que désse á sua desgraça, não havia meio de illudil-a! fugir-lhe... Fatal!... Era uma mulher perdida, irremediavelmente! — E pranteava-se. — Que fazer, que fazer agora?... que futuro ia ser o seu?... como attenuar para o mundo...? a quem acolher-se? quem a havia de querer? que geito dar á sua vida?... — E, desesperada: — Acabar por uma vêz!... era o melhor! — concluia.

Assim n'esta atormentada incerteza continuava hesitando, entre a submissão e a revolta, entre a obrigação e o medo. A todo o instante lhe parecia sentir passos do barão... Vacillava, estremecia. E no tresnorteamento da febre e do receio as ideas, as soluções, os alvitres baralhavam-se-lhe; confundia e esquecia as praxes mundanas, o formalismo social, os usos, as leis, os homens; invertiam-se-lhe por inteiro as noções das coisas.

Porfim, o terror predominou. — um terror desapoderado, insustavel, doido. Venceu-a a instinctiva defêza da sua mocidade. Pôz á pressa um chapeu, cobriu um mantelête, e, sem bem saber explicar-se porquê, nem para onde, saíu tambem de casa pelo portão do jardim.

Em breves minutos, estava á porta da casa de Xavier da Camara. No momento preciso em que elle recolhia, do Gremio. Julgou-se fóra de seu juizo o marialva. — Não podia crêr! Foi-lhe mistér affirmar-se bem, uma e outra vêz, e espertar a vista, e apertar muito entre as suas a pequenina mão da inopinada figura, para se convencer de que estava pleno senhor das suas faculdades e que era realmente a baronezita de Lavos que elle tinha ali assim, áquella hora, desabusada e facil, como uma *cocotte* á gandaia, a procural-o.

No subito alarme do pasmo e da surpreza, nem um instante o atraiçoou comtudo o seu feitio urbano e delicado. Comprimentou com respeito, e já rodeiava de deferencias, de attenções a gentil miniaturita; já, gaudioso e affavel, a convidava a subir, indo elle na frente, a allumiar, de rôlo de pavio accêso.

Em breve entravam os dois, em cima, no seu grande quarto de rapaz, — mil coisas futeis a monte, largo sophá de crina, do espelho umas meias de mulher pendendo, frascos de essencias destampados, uma agua de sabonete na bacia, pelas paredes *terras-côtas*, peitos e luvas de camurça, mascaras de arame, florêtes, aguarellas.

Xavier da Camara accendeu, n'uma pressa, os trinta e dois lumes do seu toucador de *érable* e ebano. — Não podia crêr ainda, não voltava a si do espanto, não conseguia explicar a que devia a honra d'aquella visita, tão supinamente deliciosa quão absolutamente inesperada. — Ao que a baroneza, com o olhar em branco, indo e vindo no aposento, estouvada, irrequieta, gaguejava, trepida e quente da vergonha: — não lhe tinha elle dito e repetido, centos de vêzes, que a amava? que a amava muito?... Pois ella vinha offerecer-se-lhe...

resolvêra aquella loucura! Vinha entregar-se-lhe, incondicionalmente, para sempre!... Era só isto... — E n'um sorrir provocante, abrindo os braços: — Ali a tinha!

Á medida como ella fallava, o marialva porêm, manhoso, experiente, fariscando cilada, fechava-se n'uma reserva. Pôl-o subitamente em guarda o seu tirocinio mundano, o seu egoismo feroz de celibatario. — Convinha-lhe o amor da baroneza, certo... uma aventura *catita!*... Mas habitando ella em S. Christovão, inteiramente ao cargo e cuidado do marido... Assim, muito bem! Agora mantêl-a elle como sua.... caír em a pôr á trella da sua rica vida... nada! nem o seu appetite por ella era para tanto, nem elle tinha posses, nem pachorra, nem vagar para isso.

Tanto, que ao gracioso offertorio apenas contrapôz, n'um leve desdem: — Oh! eu não mereço tamanha honra, baroneza... — E indifferente á exoração da adultera, tendo accendido um charuto, repotreou-se no sophá, de perna traçada e cabeça ao alto, mudo, inaccessivel, n'uma apostura de gêlo.

Vencida de impaciencia e de raiva, a baroneza então rompeu n'uma catadupa inflammada de revelações, de supplicas; atropelladamente relatou, desfiou, aclarou tudo, — a sua paixão polo ephebo, a emboscada do marido, o escandalo, os tiros, a perseguição, a fuga; e ao cabo rogava com ardor, rojada aos pés do esquivo semi-deus, n'um exaspero, desgrenhada, — que consentisse em salvar as apparencias, acceitando-a... fôsse liberal, magnanimo... tomásse-a para amante!

O marialva, n'um risinho sardonico, amolava.

— Quer então dizer... Comprehendo... V. ex.ª, tendo-me denegado a porção spontanea e limpa

do seu amor, — a unica apreciavel, — vem agora trazer-me, violentada polas circumstancias e no seu proprio interesse, as alimpaduras da sua alma, do seu coração o rebotalho!

— Oiça...

— O' minha senhora! realmente... — n'um tom magoado atalhou o Camara.

E ella a insistir:

— Salve-me! salve-me!

— Para as falhas, hein?... Quer-me parecer que eu não lhe merecia uma tão assignalada marca de desprezo!

— Seja um tudo nada generoso!

— O amor é um divino nectar, espumoso e rutilo, que eu consumo e adoro, como todo o mortal que se préza. Simplesmente, quero o meu copo bem cheio e bem diaphano... *No me piace* esvasiar escorralhas.

— Por caridade! — afervorava na supplica a baroneza.

— E, depois, esse Eugenio é um rapaz perfeito... não pósso competir...

— Amando-me, como dizia...

— N'um certo tempo...

— Não lhe deve ser custoso... E é natural: o mundo suppõe que nos amâmos.

— Não faça tão tolo o mundo, minha senhora.

E como sinceramente o irritásse este stratagema, nada honroso para elle, da baroneza, o Camara foi cruel, zombeteiro, hostil... n'uma osgasinha de raiva resolveu dilaceral-a.

— Inganou-se, inganou-se, baroneza... Eu não ando aos caídos de ninguem!

Aqui a baroneza emmudeceu e tombou sobre um *fauteuil*, esmorecida. Passados minutos, tornou, balbuciante:

—Recusa, então...?

—Certamente, —fêz o Camara, erguendo-se. E com um ar superior continuou: —De resto, nada d'isso que aconteceu me surprehende... Era de esperar. Muito tardou! —A baroneza escutava. —As duas figuras d'um *ménage* ambas simultaneamente a morderem na mesma fatia, de força que, mais tarde ou mais cêdo, haviam de os seus dentes incontrar-se... E é sempre desagradavel.

—Mas como?... Não percebo.

—Ora! ora!...

—Não comprehendo, palavra...—insistiu n'um sobresalto anciado, a baroneza.

E o Camara regalado:

—Pois, á excepção de v. ex.ª, toda Lisbôa o sabia!

—O quê...?

—Entre seu marido e essa irrisão de homem, chamada Eugenio, mantinham-se as mais vergonhosas relações de intimidade.

—Que diz!?

—Sim... era *maricon* do barão o seu amante.

—O quê!? Pois ha d'isso?... —exclamou Elvira, erguendo-se de chofre, branca, muito branca na grande luz dos candelabros.

—Sim, minha senhora, então não ha?... —carregou cynicamente o Camara. —E é bom, para escarmento das esposas levianas e picante recreação das gentes.

—Oh, meu Deus! meu Deus!... —balbuciou dolorosamente a baroneza, afogando com desespero o rosto nas mãos crispadas.

Tal assombro de revelação fulminou-a de morte. Esmagada de espanto e de dôr, aniquillada, fria, vacillou e caíu, falta de apoio, exanime nos braços do marialva. Então, n'um relampago de

excruciante lucidez, n'um torturado instante de agonia, fêz-se por inteiro a luz no seu espirito. —Assim tudo se explicava... Abominavel!—N'um ligeiro deliquio, passando em revista certas scenas do passado, breve achou o claro motivo de coisas que antes sempre haviam sido para ella indecifraveis. Sentiu a logica dos factos, tirou illações, viu analogias. N'um instante comprehendeu e alcançou a horrorosa verdade! — a prostituição sua e do ephebo, a abjecção moral dos três, aquella obscena e bestial promiscuidade, o abandalhamento inverosimil do marido... n'um instante mediu, horrorisada, d'esse viver prostibular de S. Christovão a pavorosa ignominia.

— Oh, era horrivel!... sobrehumanamente horrivel! — Sacudia, agitava afflictamente a cabeça... queria a todo o custo revoltar-se contra a evidencia da infamia... gemia protestos, imprecações, queixumes... e na atormentada ranilhura do rosto gravava-se-lhe uma expressão intraduzivel de arrependimento, de pasmo, de nôjo e de vergonha.

Gosando o effeito da revelação, o Camara observou, malignamente:

— Já vê pois v. ex.ª que em similhantes condições... No emtanto, minha senhora, — acrescentou com um riso canalha, adoçando a phrase, — não tenho a menor duvida em lhe dar no meu leito, por uma noite, agasalho...

Ao insulto, a baroneza soltou-se e arrancou pela escada abaixo, com um nó na larynge e o coração batendo como um martello, aos tombos no escuro, embrutecida, louca.

Quando, horas depois, já dia fóra, entrou em casa dos paes, as fontes estalavam-lhe, escaldavam-lhe as mãos, doíam-lhe os musculos. A narrativa do succedido á mãe exacerbou-lhe a dia-

these morbida. Resultaram crises de nervos temerosas; violentas perturbações mentaes, apathias, desmaios, delirios, furias; e uma febre biliosa sobreveio, alta, insistente, que a teve á beira da morte.

Na logica fatal da sua natureza herpetica, logo o barão pensou em furtar-se, o mais prompto e rapido que podésse, ás deplorabilissimas condições a que o arrastára a desgraça. A viva irritabilidade do temperamento não lhe consentiría supportar capazmente, sem fundas perturbações funccionaes, sem anormalismos nervosos graves, do seu novo estado social a infamia irrefragavel. Demasiado aberto á dôr e ao soffrimento, um insustavel movimento interior o levava a reagir contra elle, pola capitulação e a fuga, indominavelmente. —Fugir! fugir presto e longe!... não importava se bem, se mal... para onde nem por que modo... mas fugir, fugir por força! —era a necessidade suprema, o voto incondicional da sua alma; era da sua vontade exasperada o dictame inilludivel.

Queria por completo e breve illudir as responsabilidades, amaciar, delir, esquecer os factos, evitar o ridiculo e a vergonha, sacudir a deshonra; queria, com a facilidade de quem larga um fato sujo, libertar-se do stigma indelevel do passado, para de seguida entrar n'uma nova situação, limpa, escorreita, que não podésse ter com a anterior o minimo ponto de contacto. E ao passo que o aspero quilate da sua sensibilidade o tornava tão absolutamente esquivo ao ignominioso effeito da nova situação, as perversões psychicas e somaticas do character, a passividade ingenita do seu animo faziam-n'o acceitar a cobardia do

precipitado expediente como a coisa do mundo mais natural e mais lisa.

Assim, n'um d'estes subitos impulsos que são essenciaes na psychopathia dos doentes e dos fracos, elle rosolveu cortar por inteiro, sem dilação nem preparo, as suas relações moraes e materiaes com tudo quanto havia succedido. Á mulher fêz notificar que não mais viveria com ella, sem descer a requerer separação judicial, más abandonando-lhe no emtanto inteiramente a administração dos bens, no valor de vinte contos de réis, com que a tinha dotado. Ao mesmo tempo decidia, para seu socego, vender, reduzir promptamente a dinheiro o remanescente da fortuna, solver todas as dividas, e converter depois o resto em papeis de credito; pois calculava deveria ainda ficar-lhe o bastante para segurança d'uma mediania repoisada e modesta.

E como tudo isto era trabalhoso, fastidiento, ingrato; como obrigava a uma longa série impertinente de formalidades, calculos, attenções, cuidados, para que elle se sentia em absoluto impotente, o barão instou valentemente com o marquez e o Paradella, a vêr se estes se resignavam a tomar nos hombros a commissão enfadonha; e, tendo conseguido, a poder de lastimas e rogos, resolvel-os, para logo lhes deu carta branca e saíu do reino.

Acceitaram os dois com viva reluctancia o molesto encargo. Só muito violentados, só d'uma grande commiseração movidos polo infortunio enorme do amigo, é que se tinham submettido. E apezar de toda a sua bôa-vontade e diligencia, deu o desastroso resultado que era de esperar esta liquidação forçada. A maior parte dos valores, tanto moveis como immoveis, as fazendas ruraes

principalmente, assim offerecidos com instancia, lançados quasi simultaneamente no mercado, e onerados para mais com a exigencia feita ao comprador da sua immediata realização em moeda, fôram, póde dizer-se, vendidos ao desbarato. O bello palacête de S. Christovão houve de ser cedido polo custo da cantaria. Os proprios objectos de arte, como quér que na occasião se achásse gravemente doente o rei D. Fernando, com cuja ideosyncrasia artistica se contava, tivéram uma arrastada cotação.

Isto emquanto o barão, pela Hespanha e pela Italia dissipando e divagando, — inconsequente, vario, distrahido, — frivolamente se dava a desmanchar, esvaecido e disperso em amores de occasião, em aventuras de baixo preço, em latibulares fortunas, o naufragio moral da sua vida.

Passados seis mêzes, no regresso, o barão vinha como novo. Amnesiára por inteiro o passado. Transfigurára-se. Era agora como que um outro personagem, um homem de longe, um extranho, um ignorante, um simples; era um curioso e incauto *parvenu*, cheio de surpreza e interesse esmiuçando os barbaros pormenores d'um paiz desconhecido.

Alheiado e leve, deliciado, attento, de manhã á noite levava percorrendo, em desfastios de ocio, n'um regalado passeio, os pittorescos accidentes da cidade. Procurava pontos de vista, pasmava do céu, estudava os costumes, rebuscava os monumentos. Longe a longe, defrontava com algum velho conhecimento e ahi o abraçava expansivamente, lesto e feliz, n'uma soalheira alegria. E pouco a pouco reentrava no antigo, reconhecia onde estava, lembrava-se, familiarisava-se... pou-

co a pouco voltava a descobrir, sem sombra de melhoria ou de progresso, o mesmo *meio* laxativo e pelintra, e paradas n'uma stagnação de pantano, cruamente avivadas polo mesmo sol implacavel, as mesmas immundas e dissaboridas coisas:—os remoinhos de pó nas praças, um ar de cloaca nas lojas, as ruas nauseabundas, as pilécas dos trens, o pregão dos cauteleiros, gallegos sujos, em mólho, atravancando as esquinas.

Foi um dos seus primeiros incontros o Mendoncita, á paisana, esverdongado e derrengue, sujo, caspento, as pernas em compasso, o arcaboiço estiolado. Estava um velho precoce. Prognata e myope, syphilisado, gasto, bretoejavam-lhe pelo rosto rosaceas de eczemas suspeitos, rugas de sexagenario radiavam do angulo das palpebras cosidas, na orbita vermelha dos olhos ardia uma luz sêcca e fria, e nos labios sem côr nem brilho um riso falso e exangue estrebuxava.

—Tinha largado a vida militar... Vida de automatos. Uma massada! incompativel com a dignidade humana,—accentuava, aprumando-se e abotoando o jaquetão coçado.—Outras funcções mais altas e mais nobres o reclamavam! Tomára praça na fogachante legião dos Titans do espirito. Escrevia muito... e com vantagem. Tinha um drama em scena... chronicas, poesias, contos pelos jornaes dispersos... Começava o seu nome a estar em voga. Originalidade, uma certa audacia...—Amarfanhava, invaidecido, o grande chapeu molle contra a nuca, e, tomando familiarmente o braço do barão:—Havia de vêr!

E os dois, unidos por um sordido e commum sympathismo, ahi descem agora a rua de S. Roque, de braço dado, taramelando, amigos.

No Chiado, em baixo, depararam com o coro-

nel Militão, gordo, vermelhinho e têso, bigode e pêra como azeviche, reluzentes, o olho frascario, os rins cilhados.

Grande e amistosa effusão, ao subito conspecto do pederasta.

—Ó meu charo Sebastião! Bravo!... Já de volta?... E agora de vêz, hein?... Ainda bem. Muito estimo. Vossê vêm famoso!

E informava-se, — quando tinha chegado?—e, contrariado, lastimava: — Que pena! não poder demorar-se com elle um bocado, agora... Tinha uma entrevista... com uma *pécora*. — Apertava a polpa carnuda da orelha, explicando, n'um risinho pedante: — D'aqui!... — E — coisa bella! — sublinhava. — Contos largos...

Já um passo adeante, e despedindo-se, não poude ter-se que não perguntásse ao Mendonça:

— É verdade, então o amigo,—vi nos jornaes, —sempre deixou as divisas?

— Tal qual.

— Pois, com a devida vénia, fêz uma rematada tolice.

— São modos de vêr...

— Que demonio de telha foi essa?... Deu um pontapé na fortuna, acredite. Deixar assim uma posição bella, garantida, *catita!* como esta minha... cá havia de chegar.

— Não se rale, coronel. Isso é comigo.

— Ande-me pelas litteratices, ande, que hade ir longe... — ainda remoqueou Militão, encolhendo bonacheiramente os hombros. — Emfim, vossê é poeta, e os poetas todos têem seus *quêses*.

Agora, definitivamente, ia deixal-os.

— Adeus, adeus, meus amigos... não quero fazer esperar a *pequena*.

— Felizão! — lisongeou o pederasta.

E o Mendonça, segurando-o:

— Espere, oiça lá... E então, depois, não reparte co'a gente?

— Nem pensar n'isso!

E, tendo segredado, — é coisa muito particular... — o pimponaço partiu, emproado e taful, brandindo alto o chicote e tilintando com arreganho as esporas no asphalto.

Depois de lhe rir desafogadamente nas costas, o barão passou a informar-se, n'um voluptuoso vagar, das relações antigas. — Áparte os seus dois divinos amigos, Henrique e o marquez, não tinha visto quasi ninguem ainda. Que era feito do Alipio? a Reodades?... E, era verdade, estavam-lhe ao pé da porta... e o Florindo?

— Oh, que grande impostor! — explodiu azêdo o Mendonça, n'um irreprimivel impulso de animadversão, de inveja. — O Florindo... Isso está cada vêz mais sybillino, mais *pão*, mais indecifravel, mais tôrto! É a mumia d'uma vaidade, um caco velho com gatos, uma reputação frustrada. Desandou em intrujão, na impossibilidade de ser genio. Tudo postiço: os miolos, os dentes, a erudição e o cabello. Tornava-se preciso d'um novo Champollion o engenho elucidante, para n'essa esmadrigada carcassa poder com segurança destrinçar o que é propriamente d'ella e o que é emprestado.

— Que vontade vossê lhe tem!

— Vontade, não... Não serei amigo d'elle; mas tambem não tenho privilegio nenhum de invenção a tirar, por qualquer droga mirifica... de forma que não preciso d'elle para nada. Porque o Florindo é hoje uma especie de cartaz ambulante, de lettreiro de elixir, de rotulo de garrafa... um reclamo vivo para uso de especialistas, charlatães e

varios ladrões congeneres. D'isso vive. É o seu officio... Os traficantes do artificio monopolisaram-n'o. Anda por conta de varias industrias de especificos, propagando aos quatro ventos da cidade das respectivas drogas as excellencias. O *Mascaró* deu-lhe um olho de vidro; o *almanak* de Ayer fornece-lhe o padrão das côres para o seu jaquetão de gala; e dão-lhe bem bôa *massa*, que eu saiba, o *Alexander* dentista, o Magalhães peluqueiro, o *Pomada florestal*... e a Academía.

— Um pobre diabo... deixe lá. Vou vêl-o.

E, tendo ajustado para essa mesma noite um novo incontro, os dois separaram-se.

Subiu pois o barão os oitenta e seis degraus que davam ingresso á thebaida do philosopho, e, introduzido, notou que o hieratico personagem o recebia com palpaveis signaes de embaraço. Trocado um rapido amplexo, as primeiras phrases de comprimento, que naturalmente deviam saltar, spontaneas, frescas, fôram ditas a custo e arrancadas sem calor, sem geito, n'um gaguejo pêrro de arrelia. Não estava á vontade o Florindo. Qualquer ponderosa causa amordaçava a festiva expansão de cordealidade, que, era de esperar, na sua nobre alma de poeta despertásse a subita e inopinada reapparição do amigo.

Chocado e offendido, sem perceber, já o barão pensava em retirar-se, quando reparou que não estava só no aposento com o pretenso semi-deus. Dois personagens mais se debuxavam, exoticos, parados, barbaros, na penumbra druidica da pequenina sala de visitas, pífiamente adornada de paysagens a fróco, daguerreotypos, conchas e florinhas de papel.—Seriam *derviches* do templo? Não; apenas uns intonsos labrostes. Provincianos, sem duvida. Eram duas creaturas grotescas, ordinarias,

sujas... principalmente sujas, — sentia-se... votando sem discrepancia á agua, — Darwin tinha razão! — um horror ancestral e intransigente. Lavava-se então, como hoje, muito pouco a provincia.

Vestidos de casimiras desbotadas, esfiampando nas dobras, de padrões gastos, de córte antediluviano, e os collarinhos sem gomma, em rodilha as gravatas, as botas brancas de argamassa, escarcelada a pelle, os ossos largos, — pareciam os dois alarves preciosas peças archeologicas, primitivos deuses talhados em pau do sertão, quaesquer velhos amuletos, assim todos em arestas, negros, disformes na meia-luz religiosa d'aquelle pagode a mêzes, de anagramma em missanga, canapé de mogno e papel de seis vintens.

Não os apresentou ao barão o Florindo. Parecia vexado. Indicou-lhe, sem fallar, uma cadeira, e continuou em pé, agitado, contrariado, azêdo.

Então o menos velho dos dois basbaques seguiu interpellando, n'um arreliativo tom familiar, o dono da casa, sem a menor deferencia pola entrada do barão, como quem reatava uma conversa interrompida.

— Ora o primo não se lembrar de mim! — elle mascava, tristonho.

Sentado n'uma posição contrafeita e ridicula, o tronco para a frente, os pés pendurados, de tacões cambos, e entaladas as mãos entre as pernas, com o chapeu nos dedos, toda a mesquinha figura do sabujo se annullava na sombra enorme da cabeça, paradoxal, immunda, casquetada, como a do primo, por uma immensa cabelleira côr de aza de côrvo, basta, longa e inextricavel, em cuja espessura apocalyptica se adivinhava formigando e prosperando alguma escola Froebel de parasitas.

—Eu era o Augusto... Puxe pela memoria... hein? o *Gatinhas*...—insistia, unctuoso, mostrando os dentes.—Jogámos o *eixo* muita vêz, á saída da aula do *Pito*. E no jogo do *homem* então era eu um barra! Muito pataco fizémos nós *macanjo*, á força de os roçar na terra, n'aquelle largo do Collegio!

O Florindo tinha um riso forçado. O primo continuou:

—E quando eu esmurrei as ventas áquelle atrevido do Braulio, por sua causa,—lembra-se?... Aposto que agora...

—É verdade, sim... começo a recordar-me vagamente. Muito obrigado...—balbuciou o Florindo, aos torcicollos na sala, torturando o bigode.

—Eu era bem seu amigo! Era e sou, por alma de meu pae!—tornou o farçola, achegando-se e amarrotando com fervor o chapeu braguez contra o peito.—Olhe que uma vêz, na quinta do Arcozello... vinha a gente do pomar, eram *trindades*... e, recordo-me muito bem, o seu paesinho disse-lhe: «Florindo, toma conta... Este diabrête do Augustinho ninguem dirá que é teu parente afastado. Parece-se immenso comtigo, e quer-te muito. Podia ser teu irmão... Se pelos vaivens da sorte viéres um dia a ter no mundo um logar preponderante, vê lá, não sejas ingrato! não deixes de repartir com elle o quinhão das tuas fortunas.»

—Santas palavras essas!—acudiu agora o outro labrêgo, levantando-se tambem, sentencioso.—O paesinho era um santo... Conheci-o muito bem; vinha a ser segundo primo do avô de minha mulher, que Deus haja. E amigo d'elle como eu era... bôa! Eramos unha com carne. *Bondas* vêzes o ajudei eu, o tirei de afflicções, na medida

das minhas posses... E o menino então, farteime de o trazer ás cavallitas. Por signal que, d'uma vêz, sempre me fez pelo cachaço abaixo uma desfeita!... O que a mãesinha riu! Bons tempos... Mas, em summa,—epilogava, resignado, amarfanhando-se,—isto a terra é de quem apanha e o céu de quem o ganha... Hoje aqui o temos, sem inveja o digo, todo aureo... rico, importante... e eu um triste lavrador, sem passar da cêpa torta, limitado ás *vêrsas* e ás batatas... quando as ha.

E os dois rodeiavam e prendiam, n'uma canina avidêz, o Florindo, que posto em prova, sem paciencia, peguinhava,—que estimava muito vêl-os... mas que tinham vindo de balde, porque a verdade era que não havia herança nenhuma a repartir, palavra de honra!

Muito ao de leve soou n'este momento a campainha da escada. O Florindo estremeceu, emquanto os dois carraças trocavam um olhar de intelligencia. D'ahi a instantes, um terceiro bonifrate invadia a salinha, typo faminto e solemne de mestre-eschola,—escanifrado, espectral, muito longo e curvo, escanhoada a face por inteiro, barretinho de algodão protegendo a calva, oculos na ponta do nariz, os olhos aquillinos.

Tendo reverenciado da porta, com uma profunda mesura, a pessôa do poeta, o novo intruso abalançou, endireitando-se quanto podia e abrindo a expressão n'um motête affectuoso:

—Então... quem sou eu?...

Sobraçava um guarda sol enorme de panninho azul com ponteira amarella, tinha as calças arregaçadas, volta de sêda ao pescoço, e as fartas abas da sobrecasaca *patuleia* dançavam-lhe muito abaixo dos joelhos.

Como o Florindo não désse a menor mostra de conhecêl-o, avançou e involveu-o n'um abraço hypocrita, censurando:

—Não me conheces, hein?... Isto é fino!... E pintadinho!—acrescentou, mirando-lhe de perto o bigode.

—Pintado isso é que não!... Que idea!—repellou, offendido, o Florindo.—Ainda não preciso.

—É a bôa vida que levas...—E mudando de tom, muito cheio de si, amparado ao guarda-sol, com emphase:—Pois, senhores, eu nunca tinha vindo á capital do meu reino. Apezar de que já visitei Braga, o Porto, Coimbra, e outras cidades muito frequentadas... E estou incantado! Isto é bello, bello!

Tornou arreliativamente a soar na escada a campainha. E um novo piscar de olhos houve, agora dos tres patricios, ao passo que o Florindo rompeu para o corredor de salto, como um leão ferido, a gritar para o creado:

—José, ó José! ouviu?... Seja quem fôr não estou em casa!

—Que espiga! Safa!—exclamou elle ainda, ao voltar-se, vendo o barão, que o tinha seguido.

E este, mal podendo suster o riso:

—Vou-me embora. E lastimo-te... Mas que é isto, afinal, não me dirás!...

—Vaes-te rir... Bem comico! A minha divina ascendencia está mais que provada. Resolvi requerer um titulo. Mas, antes, escrevi para a terra, a vêr se de acaso não teriam já morrido per lá uns certos parentes... que me envergonhavam, fallando com franqueza. Vae os almas do diabo, todos vivos e sãos! não sei que imaginaram! cheirou-lhes a espolio, a herança... como eu andei

pelo Brazil, sabes? de mais a mais, e temos lá parentes. O caso é que me cáem todos aqui em cima, como vês, uma verdadeira praga! e não me acreditam e amolam... e eu não sei como me heide vêr livre d'esta caiçada! não sei... Um inferno!

Á noite o Mendonça teve uma bebedeira de prazer, quando, pelo barão, soube do caso.

Tinham-se os dois incontrado, rua Nova da Trindade, n'uma vasta cervejaria, toda em azulejo e abobada, lembrando um refeitorio de frades, com um bello ar antigo, na qual davam em reunir-se então, das dez á meia noite, os nossos primeiros republicanos. O barão detalhava a scena com rubricas mordazes; e o casposo vate, deliciado, esquecido do *bock* que tinha na frente, desquadrilhava de riso, saboreava em amplas gargalaçadas, colhido dos labios do barão, o desoppilativo episodio.

— Então, vê? que lhe dizia eu?... Farcista! — commentava elle, esfregando as mãos, radiante, o fermento acre da inveja a brincalhar na luz sêcca e fria das palpebras vermelhas.

Breve, passando a outro assumpto, saccou da algibeira do jaquetão, com o lenço e os cigarros, uma porção de gazetas que trazia em mólho, comidas de surro, amarrotadas, quasi illegiveis, torpes; e tendo ordenado com entono jupiteriano ao creado que limpásse a mesa, estendeu-as solemnemente, com vagar, uma por uma, sobre o marmore côr de rosa.

— Aqui tem o meu amigo... — explicou, de mão espalmada sobre os ignobeis papeis, ao barão aterrado. — Nunca avanço coisa nenhuma sem provas. Estes são os meus titulos de nobreza, os

documentos do meu valor, ligeiros pródromos do meu talento. Aqui tem... vae vêr.

E, acarinhando os jornaes, passava a mostrar, todo dobrado sobre a mesa, impertinente, myope.

Ali tinha, para principiar, a primeira das suas chronicas galantes, inserta n'um jornal creado recentemente e dedicado em especial ás damas,— jornal fino, leve, elegante, verdadeiro jornal *fim de seculo,* o qual diariamente dava, alêm dos anniversarios natalicios das pessôas... que já tivéssem morrido, graciosas exhumações das mais cahoticas gravuras do velho *Panorama* e retratos de varias celebridades indigenas, á razão de quatro libras.

Era assim a chronica:

Emmergido para este meio, do fundo da minha pacata villória alentejana, onde me deccorreram nos ultimos tempos os dias mais crepusculinos da minha poentiva existencia, tu comprehendes, hypothetica gentil leitora, que vaes ter o mau gosto de me lêr, que eu não poderei corresponder á espectativa exigente em que te encontras, por motivo da tua leitura assidua d'este genero de litteratura em illustrações «fashionables».

No emtanto, eu prometto-te que só aqui virei ás quintas-feiras, palestrar comtigo «dois dedos de cavaco», resalvas as falhas, para quando o assumpto escaceiar, ou a melancholia, serpente sinistra, me não amarrar em suas valvulas ao pôtro da obtusidade.

Procurarei informar-te das occorrencias da semana, e d'ella tirarei as illições que ao meu pobre espirito parecerem consentaneas ás meticulosidades da tua intelligencia, recalcando, quanto em mim caiba, as suggestões tristes que os casos reclamem, para te não bulir com o nervosismo, já d'antemão exacerbado...

Tudo o mais n'este theor.

O barão bocejava; emquanto, aquecido, o Mendonça passava a lêr-lhe d'uma outra chronica as seguintes phrases, que com grosso louvor varios jornaes haviam transcripto:

Lisbôa é uma nação pequena. Tem talentos seus, antiguidades suas, vergeis floridos e perpetua mocidade. Em Lisbôa existe a capella gothica, o convento monastico, e o fundador da dynastia, senão modelado em marmore, hirto e solemne no silencio do sepulchro.

Em Lisbôa passeia o republicano (dentro dos limites da Carta), devaneia o poeta, aconselha o auctoritario. É uma lyra corôada de myrthos, e uma cythera corôada de estrellas. Tem especialmente tres cordas: a mocidade que canta, a tradição que encanta, e a Rocha do conde de Obidos que espanta.

E tem sobretudo a Arcada que anicha.

Sem fallar n'esta metaphorica synthese do genio de Victor Hugo, dada á luz n'outro jornal: — «Hugo! esse grande de Hespanha de primeira classe em poesia, cujo estro sublime tem percorrido toda a immensa gamma dos sentimentos humanos. desde *leticia* até *meticia*.»

E, na noite seguinte, teve o barão de ir ao Principe Real, á quinquagesima representação do melodrama do amigo. — De fio a pavio applaudidissimo, por um publico franco e rude, sinceralhão, violento. Sobretudo, a ovação tocava as raias do delirio, quando, no final do segundo acto, o tyranno rugia para a ingenua, — a voz cava, o punhal dardejante, e ao peso das largas passadas o tablado estremecido:

Insultas-me!?... Treme de mim, mulher! O coração que se vê calcado sôb o cothurno do odio o mais vil, póde tornar-se, de terna rôla, em adunco abutre, e esphacelar com as suas garras cruentas aquella que o desprezou!

Mas aqui houve de explicar ao barão o Mendonça — que a litteratura, só por si, não o satisfazia. Era muito bom ter imaginação, phantasia, genio... mas isto, só por si, sem base, não dava nada, era arriscado. As mais das vêzes, falta de apoio, a innata impulsão dos neotericos não achava o ponto de applicação adequado, não gerava effeitos condizentes á sua divina força nativa... Ao acaso e á tôa esperdiçava-se. Muito mais valia que, ao abrir vôo, taes arroubos inventivos se firmassem n'um solido esteio de erudição e de saber. E era ao que elle aspirava: vir a ser um artista, *doublée* d'um sabio. Bem sabia que, em geral, a Sciencia com a algema das suas regras amesquinhava e fazia abortar as faculdades creadoras; mas nem sempre era assim; provincias de estudos havia que, não se adstringindo ao campo puramente experimental, á iniciativa ideologica de cada um, deixavam larga safra de exploração e de trabalho. Ahi estava a chimica, com as suas analyses subtilissimas pesando e esquadrinhando da microscomia os mais intangiveis segredos... revelando as predilecções, as repulsões, a organisação social dos infinitamente pequenos, dissecando a vida interior do atomo, pondo a nu a alma das coisas. A chimica! que melhor, mais largo, mais seductor assumpto á meditação do philosopho ou á imaginativa do poeta?...

E, dentro da mesma chimica, especialidades havia, para um artista particularmente interessantes. Por exemplo, a photographia, com o seu ma-

gico dom de fixar de relance, com toda a energia e exactidão, implacavelmente, não só já o aspecto physico ordinario de quanto nos rodeia, mas as mais rapidas, as mais breves, as mais fugidias e subtis modulações vitaes da Natureza, — a contracção d'um musculo como a faúla d'um sentimento, o esgar d'uma paixão como o impulso d'um desejo... e o fremito da aragem, a carreira d'um cavallo, os dentes de serra d'um raio, o bater d'uma aza, o voar d'uma nuvem.

— Oh, a photographia, a photographia! — rematava com calor o meliante, erguendo ao alto os olhos, n'um grande ar de illuminado. — Tivesse eu dinheiro, e não era preciso muito, e veriam as maravilhas que n'esse campo obtinha!

— Sim?...

— Palavra... Tenho cá umas coisas imaginarias... — insinuava pretenciosamente, levando a mão á testa. — Que revolução! Talvêz descoberta a photographia com as côres naturaes, imagine!... Em pouco tempo estavamos millionarios!

Com estes e similes dizeres adredemente encaminhados, difficil não foi ao Mendonça acabar de embaír por completo o barão. Restava a este uma dezena de contos de réis, promptos a serem sem appellação immolados ao calor do primeiro appetite, á ordem do primeiro capricho. E não se fez esperar o ensejo. O enthusiasmo do intrujão ganhou-o de assalto. — Que bella coisa, a photographia! Estava ao alcance de qualquer... e era uma diversão artistica, nobre, uma prenda de bom-tom, cheia de attracção, de imprevisto. E elle, justamente, carecia de entreter-se em alguma coisa... Vá feito!

Então, despejadamente, mascarando nos mais honestos propositos de applicação e gosto ao tra-

balho as latibulares impaciencias do seu animo, concertou o barão montar, de sociedade com o Mendonça, um *atelier* de photographia modelo.

Escolheu-se um ponto central da cidade, ao Bairro Alto, e logo as obras começaram, com decisão e furor, valentemente. Não olhava o barão a despêzas; queria montar um estabelecimento cheio de commodidades, de luxo, de apperitivas seducções, de novidades,—uma casa verdadeiramente á altura dos progressos contemporaneos da sciencia e das altas capacidades profissionaes e estheticas dos seus dois organisadores.

Além da *galeria* propriamente dita, toda em ferro e crystal, illuminada diagonalmente, pintada d'um pardo-azulado, uniforme, baço e fraco, para evitar reflexos e reverberações nocivas, e farto vestida de complicados jogos de *stores* e cortinas, em todas as variações do azul, com as espessuras convenientemente reguladas, construiu-se uma opulenta *sala de espera*, mobilada a pellucia côr de mel, tremós de carvalho, piano e, arrastando pelas mesas, as *illustrações* em voga; mais um adoravel e *mignon toilette*, com espelhos de Veneza e divan de velludo, pequenino, fôfo, aconchegado; para laboratorio uma camara de luz *não actinica*, que era um primôr de simplicidade, de elegancia, de engenho e de methodo; e tres vastos repartimentos interiores, para arrecadações e accommodação dos varios trabalhos complementares.

Todo de primeira ordem tambem o material manuseavel. Uma grande camara, de duplo folle e de longa tiragem portanto, á qual podiam adaptar-se interiormente, livres de irradiações desfavoraveis, as objectivas; e d'estas nada menos de cinco, todas magnificas e de subido preço:—uma *rapida-rectilinea*, de Dallmeyer, excellente para pro-

vas instantaneas, retratos, paysagens e interiores pouco illuminados; uma outra, do mesmo auctor, de *grande angulo*, mais propria para visar trechos compositos de architectura; uma *extra-rapida*, com obturador, de Guerry; uma *triplice achromatica*, para paysagem, de Ross; e ainda uma outra, *aplanetica*, de Steinheil.

A mesma largueza *grand-seigneur*, a mesma prodiga ex-abundancia no sortimento dos reagentes, miudagens e apparelhos accessorios: — porção de diaphragmas, balanças, anteparos, pannos de fundo, prensas, laminadores, caixilhos; tinas de porcelana para os banhos de prata e oiro, e para a lavagem e fixação dos *negativos*; baterias de frascos formidolosas, bastidores para os retoques, pilhas de papel albuminado, e apparelhos de seccagem, chapas, retortas, cubas, esmaltes, rochedos de cartão, tapêtes rusticos.

Posteriormente á *galeria*, ainda houve meio de entalar uma pequenina estufa, e pelos degraus da escada principal subiam em alas pomposas grandes vasos de faianças com *aucubas*, *rhododendrons*, *agaves*, *cycas*, *aloës*, *fuchsias* e *begonias*.

Ao passo que dirigia e activava com incansavel ardor as obras, ia o Mendonça curando de enfronhar-se no assumpto o melhor que podia. Ainda ao tempo não estava descoberto o processo sêcco da gelatina e *brometos*, que acabou de democratisar a photographia, e o geral das suas operações eram todas obtidas polo *collodion* humido, que era um meio muito mais complexo e delicado. Por isso o Mendonça não largava do estudo, lendo os melhores tratados da especialidade, procedendo a consultas, procurando surprehender segredos de pratica nos collegas, recrutando pessoal idoneo, fazendo ensaios.

E o barão radiante.

Voltára a obsessão do nu victoriosamente a trabalhal-o.—Possuir um *atelier* photographico era disciplinar, acorrentar a luz; era poder fazer do sol um discreto e intelligente collaborador, um docil e passivo instrumento. Era o meio facil, seguro e prompto de obter, colhidas no vivo directamente,—ineditas, frescas, flagrantes,—as mais perfeitas e sãs *academias!*

Ainda o *atelier* não tinha sido aberto ao publico, ainda vinham muito longe do termo as ultimas disposições do seu arranjo, e já elle afanosamente corria os varios cantos de miseria e crapula da cidade, todo alérte na febre de incontrar modelos que se prestássem a deixar-se reproduzir na eloquente nudez das suas fórmas. Difficil. A enorme dóse de ignorancia que ainda hoje assoberba e afoga, pelo geral, a mentalidade portugueza, mesmo nas camadas sociaes mais altas, não lhes permitte imaginar que a contemplação das bellas fórmas humanas póssa despertar quaesquer ideas differentes da sensual esthenia. Além d'isto, na porção feminina das nossas classes proletarias,—as mais promptamente vulneraveis ao lenocinio, á prostituição, á infamia; na grande massa bronca das costureiras, serviçaes, operarias, meretrizes, materia-prima barata e facil no commercio bestial da carne, um adoravel fundo mystico de recato e pudor subsiste, instinctivo, austero, com a dissoluta pratica corrente das mais cruas obscenidades, dos mais immundos desvaríos.

Assim, por mais dinheiro, vantagens e presentes que o barão offerecêsse, por mais astutamente que bordásse a sua muito de largo concertada trama de argumentos, aclarações, baixêzas, falsidades, a reluctancia era geral, o resultado obtido

nullo e as suas propostas sempre quasi de certeza repellidas com admirações, insultos, arremessos, palavradas. E mais já elle reduzira o campo de exploração só ás infimas camadas. Mas, mesmo ahi, muitas das alliciadas, tão fóra de razão e proposito lhes parecia o destempero, que não o tomavam na sua justa medida; olhavam-n'o á conta de graça; nem se espantavam; e arredando com um breve monosyllabo de enfado o achincalhante convite, passavam familiarmente a informar o barão de coisas mais em relação com ellas, — a ultima surra que tinham levado do amante, a porção de camisas que tinham *no prego*, a conta com a contrabandista, os dias que deviam á *dona da casa*.

Razões todas polas quaes o barão mal lograva convencer alguns rarissimos modelos, dos mais degradados, dos mais vis na ethologia humana, e estes mesmos só se acertava de ir n'algum momento angustioso desafial-os, quando a fome era muita ou o descalabro moral completo.

Resultado: não obtinha senão copias ingratas, repugnantes, exemplares que faziam tristeza. — Algum rapazito infante, desgracioso, esguio, com os olhos esparvados e a anatomia incompleta; ou então corpos de mulher estirados, dessorados, gastos, os ossos disformes e os tecidos carcinomados, as carnes em granulações anesthesicas, molles, pendentes, as veias varicelando volumosas sôb a pelle, as glandulas escorchadas.

Nos primeiros momentos, ao vêr emergir passivamente da sordice das roupas as estioladas, fórmas das pobres creaturas, o barão exultava, e n'uma ponta de desvairamento, enardecido, quente, chegava a illudir-se. Trompeava-o ardidamente a miragem do desejo. — D'esta vêz, sim! tinha

achado... uma curva harmoniosa, um traço puro, arrogante, uma linha apreciavel... Ia fixal-a! — E então, emquanto ensinava a *pousar* o modelo, emquanto corrigia e afinava a posição, emquanto punha a machina em fóco, tudo lhe era pretexto para com astucia e mimo tocar, acariciar e apalpar, uma e muitas vêzes, essa esbagaxada nudez que o embriagava; então fervidamente cravava e saciava a vista na enxovalhada anatomia d'esses specimens de hospital, que na congestiva visão do seu espirito figuravam de gentis, de modelares obras-primas.

Mas depois, passados dias, na fria impassibilidade do *cliché* ou da *prova*, lá saltava a desillusão... e escarninha, cruel, triumphava a desoladora verdade. — Sonhava a perfeição, saíam-lhe grotescos! A sua paixão de surprehender um typo só que fôsse de bôa e harmoniosa plastica, acicatava-o, insatisfeita; e o seu ideal furioso de bellêza teimava em fugir-lhe, recuado na região do ultimo impossivel.

D'ahi, um desespero, que maniacamente o arrastava, cada vêz com mais desatinado furor, na atoada persecução do seu desejo. Por fórma que estas suas disfarçadas sessões de pornographia, que a principio se realizavam só muito de manhã, com toda a cautela, e sempre invariavelmente de vespera combinadas, ou então aos dias santos, quando para o grande publico as portas se fechavam, agora tinham logar a toda a hora, estivésse quem estivésse, sem prevenção, sem cuidado, sem a menor sombra de attenção para com os freguezes, postas por inteiro de banda as mais elementares precauções aconselhadas. E prolongavam-se ás vêzes dias inteiros, cortando o trabalho normal da officina. E haviam de fazer-se immediatamen-

te, apenas o barão entrásse de fóra, com algum escanzello filado, — porque este podia, emquanto esperásse, arrepender-se, — e cuja momentanea acquiescencia era portanto imprescindivel, logo, logo aproveitar.

O que não podia deixar de refluir em prejuizo da fama e interesses do *atelier*, que vogando começava em plena corrente do favor publico. Arreliava o Mendonça, fazia as mais sensatas considerações, protestava, oppunha-se... mas o barão, exaltado, contestava — que quem mandava ali era elle! se não estava polos autos que se puzésse ao fresco! — e, intransigente, seguia na sua loucura.

Começaram algumas provas obscenas a circular por fóra, em segredo. Eram até com empenho disputadas polos mais graúdos frascarios da arte e da finança. A coisa alastrou, tomou dimensões de escandalo. Alludiram alguns jornaes ao desaforo. E agora os garotos e as rameiras, que de principio eram cavidamente introduzidos por uma portinha escusa, dava o barão em subir desvergonhadamente com elles pela escada principal.

De modo que então aconteceu, não raro, uma ou outra familia burgueza defrontar, horrorisada, na galeria, no *toilette*, na sala de espera, com vultos suspeitos de mulheres de chale e lenço, carmin na face e saia engommada, as quaes se inrolavam nos *fauteuils*, de cabeça baixa, como gatas, ou, tapando o rosto, cosiam-se com os cantos. E aqui e ali, a êsmo, cuias, andrajos, ligas, aventaes, farrapos, fitas ensebadas; e pelo ar gordo um cheiro nauseante, mixto aziumado de lupanar e de taberna.

Por tudo isto, breve um denso véu de desfavor e de descredito se correu sobre o famoso *atelier*. Chamavam-lhe a photographia dos *quadros vivos*.

A gente séria retrahiu-se. Demandado era só por *cocottes*, caixeiros, estudantes, ou então polos varios *déclassés* de todas as camadas, os quaes, depois de servidos, diziam mal da casa e não pagavam.

Para mais, não eram d'uma garantida excellencia os productos da industria do Mendonça. O *atelier*, incostado por banda do poente a um prédio muito alto, que o superava d'uns poucos de andares, não estava nas melhores condições de exposição e de luz. As provas saíam sem claro-escuro, chatas, monotonas, — os negros muito negros e as varias cambiantes do branco diluidas n'uma tonalidade deslavada e fria. Não conseguiam agradar.

Assim, a pouco mais d'um anno de intervallo, o grande plano industrial e artistico do vate derrocava. Opprimidos por um *deficit* monstruoso e com a casa deserta, sem clientes, sem credito, sem recursos, tivéram que fechar e liquidar.

XIV

Correu então boato que Eugenio, o luminoso ephebo, debutava brevemente, como actor, n'uma *operetta* em ensaios no theatro da Trindade.

Tinha assumido proporções de acontecimento este episodio trivial de bastidores. Eugenio não era um desconhecido. O ruidoso descalabro moral e material da vida do barão havia aurorado d'uma picante tinta de escandalo o seu perfil insidioso e cynico; e, logo de seguida, uma aventura de amor com uma opulenta e formosa creoula, separada do marido, a quem o lascarino sugára contos de réis, em prolongada viagem pelo extrangeiro, acabára de bordar-lhe em volta ao nome uma bella lenda, romanesca e terrivel.

Por isso na noite da sua estreia, em grossas lettras no cartaz annunciada, ainda bem antes da hora de começar o espectaculo já o theatro abarrotava de gente. Verdadeira noite de sensação, de curiosidade e de festa. Todos os jornaes representados. Nos logares junto da orchestra e no balcão, com peitilhos scintillantes, a nata da alta bohemia e

dos argentarios repatriados, de mistura com velhos de vicios occultos, actores, mundanas, poetas, garanhões, maritimos e artistas. Um vivo e amorudo interesse em vêr á luz da rampa o heroe.

O grande lustre doirado, a toda a luz accêso, mordia de fulvas crispaturas os lavores dos camarotes, espelhava as escaiolas, fluía n'um suave relêvo cinzento, n'um molle esbatido de cêra, pela baça alvura dos claros, dava um forte vigor incandescente á fina cupula lavrada, e, projectando nos tectos da primeira ordem uma leve sombra, muito obliqua, ia desenhar nos da segunda, fortemente illuminados, os quadrilongos luzentes das suas varêtas doiradas. — Erguia-se de toda a sala um borborinho espesso, cortado polo bater sêcco e brusco d'um ou outro assento de cadeira. No ar morno e pesado começava de adoçar os contornos das coisas uma como trepidação de poeira luminosa. Á frente dos camarotes palpitavam n'uma symphonia patricia as côres tenras dos tecidos caros. Largas pelliças, abrindo-se, descobriam soberbos corpos flexiveis, d'uma felina elegancia, realçada por altas couraças ondulantes. Havia comprimentos de lado a lado, acenos de leques, de mãos, exclamações, chamadas, leves gestos de complacencia, finos sorrisos protectores. Estava-se em familia. E, mal ergueu a batuta o regente, os ultimos tomando á pressa os seus logares. E per sobre esta multidão, mesclada e desinvolta, garrulamente pairando uma lasciva animação, uma aragemsita de insania, um pique de anciedade.

Quando, a meio do primeiro acto, o ephebo entrou em scena, — vestido de pagem, — modesto, gracil, bem feito; a um tempo dengue e viril, effeminado e robusto; arula de oiro no pulso e um rico *maillot* de seda côr de crême realçando-

lhe a primor da rija côxa o contorno suavissimo, em toda a sala chispou um *ah!* unanime de admiração, de calor, de gula e de applauso. Vermelhos desejos luziram na chlorose abstemial das virgens, militares reformados mexêram-se nas cadeiras, e subito uma bateria de centenas de binoculos era ferozmente apontada ás fórmas modelares do novo personagem.

A termo da primeira cançoneta, que elle soube soltar com frescura e mimo, rompeu uma estralada de palmas. Comedido, modesto, o rapaz agradecia... e tão peregrina arte sabia pôr n'este seu agradecimento, com tal graça o fazia, tão insinuante, tão simples, tão sabiamente armando ao favor e á sympathia, que, incantada, não despegava de applaudir a plateia, prolongando e avolumando a ovação indefinidamente. Na espectativa, a orchestra calára-se; os collegas de scena faziam-lhe praça e arredavam-se, com um riso amarello; e só e enchendo o palco da sua nobre e olympica figura, commovido, e ephebo continuava a agradecer, tendo descido ao proscenio, todo effusivo, agora já lesto, familiar, risonho, deitando beijos á plateia, erguendo aos camarotes petulantes miradas.

Por ultimo, n'uma bem apparente repugnancia, tendo fechado o rosto n'uma expressão confrangida e séria, curvou-se todo, de mão no peito, para um determinado ponto no angulo do balcão. Todos olharam; houve um murmurio de espanto. — Era o barão de Lavos, que, em pé, afogueado, applaudia tambem, delirantemente; e que, no intervallo, foi tomar aquelle logar de assignatura, sendo infallivel depois ali, todas as noites, hypnotisado e immovel, de binoculo assestado, passeiando e regalando a vista pela doce geographia

d'aquelle corpo, tão sua conhecida, a qual suppunha não ter para elle mysterios, mas aonde a indiscreta e cruel luz da ribalta arreliativamente lhe mostrava deliciosas osculações de curvas, inexplorados, minusculos relêvos, ignorados escaninhos, covinhas paradisiacas...

Começára a publicar-se por esse tempo o *Jornal da Noite*, e o seu redondo pregão, soltamente gritado, a correr, por um lepido enxame de garotos, cada noite inundava d'uma barbara e estridula musica as principaes arterias da cidade. Era um desabalado voar no impulso da rapida transmissão da noticia; era um aspero grasinar de vozes, a que a Baixa não estava acostumada. O grosso pacato dos transeuntes quezilavam do desproposito; insurgia-se o tympano do burguez contra a *inferneira;* varios lojistas protestaram. Mas tinha um cunho intenso de vitalidade e audacia a nova industria, cujo alto *hallali* interessava o barão poderosamente.

Depois de tomado o seu café, no *Europa* ou no *Martinho*, elle ahi vinha invariavelmente, Rocio fóra, demorando e parando, a regular o tempo e o passo de geito a incontrar-se, logo ao fundo da rua Nova do Carmo, com a revoada cantante dos gaiatos que desciam, pregoando o jornal. Quasi sempre precedidos, estes, a minutos de intervallo, por um outro bando esturdio de plumitivos, que corriam tambem, de cestinhos de vêrga sobraçados, a berrar n'um rythmo quente e loução:

Pãesinhos a cinco réis
E a dez réis,
Bolacha fina...

Eram os batedores das ruas. A esta primeira bandada logo a outra seguia, turbulenta, veloz, atroadora, salvando ás canchas o *macadam*.

O barão exultava e animava-se, tomava o meio da rua, parava-lhes o impeto, mettia-se per entre elles... chamava um, chamava outro, comprava o jornal a quantos lh'o offerecêssem... tudo polo prazer de fazel-os estacar de repente, no desgarre da carreira; tudo para contemplal-os um momento, esbofados, rubros, nos olhos um brilho ardente, o pé no ar, violenta a respiração e um acre cheiro animal exsudando, magnificos de seiva, de calor, de vida e de saude.

Algumas vêzes mesmo succedia virem rolando simultaneas pela ingreme ladeira as duas estrillantes legiões. Então mais de ponto o barão folgaçava. O travêsso cardume cercava-o, n'um alarido. — Era o pae de todos, o seu rico protector, o seu amiguinho. — Sabiam-lhe já da estolida complacencia, adivinhavam-lhe a balda, conheciam-n'o. Por isso, de noite para noite, ganhavam confiança; vinham para elle de longe, gatinhavam-lhe per entre as pernas, assobiavam-lhe, davam-lhe palmadas; e emquanto uns lhe passavam jornaes ás duzias, mettiam-lhe os outros os pãesinhos pelos bolsos, pelas mangas, pelas abas, pelo fôrro do casaco.

De forma que o barão, á medida como subia, via-se mais e mais com o carrêgo embaraçado; mas, não obstante, n'uma canalha inconsciencia, n'um absoluto desprezo d'aquelle ridiculo incomportavel, ia sempre, risonho e affavel, acceitando e pagando; e depois, em cima, perto do theatro, ajoujado a mais não poder, com as mãos cheias e todo o corpo gibbando anormaes disformidades, rogava então, compromettido, aos ultimos

vadios que incontrava, a esmola de o descarregarem, alliviando-o da colheita pyramidal que o abarbava e de que elle graciosamente lhes fazia doação, para revendêrem.

Assim, progressivamente, a lilipucina colmeia dos rôtos fervorava em preoccupal-o. Ao passo que a arthritica virulencia do temperamento lhe armava sordidas predilecções pola escumalha descalça das ruas, o debilitamento gradual das suas energias physiologicas ia-o fazendo particularmente guloso dos typos engoiados, incompletos, morbidos, da carne insazonada e froixa dos adolescentes. A franca expansão animal das organisações robustas amedrontava-o. Só já o vicioso constrangimento das formas, a acanhada estiolez dos degenerados conseguiam ter uma influencia esthenial nos seus sentidos.

Por isso a troça dos pequeninos vendedores da noite, com o alto galrejo dos pregões, estimulava-o. E então que em alguns o barão previa magnificos escorços de futuros ephebos, adoraveis germens de perfeições, promissoras e incubas delicias, finas estancias de amor, ignorados, doces pâramos de embriagante ventura! Um havia principalmente, que com desmarcado furor o attrahia: —um pobre parraquêta, franzino e imberbe, ruivo, sardento, de carapuça de lã verde, camisolita vermelha e calça branca, de linho, muito cingida á côxa, modelando os musculos com escrupulo, curta, arregaçada. —Uma debil, saltitante figurita, quasi androgyna, fresca... a mais ideal corporisação, a mais branca e alada quintessencia dos sortilegios ardentes do prazer.

Com este quantas vêzes não ensaiára já o barão tentativas de suborno, dadivas, alliciações, engodos, liberdades! quanta manha, quanta insi-

dia, quanta astucia, quanta proposta cavillosa! quão laboriosos travamentos de dialogo, depois de feita a venda do jornal, sobre o tarde, ao abrigo indiscreto das esquinas!

Mas, esquivo, dasamoravel, não se deixava o garoto enviscar facilmente. Distrahido, leve, inquieto, ouvia, ouvia... e apenas, no momento opportuno, lograva apanhar *o seu vintemsinho p'ra um café*, eil-o que largava, como um gamo, a correr, inapellavelmente. E o barão ficava-se pregado no mesmo logar, desconcertado, estupido, a vêr longe os calcanhares enormes do garoto alternamente projectando na estreita alvura das nadegas a sua grande mancha immunda.

Não desistiu, porêm; antes, ao esporão da difficuldade, um não sei quê de obsessivo e insano tomou de impulsional-o á perseguição do rapaz, maniacamente. Conhecia-lhe o timbre da voz, distinguia-lhe, apezar de myope, o perfil a distancias inverosimeis, adivinhava-lhe o patinar dos saltos na calçada. Assim, n'um instante, estava junto d'elle. E se por acaso acontecia demorar-se um pouco, alguma tarde, no *Café*, ou o jornal saír mais cêdo, por forma que o estouvado rancho descêsse estando elle ainda abancado, ahi logo o pederasta se concentrava, n'uma avidêz, á escuta, e mal differençava no estridulo tropel o pregão do seu eleito, sentia qualquer coisa despegar-se-lhe no ventre, levantava-se de salto, e tremulo de commoção rompia ao largo, cego, direito, a defrontar-se com elle.

Estava-se no Entrudo... um verdadeiro entrudo lisboêta, desconsolado, sujo, pulhento,—entrudo manga de alpaca, sem spontaneidade e com chuva. A's tres da tarde, o Chiado, o nosso dissa-

borido *côrso*, rebarbava de semsaboria, de gente, de lama e de ruído. Duas insulsas filas de carros seguiam, em sentido contrario, devagar, n'um pesado gemer de alcatruzes, farinhentas de pó e mascarradas de lôdo, difficultosamente, no ar nevoento e frio com a mais heroica insipidez estadeando essa infindavel *bicha* de rélhas e tristonhas coisas, — o estafado grasnir das *cocottes*, de pernas pendentes, rufando pandeiros, batendo as palmas; e philarmonicas truculentas, mascaras de papelão, dominós de panninho, ingenuos reclamos de armazens e livrarias, caixeiros com os casacos do avêsso, a farrapagem do Circo, um enorme tonel rôxo, coifado de verdura.

Das varandas dos predios, de quando em quando, as madamas permittiam-se travar com a fandangada dos trens breves tiroteios de tremoços, rebuçados e confeitos, discretamente espaçados. Ao longo dos passeios, molles e falsos como lameiros, apinhoava-se a multidão, vestida de negro, compacta e soturna, salitrada de barro, perfilada, á espera... Nem uma satyra, uma pilheria, uma flôr, um dito. E, miudinha e intermittente, a chuva tudo afogando no mesmo tom côr de cinza, n'um diluculo lençol embrulhando este arremêdo burocratico de alegria; a chuva trazendo ao arrastado e lugubre diorama a sua moldura de crepusculo, o ar condizente a esse triste escabujar de chulismos, de pelintrice e de miseria.

A essa hora, o barão subia a rua, sem interesse nem calor, alheio á bambochata. Viéra a vêr simplesmente, n'um relance, *como aquillo estava*. No seu intranhado horror a agglomeramentos, seguia só e depressa, constrangido, aspero, na cabeça um peso, contrahidas as mãos, vincadas as sobrancelhas. Ia arreliado, frio, cholerico, quasi arrepêso.

Quando avistou hilaremente dançando na onda dos curiosos o pequeno da camisola.

Então, de repente, desanuviou e aqueceu, transfigurou-se. Fuzilaram as palpebras, os longos dedos, abertos, vermicularam, e pêrra a maxilla teve uma contracção faminta. Já não perde o rapaz de vista; já servilmente o arrasta na trella da manchasinha vermelha e branca a indominavel ardencia do desejo. Essa alegre e miudita combinação das duas côres ateia um grande calor sensual na sua alma doente. E vá de seguir pertinazmente o garoto, atravéz a grossa ondulação da turba, — empurrando, trilhando, fazendo cunha do hombro, pedindo licença —; vá de por inteiro subordinar-se e entregar-se ao empenho vehemente de lhe captar a attenção.

Ia e alcançava-o, passava-lhe na frente, sorria-lhe, tocava-o, chamava-o polo nome. Porêm o rapaz, todo no estimulo do brodio carnavalesco, vivamente empolgado pola turbulenta farragem do espectaculo, a immensa distancia portanto do desejo e das intenções do seu vil perseguidor, não o vê, não dá por elle, não o reconhece; e, salto aqui, salto acolá, simples, veleiro, vae deliciadamente continuando a sua alegre *flirtagem*, agora agachado a apanhar rebuçados, pastilhas, *chromos*, logo misturado com os collegas, insinuando-se pelos grupos, pinchando para um trem, perdido a correr na cauda d'um *salsa*... e a cada instante os olhos alvarmente arregalados para a bigarrada celeuma da rua.

Mas o barão não cede, não cansa. A tresbordante excitação animal que lhe resfolga em tôrno, mais o espicaça. Extranho a quanto se passa em roda, n'uma féra obstinação, n'um incarniçamento selvagem, persegue, persegue sempre o rapaz, so-

fregamente. De banda dizem-lhe chufas, põem-lhe rabos, enfarinham-n'o, a poder de gebadas amachucam-lhe o chapéu. Não importa; persiste sempre. Tortuoso e feroz, atascado em lama, atravessando vêzes sem conta a rua, tropeçando, praguejando, elle ahi teima em debater-se n'uma circuição infernal de libertinagem, de febre; elle ahi segue rubricando infamemente, n'um passo atormentado e incerto, as mil soltas sinuosagens per onde ao capricho infantil do pequeno vae aprazendo espanejar-se.

Sem resultado comtudo, d'esta vêz ainda! A' porta d'uma tabacaria eis que se trava desordem. Insultos, gritos, bengalas no ar, um homem ferido. O churriar dos trens interrompe-se... de toda a parte, em tropel, a gente affluе. Espremem, abafam, esmagam o barão, empurram-n'o para longe, tiram-lhe a vista. Por forma que, depois, quando a cavallaria municipal chegou, na apavorada dispersão do ajuntamento havia o rapaz desapparecido.

Passado algum tempo, sobre o tarde, uma noite, o barão seguia apressado, do Rocio, ao longo da rua Augusta, pelo lado occidental; emquanto do lado opposto, gingando, n'um disfarce, ia tambem seguindo o rapaz da camisola.

Era de vêr, humanisára-se. Porfim rendido á vontade insistente do seu infame alliciador, certo que ía ali assim marchando de concerto com elle.

Era tarde. Punham as ultimas lojas os taipaes, com ruido; os transeuntes rareavam; crescia na humida resonancia do ar o chocalhido de quadris dos guarda-nocturnos; lestos perfis de meretrizes passavam, nua a perna, descalças, vestidas de varinas; e apagado na discreta penumbra da luz

municipal, cosido á parede, o barão seguia rua abaixo, rapido e leve, mal pondo pés no lagêdo, té sumir-se-lhe o vulto esconso na bocca d'um portal.

De sua banda então o garoto, que o vira desapparecer, manobrou de harmonia. Afroixando o passo, marchou até ao fundo do quarteirão; ahi parou, como indeciso, simulando uma incerteza; e, atravessando a rua, desandou depois per ella acima e veio insinuar-se pela mesma porta aonde tinha visto entrar o barão.

Aguardava-o este em cima, no segundo andar, junto a uma porta forrada de baêta verde, com sua ellipse de vidro tendo a zarcão pintado — HOTEL. Apenas o rapaz apontou no patamar, o barão disse-lhe:—Entra...—e empurrou com decisão a porta, que largou a carrilhonar destemperadamente. Dentro era logo a cosinha. — Um luxuoso estendal de toalhitas, rodilhas e esfregões, guardanapos; copiosa bateria de cobres reluzentes; na tosca mesa de pinho rimas de loiça lavada; e sobre um mocho um alguidar com um monte pyramidal de roupa molhada e torcida, tendo ao alto um resto de sabão.

Pregado na parede, logo ao lado da porta verde, havia um grande rectangulo de papelão, evidentemente cortado n'alguma caixa de chapeus, com este distico em maus characteres romanos:

POR ORDEM DA POLI-
CIA; PEÇO OBZEQUIO
AOS HOSPEDES DE INS-
CREVEREM OS SEUS
NOMES QUANDO VEM
ALUGAR OS QUARTOS;
O QUE MUITO AGRADEÇO.

Ao fundo, sobre o seu suppedaneo de tijolo, junto á fornalha, uma grossa virago estava frigindo peixe, alta, ancha de incontros, roliça e forte. No reverbero mordente da chamma, atravéz a fumarada nauseabunda do azeite ardido, o seu perfil quadrado e robusto destacava vivamente,—suado, rubro, apopletico, de seios paradoxaes, os braços nus sobre o ventre, o lenço caído, um garfo na mão. Para a esquerda avistava-se uma pequena sala, com um velho guarda-loiça *imperio*, de vinhatico, estalado e cambo, comprida mesa coberta por um panno estampado, candieiro pendente do tecto, fructeiros de loiça das Caldas, um canario, eleographias, e no peitoril da janella, de taboinhas verdes abrindo para a rua, uma bilha de barro de Estremoz. Sobre a mesa, uma senhora edosa, vestida de preto,—touca e bandós,—fazia uma *paciencia;* e, ao lado, uma creancita soletrava alto n'um livro, de dedo no nariz, bocejando. Á direita, uma escada em helice furava para o andar superior, com o corrimão vestido por uma chita de ramagens.

Mal deu de olhos no barão, com o gaiato, dardejou-lhe a mocetona um olhar commiserativo, e, sem arredar do serviço:

—Póde subir... tem quarto.

Em cima estrangulava-se um exiguo corredor, com pequeninas portas abertas em lonas vestidas de florinhas farpadas, e escassamente alumiado por uma fumosa luz de petroleo, pregada no tôpo, com a chaminé negra, partida e no bôjo um parche de papel.

Entrados n'um dos cubiculos, emquanto o barão fechava a porta e passava um cuidadoso exame ao aposento, o rapaz despiu-se e estendeu-se ao comprido sobre a cama, frio e natural, automaticamente,

sem o mínimo recato. — O seu tenro e debil corpito, apenas nubil, macio, longo, adelgaçado, tinha a crestada alvura do linho, a flexibilidade ideal do junco e o doirado matiz dos cannaviaes dos rios. Casto e divino, — tão pequeno elle era! — na crua estadeação do seu descaro. Vellutineo como um lirio e loiro como um favo. Protegia-o o seu grande ar de infantilidade; velava-o, sobrenadante, a pureza da sua meninice; etherisava-o não sei que doce velatura de innocencia. Parecia feito de morango e neve... e no vermelho retincto da colcha a sua franzina efflorescencia esbatia-se n'um tom assucarado e fundente, n'uma translucida côr de guloseima.

Esbraseado e tremendo, o barão, sem respirar, sem fallar, sentindo por um voluptuoso exaspero todo o seu ser arrepanhado, abeirou-se do leito e dobrou-se, a abranger n'uma estirada caricia, a haurir n'um fervido beijo, longo, bem longo, a mellica doçura do seu amante pequenino. E então, passeada com inarravel deleite pela reçumante frescura d'aquellas formas mimosas, um momento houve em que a immunda bocca, n'uma insalubre avidêz, n'um insustavel furor, doido, convulso, a um dado ponto se collou, sofrega, sugando...

Ao cabo, n'um desmedido horror de si proprio, corrido, estonteado, sem poder explicar-se como baixára áquella abjecção suprema, n'uma congestiva crise de pasmo, de nojo e de remorso, o barão balbuciou:

— Nunca ninguem te tinha feito isto...?

Ao que o rapaz, philosophalmente, abotoando-se:

— Ainda hontem... um padre. Era preto.

Deixou fulminado esta resposta de surpreza e de assombro o barão. — Como!?... Então não era

só elle?... Outros havia tambem que... E muitos, talvêz, quem sabe?... Muitos, sim, provavelmente... Muitos! Bem mais do que elle, do que o mundo imaginava!

—E porque não?... Que fizéra elle de condemnavel?... —na subsequente vibração de insania, aventurava. —Quem sabe uma palavra da natureza das coisas? quem era capaz de com segurança lhe apontar a linha terminal entre a porcaria e o aceio? quem de dizer-lhe de certeza onde começa o vício e onde acaba a virtude?... Lérias! Não ha ignomínias que se transmutam em glorias?... Christo, por exemplo! —E tinha um riso cynico. —Nada sobre o caso de sciencia certa sabemos. Os nossos modos triviaes de pensar e de sentir... as nossas predilecções, antipathias, geitos de vêr, tendencias... as nossas adorações, os nossos odios, nada têem de racional, de solido em que se estribem. Filhos da rotina, do egoismo, da convenção, da hypocrisia. Nenhum principio universal e eterno que lhes marque o raio de acção, que lhes defina a essencia. A sua comprehensão é illusoria e fallivel, porque oscilla á mercê dos preconceitos... Tal acção é magnanima, porque assim vêm considerada, desde os primeiros homens; tal outra é ignominiosa... porque convêm que o seja! Ora adeus!...

Tinha descido. Ao receber o preço do aluguer do quarto, a creada, com os seios á cara, gordachuda, opulenta, lançou-lhe o mesmo olhar commiserativo, insultuoso quasi, de ainda ha pouco, emquanto com a ponta do lenço alimpava do suor a caluba. Na sala ao lado, tomava a patrôa o seu chá e torradas. De bruços sobre o livro, a pequena adormecêra.

E o barão, já na rua, tudo era ainda meditar

e bordar attenuantes sobre a extraordinaria revelação do rapaz. Alçava com orgulho a cabeça, sentia-se rehabilitado, absolvia-se, rehavia a propria estima. — Isto do bem e do mal, da justiça e da iniquidade, da razão e do desvario, da santidade e do crime, era tudo relativo. Estava por fixar e medir o estalão do vicio... E mesmo, afinal, pensando bem, essa acida gotta de lympha que lhe jorrára aos labios, era uma coisa pura, transcendental, sagrada... era o germen mysterioso da vida, o liquido fecundo e nobre por excellencia... era o divino plasma de todos nós.

XV

O subsequente descraziar d'esta vida latrinaria, as ultimas annotações da torpe monographia, hemos de deixal-as apontadas a correr, em fugacissimas legendas, acossados n'esta pressa nauseada e medrosa do viajante que se vê forçado a saltilhar a deleteria vasa d'um pantano.

Fazer o contrario, basofiamente ir desdobrando a analyse por uma confrangidora série de episodios, sujos, mesquinhos, na sua bordelesca estadeação empapados da mais repugnante aridêz, da mais negra e cruel monotonia, nem aproveitaria á arte, nem á hygiene. A estirada repetição das mesmas nojosas coisas deixaria lasso, impaciente o leitor, e nenhum elemento apreciavel de collaboração traria á modesta acção prophylatica a que este livro principalmente visa.

Porque, d'ora ávante, a vida do barão arrasta-se, turporosa e lobrega, pelas inconfessadas voluptas da chatinagem mais sordida; desapoderadamente resvala, n'um declivio mais e mais a pino, ás infimas degradações do pulhismo, da miseria,

da loucura e da infamia... A loucura em que elle se afundára sem remedio, no momento em que deixou por completo as suas paixões dominarem-n'o.

Tinha na alma a corrupção do seculo. Impulsivo e maniaco, faltára-lhe sempre no dynamismo funccional dos nervos essa grande harmonia circumfusa que characterisa a envergadura dos eleitos e dos fortes. Agora merecia todos os desprezos, porque vergava a todas as torpezas. Tendo perdido o respeito de si proprio, columna e esteio de toda a dignidade, claro que nenhum freio moral a reprimil-o, nenhum valoroso dique opposto á assoladora onda das tentações e das curiosidades. Solitario e egoista, sem occupações, sem ligações, sem familia, elle fizéra da vida um regalado officio de malandrim; uma cadeia prostibular de aviltamentos, vergonhas, inepcias, tresvarios; uma coisa sinuosa e solta, immunda, esfarrapada. Seguia direito e leve como um somnambulo, machinal, n'um descaro. E na despejada fruição da ascoenta vadiagem, só o vicio tinha voz, só as mais baixas paixões tinham imperio... só ao farpão do ultimo appetite é que d'esse pleno impaludismo a sua alma acordava.

Faminto de gosar, fiagellava-o o mal de haver conhecido antes da realidade, a imagem d'ella... antes das sensações e dos sentimentos a imagem d'esses sentimentos e d'essas sensações. E a cada passo o desgraçado esquecia que nunca a quantidade de goso que alcançamos consegue, nem de longe, guindar-se ás vehemencias calidas do desejo; que jámais a nossa alma terá o condão da instillar nervosidades, illusões que bastem a um incendio de extasi continuo; e que no fundo das mais fulgidas taças de prazer saburra sempre a mesma

escorralha de tédio, sempre o mesmo Zero fatal aponta a aziumar-nos a emoção, eterno, implacavel.

Estava inteiramente falho de recursos, nu, desalojado, pobre como um seixo e leproso como um pária. Valeu-lhe o marquez de Torredeita, installando-o em sua casa. E quiz fazer-lhe uma hospedagem generosa e distincta, alojando-o n'uma das grandes salas senhoriaes do andar nobre. — Não lhe fazia differença... Estavam ás moscas. — Mas o barão oppôz-se tenazmente. Por uma singular introversão do seu brio derrancado, queria reduzir ás infimas proporções materiaes este forçado vexame do favor do amigo; e queria sobretudo, na humildosa dependencia da nova situação, poder mover-se á vontade, assegurar-se a maior somma possivel de liberdade, de isolamento e de mysterio.

Assim depois de renhidamente discutido o caso, teve que annuir o marquez a deixal-o accommodar-se n'uma horrivel cella do rez-do-chão, mal branqueada a cal, fria e humida como um ergastulo, em perenne divorcio do sol, escura, salitrosa, com uma janella baixa de grades e porta directa para a rua. E, ahi mesmo, nada de fidalgo, de commodo, de superfluo consentiu o barão a guarnecel-a. Nada que um tanto ou quanto affirmásse a gentil magnanimidade do amigo, ou nem de leve recordar podésse as primaciaes regalias, as selectas magnificencias da sua condição anterior. — Um simples catre de ferro, pintado a preto, elementar, estreito, quatro cadeiras de palhinha, lavatorio de ferro tambem, com espelho, guarda-fato, uma mesa, e suspenso na parede fronteira ao leito o seu velho *Rapto de Ganymedes*. — A unica joia que do radioso bazar de S. Christo-

vão elle havia conservado. Continuavà, acima de tudo, adorando-a. Era a melhor, a mais latejante parcella de si mesmo. Era o seu idolo, o seu talisman, a sua divisa, o seu timbre. Votava-lhe um culto incondicional, uma ardente e religiosa ternura. Delicioso traslado da sua alma... synthese dulceral dos seus desejos, das suas ambições, dos seus ideaes, do seu destino. Era o symbolo das perturbações da sua carne, era uma celeste allegoria *travestindo* em graça as abominações do seu viver.

Nas horas mais sentidamente angustiadas, nas frequentes intercadencias de dôr e de desanimo, o barão, n'uma supplica, fitava-a... e estava animado, feliz... e estava contente.

Tinha pois o misero onde abrigar-se e dormir. No que toca a alimentação, por egual queria o marquez, do melhor grado, fornecer-lh'a. — Tão pouco era! — Mas o barão não consentiu; e outros havia tambem com sincera compaixão disputando o exercicio d'este leve e caridoso mistér. De forma que um philantropico syndicato se formou, entre os mais chegados amigos para lhe darem de comer, por turnos. Feita a coisa segundo as bôas praxes associativas. Houve assembleia geral, corpos gerentes nomeiados, e, organisada a escala, foi posta á votação. Não sem primeiro haver sido grandemente discutida e alterada. Levou tempo. Havia seus obices, complicações, implicancias. Por exemplo, o velho desembargador, para o qual tinha a commissão executiva delineado que désse de jantar ao barão ás quintas-feiras, apressou-se objectando e protestando — que não, que não lhe convinha... porque precisamente ás quintas-feiras costumava elle ter *gente bôa* a jantar. Queriam outros o homem ao domingo; um bacalhoeiro so-

mitego reclamava para si os dias de magro; outros julgavam-se desconsiderados por lhes terem distribuido o ultimo dia da semana.

Organisada porfim, a poder de emendas, retaliações, remoques e discursos, a lista definitiva, foi uma copia passada ás mãos do barão, que se comprometteu a cumpril-a pontualmente. Almoçava de ordinario com o marquez; e á hora propria, de tarde, apathico e servil como um cão vadio, lá ia pelas mesas de cada um, mendigando. Ia o mais tarde que podia, para não ter que demorar-se... abancava, jantava... e de seguida escoava-se, no primeiro instante favoravel, sem se despedir, sem desarranjar ninguem, hispido, selvagem.

Faltava dinheiro, pouco que fôsse, para extraordinarios. O marquez arbitrou-lhe uma mesada; a qual não podia chegar ao dissoluto para a orgia constante dos desregramentos. D'ahi, toda a casta de expedientes armados á obtenção de dinheiro. Pedia a um, pedia a outro, —que no dia seguinte satisfazia, —e esse dia seguinte não vinha nunca. Em apertos maiores, vingava-se no minguado recheio do seu guarda-fato, que successivamente corria a empenhar, sem vergonha. Uma ou outra vêz, chegou a ter o mesmo destino pelintra a roupa da cama. E andaina nova de vestir que lhe déssem, se vinha em dia critico,—e era o trivial,— mal chegava do alfayate, estava logo no prego.

Valia que á atoada febre dos desfalques andava sempre solícita provendo, sem uma admoestação, sem uma censura, a bondosa alma do marquez.

Raro saía de dia o barão. Furtava-se a relações, fugia á covivencia. O demasiado incidir de extranhas attenções na sua pessôa fazia-o soffrer. A luz do sol causticava-o, estonteava-o o ar das

ruas, o bariolado marulho da multidão causava-lhe vertingens. Baldado para a lucta, morto para o conflicto quotidiano dos interesses, incapaz de acção, de deliberação, de qualquer activa ingerencia no incessante estrebuchar da vida, bem asperamente sentia o pobre nevrosthenico a dolorosa impressão da sua inutilidade... bem via até que ponto lhe era hostil a natureza! Cada vêz mais longamente afastado do campo commum da baralha, bem via como andava constituindo um escandaloso ser de excepção; como a sua espessa inercia o expunha a duello desvantajoso e mortal com as grandes e pequenas coisas da existencia. Por isso, antes que o eliminassem, eliminava-se. Ao impulso d'uma resignada abstenção, timido e covarde, fechava-se de habito no seu carcere voluntario, antes que a grande lei do equilibrio social n'um exaspero o cuspisse, como uma secreção purulenta, da sua escarolada e pujante engrenagem.

Para mais, cada novo passeio que arriscava, cada nova escapada feita sôb a franca e sonora luz do dia pleno, fatalmente volviam-se-lhe n'outras tantas decepções, tornavam-se-lhe em dilacerantes motivos de tortura. Porque agora o conspecto das mulheres, o seu vivo e petulante volitar na quente aureola do sol, na crepitante confusão da rua... agora o fino e airoso perfil das divinas creaturas, cujas curvas musicaes tão de prompto d'antes o estheniavam, não conseguiam dar-lhe a menor impressão, deixavam-n'o insensivel, frio, indifferente! E a descoberta d'este arido sentimento, junta ao reconhecimento parallelo da sua absoluta impotencia em debellal-o, mergulhava-o n'uma tristeza profunda, repellava-o de desgosto, de dôr, de desalento... arrastava a melancholia inicial do seu character a uma amargura cruciante, a uma

esverdeada e feroz misanthropia.—Áquillo tinham baixado já... era horrivel!... as fataes depredações do seu temperamento, a pavorosa assolação do seu espirito!

E, assim, o desgraçado preferia levar os dias amadornado e languido sobre a cama, parada a vida, — n'uma noite artificial, tendo cerrado a janella, — n'uma lassidão muscular, n'uma atonia da vontade, n'um passivo alheiamento... de longe em longe saudosamente visionando as ridencias do passado... e ancioso ao mesmo tempo por que a tréva viésse, e toda a energia actual fervidamente posta no concertar do plano para a vagabundagem da noite.

Então, á medida como as primeiras sombras caíam, uma vaga inquietação ia por elle subindo. Fechava-se a noite, e o que quer que era de bestial, de empolgador, de rubescente, despertava n'elle e galvanisava-o.— Agora, sim! com a flamma pulsatil do gaz se queria elle!... essa nervosa e estabanada chamma, tão particularmente sympathica ao vortilhonar do vicio... — impossivel de conter-se. Não cabia no quarto, abafava, suava. N'uma pressa saltava do leito, punha o chapeu, recolhia ao bolso alguma prata miuda que de acaso lhe restava, e eil-o descendo tortuoso e breve ao terreiro das suas façanhas.

Na meia tréva das praças começava, roçando ao de leve os sêres effeminados que com elle vinham cruzar, de nadegas salientes e olhar provocador, um indecente bolinar de quadrís, a mão na algibeira, abaulando o dôrso. De ordinario typos inferiores, cyphosos, disymetricos, — pastinhas sobre a orelha e gôrro de pelles na cabeça, jaqueta, escanhoados, — suspeitosos e expertos redopiando no mosaico, um olho no freguez e outro na policia.

Com elles trocava o barão qualquer phrase banal, a entabolar relações: — o tempo como estava... lume para o cigarro... se andavam passeiando. — E era extraordinaria a crise de erethismo, a vehemente agitação que no pederasta accendiam as primeiras palavras d'estes sêres inominaveis.

D'ahi, a breve trecho, intendiam-se, armavam confiança, eram socios, amigos. E a pandega travada. Depois, folgaçadamente, com uns, com outros, emquanto havia chelpa, voava a noite n'um instante. Preludiavam-se amores pelos bancos, bebericava-se nas tascas, subia-se de braço dado aos *paraisos* dos theatros, ia-se occultar na sombra de crapulosos antros a satisfação de appetites monstruosos. E porfim, derretidas as forças e acabada a patuscada, ao remoto impulso da furia sensual, derreado e vibrante dos ultimos paroxismos, o barão seguia ainda desdobrando, até ser manhã, n'uma idiota vagabundagem pelos altos, bruto, estafado, as derradeiras contorsões do seu tarantular sinistro.

Já começavam então de espaço apontando e desdobrando-se os primeiros symptomas da doença que o minava surdamente.

Primeiro dôres nevralgiformes intensas, d'uma vaga localisação, d'uma incerta e caprichosa incidencia, atacando hoje uma perna, a outra ámanhã, d'ahi a dias as duas juntamente; desapparecendo tão rapido como surdiam; e operando por saccões, bruscas, fulgurantes, n'um *crescendo* gradual de intensidade e d'uma acção constrictiva e profunda. Era como se saltassem a verrumar-lhe os ossos, como se estivéssem a picar-lhe a medulla. Tão violentas por vêzes, mórmente de noite, tão cruelmente agudas, tão lancinantes, tão fun-

das, que obrigavam o doente a soltar gritos desesperados. E raro lhes dava para se manifestarem em territorios nervosos localisados. De ordinario passeiavam bohemiamente pelas articulações a sua acção devastadora, agora n'um ponto, logo n'outro, fugazes, rebeldes, a um vento de phantasia, zombando de indagações, illudindo as pesquizas, por completo escapando aos rigores da topographia anatomica.

Isto junto com dolorosas sensações de estrangulamento em volta da cinta, no thorax, nos rins, em toda a região intestinal; com sobresaltos de tendões, subitas alternancias de frio e calor nas extremidades, formigueiros, cocegas; nevralgias visceraes, violentas crises gastricas, vomitos biliosos; e um sentimento de oppressão nos bronchios, suffocações, stases de pulso, dôres lombares, tenesmos.

A inquietante série de signaes pathognomicos vinha e causticava o barão dias e dias, ás vêzes semanas, de seguida; depois, de repente, sem causa apprehensivel, remittia, aplacava-se, desapparecia por inteiro; e tudo fazia então suppôr que o doente reentrára na saudavel plenipossе do seu normalismo physiologico.

Tanto, que a principio julgou o medico, chamado polo marquez, ter apenas que haver-se com algum caso trivial de rheumatismo, sciatica ou diabetes.

Porêm não tardou a evidenciar-se uma outra convergencia terrivel de symptomas, nitidamente demonstrando que o mal do barão era da natureza d'aquelles contra cuja perniciosa invasão ainda hoje não tem poder a medicina.

Começou elle a queixar-se de que tinha nas plantas dos pés o que quer que fôsse de importu-

no e extranho. Parecia que lhe tinham collado a elles umas palmilhas de borracha. Não sentia bem o chão, como antigamente. Achava-o molle, escapava-lhe. Assim como se andásse sempre sobre alcatifas de preço, sobre fôfos colchões de lã ou de pennas, sobre ôdres cheios de agua. E n'esta sensação, é de saber, a mesma fugaz alternancia das nevralgias, ora n'um pé, ora n'outro, ora nos dois ao mesmo tempo. De occasiões mesmo a paresthesia tornava-se geral, alastrava pelos membros superiores, pelo tronco e cabeça, tomava-lhe todo o corpo, e o doente chegava a perder por inteiro a sensação da resistencia e do contacto. A ponto que, deitado e ás escuras, não recolhia a minima noção do decubito e parecia-lhe que pairava no ar, fluctuando.

Uma manhã, no quarto, quando se lavava, como o barão fechásse os olhos ao mergulhar o rosto na bacia, perdeu o equilibrio, oscillou e caíu desamparado. Entontecido e surpreso, erguendo-se, attribuiu, desprevenido, o caso a algum accidente obscuro de vertigem. E extranhava. — Estava bom... não sentia nada... — Todavia, observando-se, empallideceu, assustou-se... inesperadas fontes foi colher de incerteza, de terror, de angustia. — Tornando a fechar os olhos, logo uma grande hesitação o pregou no mesmo ponto onde estava; perdêra a noção das direcções, dos logares, das distancias; incapaz de dirigir as pernas; se arriscava um passo, n'uma instabilidade de ébrio, em riscos de caír, oscillava e divagava. Abria os olhos, andava bem.

Sentou-se n'um banco sem costas e sentia-se seguro, á vontade, firme o tronco, direita a espinha... Fechou os olhos, perdeu o equilibrio, ia a caír novamente.

E impossivel ter-se direito, com os pés juntos, sem uma larga base de sustentação a amparal-o. Se tal tentava, logo, como uma torre sem alicerce, oscillava e pendia.

Evidentemente, era-lhe imprescindivel que a vista supprisse á falta do sentido muscular. Como se o atirásse para o vacuo a sombra; tinha medo do escuro. Certo que uma arthropathia renitente lhe verminava o arcaboiço; que a integridade do systema fibrinal lhe andava consideravelmente abalada.

As bellas pupillas dos seus grandes olhos, negros e ardentes, tinham inverosimilmente apequenado; reduzidas quasi ao diametro d'uma cabeça de alfinete, — uma d'ellas mais do que outra. Como duas contasinhas de missanga. E as iris paradas, vidrentas, mortas... sem reagirem á luz, sem haver excitação sensorial que as vibratilisásse... para estes casos por inteiro perdida a sua normal contractilidade. Deficiencia a que uma atrophia parcial de nervos viéra sommar uma ligeira ponta de strabismo.

Junte-se a estas alterações trophicas do apparelho visual a paralysia de certos musculos faciaes, produzindo um leve descaimento da palpebra esquerda e dando ao conjuncto das feições um ar de mascara, inutilisando-as para a reflexa impulsão dos movimentos interiores, empastando-as n'uma bruta e mineral impassibilidade, e poderá imaginar-se a pungitiva impressão de descalabro, entre grotesca e repellente, entre afflictiva e cynica, que flagellava agora a physionomia esqualida do barão.

Tudo fulminantes signaes do quadro clinico do *tabes*, a tenaz e implacavel doença, que zombando, polo geral, da therapeutica, sabe com

desdenhosa e feroz segurança desdobrar o seu trabalho de sapa até completa immobilisação das victimas na paralysia ou na morte.

Como atacavam o mal ainda proximo da origem, ensaiaram no emtanto os medicos a ergotina, a morphina, o nitrato de prata, os narcoticos. Sem resultado. A terrivel affecção medullar seguia accelerando n'uma escala rapidamente depressiva a desintegração organica do incorrigivel sodomita. Não desanimaram, ainda assim. Uma diagnose do mal mais minuciosa fêz-lhes suspeitar na syphilis a causa propathica da doença. Então fizéram uso das fricções mercuriaes. Mas breve o novo medicamento deu em resultado o aggravamento agudo dos symptomas, — intoleravel exacerbação das dôres, principalmente. A intoxicação argyrica lavrando facil n'um terreno favoravel. Com o que o barão, exasperado, tornou-se rebelde ao tratamento: á hora da visita escapulia-se, ou corria os medicos a palavradas, lançava á rua as drogas, rasgava as receitas, desatremava em fugir de casa, dias seguidos.

Estoicamente resolvêra entregar á sorte, á fatalidade, ao diabo, á natureza, a final resolução, — fôsse ella polo aniquilamento, — das agruras subsequentes do seu martyrologio, das estancias crueis do seu calvario.

Corrêram annos... Na mesma dissipação arrastados; de continuo o destino do barão rolado, como um calhau, na maré dos seus instinctos.

Entretanto, accentuavam-se os phenomenos propriamente ataxicos, a perversão do sentido muscular tinha assustadoramente progredido. O barão sentia-se activo, forte; erguia pesos, luctava, andava muito; tinha a consciencia de guar-

dar ainda comsigo uma bôa somma relativa de energia. Simplesmente, essa energia escapava-lhe ao desejo; não lhe obedeciam os musculos; não era capaz de executar o que queria, de pôr ordem nos movimentos, encaminhal-os, disciplinal-os. — A sua capacidade motriz em *grêve*, em rebeldia declarada contra o poder da vontade.

Tinha horas no dia em que sobrexcitações paradoxaes lhe atassalhavam a epiderme; tomava-o um tremor convulsivo; assaltava-o uma surdez completa, mordia-lhe uma ancia no coração, irradiando para o braço; eil-o impotente para executar os mais triviaes movimentos, — levar o comer á bocca, abotoar um botão, calçar uma bota, pôr a gravata. Não havia meio de dar firmeza ás mãos, de erguer, dirigir os braços... perdia o tacto, suppunha-se no ar... não atinava com as pernas.

O andar punha a devastação ataxica em toda a sua evidencia. Impossivel collocar com decisão um pé adeante do outro, marchar em linha recta. Havia de o barão caminhar aos torcicollos, abanando, devagar, n'uma incerteza; as articulações presas, ferrugentas, as pernas atiradas hirtas, o calcanhar pesado; e passo por passo o esbogalhado olhar cingido, receioso, attento, a cada um dos atoados movimentos.

Ás vêzes, no quarto, a esconjurar o mal, renhia o barão em futeis, em baldados exercicios: — procurava firmar-se no peito do pé, dar malleabilidade á rotula, avançar, sem desvio, entre as riscas parallelas do sobrado. Mas sempre, ao cabo, a inane batalha o afogava em desespero, porque nenhuma d'estas cousas, d'antes tão elementares, tão naturaes, tão simples, lograva o desgraçado conseguir.

As aberrações visuaes eram frequentes. — Como

quando elle ia polo chapeu, que julgára vêr sobre uma cadeira, e ahi abaixava a mão, uma e outra vêz, e arranhava afincadamente na palhinha, que por fim reconhecia estar limpa, sem nada em cima... e, comtudo, o chapeu ia jurar que o tinha visto ali! — Se fixava um objecto com demora, as linhas d'este iam perdendo a cohesão, a inteireza, a harmonia... n'uma oscillação de fadiga augmentavam, confrangiam-se... e, de reduzidas, chegavam mesmo a desapparecer. Ou, de repente, era a baroneza que via junto d'elle, o marquez, o creado que o servia; ou simples pessôas conhecidas, com quem já de ha annos se não avistava. E a cada instante o inganar-se com o logar da cama; e de cada vêz se lhe figurava de seu lado a porta de saida.

E as allucinativas visões, as surprezas de delirio, as mentaes phantasmagorias que, á aproximação do somno, a deliquescencia nervosa lhe preparava! — Eram fulvas correrias de monstros, que em torrentes lhe golfavam pelo quarto, montando-se e devorando-se, descommunaes, rabiosos; enxames de anões, côxas de *bambinos*, ventres de gigantes, spasmos famintos de maxillas descarnadas; mutilações obscenas, incongruencias de horrores, violações, carnificinas, ampliações caricaturaes da sua vida... tudo n'um estrupido infernal, n'um congestivo cahos, n'uma explosão, n'uma desordem... toda a dantesca bacchanal de espectros e de larvas que ao estricoto esfuria e se agita nos meandros da loucura.

Agora, como que a contrariar e desmentir os estragos galopantes da doença, vinham assomos de vigor electrisal-o; vitalisava-o insistente uma fallaz regressão das antigas energias. Então a sua voluptuosa bolimia exacerbava-se. Uma exaggera-

ção morbida do appetite genital atormentava-o. O pobre tabetico abrasava nos furores d'um priapismo extraordinariamente tenaz, molesto, insaciavel. Os derramamentos seminaes atropellavam-se, n'uma atonica incontinencia, faceis, abundantes, intervallados de insomnias, suores uricos, medos, pesadelos. E largas, frequentes polluções o minimo pretexto lhe causava,—ás vêzes a simples lembrança d'um dado prazer que trazia em mente, ou o desabrochar d'um desejo, ou um incontro inesperado.

Ao mesmo tempo, a porção de feminilidade, subjacente polo atavismo n'este ascoento epilogo de raça, não tendo o menor poder de reacção a contrarial-a, fartamente abeberada no copioso atasqueiro da ruina, fizéra explosão por completo. Anceiava o barão por entregar-se. Tyrannica, insustavel, a perversão do sentido genesico porfim ganhára o ascendente. Queria de força realizar as abjectas imaginações, as execraveis chimeras que, do berço, lhe arranhavam a sensualidade; queria soffrer os ultimos flagicios do deboche; queria bem doloridamente aziumar o goso de toda a sonhada porção de flagellações, de horrores, de abandalhamentos e de vilêzas. Por isso agora a sua damnada circuitagem de noctivago não colleava tanto de volta dos ephebos, como em roda dos typos de musculo e de força, dos arcaboiços rijos, possantes, dos marujos, dos militares e dos cocheiros. De dia, na meia tréva do quarto, furioso e machinal como um simeo, masturbava-se. De noite, por méro prazer, prostituia-se... E era pavorosa de vêr a esmadrigada figura do sodomita, quando, raro, lhe acontecia, com sol, vir derivar, n'uma pressa, n'um terror, ao longo das ruas.—Foragia pelos pannos de sombra, deslombado, tremulo,

uma grossa bengala sustendo-o, o passo periclitante, amparado aos predios. A ultima palavra o seu traje em desmazelo, impropriedade e porcaria. E a espinha em S, o ventre á frente, concavo o peito, o rosto socavado.

Consequencia fatal do onanismo, a *acnose* e a *psoriasis* dermatosavam-lhe o rosto d'uma maneira horrivel. Apostemada e rubra, toda a pelle estalava de *dartros*, avolumava em phlegmoses, escorria podridões, rebarbava de escamas... e no bigarrado ordume da pustulosa orographia medravam cachos de pequeninas vesiculas, brancas, metallisadas, duras, como empôlas d'um metal que bolhára ao fogo. Esponjoso, amorpho, o nariz porejava sanias pôdres. Pela adynamia muscular da face a mesma impassibilidade estampada, de mascara ou de cadaver. A palpebra esquerda, descaindo mais, arregaçára, arrastando d'esse lado a commissura dos labios, e deixando a descoberto a redondeza do globo ocular, enorme, sanguinolento, e a hypertrophiada rêde vascular da mucosa, na qual um excesso de sorosidade lacrimejava sempre. E era incerto, pêrro o andar, todo em grandes passadas inteiriças; as pernas, inflectiveis, brusco atiradas para a frente, como impellidas por molas... e a esta torturada locomoção os dedos das mãos ajudavam, torcidos e nodosos, n'um anciado vermicular, agonisando em terriveis, paroxismaes carphologias.

Relapso na vagabundagem. Era de noite a sua vida. Estava na intimidade de todos os malandrins, conhecia de alcunha os gatunos celebres, sabia a toca dos mais incoerciveis vadios. Tudo seus familiares. Tratavam-n'o de *tu*, espiavam-n'o ferozmente, chamavam-lhe *pinguinhas*. Elle que apparecia, e era uma avidez, uma festa! d'aqui

e d'ali a correr, phantasmaticos, longos na desfiguração da noite, perfis de succubos, gibbas de mariolas, arestas de *gavroches,* chapeirões claudicando, toda a fruste população da sombra. E ahi a malta a ganir de roda do osso; todos a estender-lhe a mão, a travar-lhe do braço... havia odios, bulhas, ciumes, defendiam o seu logar, disputavam-se primazias... e lá o levavam, n'um alegrão, para longe, revistavam-n'o, espremiam-n'o, e se o desgraçado não levava dinheiro, porfim batiam-lhe.

O dinheiro, de feito, faltava muitas vêzes. E achava-se inteiramente esgotada na improvisação dos meios de alcançal-o a astucia do barão. Chegou a pensar em pedir esmola. Instantes vinham mesmo de aguda penuria, em que o salteava o impulso de desfazer-se da sua amada gravura de *Ganymedes*. Mas era um relampago. Breve acudia a afogar-lhe o designio um frio de superstição, um terror sacrilego.

Quando saía, depois de jantado, uma noite, de casa de Henrique Paradella, o barão viu tentadoramente luzir sobre o mogno d'um consolo, na salinha de entrada, uma moeda de prata. Teve um estremeção de avaro, um calor congestivo afogueou-o. E não largava de olhar... aproximou-se. — Era uma rica meia corôa, com effeito!... Parecia providencial aquelle acaso... tinha graça! — Não se resolvia a saír... hesitava. — E então que n'aquella noite elle estava sem vintem, precisamente! — E a tentação de guardar a moeda ía-o levando de vencida. — Não saberiam que tinha sido elle... Que mal fazia?... — Então, abafados os ultimos escrupulos e seguro de que não era visto, abaixou-se de salto, lançou-lhe a mão, guardou-a e saíu.

Ainda n'essa mesma noite, deu logo D. Leonor pola falta do dinheiro. E mil supposições, mil conjecturas sobre quem teria sido, logo desfeitas, todas inacceitaveis, todas absurdas. Até que, constrangidamente, mas ao mesmo tempo movida não sei por que estranha lucidêz de instincto, a mulher do Paradella aventurou:

—Só se o barão...

Porêm logo arredou, n'um horror de si mesma, a hypothese inadmissivel. Censurou-a o marido. —Não chasqueásse da miseria... Era até falta de caridade. —No emtanto, polo sim, polo não, a verificar, novas placas de cinco testões fôram deixadas, na mesma sala, sempre que o barão devia vir, a titulo de experiencia. Invariavelmente, desappareciam.

E foi quando Henrique, apiedado, mandou que, todas as vêzes que o seu velho amigo viésse jantar, uma moeda de prata fôsse posta sobre o consolo da salinha de entrada.

N'essas noites, infallivel, brodio largo até deshoras, com a corja dos salafrés filada. Elles mesmos marcavam o itinerario. *Corriam-se as capellinhas*. Aturdido, contente, o barão obedecia. De ordinario mal chegava o seu calice aos labios; incendiava-o a aguardente. Não obstante, sempre o primeiro a entrar no botequim ou na tasca: bondava-lhe o prazer de dessêdentar os outros; gostava vêl-os beber, e pagar elle.

As frascarias estações do beberête iam sabiamente intervalladas de acolhidas á calçada do Garcia, aos bêccos do Forno e da Ricarda. Ahi, no mysterio dos antros defumados a alfazema e candeias de petroleo, o sinistro andromaniaco soffria os mais aviltadores exercicios, prestava-se ás mais secretas exacções, ás mais infames promiscuida-

des. E assim n'esta vesania circular em volta ás mesmas abjecções e aos mesmos vicios teimava esbodegando a dignidade e a vida, — amarrado agora á cancella das casas suspeitas, logo rompendo a tragar mais uma gotta de vitriolo na ultima baiuca ainda aberta, espojado depois nas enxergas dos alcouces, — pelos infimos bosteiros da cidade solto e doido completando o cyclo prostibular do seu destino.

XVI

Estava uma senhora a Emmasita, filha dos Paradellas. Alta, delgada e flebil, o seu meticuloso porte, entre reservado e ingenuo, entre orgulhoso e timido, era um documento internecedor de vigilancia domestica, era toda uma biblia de educação e de carinho. Vestia sempre de branco, assim como a sua alma. E na clara expressão dos olhos côr do sumo do tabaco, nobres e rasgados, essa perturbadora e indefinida metamorphose se operára, annuncio da transformação da creança em mulher.

Notavel a impressão que a sua esbelta e humilde figura de noviça na alma palustre do barão despertava. — Notavel sobretudo pola extranheza, pola inesperada extravagancia, pola teimosa e grave intensidade.

Conhecendo-a de pequena, longe de toda a idea sensual, sem se aperceber das leves mudanças n'ella dia a dia acrescentadas, afizéra-se a olhal-a como uma coisa eternamente infantil, um *bibelot* a mais, uma adoravel miniatura, que elle gostava

de contemplar e que amava de habito, mas a frio, porque lhe era agradavel de vêr, unicamente. Votando-lhe assim não mais que este fundo pagão de ternura egoista, que frivolamente nos prende á posse d'um quadro, d'um livro, uma joia, um artefacto raro, um movel precioso.

Mas muito outro era agora o sentimento... agora que na creança a evolução nubil terminára. Aterradamente sentia o barão essa doce figura de virgem attrahil-o, reclamal-o, impôr-se-lhe... e na presença d'ella o que quér que era de impressivo e sério acabrunhava-o.

Não era um grosseiro alarme dos sentidos, nem o appetite animal d'um outro sexo, — que esse tinha-o elle morto e bem morto, infelizmente!—Era um estremecimento redemptor, uma emoção nobre e sagrada, uma irial fascinação, um banho lustral de aurora. Era como o enlevo d'um coração para outro coração, o avoejo d'um espirito para outro espirito, o extatico aspirar a uma sublime ligação sem sexo. Era o ardente pellidar por um refugio n'uma irmanação absoluta de inclinações e de vontades, n'uma transcendente amizade, n'um radioso platonismo... odeiando, amando um segundo a alma do outro... e abrasados os dois no mesmo *halo* de ignorancia e de pureza, lá muito em cima, longe do mundo, no alto céu hyssopado de estrellas.

Quanto mais de longe o barão attentava no extranho sentimento, mais poderosamente o via avolumar. Não havia illusão possivel. Cariciosamente, a franzina e ideal figura clareava-lhe a caligem dos pesadelos doentios n'um dealbamento sereno de alvorada. E o barão assustava-se.—Que significava agora aquillo?... Tinha lá geito! Estava doido!... Até aonde o não poderia levar esta

paixão sem nexo! — Parecia-lhe uma profanação. Fustigava-o o pejo sincero de macular com a peste das suas exorações, embora santas, purissimas, a candura abstemial da divindade. E não podia comprehender. — Como! pois era agora, quando elle mais fundo e de vontade mergulhava no atasqueiro, que semelhante sentimento o vinha alvoroçar?...

Verdade que o vicio é nocivo ao amor. Assim como abastarda o prazer, o deboche acanalha a alma. Porêm, — de cada vez que a inanidade do goso physico nos castiga os nervos, — sempre no interior de toda a humana creatura, ainda a mais infima, um anciado appello se eleva para outra ordem de emoções... ha uma alada aspiração sentimental, que será sempre nosso destino visionarmos, e que sempre tambem, incoercivel, nos escapa. É da essencia humana o phenomeno. Mórmente se, como com o barão succedia, nos aquece o impulso um residuo atavico de mysticismo e de nobreza.

Por isso, nas bestiaes prostrações da alta manhã, quando o pederasta vinha espapaçar-se inerte sobre o catre, e da madorna da vadiagem e da luxuria a carcassa jazia extenuada, então a immanente porção espiritual do seu sêr, limpa da jaça dos sentidos, as azas livres, recobrava a nativa força, ensaiava vôo, desdobrava-se... e carinhosa descia a ungir essa rebarbativa podridão do seu balsamico e almo refrigerio...—Na branca nudez da cella havia luz... uma luz de ether e sonho... luz de outros mundos. E o barão via um altar armado, e outro, e outro, — para onde quér que olhásse, — fieis reproducções do seu fresco templosito de innocente... flôres, muitas flôres, a ca-

thetral de gêsso, o frontal de damasco, as jarrinhas de Saxe, a tribuna doirada... até a si proprio tambem se via, rosadito e alvo, na frente da toalha de renda, por sobrepeliz um chalinho da mãe aos hombros, composto e solemne, officiando. Uma serenidade azul divinisava as coisas. Rolavam ao alto ondas de incenso. Mais propulsiva uma d'ellas, a meio do altar parava, afusava, adelgaçava... Um esbelto corpo feminino a definir-se... e em torno um nimbo de gloria. Era a Emmasita! pairando diaphana, branca, ideal, na branca nudez da cella. Estendia-lhe a mão, sorria-lhe. N'uma assumpção virginal, n'uma aureola divina, levando-lhe aos pés a alma, ia subindo... Anjos invisiveis psalmodeavam uma musica celeste... E apaziguado, feliz com uma claridade no somno, o barão adormecia.

Depois, pelo dia adeante, ao sagrado calor da emoção transfigurado e rendido, o barão analysava-se. E o exame de consciencia horrorisava-o... Cheio de asco polos seus desregramentos, pola hediondez animal da sua vida, prostrava-se de rôjo ante a branca evocação, murmurando palavras de attrição e de fé, rosarios de supplicas, ardentes protestações de arrependimento e de vergonha; e nas aras do culmineo e redemptor sentimento de coração votava o holocausto facil de seus vicios. Mas vinha a noite, mordia-o a mesma vaga e rubescente inquietação, rugia a carne... e a bordelesca dissolução recomeçava.

Deante da candida e tímida creança, — a venusta via-lactea dos seus sonhos, — nunca o menor vislumbre deixára o barão apontar da extranha commoção que o trabalhava. Defendia-lh'o um natural sentimento de decoro, a clara noção do absurdo, e ao ridiculo um medo immensuravel.

Mesmo á transcendental essencia do seu amor era o que melhor quadrava, — aquella solitaria exoração na distancia, fervorosa e intima, recatadamente velada, como um anjo n'um berço, por essa incoercivel bruma de mysterio. Na frente da auroral creatura, o barão limitava-se a olhar... parado n'uma adoração interior, um respeito, um silencio, uma alta ideação embevecida.

Todavia, momentos vinham em que as demasias da paixão ardiam por expandir-se. Irreprimivelmente queria o barão contar, fixar, gravar o que lhe ia lá dentro; queria deixar, sobrevivendo-lhe, qualquer marca assignalavel da splendente agitação das suas horas bôas; queria legar uma homenagem posthuma de gratidão e de carinho a esta espiritual radiação que jorrára a nimbar-lhe de azul e oiro o algido poente de seus dias. Qualquer coisa, em summa, — confidencias, cartas, litanias, versos, — embora muito áquem do seu ideal, embora bem elementares e bem mediocres, mas que sobre as suas cinzas tivessem o dom de estillar d'aquelles olhos celestes uma lagrima de piedade.

Então, afanoso, lesto, como nos seus melhores tempos de improvisação litteraria, o barão sentava-se á mesa, para escrever.

Mas debalde, insoffrida e tremula sobre o papel, a mão esperava! Não achava por onde começar. A sua anemia intellectual era completa. — Nada! Nem uma linha, uma phrase, uma oração, uma lettra... Lá dentro tanto! tanto que sentir... e não achava meio de o dizer! — Vinham fumantes, em cachão, as ideas bater-lhe contra as paredes do craneo, mas não logravam saír, não conseguiam a anciada fórma que as plasticisásse. Irremediavelmente, a expressão faltava! Derretido por

toda a ordem de excessos, esterilisava-lhe o encephabalo uma penuria ideologica irreparavel.

E, de o verificar, o barão tinha horas horrorosas. Era uma agulha a trespassar-lhe a alma... atirava a cabeça contra os muros, batia-se, torturava-se... desfallencias hystericas o immobilisavam, horas, apyretico, morto, sobre o catre; ou pelo sobrado rolava estortegado em crises epilepticas de dôr e desespero.

Natural que á filhita dos Paradellas a presença do barão não agradasse. Natureza patricia e melindrosa, toda feita de candura e mimo, de innocencia e nobreza, a proximidade do pederasta dava-lhe uma molesta impressão de coisa suja, enxovalhava-a. Nutria por elle uma invencivel repulsão physica; arripiava-a de nojo e de terror aquella affrontosa e senil leprosidade. Ineluctavelmente. Elle a entrar e ella a saír das salas... não lhe estendia a mão, quasi não lhe fallava. Poderia alguma vêz, por caridade, querer contrariar-se um pouco e ser benevola com o hospede, mas não conseguia. Era uma repugnancia absoluta, essencial, inteiramente rebelde ao dominio da vontade.

Tão depressa como suspeitou ser origem do aviltoso sentimento, o barão soffreu enormemente, salteou-o um frio de morte, na solidão do quarto chorou lagrimas de sangue. A confirmação da suspeita tresdobrou-lhe a tortura, fêz-lhe a dôr incomportavel. Não podia com ella... E então se viu esse tôrpe escarro de homem, inteiramente varrido de senso moral, apathico, derrancado, que soffreria todo o insulto, que não reagiria a uma bofetada, debater-se e consumir-se ao mais pungitivo calor de sensibilidade, por vêr que não passava d'um vil objecto de tédio e de desgosto para

a ideal evocação das genuflexões da sua alma e das agonias do seu cerebro.

Progressivamente arisco e sombrio, deu em falhar em casa de Henrique, dias, semanas seguidas. Até que um dia houve, depois do qual nunca mais entrou em casa do amigo. Bondas vêzes vinha este á beira d'elle, solicito, meigo, desafial-o: — não fôsse exquisito, que viésse... e não se cançava, tinha um trem á porta. — Inutil. Ou não o incontrava; ou a tudo o barão retrucava com uma obstinada e grosseira recusa, frisando pola mais formal hostilidade. A termos que o bom do Paradella resignava-se e retirava como tinha vindo, tristonhamente filiando n'algum pavoroso desarranjo mental a transformação do amigo.

E não parou aqui o tardio reagir á obnoxia situação. Breve a todos os outros conhecimentos e relações se estendeu este apartamento de fera, entre altaneiro e selvagem, meio soberba, meio loucura. A pouco o barão embirrou em não subir mais a escada dos amigos. Por muito favor, se lhes entrava a porta, era para comer, em baixo, com os creados, na cosinha. Com o tempo, isto mesmo deixou de fazer. De todos fugia systematicamente. — Não precisava d'elles... Como as aves e os vermes, iria vivendo, ao acaso, á lei da natureza.

O marquez tinha morrido, deixando-lhe no testamento assegurada a permanencia da mesada e o usofructo da pequena cella no rez-do-chão do palacio. — Isto, sim, continuava elle aproveitando; beneficio era esse que não tinha o menor escrupulo de gosar, porque o auctor d'elle já lá estava, desfeito na terra, d'onde não poderia vir moêl-o com humilhações, exigencias, escarneos, ditos! —

Para o pobre louco tudo agora eram inimigos. Perante o seu tôrvo criterio, o tédio, a aversão de Emma tinham minado por toda a gente. D'ahi, um cada vêz mais intranhado horror a quanto fôsse humano. Passava dias sem tomar alimento. E não lhe fazia differença. — Para o que elle comia!... — Apenas, e isso raro, com desconfiança, frequentava a escoria, e mal então consentia acceitar auxilio, — um caldo, um pão, uma *carocha*, — á munificencia macanja dos malandrins que o haviam ardidamente explorado.

Uma tarde, ao incontrar-se, em S. Pedro d'Alcantara, com um cabo de caçadores, muito seu achegado, de repente o barão olha-lhe para o braço, e admirado exclama:

— Leváste baixa de posto!?

— *Nentes*, que idea!

— Então as divisas?

— Está cego, ou doido? repontou o rapaz, enfastiado.

Com effeito, chegando os olhos, o barão apalpou... lá estavam; mas, — singular! — não lhes descriminava a côr. Só se era de ser já noitinha, mas não as differençava bem... via a manga toda negra!

Então, n'um movimento instinctivo, ergueu a vista ao alto... e teve um desmaio cobarde. O verde das arvores não o differençava tambem! Vestidas e bem vestidas estavam ellas... pois se era primavera! A forma, o recorte das folhas, tudo isso elle via, basto, opulento... mas negro! implacavelmente negro!... assim como negros, em roda, os batentes das portas, os varões das grades, os renques de persianas!

Declarada a perversão da vista! — dizia-se elle,

alanceiado. — Era o começo do fim, irremissivelmente!... o precipitar da dissolução, o proximo acabar de apodrecer, verminado, desfeito, n'uma cadeira de rodas, ou n'um leito mercenario de hospital!

Começára então de talhar-se a Avenida, iniciando Lisbôa com o corajoso rasgar da luminosa arteria o tardio movimento da sua actual renovação. Era per toda a extensão da immensa rampa uma freima que alegrava, uma pressa, uma azafama, uma ancia valente de trabalho, um resoluto camartelar de faina e de progresso. N'uma confusão babylonica, n'um cahos colossal, com as novas construcções os destroços baralhavam-se. Per toda a parte, em montão, caliças, barrotes no ar, troncos de rojo, cascalho, entulhos, barracas, ferramentas; paredões em osso, muros com espeques, aterros, covas, florestas de vigas, casas estripadas. N'esta intelligente desordem, n'este raso desmantelamento um enxame de alvaneus formiga. Da vigorosa alluição do antigo vem o fino germen do novo frondejando. De dia um arsenal, de noite um acampamento. E o echo multiplica bizarramente toda a casta de solidos ruidos; o ranger das carroças na terra mal assente, o picar dos marmores, o carpintear nas madeiras, e businas, deflagrações, chicotes, derrocadas.

Pelo vasto escampado vinha o barão de preferencia passeiar a sua bravia febre de noctivago. — Era optimo, assim... tudo confuso, disforme... tudo ás escuras! — Rodava longe dos lumes das ceias dos operarios, invadia os quintaes, atascava-se nas covas, trepava aos monturos, ia triste collar á alvenaria fresca dos novos canos de esgoto a cabeça escandecida. Encarquilhado e adusto,

como um figo passado, apequenára e sumira-se. Tão reduzido e tão vergado, que na rua a bengala a que se arrimava parecia, a par d'elle, enorme, e a sua crossa puída salvava-lhe muito acima da cabeça. E era como a galopante desintegração material das suas cellulas corria parelhas com a absoluta solidão moral da sua vida.

XVII

—Não leu hoje o *Noticias?*—perguntava Horacio Martins á baroneza, aquella manhã, na salinha de costura, com os olhos frios machinalmente seguindo-lhe o gyro da agulha do *crochet* entre os dedos.

—Não, por excepção, é verdade... Que vêm lá, que valha a pena?—acudiu ella com indifferença, sem desfitar do trabalho.

—Sempre casa hoje a Emmasita.

—Ah!...

—Pois casa... A esta hora, justamente. Devem estar na egreja.

—Mais uma infeliz!—commentou Elvira, n'um suspiro reprimido, e erguendo o braço a puxar do novelo o fio de algodão branco.

—Menina! sabe lá...—arguiu do lado, abrindo os olhos, D. Jacintha, que dormitava, n'um sophá, com um gato ao collo.

—Ou, quer dizer, esta talvêz não,—remoqueou a filha,—porque ninguem lhe fêz violencia na vontade.

A' transparente censura teve por prudente a mãe obtemperar, voltando ao somno.

E, mordaz, Elvira continuava:

— Oh! se os paes futurassem o inferno de vida que talham aos filhos, quando lhes contrariam as inclinações! — Novo suspiro, mais franco e mais cheio, aziumado de sua ponta de osga rancorosa. — Poupavam-lhes horas bem amargas... e a si poupavam-se os remorsos.

Acolhida á sua commoda reserva, a mãe resonava.

— Se é que os têem! — gritou fitando-a, de sobr'olho franzido, a filha.

Subiu aqui de ponto o ribombo nasal da matrona, e agora em falsête, com um estalido de lingua, sibilado.

Horacio Martins, internecido e grato, incarava bem na face a antiga namorada. A doce modestia da sua alma ganhára com essa aresta de dialogo um carinhoso incitamento. Na languida pupilla nadava-lhe uma voluptuosa effusão de beatitude e ternura. — Como ella lhe queria! — Incarava-a, meigo, bem na face... e logo, como os dois olhares se cruzassem, repêso da ousadia, voltou a immobilisar os olhos frios na labuta dos pequeninos dedos, entre cuja miuda e alva redondeza um quadradinho branco, preso á agulha, inconchado e leve, ia crescendo.

Depois do rompimento com o marido, a seguir áquella noite inolvidavel, tão pavorosamente assignalada pola surpreza brutal do barão, em S. Christovão, e polo não menos brutal enxovalho de Xavier da Camara, é sabido que uma grave e prolongada doença teve, durante mêzes, jogada a vida da baroneza.

Restabelecida, não podia ella depois recor-

dar sem calafrios aquellas scenas tumultuosas. Lembrava-as com horror. A sua agitada figuração apparecia-lhe n'um pesadelo, como um escabujar de delirio, como atormentado accidente da doença. Chegava a duvidar que as tivésse vivido. Seguidamente mesmo, essa aversão, esse horror deram em estender-se a todo o tempo de sua convivencia com o barão. Não podia agora, sem um frio na alma, recordar essa quadra ostentosa e vasia do seu passado, tão flammante de brilho exterior, como negra e esteril d'um puro sentimento. E tão convulsionada, tão á tôa! Fôra uma horrivel parenthesiação de febre e de loucura na borgueza ordenação da sua vida. Abominava-a... O proprio amor por Eugenio, — cuja falta a principio lhe intornava nos nervos uma aguda e molesta saudade, — como era uma paixão toda animal, de acaso, e em bôa parte portanto no habito alimentada, com a cessação do commercio libidinoso foi gradualmente delindo-se, esqueceu, passou. E assim, serenamente, a baroneza reentrára na monotona imbecilidade do seu viver anterior.

A Julita casára. O pae tinha morrido. Entretanto, Horacio Martins, a quem a delicadeza do coração tornava perspicaz, voltára a ser assiduo como d'antes. N'um relance o antigo caixeiro adivinhára que Elvira lhe votava ainda os mesmos extremos de outro tempo. Logo, subsequentes demonstrações viéram confirmal-o na dulcerosa descoberta. Eram, a cada hora, deferencias, attenções, cuidados; eram pequeninos nadas a todo o instante sublinhando de afeição a sua discreta e doce intimidade. E a baroneza ostentava agora essa turbadora magnificencia da mulher de quarenta annos, cuja plena expansão carnal foi na quadra propria favorecida por um activo e gostoso func-

cionamento dos sentidos. — Mais grossa e mais cheia, a testa egualmente lisa, phosphorentes os olhos, na crassa alvura do rosto uns laivos quentes de bistre, os labios mais vermelhos, o cabello acastanhado. — Por isso elle, estimulado, perseverava. Reservado e sóbrio, pouco expansivo, tímido, nem por isso com menos ardor amava a baroneza. Os exaggeros da exterioridade são em ultima analyse migrações de movimentos interiores, que na prodigalidade da fallacia e do gesto vêem deploravelmente escoar-se e morrer á superficie. Quanto mais profundo inraizou um sentimento, maior a sua reluctancia em vir ao de cima fazer theatraes estadeações de força e de virtudes. Horacio amava Elvira a seu modo, na medida do seu temperamento e do seu feitio, d'um amor velado e triste, resignadamente. E como o barão estava velho e elle já a este tempo se tinha estabelecido, embalado n'uma esperança, ia ruminando.

N'aquella manhã, a conversa seguiu arrastando indolente per toda a casta de assumptos banaes: —a gente que já começava a saír para aguas, para o campo, as modas da estação, a nova *zarzuela* nos Recreios, as corridas, o tempo, a Avenida... E aqui Elvira applaudia, animava-se. — Que bella coisa! Era *chic*, era grandioso, era fino... E já se fazia perfeitamente idea de como havia de ficar. Uma delicia! Um melhoramento digno d'uma capital. — E a mãe, que intendeu já não precisava do disfarce do somno a escudal-a, prorompeu:

— Um bom destempero, não tem duvida!... Aquillo agora aberto a toda a gente, cheio sempre de *povileu!* Foi a morte do nosso rico Passeio!

— Oh, mãe! que disparate!

— E uma estragação de predios!

— Eu tenho dó das arvores...—ciciou Horacio.

— Isso outras crescem n'um instante, — observou com enfado Elvira.

— E as commodidades que a gente ali tinha, tambem crescem?... — tornou a mãe, acrimoniosa. — Era bem bom!... De modo que nós agora aqui na Baixa não temos *espairecimento* nenhum... Só se formos para o Terreiro do Paço, tomar a pitada da vasante e ouvir palavrões aos catraeiros... Sim, por que eu sempre quero vêr onde hade agora tocar a musica! Fizéram-n'a aceiada os senhores da *cambra!* — impou erguendo-se e sacudindo o gato. — Paspalhões!... Ah! não vestir eu calças!

E ao impulso da objurgatoria saíu este edil *manqué* da sala, emquanto, repellido do collo descaroavel, o gato arpoava, n'uma preguiça, a espinha, e Horacio voltava a olhar passivamente, nos dedos da baroneza, o gyro breve da agulha de marfim.

Justamente a essa hora, nos Martyres, um borborinho festival rompia. Grupos eventuaes de curiosos, os degraus coalhados de mendigos, os sinos repicando alegremente, apparatos de trens pelas travessas. Pares solemnes e inteiriços, — casacas, sêdas claras, — a espaços, vinham subindo. Empavezados singram, n'um vagar, pelo estreito carreiro que no sordido apertão dois policias cavam com custo, e, — comprimento d'aqui, sorriso d'acolá, — sôb o portal da egreja vão postar-se, junto ao catavento, onde um ranchito de albergadas d'um asylo, anemicas, franzinas, esperam tambem, sobraçando açafates com rosas esfolhadas.

Na primeira fila dos curiosos, disputando com furor o seu logar, mais que todos interessado e avido, consegue manter-se um velhinho, encar-

quilhado e sumido, todo dobrado, tremulo, com exforço suspenso d'um enorme bengalão que lhe passa acima da cabeça. Faltam os noivos. Progressivamente, n'um sympathismo animal, a curiosidade, o interesse alastram e sobem pela onda. Ha dichotes, interrogações, pilherias, malignidades, uma nota mordaz esparsa. Estimula as expressões um brilho de malicia. E uma umbella de azul ao alto. E flammante o sol na sua dalmatica de oiro, — um soberbo sol de esponsaes, puro, quente e loução, avelludado.

Já sobe os degraus a noiva. De toda a banda accorrem. Adeantam-se os convidados. Redobra o tremor do velho. — E a ingenua timidez, o espiritual recato com que a branca virgem segue! Confrangida, modesta, de puro enleio hypnotisada e captiva na grossa agitação que lhe palpita em roda, n'uma nuvem de filós e rendas ella avança, ideal, intangivel, um beijo de sol aureolando-a... as palpebras languidas, veladas, um leve aurorar de emoção na face, presos os labios, os dedos tremiculando, e paresiado o rosto n'uma undação celeste de volupia, n'uma extatica embriaguez de sonho e de vertigem.

Rompe uma admirativa vibração geral, uma rapida corrente de attenção e de applauso. Todos querem admirar de mais perto. Vê-se em apuros para alargar alas a policia. Afinal, protestando, arruaçando, a multidão submette-se, recúa. Só o velho não... porque não póde! Elle quer obedecer tambem, quer-se esconder, exforça-se, lucta; trabalha-o uma angustia indizivel... mas as pernas recusam-se-lhe, são de pedra... e o asqueroso truão tem de ficar assim, sósinho, no caminho da noiva, atravessado.

Ao dar de olhos n'elle, Emma teve uma retrac-

ção de desgosto; e ao mesmo tempo um policia vinha e arredava-o bruscamente.

Que o barão soffrêsse do incidente, não parecia, a avaliar pola impassibilidade mineral do rosto... mas lá estava uma mortal, uma intraduzivel agonia estertorando-lhe no olhar! A poder de chufas e encontrões, a turba repelliu-o, quando sôb uma chuva de flôres a noiva entrava na igreja. E o desgraçado n'aquelle instante nem saberia dizer se soffria, — tão empolgativamente o desprêzo de si mesmo lhe acalcanhava a alma!

Pola primeira vêz na sua vida, pensou no suicidio. — Era o melhor, o mais prompto... Quando ella, de braço com o noivo, saísse da egreja, era o melhor... atirava-se-lhe para debaixo da carruagem! para ella acabar de o esmagar de vêz. Seria o allivio d'elle... e a sua desforra! Meio infallivel de lhe agoirar o noivado... — Mas faltou-lhe a coragem de ir afoito procurar a morte. E então vá de illudir: — Podia não morrer... E que culpa tinha ella, afinal, d'aquella sua repulsiva ruina?... Quem o mandou vir aonde não era chamado?... A vida pesava-lhe, decerto... mas para que precipitar as coisas?...

Irresoluto, odeiando-se, arrastou até casa; mas tambem não poude parar ahi. Nas paredes, nuas, inteiramente nuas d'esta vêz, faltava o seu inseparavel talisman, — o *Rapto de Ganymedes*. Tinha-se resolvido, na vespera, a ir vendel-o, para com o dinheiro obtido comprar uma camisa e um chapeu decentes com que fôsse assistir á cerimonia. — E tinha valido a pena!... — A desapparição da estremecida gravura fazia-lhe o effeito do ultimo élo da sua vida, partido. Parecia-lhe um tumulo a cella, onde elle, entalado, asphixiava, já pasto das larvas, enterrado vivo!

Com uma latejante oppressão no peito e um côro interior de maldições rugindo, saiu novamente. — P'ra quê?... para onde?... Não sabia. Resolvido a acabar, fôsse como fôsse... Pois se o seu deus tutelar faltava, como continuar a atamancar a vida!?... E deixar isso ao acaso... Bem sentia que a final libertação não vinha longe!...

Noite do mesmo dia.

Na Avenida, sobre a direita, profusas rutilancias de gaz circumdam um pretencioso barracão, de balaustres de ripas e arcarias de lona, que o municipio tinha deixado armar no sitio onde fôra theatro da rua dos Condes. O palpitar fulvo da luz doirava d'uns gafos arremêdos de opulencia a colla ardida das toscas pinturas, — lyras, capiteis e cornijas de açafrão, porticos invernizados a breu, mascaras côr de tomate, — e allumiando em cheio na frente a escarolada lisura dos novos canteiros, fazia allucinativamente dançar, pela larga rampa acima, abstractas agglomerações, phantasticas sombras, intestinos de predios, esqueletos de arvores, architecturas descommunaes de pesadelo.

Attrahido simplesmente pola luz, n'uma stagnação das faculdades, lasso, imbecil, tinha vindo o barão sentar-se n'um banco, frente ao theatro. Dentro a representação, — ouvia-se, — electrisava o publico. Em pleno *sucesso* a *Revista* do anno findo. Acanalhadamente, as coplas em voga succediam-se, feitas *bisar*, n'um estrupido de palmas. Distrahido e machinal, o barão escutava.

Quando dois gaiatos, que vinham á *marmelada* das senhas, dão com elle, conhecem-n'o, e o mesmo foi que entrar-lhes logo uma gana de o judeiarem.

Vão e sentam-se-lhe cada um de seu lado; e n'um simultaneo arranco largam a afinar com o côro defronte:

As irmãs da caridade,
Pum!
Moram na Quinta Amarella.
Pum! catapum!
Agora, agora,
Réu, réu,
Pum!

E cada *pum!* berravam-n'os os dois insultuosamente aos ouvidos do barão, n'um achincalho.

Logo a frescata atrahiu quanto desabusado marmitão farandolava perto. Uns chamam os outros. — Aprendizes de officios, vendedores de jornaes, *pillos*, succubos, clarins, cauteleiros. — Breve, implacavel, de roda do martyr fervilhava a troça dos garotos. Eram vaias, improperios, coscorrões, motejos, um infernal alarido. O misero defendia-se, furtando o corpo, agitando os braços, esgrimindo o bengalão com desespero. O que não fazia senão estimular a algazarra. Um, mais ousado, arrancou-lhe o pau das mãos; outro foi, cruel, pelas costas e beliscou-o.

Ao esporão da raiva e da dôr, o pederasta ergueu-se, a castigar o meliante; mas, no dar da volta, repidando, vacillou e caíu em cheio sobre o *beton*.

Então, ao vêrem-n'o prostrado e inerme, rejubilam os malandrins, a assuada attinge proporções de delirio. Fazem-lhe roda, assobiam, apupam-n'o, atiram-lhe com os gôrros; e apertando, apertando o circulo, e agachados, ferozes, de mãos nos joelhos, tudo era bradar:

— Vá! *pinguinhas*, arriba!... Pum!... Então que é isso?... Ahi, *seu* farçola! Ahi, *seu pinguinhas!*

E o farçola não se levantava. A custo erguia o busto, em torturados solavancos, sobre um dos cotovellos... e não podia mais! que as pernas jaziam-lhe inertes, como desligadas do corpo, desmembradas. E d'ahi, desalentado, exhausto, voltava a caír, uivando retalhantes gemidos, rolando n'uma agonia os olhos.

Camarinhou-se-lhe de suor a testa, um instante estrebuchou... e a cabeça pendeu, exangue, e a bocca bolsou um liquido negro.

Foi quando a chusma dos gaiatos, suspeitando que o incidente descambára, no que quer que fôsse de compromettedor e grave, se entreolharam, n'um terror, e, dando costas, silenciosos, lestos, debandaram.

Dentro, no barracão, findára o acto. A esmadrigada construcção tremia ao furor dos applausos. E agora era a multidão que vinha fóra gosar o intervallo, e ao sôpro do enthusiasmo repetia:

As irmãs da caridade,
Pum!
Já usam prégas atraz.
Zás! catapum!
Agora, agora,
Záz! catapum!
Zás!

Lobrigando o velho estendido, foi um policia acudir. Empurra com o pé, brada, ameaça. Por fim, ante aquella absoluta immobilidade, sério, debruçou-se. — As duas pernas e um braço, partidos... o negro charco em que a face nadava, não era vinho, era sangue. — Imaginára um bebado, defrontou um cadaver.

Março 1888 a maio 1889.

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão
96, Clerigos, 98 — PORTO

ABEL BOTELHO

O Barão de Lavos, 1 vol. 800
O Livro d'Alda (no prelo)

J. P. SAMPAIO (BRUNO)

Notas do exilio, 1 vol. . 600
O Brazil mental (no prelo)

JOÃO PENHA

Viagem por terra ao paiz dos sonhos, 1 vol. . . 600

ROCHA PEIXOTO

A terra portugueza, 1 vol. 500

JULIO BRANDÃO

Pharmacia Pires, 1 vol. . 500

ALFREDO MESQUITA

De cara alegre, 1 vol. . 500

SILVA PINTO

De palanque, 1 vol. . . 600

GUIOMAR TORREZÃO

Pizicatos, (no prelo)

TEIXEIRA BASTOS

A crise, 1 vol. 700
Rumores vulcanicos, 1 v. 500
Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol. 700
Poetas brazileiros, 1 vol. 400
Interesses nacionaes, 1 v. 700

FLAUBERT

Salammbô (no prelo)

ALEXANDRE DUMAS

A Dama das Camelias 1 vol. 400

THEOPHILO BRAGA

Introducção e theoria da Historia da Litteratura portugueza, 1 vol. . . 700
Sá de Miranda e a Eschola italiana, 1 vol. . 700
Bernardim Ribeiro e o bucolismo, 1 vol. . . . 700
Gil Vicente e as origens do theatro nacional, 1 v. 800
Patria portugueza, 1 vol. 400
Modernas ideias da Litteratura portugueza, 2. vol. . . . . 1$500
Visão dos Tempos (Epopêa da Humanidade). Obras poeticas completas, 4 vol. . . . . 2$400
Camões e o sentimento nacional, 1 vol. . . . 600
Lendas christãs, 1 vol. . 700
As civilisações Semitas, 1 vol. . . . . 1$000
Historia da poesia moderna. 150

PREVOST

Manon Lescaut, 1 vol. . 700

OLIVEIRA MARTINS

Camões, os Luziadas, 1 v. 600
Os filhos de D. João, 1 v. 2$000
Portugal em Africa, 1 v. 400

REBELLO DA SILVA

Mocidade de D. João, v. 3 vol. . . . . 1$500

SAINT-PIERRE

Paulo e Virginia, 1 vol. . 300

CHATEAUBRIAND

O Genio do Christianismo, 2 vol. . . . . 1$200

Porto — Imp. Moderna — R. Duque de Loulé, 101 a 107